

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DOUTORADO EM FILOSOFIA

WILTONN WILLIAM LEITE

UMA MEDICINA DA MENTE: O CONHECIMENTO ADEQUADO DO MOVIMENTO DE
PENSAR O PENSAMENTO POR BENTO ESPINOSA

Porto Alegre
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE DOUTORADO

WILTONN WILLIAM LEITE

**UMA MEDICINA DA MENTE: O CONHECIMENTO
ADEQUADO DO MOVIMENTO DE PENSAR O
PENSAMENTO POR BENTO ESPINOSA.**

PORTO ALEGRE

2020

2

WILTONN WILLIAM LEITE

**UMA MEDICINA DA MENTE: O CONHECIMENTO
ADEQUADO DO MOVIMENTO DE PENSAR O
PENSAMENTO POR BENTO ESPINOSA**

Tese de doutorado apresentada como requisito para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Agemir Bavaresco.

PORTO ALEGRE

2020

Ficha Catalográfica

L533m Leite, Wiltonn William

Uma medicina da mente : o conhecimento adequado do movimento de pensar o pensamento por Bento Espinosa / Wiltonn William Leite .
– 2020.

248.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Agemir Bavaresco.

1. Espinosa. 2. Medicina da mente. 3. Movimento. 4. Pensar o pensamento. 5. Intuição. I. Bavaresco, Agemir. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

MÉTODO DE CITAÇÃO

Para as citações dos comentadores de Bento Espinosa será usado o método de citação numérica. As informações sobre suas referências completas se encontram no capítulo de Referência Bibliográfica.

Quanto às obras de Bento Espinosa, que serão assinaladas no próprio texto para facilitar a sua leitura dando acesso direto ao texto original. Serão usadas as seguintes abreviaturas:

E *Ética demonstrada segundo a ordem geométrica.*

Ep *Epístolas – Correspondência.*

KV *Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar.*

PM *Pensamentos Metafísicos.*

TdIE *Tratado da Emenda do Intelecto.*

TP *Tratado Político.*

TTP *Tratado Teológico-Político.*

Para o livro *Ética*, usa-se notação própria, baseada em Edwin Curley

Número em romano - número do livro

D – definição

DA – definição dos afetos

DGA – definição geral dos afetos

P – proposição

Número arábico – número da definição, proposição, corolário, axioma e lema ou postulado.

pr – prefácio

d – demonstração

da – demonstração alternativa

c – corolário

s – escólio

ax – axioma

l – lema

p – postulado

ex – explicação

Por exemplo, EIIP13d – livro dois da *Ética* proposição 13 demonstração.

Para o *Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*.

KV I ii § 3 – *Breve Tratado* parte um, capítulo dois, artigo três.

Para o *Tratado da Emenda do Intelecto*.

TdIE§7 - *Tratado da Reforma da Inteligência* artigo 7

Para o *Tratado Político*

TP I § 3 – *Tratado Político* capítulo I artigo 3.

Para o *Tratado Teológico-político*.

TTP XVI 236 – *Tratado Teológico-político* capítulo 16 página 236.

Para *Pensamentos Metafísicos*.

PM II – VI – *Pensamentos Metafísico* parte dois capítulo seis.

RESUMO: Espinosa apresenta um método para o conhecimento adequado do movimento de formação do intelecto humano. Indica a necessidade de conhecer este movimento por sua essência atual – seu *conatus* – conhecê-lo pela causa adequada (pelo quarto modo de percepção – intuição). Como resultado do conhecimento adequado do movimento formador do pensamento, viver esse conhecimento afetivo, o sumo bem humano, se possível, com o outro.

PALAVRAS CHAVES: Espinosa, medicina da mente, movimento, pensar o pensamento, intuição.

ABSTRACT: Espinosa presents a method for the adequate knowledge of the movement of formation of the human intellect. It indicates the need to know this movement by its current essence - its *conatus* - to know it by the appropriate cause (by the fourth mode of perception - intuition). As a result of the adequate knowledge of the thought-forming movement, to live this affective knowledge, the very human juice, if possible, with the other.

KEYWORDS: Spinoza, medicine of the mind, movement, thinking the thought, intuition.

Agradeço ao Deus de Espinosa pelos amigos que nesta existência encontrei que, me comendo, me ajudaram a ser quem eu sou. E, àquele que nesta vida não encontrei, você, deixe-me sentir em sua falta a sua presença. Agradeço aos funcionários, colegas e professores que com seu conhecimento e incentivo contribuíram para a realização do presente trabalho. Agradeço a minha família pelo amor e carinho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ASPECTOS FUNDAMENTAIS PARA O ENTENDIMENTO DO MÉTODO. ...	20
1.1 Uma psicologia metafísica e naturalista – por Michael Della Rocca.	25
1.2 Uma autoanálise cognitiva – por Jonathan Bennett.	34
1.3 Uma medicina do desejo – por Marilena Chauí.	46
1.4 O movimento do conhecimento de si – a medicina da mente.	55
2. ANÁLISE ESTRUTURAL DO TRATADO DA EMENDA DO INTELLECTO. ...	82
2.01 – Introdução ao método (artigo 01 ao 11).	84
2.02 – Núcleo do método (artigo 12 e 16).	88
2.03 – Regras para uma vida ordinária (artigo 17).	90
2.04 – Os quatros modos de perceber (artigo 18 ao 24).	90
2.05 – Escolha do melhor método de perceber (artigo 25 ao 29).	92
2.06 – O caminho do método (artigo 30 ao 32).	92
2.07 – Ideia verdadeira (artigo 33 ao 46).	95
2.08 – Os autômatos sem pensamento e espiritual (artigo 47 e 48).	102
2.09 – O caminho do correto entendimento do intelecto (artigo 49 e 50).	103
2.10 – Identificação das ideias pelo modo de percepção (artigo 51 ao 90).	104
2.11 – Segundo momento do método (artigo 91 ao 110).	108
3. O MOVIMENTO DE PENSAR O PENSAMENTO.	113
3.1 A análise dinâmica do tratado.	113
3.2 O movimento de pensar o pensamento por causa adequada.	157
3.3 O sumo bem: fruir a natureza ou a perfeição humana superior.	188
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	223
BIBLIOGRAFIA.	240

INTRODUÇÃO

O foco desta tese é o *Tractatus de Intellectus Emendatione*. Com este trabalho centro meu interesse no tema liberdade no ser humano segundo a interpretação de Bento Espinosa, o que implica no conhecimento adequado das leis naturais que regem a expressão humana tanto como um modo finito extenso como um modo finito pensante. A partir deste conhecimento – o conhecimento da sua natureza humana – vivê-la, se possível, com os outros modos finitos (os outros homens). Viver afetivamente o sumo bem humano. O foco da tese é a reforma proposta por Espinosa para que o homem conheça a natureza de sua mente em sua perfeita realidade: o conhecimento adequado do movimento de formar ideias pelo qual a mente humana é formada a partir de afecções no corpo deste homem.¹

Ao longo de sua obra, Bento Espinosa convida seu leitor a procurar conhecer a natureza das coisas em sua perfeita realidade no instante presente. Para ele, perfeição e realidade são uma só e mesma coisa (EIID6). Seu objetivo, porém não é apenas conhecer, mas integrar esse conhecimento com a sua carga afetiva no ser, estar, operar, existir e viver da vida comum – viver segundo este conhecimento afetivo o seu dia a dia. O seu intuito é levar o homem conhecer a realidade de sua natureza e vivê-la o mais próximo dessa realidade – respeitando as leis naturais que a determinam integrado a sua comunidade. Seu fim é o autômato espiritual – o escravo das leis de Deus – aquele que por se conhecer afetivamente unido aos outros, unido à natureza inteira – vive segundo o que Deus (a natureza) determina.

Bento Espinosa propôs no *Tractatus de Intellectus Emendatione* um método analítico para o adequado conhecimento do movimento de formação da mente humana a partir da percepção de afecções ou mudanças que acontecem no corpo humano. A ideia de movimento é apresentada por Espinosa como elemento chave para o entendimento desse método. Pensar o pensamento: o conhecimento adequado no movimento de formar o pensamento que será atingido pelo exercício do pensar, pelo próprio movimento de pensar o pensamento.

Propõe o conhecimento reflexivo de pensar o pensamento. Pensar para saber pensar; e, sabendo pensar pelas causas próximas das coisas ou dos algos, agir (existir e viver adequadamente) tanto no pensamento quanto na extensão segundo o que conhece. Segue o lema: faz quem sabe; sabe quem faz. Sua intenção não é apenas o conhecimento cognitivo de

¹ Esta tese segue o estudo iniciado em minha dissertação de mestrado em ética espinosista apresentado na Universidade de Caxias do Sul e posteriormente publicado no livro *O Homem livre em Deus*.

algo; a sua meta é viver o conhecimento cognitivo adquirido pelo exercício de pensar o pensamento guiado pela mudança afetiva que descobre ou visita pelo conhecimento adequado de si e das coisas em seu dia a dia com, se possível, os outros modos finitos.

Penso o método como um movimento, como o movimento permanente de aperfeiçoamento no entendimento do movimento de formação da mente humana. Pensar o pensamento. Um movimento ² – um esforço por conhecer – uma técnica para conhecer a realidade ou verdade de como as coisas são conhecidas – conhecer a realidade ou verdade de cada modo pelo qual o homem percebe ou conhece o mundo. Um método – uma técnica – com o envolvimento ativo daquele que pretende reformar seu intelecto, pelo qual se procura conhecer o grau de realidade ou o grau de verdade ou o grau de perfeição de cada ideia, de cada série de ideias e do correspondente afeto – segundo o modo pelo qual são percebidos ou conhecidos por suas leis naturais. Um método – um movimento – um esforço para se conhecer a si mesmo, para, então, viver segundo este conhecimento afetivo.

Entendo que Bento Espinosa teria apresentado um método para o conhecimento adequado do intelecto humano pelo intelecto humano. O objeto do estudo e a ferramenta para o estudo é a mente humana. O objetivo é o pensar o pensamento pelo que ele realmente é. Pensar o pensamento por suas leis naturais.

O objetivo é o conhecimento reflexivo do modo pelo qual o intelecto se constitui pelo movimento de formação de ideias a partir de afecções no corpo humano segundo as leis que ordenam o intelecto humano. Com o conhecimento adequado de como o intelecto se constitui a partir do próprio intelecto, penso haver não apenas a possibilidade do aperfeiçoamento no conhecimento dos modos pelos quais se dá a formação do intelecto como também haveria a possibilidade do aperfeiçoamento ou melhora na qualidade com que o homem vive a sua vida ordinária pela integração nesta do conhecimento adequado dos modos pelos quais percebe e interpreta a sua vida comum ou ordinária. Novamente um movimento: o movimento do conhecimento inadequado da sua vida ordinária para o entendimento adequado desta pela correção no entendimento dos modos pelos quais conhece e interpreta o mundo para o retorno à vida ordinária com o conhecimento adequado desta – com a ideia adequada das ideias inadequadas anteriores sobre sua vida ordinária, ou seja, com o conhecimento adequado do conhecimento inadequado que possuía de sua vida ordinária.

² Movimento enquanto esforço ou *conatus*.

Neste trabalho procuro mostrar que Bento Espinosa em seu *Tractatus de Intellectus Emendatione* aponta para a possibilidade do correto entendimento da mente humana a ser realizado pela própria mente segundo a sua própria essência íntima ou atual, por sua potência atual de agir ou por sua força intrínseca atual para existir. Entendo ser essa essência íntima atual o movimento intrínseco ou imanente ao pensamento. Um tratamento para o aperfeiçoamento do intelecto humano segundo o seu *conatus*, ou seja, seguindo a sua força natural intrínseca ou o seu esforço natural intrínseco para enquanto em si perseverar em seu ser obedecendo às leis naturais que a ordenam.

Penso haver – em seu *Tractatus de Intellectus Emendatione* – uma proposta de terapia ou de tratamento para o intelecto cujo fim é pensar adequadamente o pensamento: visa à reforma da inteligência para a correção no entendimento do intelecto e, assim, deste modo, possibilitar o aperfeiçoamento no modo de interpretar algo segundo como esse algo é realmente percebido ou conhecido pelo intelecto. Tenciono apresentar a ideia de haver a sugestão no *Tractatus de Intellectus Emendatione* de um método analítico cujo fim é a procura da correção no conhecimento ou no entendimento dos modos pelos quais a mente ou alma humana se constitui a partir de afecções do corpo humano e não um método para corrigir o intelecto: um método (um tratamento) que visa conhecer adequadamente por suas causas genéticas os movimentos de constituição de uma ideia, de série de ideias e dos afetos correspondentes a essa ideia e a essa série de ideias.

O objeto do método é pensar o pensamento. O instrumento para a terapêutica é o pensar: pensar o pensamento. O objetivo é pensar o pensamento o mais próximo de sua realidade, de sua verdade, de sua perfeição: compreender corretamente como se constitui o intelecto humano segundo as leis naturais que o ordena.

Espinosa aponta para a necessidade de reformar o intelecto – de corrigir ou de purificar o intelecto – à procura da possibilidade para o homem identificar correta e exatamente como se dá a formação do pensamento pela força intrínseca do próprio pensar humano – esse conhecimento adequado acontece pelo conhecimento da essência atual do movimento do conhecer, perceber ou pensar algo. Acredito que Bento Espinosa usa o termo reforma para apontar a existência de diferentes graus de verdade em algo (em uma ideia) segundo o modo pelo qual esse algo ou ideia tenha sido constituído e, assim, aponta para o contínuo incremento no grau de verdade que se possa ter do movimento do pensar.

Conhecendo corretamente os modos pelos quais percebe o mundo – conhecer como interpreta a si mesmo e as coisas do mundo. Procura a correção no entendimento dos modos pelos quais o homem percebe o que há para ser conhecido por suas essências particulares. Busca a correção no entendimento no modo de perceber as coisas e a correção no entendimento no modo de constituição da alma humana – a correção no entendimento da construção de ideias e série de ideias a partir de alguma alteração no corpo humano.

Bento Espinosa apresenta como método para conhecer a verdade ou a realidade das coisas: o processo do pensamento humano. Não é senão pelo intelecto que a verdade é conhecida – a verdade, a perfeição e a realidade de uma dada coisa não serão conhecidas por nenhuma experiência empírica, mas pelo próprio movimento do pensamento porque a verdade reside na inteligência (no próprio pensamento). Seu método se caracteriza pelo fato de Espinosa redefinir a maioria dos termos habitualmente utilizados em filosofia, os quais adquirem um significado único, singular e particular em seus textos – este é um cuidado necessário. Pierre-François Moreau afirma que seu método faz com que não seja possível anexá-lo a nenhuma outra corrente filosófica: “temos de pensá-lo num espaço teórico do qual talvez ele seja o único representante”.³

O método apresentado no tratado é metodicamente (passo a passo) construído e reconstruído procurando conhecer as coisas – as ideias e os afetos – por aquilo que elas têm de realidade, verdade e perfeição. Desta maneira, Espinosa estabelece um método que se caracteriza pelo rigor na procura da verdade das coisas, um método matemático e geométrico, pelo qual Espinosa pretende conhecer e definir uma determinada coisa por sua causa próxima: pela causa que explique necessariamente a sua existência, por sua essência atual, sem a qual a coisa deixaria de existir: conhecer as coisas – as ideias, as séries de ideias, os afetos – pela lei natural eterna que determina sua existência exatamente com existe em sua perfeita realidade. Espinosa entende realidade e perfeição com a mesma coisa (EIID6).

O método se funda em procurar conhecer (o movimento) como se forma o pensamento humano por suas causas próximas reais – pelas causas adequadas do movimento de composição do intelecto – por suas causas genéticas. Para isto, importa, entendo, a sua ideia da existência de uma e somente uma substância absolutamente infinita causa de si e de tudo o que existe por si mesma em si mesma por seus atributos e leis naturais.

³ Moreau, 1987, p. 11.

Espinosa afirma a existência de uma única e mesma substância absolutamente infinita em todo o universo que ao causar-se, causa o universo inteiro. Ele relaciona a maneira de perceber e entender as coisas a partir desta ideia de uma só e única substância absolutamente infinita no universo inteiro. Essa única substância absolutamente infinita é Deus (EIP14) ou natureza (KV II ii § 2,4 e 12) ou vida (PM II – IV). A única substância absolutamente infinita e eterna é o Ser Perfeitíssimo (TdIE§39) ou o ser que é a totalidade do ser (TdIE§99).

Deus ao causar-se, causa o universo inteiro.⁴ A natureza ao causar-se, causa a natureza de todas as coisas. A vida ao causar-se, causa a vida. Deus ao causar-se causa o universo inteiro em si mesmo por si mesmo. Assim, o que existe no universo inteiro, vive ou existe de forma imanente à natureza. E, o universo inteiro, necessariamente segue ao que Deus ou natureza ordena – todas as coisas que seguem à essência da substância única estão necessariamente determinadas a existir obedecendo às suas infinitas e eternas leis naturais.

Essa substância única é causa de si mesma e de tudo o que existe no universo inteiro das coisas. A substância única ao causar-se, causa o universo inteiro das coisas. A vida ao causar-se, causa o universo inteiro de infinitos algos (infinitos e finitos). A vida ao causar-se, causa a vida de infinitos modos finitos por seus infinitos modos infinitos imediatos, ou seja, por seus infinitos atributos infinitos, segundo (seguindo) seus infinitos modos infinitos mediatos, ou seja, segundo suas infinitas, eternas, divinas, necessárias leis naturais.

Para Espinosa a substância única é Deus. Deus, portanto, é a causa livre de si mesmo e a causa imanente eficiente de todas as coisas nele existentes (EIP18 e EIP5). “Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido” (EIP15). Por sua suprema potência e por sua natureza infinita e eterna, da necessidade de sua natureza divina, se seguem infinitas coisas de infinitas maneiras (EIP16): o universo inteiro.

Espinosa afirma que a natureza de Deus se dá a conhecer imediatamente ao homem (KV II xxiv), do que depreendo, tendo o homem – um homem – aperfeiçoado o modo pelo qual percebe ou conhece o mundo, conhece a natureza de Deus por intuição, diretamente no contato com a realidade nas coisas (ideias e afetos) no mundo manifesto (EVP24). Entendo assim, que o universo – em cada um dos seus modos finitos – coisas, ideias, afetos, por exemplo – expressa de modo certo, preciso, determinado e definido a natureza da substância absolutamente infinita – Deus. “As coisas não poderiam ter sido produzidas por Deus de

⁴ Chauí, 2003, p. 96.

nenhuma outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em que foram produzidas” (EIP33). Esse movimento causal acontece necessariamente pelas leis naturais da substância única – a natureza inteira ou Deus.

Espinosa afirma que os modos finitos (por exemplo, as coisas e ideias das coisas) exprimem a essência da substância por seus atributos modificados por suas leis eternas (EIP9). E, exatamente por exprimir-se por uma afetação da substância não ser a sua própria essência de modo finito a causa de sua existência nem de sua duração. A causa de sua existência é Deus, ou seja, somente à natureza divina pertence o existir (EIP24c).

A essência atual de um modo finito – seu *conatus* – de uma pedra, de um martelo, de uma árvore, de um cavalo, de um homem e de um homem chamado Pedro – está na dependência (interdependência) dos outros modos finitos (EIP28). Pode-se, então, deduzir, que a pedra, o martelo, a árvore, o cavalo, o homem e o homem chamado Pedro devem sua existência a natureza de Deus. A pedra, o martelo, o homem, a árvore, o cavalo, o homem chamado Pedro devem o modo determinado e definido pelo qual exprimem essa natureza da substância – em uma determinada e definida pedra, em um determinado e definido machado e em um determinado e definido homem chamado Pedro – a Deus, enquanto suas leis divinas que exprimem, ordenam, regem a existência da natureza da substância única como algo definido e determinado no mundo dos modos finitos, no mundo manifesto ou no universo, o que depende das coisas nele existentes (interdependência) (EIP28).

Há uma e somente uma mesma substância. Uma única e mesma substância que por ser simples, é indivisível, sem partes (EIP13). À natureza dessa substância, à natureza de Deus, pertence o existir (EIP7). A “natureza divina tem, absolutamente, infinitos atributos (EID6), cada um dos quais também exprime uma essência infinita em seu gênero, de sua necessidade devem se seguir necessariamente, portanto, infinitas coisas, de infinitas maneiras (isto é, tudo o que pode ser abrangido por um intelecto infinito)” (EIP16).

Assim, para mim, fica claro que a substância única – o ser que é a totalidade do ser – o princípio de tudo – o primeiro motor – se move em si mesmo por si mesmo – se move em si mesmo obedecendo necessariamente as suas próprias leis eternas e naturais por todos os seus atributos. Deste modo, penso, pode-se concluir que há, portanto, um movimento intrínseco à vida – à natureza – a Deus: à substância única. Esse movimento intrínseco à natureza da substância única se expressa em todas as suas manifestações que insculpe em si mesma por si

mesma por todos os seus atributos por suas leis naturais. O homem conhece a substância única apenas por dois de seus atributos: a extensão e o pensamento. Conhece, portanto, a substância única enquanto substância extensa e substância pensante – em ambas as expressões – encontra o movimento intrínseco (imane) à substância única: as mudanças no mundo manifesto extenso e as mudanças no mundo das ideias e afetos no pensamento.

Assim, infiro e entendo que o método de correção do intelecto proposto por Espinosa se funda nesse movimento próprio à substância única – onde tudo existe e acontece – onde tudo se move ou se constitui – na devida ordem determinada por suas leis naturais por todos os seus atributos. O movimento enquanto pensamento – enquanto o movimento de pensar – penso como sendo o foco do tratamento proposto no tratado. Entendo a ideia como o próprio movimento do pensar: o movimento não gera a ideia – o movimento é a própria ideia.

Penso em um movimento próprio ao intelecto humano que é a sua essência e potência atual – seu *conatus* – seu esforço para existir e sua potência para agir. Pensar como o movimento formador de série de ideias a partir de uma primeira ideia. Há um movimento formador do pensamento humano a ser conhecido na ordem – na devida ordem natural – segundo a qual o pensar é constituído pelo próprio pensar. Procuro entender e apresentar esse movimento de formação da mente humana ou intelecto humano segundo as leis naturais que regem sua constituição.

O intelecto humano ou a mente humana se constitui a partir da essência ou potência atual do próprio pensar humano: da essência e potência atual do movimento formador do intelecto. Há um movimento formador de ideias – de uma primeira ideia e de séries de ideias a partir desta primeira ideia. Entendo como objetivo do tratamento a procura da correta percepção ou do correto entendimento do movimento formador de ideias pelo qual o intelecto humano ou a inteligência humana se constitui em função de alterações ou afecções que o corpo humano daquele que pensa conhece. Assim, pretendo tentar mostrar que para o tratamento proposto importa o conhecimento adequado desse movimento de formação do pensar humano: o modo ou o movimento pelo qual uma primeira ideia é constituída a partir do corpo humano e os modos ou movimento de construção de séries de ideias a partir desta primeira ideia – movimento constituição de série de ideias que tende ao infinito. Conhecer adequadamente o movimento implica em conhecer esse movimento por sua essência, verdade, potência e realidade por diferentes modos de perceber o mundo.

Tento mostrar neste trabalho que Espinosa procura o conhecimento adequado pela essência dos modos de perceber. Para ele, há quatro modos de perceber: o ouvir dizer, experiência empíricas vagas, a razão e a intuição. Seu método para a correção do entendimento procura inicialmente afastar qualquer conhecimento mítico ou místico ou qualquer conhecimento por imagem. Bento Espinosa não considera errado o conhecimento por imagem, mas um conhecimento incompleto e inadequado de algo. Ele propõe que algo seja percebido, conhecido e definido por aquilo que este algo é realmente, o que entende não será atingido nem por ouvir dizer nem por experiência empírica vaga, mas pelo exercício da razão e da intuição. Tendo conhecido os modos de perceber por sua essência particular pode integrar todos os modos de perceber em sua vida ordinária sem que haja a necessidade de muda-los, pois os conhece adequadamente.

Bento Espinosa apresenta um método de correção no entendimento do movimento de formação do pensar humano. Busca por um método para conhecer de forma adequada (intrinsecamente verdadeira), por aperfeiçoamento do intelecto, os modos finitos (algo) por aquilo que eles realmente são (por sua causa próxima e genética), por sua essência atual, por seu *conatus*, na ordem natural e necessária dos algos na natureza.

Bento Espinosa parte de uma ideia qualquer – um desejo – o desejo de ser feliz, visando encontrar uma ideia verdadeira. Procura pela ideia verdadeira da existência de um Ser Perfeitíssimo, a quem ele denomina natureza ou vida ou Deus. Tendo com fundação esta ideia que considera absolutamente verdadeira, a ideia da existência do Ser Perfeitíssimo, procura explicar e compreende a natureza de todas as coisas existentes nessa natureza ou Deus, em particular explicar e compreender a natureza do intelecto humano. Conhece pela razão pelas leis naturais que o regem, conhece pela intuição pela essência singular de cada um dos modos de perceber sempre em referência ao Ser Perfeitíssimo ou substância única.

O ser que é a totalidade do ser – a natureza ou a vida – é o absoluto que ao causar-se, causa o universo inteiro. Deus – o Ser Perfeitíssimo – é o absoluto – causa imanente eficiente de si mesmo e de tudo que ordena (organiza e decreta). Ordena a si mesmo e ao universo inteiro que é o modo manifesto de suas ordens por seus atributos. O Ser Perfeitíssimo é causa de si mesmo – e este movimento causal é o modelo de todos os outros movimentos causais. A questão que fica é quem será esse Deus ou essa substância única – esse algo que ao se movimentar ou ao se causar, causa o universo inteiro, mas não era essa a preocupação ou

intenção de Espinosa ao criar seu método terapêutico. Penso que entender o Ser Perfeitíssimo como a natureza ou a vida – ajuda a criar o que Espinosa chama de o método perfeitíssimo para a correção no entendimento do intelecto baseado nas leis naturais do Ser Perfeitíssimo; é o método perfeitíssimo, pois todos os algos são unidades na natureza ou na vida tendo que necessariamente seguir ao que as leis da vida ou natureza lhe ordenam. Como algo pelas leis naturais é conhecer algo em sua perfeita realidade.

A verdade é imanente ao próprio conhecimento. A verdade é imanente ao movimento de conhecer – a verdade é intrínseca ao movimento formador do intelecto. A verdade de algo não precisa de nada externo ao algo, não necessita de nenhuma garantia externa. A verdade é índice de si mesma, não se relaciona a adequação entre a ideia de algo e o algo. Conhecer algo adequada e verdadeiramente é conhecer o movimento de sua constituição; conhecer adequada e verdadeiramente uma ideia é conhecer a realidade do modo de construção desta ideia na devida ordem determinada pela natureza do pensar.

Penso que tendo conhecimento adequado do movimento de formação de seu intelecto – reformado seu intelecto – aquele que conhece pode se tornar quem ele realmente é segundo o que a natureza lhe ordena que seja. Aquele que se conhece, penso, se conhece e se compreende por sua própria natureza na e pela substância única – aquele que conhece a causa adequada de seu pensar.

A ideia deste trabalho visa:

[...] mostrar que o tratado é uma espécie de uma medicina da mente;

[...] visando o conhecimento do *movimento* de constituição do pensamento;

[...] pelo conhecimento do que é uma ideia verdadeira;

[...] caracterizar a realidade, a verdade e a perfeição de uma ideia – caracterizar o grau de verdade de uma ideia – caracterizar uma ideia verdadeira e a ideia verdadeira;

[...] caracterizar o que Espinosa entende por bem – um bem verdadeiro – um bem verdadeiro enquanto ideia: uma ideia verdadeira;

[...] conhecer como se constitui o intelecto humano;

[...] conhecer como se constitui o pensamento e o afeto decorrente ao movimento de pensar o pensamento.

Entendo que o *Tractatus de Intellectus Emendatione* pretende levar ao conhecimento claro e preciso da realidade do modo segundo o qual o pensamento humano é constituído pelo próprio processo de pensar. Conhecer o que há para ser conhecido enquanto a capacidade ou potência da mente humana para conhecer. O foco ou escopo da medicina espinosista é o conhecimento do pensar humano. Conhecer os graus de verdade que há em toda e qualquer ideia segundo a forma de sua constituição pelos quatro modos de perceber: ouvir dizer, experiência vaga empírica, razão e intuição.

Pretendo usar a tradução do livro *Tractatus de Intellectus Emendatione* por Tratado da Correção do Entendimento – visto que o objetivo dessa tese é indicar que o que Bento Espinosa propõem não é um método para a correção do intelecto ou correção do entendimento, mas um método que visa à correta compreensão do movimento de constituição do intelecto humano.

Esta tese se constitui de três capítulos. No primeiro capítulo tento apresentar os aspectos fundamentais para o objetivo ou meta da tese: entender o método proposto por Bento Espinosa como um convite ao conhecimento adequado do movimento intrínseco ao pensamento humano para a sua constituição: a existência de uma só e mesma substância causa de si e de todas as coisas no universo, o conhecimento do movimento de formação do intelecto humano. No segundo, apresento como entendo a estrutura do *Tractatus de Intellectus Emendatione*. E, no terceiro capítulo, procuro apresentar como entendo o processo proposto para o conhecimento adequado do movimento de formação do intelecto humano por aquilo que ele realmente é. Este capítulo está subdividido três subcapítulos: primeiro uma análise dinâmica do tratado, no segundo a importância do conhecimento adequado para a reforma do intelecto e no terceiro o movimento do sumo bem. Entendo ser a ideia central identificar a reforma ou correção do intelecto com o correto entendimento do movimento de formação do intelecto por ele mesmo.

1. ASPECTOS FUNDAMENTAIS PARA O ENTENDIMENTO DO MÉTODO.

Compreender é a virtude absoluta da mente (EIVP28). No *Tractatus de Intellectus Emendatione* Bento Espinosa apresenta um método para o conhecimento adequado da mente

humana. Para o entendimento do método espinosista para a correção no entendimento ou compreensão do intelecto humano é importante ter claro alguns aspectos de sua ontologia: a substância única – a causa próxima de algo – a causa adequada de algo – o bem verdadeiro – o supremo bem – o movimento causal físico das coisas na extensão serem o mesmo que o movimento lógico das ideias correspondentes no intelecto, por exemplo.

O foco do tratado é compreender funcionamento da mente humana para então conhecer as demais coisas. Compreender para conhecer. Conhecendo, amar o que apreende – e – então, viver o que conhece e ama em sua atual existência. A mente (e o homem) age – e não mais padece – quando compreende verdadeiramente as coisas por seus quatro modos de conhecer por suas essências particulares íntimas.

Espinosa escreve

[...] a suprema coisa que a mente pode compreender é Deus, isto, um ente absolutamente infinito, e sem o qual nada pode existir nem ser concebido. Portanto, é sumamente útil para a mente, ou seja, o seu bem supremo, é o conhecimento de Deus. Por outro lado, a mente age apenas à medida que compreende, e apenas sob tal condição, pode-se dizer que ela age absolutamente por virtude. Compreender é, pois, a virtude absoluta da mente. Mas a coisa suprema que a mente pode compreender é Deus. Logo, a virtude suprema da mente é compreender ou conhecer Deus (EIVP28s).

No tratado o ente absolutamente infinito é a natureza inteira, logo a suprema virtude da mente é compreender ou conhecer a natureza inteira a qual a mente do homem está unida (TdIE§13 e EIVP28d). A natureza superior humana procurada pelo homem com o método de correção no entendimento de sua inteligência é a compreensão ou o conhecimento da união de sua mente com a natureza inteira – com o ser que é a totalidade do ser – com a vida. O sumo bem é viver segundo esse conhecimento – se possível – com o outro (TdIE§13). Há apenas um ser que é a totalidade do ser: a natureza inteira. Há apenas uma natureza – há apenas uma só e mesma substância absolutamente infinita e eterna – causa de si mesma e causa de todas as coisas que existem. E, compreender a mente humana – é o movimento ou o esforço – é a procura dessa natureza superior. A correção no entendimento do intelecto humano é

[...] o primeiro e único fundamento da virtude. E, não é por causa de algum fim que nos esforçamos por compreender as coisas, mas, pelo contrário, a mente à

medida que raciocina, não poderá conceber como sendo bom para si senão aquilo que a conduz ao compreender (EIVP26s).

O sumo bem é viver a perfeita realidade do mundo pela correta compreensão do que é o mundo. Viver segundo a compreensão do que são os bens verdadeiros – pela correção no entendimento de sua inteligência:

Agir absolutamente por virtude nada mais é, em nós, do que agir, viver, conservar o seu ser (estas três coisas têm o mesmo significado), sob a condição da razão, e isso de acordo com o princípio de buscar o que é útil para si mesmo. (EIVP24). Agir absolutamente por virtude nada mais é do que agir segundo as leis da própria natureza. [...] nós só agimos à medida que compreendemos (EIVP24d).

O sumo bem é viver por sua própria natureza que apreende à medida que compreende o modo como percebe, conhece, interpreta o funcionamento sua mente. O fim é viver um estado afetivo – viver o estado de beatitude. Espinosa aponta que “ninguém pode desejar ser feliz, agir, e viver bem sem, ao mesmo tempo, desejar ser, agir e viver, isto é, existir em ato.”. (EIVP21). O autômato espiritual – o homem livre – age – não mais padece – ao decidir se mover espontânea e ativamente segundo o que as leis de sua própria natureza lhe ordenam. Espinosa:

[...] tudo aquilo pelo qual, em virtude da razão, nós nos esforçamos, não é senão compreender; e a mente, à medida que utiliza a razão, não julga ser-lhe útil senão aquilo que a conduz a compreender (EIVP26).

E, assim, depreendo que aquele que reforma seu intelecto ativamente obedece às leis naturais que regem o seu modo de existir. O autômato espiritual compreende os modos de perceber as coisas por sua natureza – o que torna todas as ideias – todo o movimento de formação das ideias e das séries de ideias – um bem verdadeiro – porque todas as ideias poder levar aquele homem a sua natureza superior. E, sua essência atual – o movimento de se esforçar para enquanto em si perseverar em seu ser é a sua maior virtude. Espinosa:

[...] por virtude e potência compreendo a mesma coisa, isto é, a virtude, enquanto referida ao homem, é sua própria essência ou natureza, à medida que

ele tem o poder de realizar coisas podem ser compreendidas exclusivamente por meio das leis de sua natureza (EIVD8).

Entendo que o esforço por compreender como percebe o que procura conhecer, ajuda a manter sua existência; esse movimento para entender as leis próprias de sua natureza é, portanto, um bem verdadeiro: “o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual” (EIIIP7) – a sua natureza em ato – que por virtude ativamente obedece ao realizar ou ao viver a sua vida. O homem age por virtude somente “à medida que ele é determinado a fazer algo porque compreende.” (EIVP23).

Virtude – natureza – essência – essência atual – potência – entendo que são uma só e mesma coisa para Bento Espinosa. E, à medida que há correção no entendimento da mente humana entende adequadamente a si mesmo e as coisas – ele age e a força de seu agir é fundada nesse conhecimento adequado de seu pensar: pois “a potência de um efeito é definido pela potência de sua causa, à medida que sua essência é explicada ou definida pela essência de sua causa.” (EVax2). Compreender por sua própria natureza como percebe a si e às coisas – para então viver segundo esse conhecimento. Como o homem ama tudo o que conhece e aumente sua força para agir e existir – ama o conhecimento correto de sua mente – e – então, pode vir a viver segundo o afeto consequente à correção no entendimento de sua alma. Se possível, com o outro. Esse homem é o autômato espiritual – o homem livre – aquele que é, está, opera, existe, vive obedecendo ativamente as leis naturais que o regem por amá-las.

Há uma só substância absolutamente infinita e eterna: a natureza. A natureza ao causar-se causa o universo inteiro – insculpe o universo de todas as coisas – insculpe o universo inteiro de todos os algos – imanente a si mesma por suas leis naturais. A natureza é causa de si mesma – sua essência é sua própria existência. A natureza é a causa primeira de todas as coisas. Não há partes da natureza – há partes na natureza – que são as expressões naturais por todos os seus atributos – partes que a própria natureza por suas leis naturais insculpe em si mesma. A substância única, simples e indivisível – a natureza é conhecida pelo homem uma substância extensa e uma substância pensante. A natureza enquanto seu atributo do pensamento se expressa como o modo infinito do intelecto da própria natureza e como o modo finito intelecto humano quando a natureza se expressa como homem. O alvo do Tratado é o conhecimento adequado do intelecto humano – por suas causas adequadas – por suas leis que regem o movimento de ideias que o constitui – para que, deste modo, o homem – a essência formal e objetiva do Tratado – se compreenda e compreenda o mundo como ele e o

mundo são em sua perfeita realidade por serem a expressão insculpida no mundo da natureza – a única substância absolutamente infinita.

Pensar o pensamento. Entendo ser o método de correção do intelecto proposto por Bento Espinosa o ato pensar o pensamento. Pensar a mente humana seguindo (e segundo) a lei da expressão da substância única: “a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e conexão das coisas” (EIIP7). A mente humana que não é senão a ideia de uma afecção ou modificação no corpo por si mesmo ou pelo encontro com outro corpo (EIIP13). Disso, deduzo não ser a mente aquilo que forma a ideia de algo – a mente é a ideia de algo. “A mente não entende a si mesma senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo” (EIIP23). Apesar de poder entender essa expressão com se referindo a um algo que percebe as ideias de alguma mudança no corpo, esse perceber não é um algo, mas novamente, um movimento. Penso o movimento do intelecto enquanto a constituição de uma ideia da percepção (consciência) da ideia da afecção ou mudança no corpo daquele que pensa.⁵

Para mim Espinosa claramente aponta que a mente não é um algo que pensa. A mente é o pensar. Não há uma mente que pensa – o pensar é a mente. Para mim, a mente é o movimento de pensar. O pensamento (a ideia e as séries de ideias) enquanto movimento de formação de ideia e de séries de ideias é a mente. Para mim, a mente não leva ao movimento de formação de ideia e de séries de ideias: a mente é o movimento formador. A mente é o movimento de uma ideia e o movimento das séries de ideias – a mente é o movimento afetivo-cognitivo pelo qual ela se constitui.

Portanto, entendo ser o objetivo do tratado a correção no entendimento do intelecto pelo adequado conhecimento do movimento pelo qual a ideia, a ideia de uma ideia, a série de ideias, as mudanças na energia de existir ou na potência para agir: o afeto por suas causas próximas, adequadas, genéticas. Esse é o bem verdadeiro. Espinosa aponta para a existência de um sumo bem. Assim, como consequência do correto entendimento do intelecto pode viver o sumo bem (TdIE§13) – viver segundo esse novo estado cognitivo afetivo – viver nova natureza humana – viver como o autômato espiritual. Ser, estar, operar, existir e viver como o autômato espiritual: o homem livre.

Apresento neste capítulo elementos importante para a construção desta ideia de que o método não visa apenas à reforma do intelecto, mas e principalmente propõe-se à correção no

⁵ Explico detalhadamente no capítulo três.

entendimento do que entendo ser o movimento (imane a ao intelecto) formador deste intelecto. Apresento ideias de como alguns autores que apresentando o tratado como uma medicina da mente mostram esses aspectos fundamentais para o que me proponho: a existêcia de Deus causa de si e de tudo o que existe, a possibilidade do intelecto conhecer como acontece sua constituiçã o e a possibilidade da integraçã o deste conhecimento cognitivo com o afeto decorrente deste conhecimento. Escolho autores representantes das correntes do pensamento espinosista, anglo-saxônica: Michael Della Rocca e Jonathan Bennett; e francesa: Marilena Chauí. Apresento Michael Della Rocca para salientar a importâcia da ontologia de Espinosa, Jonathan Bennett para salientar o processo cõgnito do método, Marilena Chauí, o conhecimento cognitivo afetivo. Segue-se com a minha posiçã o sobre o apresentado – além dos comentários anteriormente feitos na própria exposiçã o do pensamento destes autores

1.1 Uma psicologia metafísica e naturalista por Michael Della Rocca.

Michael Della Rocca afirma entender Espinosa como um filósofo cuja psicologia se origina de sua metafísica.⁶ Della Rocca identifica Espinosa como um filósofo sistemático onde “em nenhum outro lugar seu sistema é mais ambicioso e está sob mais tensã o do que em sua tentativa de derivar uma interpretaçã o da motivaçã o, dos afetos e de outros estados mentais humanos com base em sua metafísica geral”⁷. Entendo ser possível se falar em uma psicologia fundada em sua ontologia do necessário que tem como base a existêcia de uma só e mesma substância absolutamente infinita – Deus que ao causar-se causa o universo inteiro necessariamente por seus atributos e leis divinas.

Entendo ser esse aspecto que leva Della Rocca a denominar a psicologia espinosista como uma psicologia metafísica. Também, penso ser essa maneira de conhecer as coisas do mundo e do homem (baseada na ontologia do necessário por EIP24c), o fundamento de todo o tratado que permite o entendimento do método como proponho, ou seja, como o conhecimento adequado do movimento de formaçã o do intelecto. Della Rocca escreve: “[...] os princípios em funcionamento na natureza em geral (em Deus) também governam a psicologia humana”.⁸ Espinosa afirma que todas as açõ es, as ideias e os afetos humanos se seguem de estritas leis causais as quais regem e ordenam todas as demais coisas do mundo.

⁶ Don Garrett, 2011, p. 245.

⁷ Don Garrett, 2011, p. 245.

⁸ Don Garrett, 2011, p. 245.

Não há leis específicas para o homem. Della Rocca, assim, caracteriza o naturalismo do pensamento espinosista.

Interpreto esse naturalismo segundo a ontologia espinosista: algo que existe na natureza necessariamente tem de obedecer às leis naturais que ordenam a sua existência. Concluo que o homem que tendo reformado seu intelecto – por conhecer-se adequadamente – como afirma Espinosa, é aquele que tem a possibilidade de conhecendo sua união (de sua mente) com a natureza inteira seguir espontaneamente o que esta natureza lhe ordena: o autômato espiritual – o homem livre – o homem livre em Deus.

Penso que, com essa compreensão, para que um homem possa vir a conhecer o bem verdadeiro e ser livre (agir segundo as leis que o ordenam) em sua vida na natureza e pela natureza, precisa necessariamente reformar seu intelecto para, então, vir a conhecer adequada e verdadeiramente a sua própria natureza humana (EIIP41) tal como ela é (EIP29 e EIIP44d) em Deus e por Deus (EIIP45). Tendo conhecido adequadamente a sua natureza, expressão da natureza da natureza, esse homem, assim, pode vir a se tornar a causa adequada de seus afetos, de suas ideias, de seus afetos e de suas ações (EIIP41) por compreendê-los e apreendê-los de forma clara, precisa e definida por suas causas eficientes imanes. ⁹

Creio que o homem ao conhecer-se por sua própria natureza – compreendendo-se e apreendendo-se expressão da natureza da substância única enquanto homem – é livre por expressar o que dessa substância única absolutamente infinita existe em si mesmo. O homem é livre quando vive exclusivamente pela necessidade de sua natureza e por ela é determinado a agir (EID7). É livre por agir necessária e exclusivamente por sua própria natureza.¹⁰ É livre por expressar necessariamente o que de divino há em sua própria natureza humana, e age livremente por ser determinado a existir e a operar de forma definida e determinada somente por esse seu aspecto de divino ou da substância que resta em sua própria natureza (EID7).

Tenho claro que Bento Espinosa, ao insculpir a ontologia do necessário¹¹ ou a ontologia da necessidade¹², a ontologia da causalidade¹³, desenvolve toda a sua filosofia, com

⁹ Chauí, 1999, p. 71.

¹⁰ Chauí, 1999, p.78.

¹¹ Em EIP24c, Espinosa afirma que “Deus é não apenas a causa pela qual as coisas começam a existir, mas também pela qual perseveram em seu existir, ou seja (para usar um termo escolástico), Deus é causa de ser das coisas. Pois, quer as coisas existem, quer não, toda vez que consideramos sua essência, descobrimos que ela não envolve nem a existência nem a duração. E por isso, não é sua essência que pode ser causa de sua existência, nem de sua duração, mas apenas Deus, cuja natureza é a única à qual pertence o existir.”

rigor matemático-geométrico, tendo como ponto de partida uma ideia que ele considera verdadeira: a ideia da existência de uma única substância no universo, causa de si e causa de todas as coisas em e por si mesma.

Della Rocca afirma perceber que na obra de Bento Espinosa um estudo tanto de análise e como de composição da alma humana ou mente humana. É o que denomino de movimento do método para a correção no entendimento do intelecto. Para mim, o método consiste no movimento que parte de uma ideia inadequada (na ou da vida ordinária) para a constituição de uma ideia adequada – a ideia adequada de Deus (análise) e o movimento de uma ideia adequada (a ideia adequada de Deus) para a ideia adequada de uma ideia inadequada (síntese ou composição) que resulta na integração de todos os modos de perceber por seu grau de verdade na vida ordinária em suas perfeitas realidades.

Della Rocca afirma que todo filósofo procura por explicações com o objetivo de tornar o mundo mais inteligível e todo filósofo pensa que as possibilidades de explicar o mundo têm limite estabelecido pela própria capacidade cognitiva do ser humano para conhecer esse mundo: todos chegam a um ponto limite em suas pesquisas. Mas não Espinosa, afirma Della Rocca.¹⁴ Espinosa propõe a inteligibilidade de todas as coisas existentes por sua ontologia: tudo pode vir a ser entendido pelo intelecto humano. Para Espinosa, nenhuma pergunta sobre o porquê de algo tem limites enquanto possibilidade de conhecimento. Para Espinosa, toda pergunta sobre o porquê de algo tem uma resposta apropriada.¹⁵ Porém, entendo que o objetivo do tratado não é o conhecimento de todas as coisas do universo por suas causas próximas ou genéticas; o tratado visa o conhecimento do intelecto – do movimento que constitui o intelecto. Espinosa afirma:

[...] nada se produz na natureza que se possa atribuir a um defeito próprio dela, pois a natureza é sempre a mesma, e uma só e a mesma, em toda parte, sua virtude e potência de agir. Isto é, as leis e as regras da natureza, de acordo com as quais todas as coisas se produzem e mudam de forma, são sempre as mesmas em toda parte. Consequentemente, não deve, igualmente, haver mais do que uma só e mesma maneira de compreender a natureza das coisas, quais quer que sejam elas: por meio das leis e regras universais da natureza (EIIIpr).

¹² Chauí, 2003, p. 95 e 1999, p. 882.

¹³ Levy, 2000, p. 10-11.

¹⁴ Della Rocca, 2006, p. 1.

¹⁵ Della Rocca, 2006, p. 1.

Entendo que Espinosa – pelo que Della Rocca denomina naturalismo – mostra a existência de uma só e mesma maneira de entender as coisas, no caso deste trabalho, há uma só e mesma maneira de entender o intelecto humano – há uma só e mesma maneira de compreender corretamente o movimento que formando ideias a partir de afecções do corpo constitui o intelecto humano ou a mente humana (TdIE§12). Indica o que no tratado é denominado como a devida ordem pela qual uma ideia verdadeira é constituída (TdIE§45).

O homem é uma unidade na totalidade na natureza inteira, sem qualquer privilégio. Esse conhecimento – “o conhecimento da união da mente com a natureza inteira” (TdIE§13) – é denominado no *Tratado da Correção do Intelecto* como a nova natureza humana superior à ordinária: o bem verdadeiro (TdIE§13) que pode leva-lo ao sumo bem que é viver esse conhecimento. Viver como o autômato espiritual.

Afirma Della Rocca, que Espinosa, quanto à inteligibilidade, é um filósofo muito ambicioso. Para ele, cada uma das coisas existentes é inteligível e todo fato tem uma explicação e, o conhecimento das coisas e a explicação para o que acontece no mundo podem ser apreendidos ou conhecidos pelo homem. Espinosa conhece as limitações da mente humana; mas admite apenas limitações quantitativas, não qualitativas enquanto o que possa vir a ser conhecido. Entendo que Espinosa deixa claro esta questão quando apresenta no final de seu tratado, os diferentes modos de perceber ou conhecer, com graus diferentes de conhecimento, menor nos primeiros modos de percepção, maior no terceiro modo de percepção (razão) e, perfeito pelo quarto modo de percepção (intuição).

Para Della Rocca a metafísica espinosista se baseia em dois aspectos: o princípio da razão suficiente e o seu naturalismo. O princípio da razão suficiente é o elemento chave para a afirmação pela qual Espinosa afirme que tudo é inteligível no mundo – as coisas, os fatos, as ideias, etc. Tudo sendo explicado por uma causalidade ou lei natural.

Penso que Della Rocca afirma Espinosa pensar ser possível conhecer a ordem devida com a qual a substância única se expressa e ser possível conhecer porque se expressa da forma que se apresenta porque tudo tem sua causa determinada por uma lei natural. Contudo, lembro que o próprio Espinosa deixa claro que o homem pela potência ou força (impotência ou fraqueza) de sua mente dificilmente conseguirá conhecer as coisas finitas do mundo extenso em suas essências particulares porque há infinitas leis ordenando ou regendo a interdependência na expressão de todas as coisas neste mundo manifesto (TdIE§100).

Espinosa escreve que “de uma causa dada e determinada segue-se necessariamente um efeito; e, inversamente, se não existe nenhuma causa determinada, é impossível que se siga um efeito” (E1ax3) e “aquilo que não pode ser concebido por meio de outra coisa deve ser concebido por si mesmo”, fazendo dessa forma referência a substância única que é causa de si mesma (E1ax2). Tudo o que existe para Espinosa é inteligível e pode vir a ser conhecido e compreendido pelo homem, apesar, como afirmo acima, ele mesmo mostre que esse conhecimento é limitado pela potência ou fraqueza da mente humana (TdIE§100).

O princípio da razão suficiente, segundo Della Rocca, leva ao outro aspecto singular da metafísica espinosista: o seu naturalismo o qual se funda e se estrutura no fato de todas as coisas no mundo se seguirem segundo as mesmas leis naturais: todas as coisas estão interconectadas no mundo e regidas pelas mesmas leis (naturais). O homem parte da natureza inteira das coisas é regido pelas mesmas leis que regem a pedra e o martelo e um homem chamado Pedro. O princípio da razão suficiente leva a ideia de unificação ou união das leis que governam o mundo – uma unificação natural das leis: a mente do homem unida à natureza inteira. Pelo princípio da razão suficiente, há a ideia de que tudo pode vir a ser conhecido adequadamente.

Della Rocca salienta outro ponto importante na metafísica espinosista, para Espinosa há apenas uma coisa no mundo: a substância única. Tudo mais que existe, existe nessa única substância. Todas as demais coisas são apenas expressões na única coisa que existe no mundo – a substância única – o Ser Perfeitíssimo. Isso dá o tom unidade de tudo se expressando na totalidade simples e indivisível da substância. Entendo que a imanência de todas as coisas na substância única expressão dessa substância por suas leis próprias, faz com tudo o que nela exista, uma pedra, um martelo, uma árvore, um animal ou um homem sejam regidos e devam seguir a mesmas leis que regem a expressão dessa substância. Relembro que para Espinosa

Nada existe, na natureza das coisas, que seja contingente; em vez disso, tudo é determinado, pela necessidade da natureza divina, a existir e a operar de uma maneira definida. (EIP29)

Um intelecto, seja ele finito ou infinito em ato, deve abranger os atributos de Deus e as afecções de Deus, e nada mais. (EIP30)

Penso que esses aspectos metafísicos fundam o estudo ou a análise da mente humana seguindo a filosofia espinosista. Lembro que para Bento Espinosa a mente é a ideia de uma afecção do corpo (EIIP23). Talvez, por isso que Della Rocca aponte ser a representação e não a consciência a essência da construção das ideias: a representação é a essência do funcionamento mental para Bento Espinosa. E, a representação mental das afecções do corpo (a ideia ou mente) é constituída paralelamente às afecções desse corpo definida por o que considero ser a leis de expressão da substância única: “a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” (EIIP7) – a ordem e a conexão das ideias enquanto a substância pensante e a ordem e conexão enquanto a substância extensa – tudo acontecendo por uma só e mesma substância que se expressa em si mesma por todos os seus atributos – o homem percebe a substância por dois de seus atributos (extensão e pensamento). Espinosa sobre o objeto (o corpo) de uma ideia afirma que

Tudo aquilo que acontece no objeto da ideia que constitui a mente humana deve ser percebido pela mente humana, ou seja, a ideia daquilo que acontece nesse objeto existirá necessariamente na mente; isto é, se o objeto da ideia que constitui a mente humana é um corpo, nada poderá acontecer nesse corpo que não seja percebido pela mente (EIIP12).

A toda afecção no corpo (essência formal) na extensão por paralelismo corresponde a uma ideia (essência objetiva) desta afecção no pensamento; há a representação, mas não necessariamente a consciência desta representação. Deste modo, entendo que Espinosa revela a existência de representações, a existência de ideias de afecções do corpo, sem que haja necessariamente a consciência destas ideias: ideias as quais não seriam conscientes. Bento Espinosa teria introduzido a ideia de existir ideias que não seriam conscientes. Ideias que não tem a característica de serem conscientes: ideias, portanto, não conscientes ou inconscientes de uma afecção do corpo humano.

Entendo que por esse aspecto ontológico, a substância única se expressar paralela e simultaneamente por dois de seus atributos, pela extensão e pelo pensamento, posso pensar – como evidentemente outros autores já deduziram – que à causalidade física na extensão corresponde à causalidade lógica no intelecto. Nessa ideia, penso se baseia a percepção de que um dia todas as coisas existentes na extensão possam vir a ser conhecidas ou inteligidas pelo psiquismo humano como elas realmente são (porém, entendo não ser este o foco do tratado).

Assim, depreendo que a implicação lógica da sequência das ideias das coisas no pensamento corresponde à implicação ou força causal das coisas na extensão no universo inteiro por EIIP7. Identifico novamente um movimento de percepção pelo intelecto do conhecimento – conhecida a implicação lógica das ideias das afecções do corpo pelas coisas, pode o homem conhecer a realidade ou perfeição causal das coisas e assim conhecê-las por suas causas genéticas. Conhecida a realidade ou perfeição das coisas na sequência de sua força causal, pode o homem conhecer como as ideias da afecção do corpo por essas coisas se articulam no intelecto segundo a sua necessária conexão lógica determinada pela substância única por suas leis naturais.

Interpreto esse movimento como o elemento chave do tratado. Quanto mais perfeito for o modo pelo qual algo é percebido ou conhecido, mais perfeito será o conhecimento deste algo. Se algo for conhecido pela causa adequada desse algo, o será pela essência íntima ou singular deste algo. E, o conhecimento da ideia só se dá por outra ideia. O aperfeiçoamento do entendimento do intelecto somente acontece por ação do próprio intelecto, por um conhecimento reflexivo sobre si mesmo: a ideia da ideia. Deste modo, concluo que para o adequado conhecimento de algo há a necessidade de conhecer-se inicial e adequadamente o algo que é o movimento de constituição do pensar humano. Conhecer adequadamente o movimento de formação das ideias na devida ordem natural ordenada pela substância única, ou seja, conhecer adequadamente a ordem da série das ideias enquanto a sua causalidade lógica determinada pela substância única.

O paralelismo na expressão da substância única por todos os seus infinitos atributos infinitos permite que haja, pelo atributo do pensamento, a inteligibilidade proposta por Espinosa: se algo existe, esse algo é inteligível. Della Rocca, também escreve sobre a possibilidade de um terceiro atributo vir a ser conhecido e como os modos expressos por esse terceiro atributo seriam percebidos ou conhecidos. Espinosa afirma que

[...] a substância pensante e a substância extensa são uma só e mesma substância, compreendida ora sob um atributo ora sob o outro. Assim, também um modo da extensão e a ideia desse modo são uma só e mesma coisa, que se exprime, entretanto, de duas maneiras. [...] Assim, quer concebamos a natureza sob o atributo da extensão quer sob o atributo do pensamento, quer sob

qualquer outro atributo, encontraremos uma só e mesma conexão de causas, isto é, as mesmas coisas seguindo-se umas das outras (EIIP7s).

Entendo que, assim, se a substância única se exprimir por um terceiro atributo como algo finito, esse algo seria um dado modo x pelo terceiro atributo. Pela tese de expressão da substância única por paralelismo, quando da expressão do modo x pelo terceiro atributo, paralela ou simultaneamente há a expressão desse modo x segundo o atributo da extensão levando a um modo finito na extensão (um corpo ou um acontecimento) do modo x e, também, paralela e simultaneamente, há a expressão desse modo x particular, segundo o atributo do pensamento levando a uma ideia do modo x. Desta maneira, há a possibilidade ou mesmo a certeza, que um particular e singular modo x por um terceiro atributo possa um dia vir a ser conhecido pelo homem por ser inteligível, pelo paralelismo espinosista, por se expressar segundo o atributo pensamento. E, isso, só será possível, entendo, pela correção no entendimento do movimento pelo qual o intelecto é constituído.

Para Della Rocca, a ontologia espinosista apresenta dois outros aspectos importantes para o correto entendimento da mente humana: “o esforço enquanto em si para perseverar em seu ser” (EIIP6) e que “cada coisa não somente se esforça para persistir na existência, mas também se esforça para impedir todo decréscimo naquilo que Espinosa chama de potência de agir e de fato se esforça para fazer tudo o que aumente sua potência de agir”.¹⁶ Espinosa:

A mente esforça-se, tanto quanto pode por imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo. (EIIP12). Quando a mente imagina aquelas coisas que diminuem ou refreiam a potência de agir do corpo, ela se esforça, tanto quanto pode por se recordar de coisas que excluam a existência das primeiras (EIIP13).

Della Rocca apesar de afirmar ter Bento Espinosa exposto uma psicologia metafísica, também aponta que nem sempre Espinosa consegue “levar a cabo de maneira bem sucedida. A metafísica geral, a aplicação dela à psicologia e a psicologia considerada em si mesma são vítimas de graves lacunas e incoerências.”¹⁷ Quando aponta essas lacunas, comenta o significado de “se esforça enquanto em si” – mostra que nem sempre essa expressão se refere ao ato de pensar. Usa o exemplo de uma célula que sabe o que fazer sem que tenha uma

¹⁶ Don Garrett, 2011, p. 270.

¹⁷ Don Garrett, 2011, p. 246-7.

atividade possa ser identificada como mental. Penso que esse fato não diminui a possibilidade de se dizer, enquanto o modo finito, o ser humano, que há uma psicologia (pois estamos falando do homem) baseada na ontologia espinosista. Quanto à observação de Della Rocca, a expressão “esforçar-se enquanto em si” quando não se refere ao homem deve ser entendida como eu penso Bento Espinosa a apresenta em EIIIP6: deve ser entendida como algo próprio da substância única – que enquanto em si esforçar-se em perseverar em si mesma por todos os seus atributos por suas leis naturais. Enquanto o homem Espinosa afirma que

O ser formal das ideias reconhece Deus como sua causa, enquanto Deus é considerado apenas como coisa pensante e não enquanto é explicado por outro atributo. Isto é, as ideias, tanto dos atributos de Deus quanto das coisas singulares, reconhecem como sua causa eficiente não os seus ideados, ou seja, as coisas percebidas, mas o próprio Deus, enquanto coisa pensante (EIP5).

Entendo que o movimento de autopreservação e o movimento para aumentar a potência para agir são características naturais, próprias e comuns a todas as coisas existentes. Esses movimentos ou esses esforços em perseverar enquanto em si no seu ser e o esforço para aumentar sua potência para viver ou agir entendo como desejos naturais. O desejo não leva ao movimento ou ao esforço, o desejo é o movimento e o esforço, assim sendo, o desejo é inteligível pela causa adequada do movimento ou esforço e não pela finalidade do movimento ou pela finalidade do esforço. O esforço enquanto em si de perseverar em seu ser é a essência atual deste ser – seu *conatus* – entendo como a tendência do ser esforçar-se em aumentar sua potência de agir, para aumentar seu grau de perfeição no agir aumenta a possibilidade enquanto em si perseverar em seu ser. Esses movimentos são encontrados em todas as coisas existentes, na pedra, no martelo, na árvore, no animal, no homem, no homem chamado Pedro. Usando a palavra de Della Rocca, esse é o naturalismo de Espinosa. Tudo sendo expressão de substância única, tudo deve ser como ela ordena que seja ao se expressar. Tudo existe como tem que existir; tudo acontece como tem que acontecer.

Entendo que Della Rocca apresenta uma psicologia naturalista metafísica. Uma psicologia naturalista por o homem não sendo diferente das demais coisas finitas do mundo, deve observar e obedecer às mesmas leis que todas as demais coisas seguem por serem todas as coisas e o homem expressões finitas – modos finitos da substância única. Uma psicologia metafísica por que há necessidade da compreensão adequada da metafísica espinosista para o

adequado entendimento do homem e, conseqüentemente, para o adequado entendimento do intelecto humano. Para Della Rocca, a psicologia ética de Espinosa, a psicologia naturalista e metafísica de Espinosa deriva desses dois movimentos naturalmente presentes em os todos os modos finitos. Entendo que mesmo que todas as coisas finitas tenham o movimento de autopreservação e de aumento de sua potência de agir, é no homem especificamente, que esses movimentos ou esses esforços ou desejos assumem claramente o seu aspecto de expressão enquanto o atributo do pensamento da substância única de um funcionamento mental, ou seja, assume claramente o seu aspecto dito psicológico. Penso que os exemplos que parecem ser contrários a essas proposições, se analisados adequadamente, enquanto acontecendo no homem – no corpo e na mente do homem – corpo constituído por infinitos indivíduos corporais (células) e sua correspondente mente constituída por infinitos indivíduos mentais (ideias), mostram sua verdade intrínseca ao ser do homem. O esforço de autopreservação acontece em todos esses infinitos indivíduos corporais e mentais e o resultado da interdependência do encontro desses infinitos indivíduos define a essência atual da totalidade desses indivíduos, corpo e mente, define a essência atual do homem. Assim, diferente de Della Rocca, penso que o suicídio e o altruísmo são perfeitamente explicados pela ontologia espinosista.

Tendo em mente a metafísica espinosista, concluo que há necessidade, por um método de análise, entender corretamente, compreender pela essência de cada modo de perceber o que Espinosa entende ser o pensamento humano. Dessa maneira, com essa correção no entendimento do intelecto, chegar ao objetivo do *Tratado da Correção do Intelecto*: conhecer e viver segundo uma natureza humana superior: o viver segundo o conhecimento da união da mente humana à natureza inteira (TdIE§13).

1.2 Uma autoanálise cognitiva por Jonathan Bennett.

Jonathan Bennett afirma que a ética espinosista é totalmente médica e psicoterapêutica. A ética espinosista, para Bennett, visa o conhecimento cognitivo de si mesmo para atingir a felicidade.¹⁸ Afirma, assim, que Espinosa com sua obra está propondo um método de aperfeiçoamento do indivíduo pelo conhecimento de seus mecanismos psíquicos para que ele agindo sobre esses mecanismos haja uma redução da tendência desse indivíduo para sentimentos, pensamentos e atos que o possam levar a doença e a infelicidade.

¹⁸ Bennett, 1984, p. 13.

Bennett, com o que concordo, apresenta o método ou caminho proposto como um caminho solitário de desenvolvimento pessoal pelo conhecimento de si mesmo, para então, agir e lidar conforme a sua natureza de forma inteligente. Afirma que há no *Tractatus Intellectus Emendatione*, rotas para a felicidade duradoura como também rotas para o conhecimento seguro de si mesmo – identifico que há três possíveis maneiras de tratamento no tratado, mas há a indicação da melhor maneira para o correto entendimento do movimento formador do intelecto: o conhecimento do movimento formador do intelecto pela intuição, pela essência deste próprio movimento formador.

Bennett sinaliza o interesse de Espinosa no entendimento dos afetos humanos. Espinosa trata os afetos tanto como um fenômeno mental e também como um fenômeno físico, ambos acontecendo separadamente por dois dos atributos da substância única. Não há ligação causal entre o que acontece no mundo físico com o que acontece no mundo mental. A substância única se expressa pelo que eu denomino ser a lei de sua expressão (EIIIP7), mas sendo que a mente e o corpo são uma só e mesma coisa, a mente concebida pelo o atributo do pensamento e o corpo pelo da extensão (EIIIP2s).

Lembrando, sobre essa questão que Espinosa afirma que “nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento ou ao repouso, ou a qualquer outro estado (se é que isso existe)” (EIIIP2). Assim, “o que determina a mente a pensar é um modo do pensamento e não da extensão” (EIIIP2d). Contudo, “a mente e o corpo são uma só e mesma coisa, a qual é concebida ora sobe o atributo do pensamento, ora sob o atributo da extensão” (EIIIP2s). O foco do tratado, entendo, é o conhecimento adequado do intelecto pelo atributo do pensamento – não é o conhecimento das coisas na extensão.

Entendo, concordando com Bennett, ser Espinosa um filósofo profundamente interessado na metafísica, na epistemologia e na filosofia da mente humana por seu interesse na compreensão do funcionamento da mente humana para o seu aperfeiçoamento em sua perfeita realidade respeitando a sua própria natureza determinada pelas leis naturais da substância única. Compreendo que o método proposto por Espinosa está baseado em sua metafísica: a existência de uma substância única que ao se expressar o faz por todos os seus infinitos atributos paralela ou simultaneamente. Segundo esse entendimento, a mente humana (pelo atributo do pensamento) espelha tudo o que acontece no corpo (pelo atributo extensão). Tudo o que acontece no corpo do homem pela ideia do que acontece no corpo forma a mente

do homem e é conhecido pela mente do homem pelos diferentes modos de percepção próprios da mente humana. Bennett afirma: “O reino físico é ou está espelhado no reino mental”.¹⁹.

Bennett entende que o método espinosista afirma que ao cuidar da saúde psíquica, há a melhora não só de sua saúde mental como também de sua saúde física. Melhorando uma expressão, há a melhora da outra expressão, tudo acontecendo segundo as leis naturais dessa que é a única substância absolutamente infinita. Como sugere Bennett, penso que o caminho do físico levando ao caminho psíquico de mudanças também pode vir a ser cogitado. Porém, penso que Espinosa se dedica exclusivamente em seu tratado ao conhecimento dos modos de perceber ou pensar humano. Visa à correção no entendimento do intelecto humano. Conhecer o movimento de formação do intelecto é o seu escopo.

Entendo essa proposta metafísica de Espinosa como *o monismo absoluto espinosista acontecendo ou se expressando de forma paralela e independente por infinitos atributos infinitos segundo as suas infinitas leis infinitas*. Essa percepção implica uma relação lógica e causal entre a extensão e o pensamento, entre os aspectos físicos e os aspectos psicológicos constituintes do ser humano. Espinosa escreve

[...] tudo aquilo que acontece no objeto da ideia que constitui a mente humana deve ser percebido pela mente humana, ou seja, a ideia daquilo que acontece nesse objeto existirá necessariamente na mente; isto é, se o objeto da ideia que constitui a mente humana é um corpo, nada poderá acontecer nesse corpo que não seja percebido pela mente (EIIP12).

Bennett, com o que concordo, aponta que para Espinosa, a mente humana não é senão a ideia de algo singular que existe em ato (EIIP11); ou seja, como eu vejo, a mente humana é constituída pela ideia e pela série de ideias a partir de uma afecção no corpo humano. Não é a mente que tem uma ideia e a série das ideias; a ideia e a série das ideias é a mente humana e, esta guarda uma relação necessária com o que acontece no corpo desse homem. Ao movimento de mudanças corporais há paralela, simultânea e simetricamente o movimento de constituição da ideia dessas mudanças e da ideia do movimento dessas mudanças: quanto mais o corpo mudar, mais a mente mudará. E, há, portanto, uma relação entre o que acontece no mundo físico ou mecânico com o que acontece no mundo mental, pois “a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas.” (EIIP7).

¹⁹ Bennett, 1984, p. 15.

Bennett aponta que o tratado visa o aperfeiçoamento pelo conhecimento de uma ideia verdadeira – pelo modo de se constituir ou formar uma ideia verdadeira. A verdade deve ser evidente; uma ideia verdadeira deve ser em si mesma evidente. Bennett sinaliza qual é o conhecimento procurado com a reforma do intelecto ao relembra o que Espinosa escreve na carta 76 dirigida a Albert Burgh de dezembro 1675:

[...] eu não pretendo ter encontrado a melhor filosofia, mas sei que tenho o conhecimento da verdadeira. Vós me perguntareis com eu o sei. Eu responderei: da mesma maneira que vós sabeis que os três ângulos de um triângulo são iguais a dois retos, e ninguém dirá que isto não basta, por pouco que seu cérebro esteja são e que ele não sonhe com espíritos impuros a nos inspirar ideias falsas semelhantes a ideias verdadeiras; pois o verdadeiro é sua própria marca e é também a do falso.²⁰

Bennett pensa não ser intenção de Espinosa afirmar que a verdade é conhecida *a priori*. Afirma que a verdade pode vir a ser percebida diretamente no mundo, mas, principalmente, pela análise conceitual da ideia apresentada para caracterizá-la e defini-la como verdadeira. Acredito como apresento no terceiro capítulo, a verdade é a ideia da consciência (ideia da ideia) de uma afecção ou modificação no corpo – a verdade está lá, mas se faz conhecer pelo exercício do pensar. A verdade está lá, mas somente pelo correto entendimento dos modos de perceber o mundo, será a verdade encontrada não no mundo extenso, mas no pensamento ou intelecto humano. Espinosa aponta

[...] ater-me-ei ao que tem que ser feito antes de qualquer coisa, a saber, reformar a inteligência, tornando-a apta a compreender as coisas do modo que é necessário para alcançar o nosso fim. Para isso, a ordem que naturalmente temos exige que resuma aqui todos os modos de perceber de que até agora me servi ingenuamente para afirmar ou negar alguma coisa, a fim de escolher o melhor e começar a conhecer minhas forças e minha natureza, que desejo levar à perfeição (TdIE§18).

Penso que Espinosa procura o conhecimento adequado de como a inteligência é constituída – o conhecimento adequado do movimento pelo qual é constituída. Bennett aponta: conhecida por uma definição verdadeira. Imagino que ele se refira quando aponta para

²⁰ Spinoza, obras completas II, p. 286-287.

uma definição verdadeira o que Espinosa denomina uma boa definição. Para mim, como apresento no terceiro capítulo, a boa definição ou a definição verdadeira é aquela que expressa a essência íntima do movimento de constituição do intelecto, a essência íntima dos modos de perceber. É aquela que compreende em si a causa próxima do modo e deve ser tal que todas as propriedades de um dado modo de perceber possam ser dela deduzidas ou concluídas. Penso que Espinosa – quer conhecer o *conatus* – a essência atual ou íntima – a potência de agir ou a força para existir de cada modo de perceber para o conhecendo adequadamente integrá-lo à vida ordinária do homem no instante presente.

Relembro que tudo existindo em uma só e mesma substância absolutamente infinita, tudo o que há ou toda a realidade, ou seja, a realidade enquanto o atributo pensamento, todas as ideias de alguma forma são verdadeiras. Então, o que Espinosa pretende quando convida a procura de uma ideia real e evidentemente verdadeira para, a partir da qual, construir o correto entendimento do intelecto humano? Bennett lembra EIVP57, onde Espinosa fala do fato de o homem soberbo amar a presença de parasitas, o fato de que o homem orgulhoso odeia a presença do homem nobre, mostrando como por inveja e ignorância esse comportamento triste e empobrecedor está explicado. Espinosa esclarece que

E tudo isso se segue, necessariamente, desse afeto, tanto quanto da natureza do triângulo se segue que a soma dos seus três ângulos é igual a dois ângulos retos. Já disse que chamo maus a esses afetos e seus similares, enquanto tenho em vista apenas a utilidade humana. Mas as leis da natureza dizem respeito à ordem comum da natureza, da qual o homem é uma das partes. Quis, aqui, de passagem, assinalar isso, para que ninguém julgasse que pretendi expor os vícios e os atos absurdos dos homens, em vez de demonstrar a natureza e as propriedades das coisas. Com efeito, considero os afetos humanos e suas propriedades da mesma maneira que as demais coisas naturais. E certamente os afetos humanos, se é que não indicam a potência e a engenhosidade humana, indicam, no mínimo, a potência e a engenhosidade da natureza, não menos que muitas outras coisas que nos causam admiração e em cuja contemplação nos deleitou. Quanto aos afetos, continuarei a enfatizar, enquanto, aquilo que é útil ou prejudicial aos homens.

Entendo, portanto, reformar como (ou para) melhor conhecer a verdade ou realidade do movimento de formação do intelecto humano. Há uma única substância: toda a realidade. Nada, portanto, existe fora dessa substância extensa e pensante e, enquanto pensante, conhece a si mesma e todas as suas expressões por todos os seus demais atributos de forma correta, clara, distinta, verdadeira, adequada. Por um racionalismo explicativo, para Espinosa há uma resposta adequada para toda questão “por quê?”. Conhecer pela causa – compreender algo por sua causa adequada próxima. Como “a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” (EIIIP7), para Bennett, Espinosa psicologiza o conhecimento com essa sua teoria da expressão simultânea da substância por todos os atributos quando ela se insculpe: com a expressão da substância por seus atributos há uma relação entre o que acontece por todos os atributos. Mas, para mim, apenas enquanto o ser humano, Espinosa psicologiza enquanto todos os demais infinitos modos finitos – Espinosa aponta que a substância única enquanto pensante se expressa em todos esses infinitos modos finitos cada qual, portanto, tendo uma maneira particular de perceber o mundo extenso e a si mesmo – melhor talvez em alguns casos do que o “psicologiza” humano. Sempre saliente, para mim, o tratado, ou seja, o método espinosista para o correto entendimento do movimento de formação da inteligência se refere somente à inteligência humana – não se dedica ao correto entendimento do movimento de formação da inteligência ou do intelecto de qualquer outro dos infinitos modos finitos do mundo extenso.

Percebo que há desse modo, uma relação lógica causal, que permite o conhecimento do intelecto pelo intelecto, e assim, o conhecimento das afecções do corpo, do movimento de construção do intelecto pela ideia da afecção do corpo, o conhecimento das coisas e do movimento causal constitutivo das coisas físicas no mundo manifesto. Se houver um terceiro atributo, esse também será conhecido pelo atributo do pensamento (na substância única); no homem, se for possível, o modo por um terceiro atributo será conhecido por seu intelecto finito no intelecto infinito da substância única. Quanto a isso, Espinosa escreve:

[...] disse que Deus é a causa de uma ideia – da ideia de círculo, por exemplo –, enquanto é apenas coisa pensante, e do próprio círculo enquanto é apenas coisa extensa, foi só porque o ser formal da ideia de círculo não pode ser percebido senão por meio do outro modo do pensar, que é como que a sua causa próxima, e esse último modo, por sua vez, por meio de outro e assim até o infinito, de maneira tal que sempre que considerarmos as coisas como modos de pensar,

deveremos explicar a ordem de toda a natureza, ou seja, a conexão das causas, exclusivamente pelo atributo do pensamento. E, da mesma maneira, enquanto essas coisas são consideradas como modos da extensão, a ordem de toda a natureza deve ser explicada exclusivamente pelo atributo da extensão. O mesmo vale para os outros atributos. É por isso que Deus, enquanto consiste de infinitos atributos, é realmente causa das coisas tais como elas são em si mesmas (EIIP7s).

A mente é a ideia de uma afecção no corpo (por si mesmo ou por outro corpo externo). A mente do homem só conhece o que o corpo do homem conhece. A mente é a ideia de uma mudança que o corpo conhece. A mente só conhece o que o corpo conhece.

Jonathan Bennett afirma, como Michael Della Rocca, a existência de uma psicologia cognitiva na filosofia espinosista. Bento Espinosa teria fundado uma teoria de percepção das coisas a partir da formação da ideia de uma mudança no corpo do que percebe por diferentes modos ou gêneros de perceber ou conhecer. Como dito acima, o homem percebe algo externo ao seu corpo, não diretamente, mas essa percepção está na dependência do que acontece em seu próprio corpo afetado pela coisa externa. “A mente humana não percebe nenhum corpo externo como existente em ato senão por meio das ideias das afecções de seu próprio corpo.” (EIIP26). Assim, entendo que o homem em seu processo de conhecer mais apreende a si mesmo do que a coisa externa ao seu corpo afetado por esta coisa – só com o entendimento adequado de como conhece a si pode vir a conhecer as coisas externas como elas acontecem no mundo externo em ato – porque há a necessidade, para conhecer uma coisa externa a si mesmo, a exclusão de tudo o que é do homem nesse processo de conhecimento.

Entendo que conhecer adequadamente como pensa é o próprio tratamento do intelecto, e conhecido adequadamente o seu processo de pensar, pode vir a conhecer um estado de serenidade pela compreensão de como as coisas acontecem em sua mente e no mundo. Por compreender que há uma união de todas as coisas na natureza inteira das coisas que só pode existir como existem por necessária e automaticamente obedecerem às leis que determinam como a natureza se expressa se inculpando em si mesma. O método de Espinosa, penso, visa tornar o homem um indivíduo livre e autônomo (o autômato espiritual) – no sentido de estar no controle de si mesmo, sendo guiado por seus pensamentos e seus afetos ao invés de ser

levado como acontece habitualmente por obsessões ou impulsos.²¹ Liberdade por colocar os afetos sob o controle da mente, da razão ou da intuição os conhecendo adequadamente. Conhecer o que pode conhecer e o que não pode o homem conhecer enquanto homem – conhecer-se por os seus afetos e as suas ideias que percebidos e construídos por diferentes maneiras levaram a diferentes modos de ser, operar, existir e viver. Espinosa escreve

Os homens são movidos mais pela opinião do que pela verdadeira razão, e porque o conhecimento verdadeiro do bem e do mal provoca perturbações do ânimo e leva, muitas vezes, a todo tipo de licenciosidade. [...] Não digo isso para chegar à conclusão de que é preferível ignorar, a saber, ou de que não há nenhuma diferença entre o ignorante e o inteligente quando se trata de regular os afetos, mas porque é preciso conhecer a potência de nossa natureza quanto a sua impotência, para que possamos determinar, quanto à regulação dos afetos, o que pode a razão e o que não pode (EIVP17s).

Penso que há um único processo de cura de algo tendo esse algo como instrumento e remédio para sua cura – obviamente dependente da natureza intrínseca (essência íntima) desse algo a ser curado. A cura se dará quando a ordem e conexão dos afetos, das ideias, dos atos forem conhecidas, na devida ordem natural com que expressam sua perfeita realidade pelas leis naturais que os ordenam. A cura se dá quando a ordem e a conexão das coisas forem conhecidas como a natureza ordena que sejam ordenadas e conectadas – interligadas e interdependentes umas das outras. Pois, como afirma Espinosa, “as coisas não poderiam ter sido produzidas por Deus de nenhuma outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em que foram produzidas” (EIP33).

Não há ligação causal direta entre as expressões de algo por diferentes atributos. Há uma separação total dessas expressões. Segundo os dois atributos que o homem conhece: o que acontece na extensão só influencia o que acontece na extensão e o que acontece no pensamento só influencia o que acontece no pensamento. O que acontece na extensão não tem poder para interferir no que acontece no pensamento, nem o que acontece no pensamento pode interferir no que acontece na extensão. Há uma separação total das expressões de um mesmo algo segundo cada atributo da substância única, por todos os seus atributos. E, a expressão de um determinado algo por dado atributo deve ser compreendida só e somente

²¹ Bennett, 1984, p. 329.

segundo a natureza própria deste atributo. No intelecto, pelo entendimento adequado do movimento de formação da mente humana.

Não há ligação direta entre corpo e mente, mas o que acontece no corpo repercute na mente e o que acontece na mente repercute no corpo. Assim, como Bennett afirma, entendo que o processo terapêutico centrado na mente certamente levará a mudanças no corpo por paralelismo, pela lei que ordena a expressão da substância única. A cura na mente leva a certa cura no corpo. E a cura do corpo, leva a cura da mente.

São três as técnicas psicoterapêuticas propostas por Espinosa: separação e união, transformar paixões em ações e entender o que acontece segundo o determinismo absoluto e necessário da substância única. Essas três maneiras pelas quais, segundo Bennett, há possibilidade de emendar o intelecto, são descritas a seguir.

Bennett informa que a técnica de separação e união está centrada e é explicada por Espinosa no livro cinco em EVP2:

[...] se separarmos uma emoção do ânimo, ou seja, um afeto, do pensamento de uma causa exterior, e a ligamos a outros pensamentos, então o amor ou o ódio para com a causa exterior, bem com as flutuações de ânimo que provêm desses afetos, serão destruídos [...] o que constitui a forma do amor ou do ódio é uma alegria ou uma tristeza, acompanhada da ideia de uma causa exterior. Suprimida, pois, esta última, suprime-se, ao mesmo tempo, a forma do amor ou do ódio. E, portanto, esses afetos e o que deles provêm são destruídos.

Bennett critica esse modo de elaborar os afetos. Pensa que uma mudança cognitiva não necessária e automaticamente leva a uma mudança afetiva. Percebe o mesmo problema em EIIP48, onde se tem que “o amor e o ódio, por exemplo, para com Pedro, são destruídos se a tristeza envolvida no último e a alegria envolvida no primeiro são associadas à ideia de outra causa; e um e outro são diminuídos à medida que imaginamos que Pedro não foi sua única causa.” Bennett argumenta que não fica claro como uma mudança cognitiva necessariamente provoca o desaparecimento do afeto correspondente. Concordo desde que se entenda como Bennett entende essa proposição. Penso que o ponto chave é entender que o que eu penso ou sinto por Pedro depende mais de mim do que do Pedro que existe externo a mim. A causa do

meu ódio ou amor por Pedro depende mais de mim do que de Pedro. Essa percepção muda profundamente o conhecimento cognitivo e afetivo da situação.

Entendo o verdadeiro momento de cura se dá quando aquele que sofre percebe que sofre por algo seu, por sua interpretação do que sente ou pensa de Pedro e não por Pedro. Por algo seu, ou seja, o ódio que sente por Pedro, a tristeza é causada por essa sua interpretação de sua relação com Pedro e não diretamente por Pedro. O verdadeiro momento ou movimento de cura se dá quando encontra em si mesmo a causa adequada e verdadeira de seu sofrimento. Algo em si é tanto a causa da tristeza como da alegria que sente. A causa não é nem a coisa externa nem a afecção do corpo por essa coisa externa da qual a ideia e o afeto são constituídos no intelecto. A causa de seu sofrimento é a ideia (e o afeto) que constrói ao perceber a afecção em seu corpo pelo algo externo (Pedro). Seu sofrimento é causado por si mesmo – pelo que pensa e sente.

A segunda maneira identificada por Bennett é transformar uma paixão em uma ação. Essa mudança somente se dá se algo for percebido ou conhecido clara e distintamente, ou seja, quando há a ideia adequada desse algo, imediatamente há a passagem de uma paixão à ação, de uma passividade no sentir, pensar e agir, para uma ação, para uma atividade no sentir, no pensar e no agir:

[...] um afeto que é uma paixão é uma ideia confusa. Se, pois, formamos uma ideia clara e distinta desse afeto, não haverá entre essa ideia e o próprio afeto, enquanto referido exclusivamente à mente, senão uma distinção de razão. O afeto deixará, portanto, de ser uma paixão (EVP3).

Bennett observa que o próprio Espinosa afirma que tudo o que existe, pode vir a ser conhecido clara e distintamente, por sua causa adequada, por sua essência atual, quando afirma que “não há nenhuma afecção do corpo da qual não possamos formar algum conceito claro e distinto” (EVP4) e “disso se segue que não há nenhum afeto do qual não possamos formar um conceito claro e distinto. Com efeito, um afeto é a ideia de uma afecção do corpo, a qual, por isso deve envolver um conceito claro e distinto” (EVP4c). Para Espinosa, tudo – afeto, ideia ou ato – pode vir a ser conhecido adequadamente. Desse modo, por esse processo terapêutico de procurar a ideia adequada de algo, o homem pode construir uma ideia adequada de uma paixão e assim, não há propriamente a transformação de uma paixão em uma ação. Entendido adequadamente o que é uma paixão (como ela é constituída) pela ideia adequada

de uma ideia inadequada, a paixão deixa de ser uma paixão e se constitui em uma ação. Assim, concludo, que uma paixão e uma ação podem coexistir no mesmo homem desde que da primeira ele tenha um conhecimento claro e preciso.

A terceira técnica de aperfeiçoamento do intelecto implica no entendimento do que pensa Espinosa ser o determinismo absoluto com que a substância única se expressa, obedecendo a suas próprias leis naturais. Espinosa explica que “à medida que a mente compreende as coisas como necessárias, ela tem um maior poder sobre os seus afetos, ou seja, deles padece menos.” (EVP6). Para Bennett, não há uma apatia ou leniência quanto à necessidade com que as coisas acontecem na realidade obedecendo ao que a natureza lhes ordena: há a correção no entendimento de como as coisas se constituem.

Conhecendo clara e distintamente como o mundo é ordenado e conectado segundo essas leis naturais, ativamente pode decidir seguir o que a sua própria natureza humana lhe ordena. Pelo determinismo espinosista nada poderia ser diferente da maneira que existe. Há um determinismo absoluto em relação à substância única e um determinismo causal na série de eventos que resultam no atual momento analisado. Tudo é, está, opera, existe e vive na natureza como a natureza lhe ordena ser, estar, operar, existir e viver.

Lembro que Espinosa escreve que “a mente compreende que todas as coisas são necessárias e que são determinadas a existir e operar em virtude de uma concatenação infinita de causas. Portanto, à medida que compreende isso, a mente padece menos dos afetos provêm dessas coisas e é menos afetada por elas” (EVP5d). Há a possibilidade de conhecer aquele estado mental procurado por aquele que pretende emendar seu intelecto: um estado de paz em sua mente por amor para com a natureza (Deus). E, esse amor é reforçado “quanto maior é o número de homens [não apenas homens, mas toda a natureza inteira] que imaginamos estar unidos a Deus [à natureza] pelo mesmo vínculo de amor” (EPV20). Após um longo esforço para conhecer algo de forma clara e distinta na ordem e conexão com que ocorre na natureza – conhecer a correção no entendimento das coisas descobre que tudo só pode existir como existe em ato no presente instante e, assim, precisa organizar sua existência.²²

Espinosa nomeia quais são os remédios para a correção no entendimento, quais são os remédios para os afetos: o conhecimento adequado dos afetos e das ideias na devida ordem pela e na qual acontecem na natureza – conhecimento que leva aquele que emenda seu

²² Nota do autor – como o autômato espiritual – o homem livre.

intelecto a agir ativamente por sua própria natureza porque ama o que conhece por ter emendado sua inteligência. Espinosa escreve que

[...] a potência da mente é definida [...] exclusivamente pelo conhecimento, enquanto que usa impotência ou paixão é medida exclusivamente pela privação de conhecimento, isto é, por aquilo em função do qual as ideias são inadequadas. Segue-se disso que padece ao máximo aquela mente cuja maior parte está constituída de ideias inadequadas [...] e, inversamente, age ao máximo aquela mente cuja maior parte está constituída de ideias adequadas, de tal maneira que, ainda que haja nesta tantas ideias inadequadas quanto naquela outra, ela é, entretanto, reconhecida mais por aquelas ideias que se atribuem à virtude humana do que por aquelas que revelam a impotência humana. (EVP20s).

Entendo que Espinosa informa, em EVP20s, que na mente do homem que emenda seu intelecto há ideias inadequadas e adequadas. Não há apenas ideias adequadas na mente do homem livre, na mente do autômato espiritual; há ideias inadequadas, que diferentemente do autômato sem alma, identifica pelo modo pelo qual é percebida. Há um maior número de ideias adequadas que são aquelas que se atribuem à virtude humana – se atribuem ao conhecimento adequado do esforço enquanto em si mesmo em perseverar em seu ser – ao conhecimento adequado do movimento ou do esforço de autopreservação – comum a todas as coisas existentes no mundo. Ideias adequadas que podem ser constituídas – a partir de qualquer uma das ideias atualmente inadequadas que tem em sua mente – pelo conhecimento da devida ordem com a qual uma ideia adequada ou verdadeira é constituída. Um movimento contínuo de conhecer adequadamente o movimento do conhecer.

Espinosa conclui essa parte de seu tratado de emenda, afirmando que a salvação, a beatitude ou a liberdade, todas sinônimos, é o amor constante e eterno para com a natureza (Deus) pelo conhecimento do bem verdadeiro indicado no TdIE§13: “o conhecimento da união da mente com a natureza inteira” (o conhecimento de imanência). Espinosa

[...] compreendemos claramente em que consiste nossa salvação, beatitude ou liberdade: no amor constante e eterno para com Deus, ou seja, no amor de Deus para com os homens. Não sem razão, esse amor, essa beatitude – é chamado, nos livros sagrados, de glória. Pois, quer esteja referido a Deus, quer esteja

referido à mente, esse amor pode ser corretamente chamado de satisfação de ânimo, a qual não se distingue, na realidade, da glória [...] torna-se claro para nós de que maneira e sob qual condição a nossa mente se segue, tanto no que toca à essência quanto no que toca à existência [...] depende continuamente de Deus. [Pois] tudo depende de Deus [...] (EVP20s).

Concluo com esta exposição que o método espinosista de salvação consiste em fazer o homem cada vez mais consciente de si mesmo, de sua força interna para se preservar em sua existência pela preservação de seu equilíbrio interno. Ele deve ser levado a perceber ou deve ser levado a tomar conhecimento que esse ajustamento e balanço interno nada mais são do que sua contínua luta ou esforço em perseverar em si mesmo expressa em seus prazeres, dores, desejos e aversões: em seus afetos, em suas ideias e em seus atos. Espinosa cria uma análise do psiquismo humano procurando compreender as coisas por suas causas (adequadas ou próximas) – “principalmente as causas cognitivas para os estados emocionais – o que pode não ser somente uma guia para a terapia, mas também pode ser a própria terapia.”²³

1.3 Uma medicina do desejo – por Marilena Chauí.

O *Tratado da emenda do intelecto* – assim Chauí se refere ao tratado espinosista – “narra a dramática experiência de quem estava cativo na comoção do animo e a quem essa experiência lhe ensinou que tudo na vida é vão e fútil”²⁴. E, assim, infiro esse alguém (Espinosa) se questiona se não haveria algo que viesse a dar real significado a sua vida. Penso que Espinosa, como dito por Chauí, parece demonstrar estar em dúvida – mas passa uma certeza – a certeza da existência de um bem verdadeiro que desse significado a sua vida: a ideia de Deus – do Ser Perfeitíssimo.

Espinosa parte da ordem comum da vida ordinária do ser humano. Parte de algo que entendo como uma ideia-afeto, um desejo. Parte do desejo de encontrar algo que pudesse lhe aliviar o sofrimento da vida humana comum dando-lhe um significado permanente e contínuo. E, se esse algo fosse permanente, contínuo e imutável, o levaria a conhecer um estado que entendo como um estado de tranquilidade supremo e contínuo. Parte de uma ideia comum – uma ideia qualquer – uma ideia ordinária – um desejo. Espinosa, para aliviar seu sofrimento, mesmo que possa ter de abdicar de “bens certos” por “um bem incerto” (TdIE§2) faz o

²³ Bennett, 1984, p. 352.

²⁴ Chauí, 1999, p. 570.

caminho a partir de uma ideia comum qualquer, a procura de uma ideia verdadeira imutável que aparentemente já conhecer. Considero que procura se conhecer conhecendo como conhece a si mesmo e como conhece a todas as demais coisas: caminha a procura do correto entendimento do movimento de constituição do pensamento humano – a correção no entendimento do processo de constituição do intelecto humano.

Identifico que o caminho do entendimento parte de algo que ouviu dizer ou de experiências empíricas vagas – um entendimento parcial, incompleto, das coisas – uma experiência errante e distraída ²⁵ – a procura de algo que por mais incerto, o leve, pensa o caminhante (Espinosa), ao conhecimento verdadeiro de como ele realmente percebe as coisas. Procura pelo pensar o pensamento entender o próprio pensamento em sua perfeita realidade, em seu estado puro de pensamento. Denomina esse movimento de conhecimento reflexivo.

Chauí escreve que “a medicina do animo, sua *emendatio*, é a correção da desordem da vida comum por outra ordem de vida, na qual até mesmo os *vana et futilia* hão de se tornar úteis em sua vez e sua hora, reordenados por um *novum institutum*”. ²⁶ Reconheço no tratado a proposta de correção do intelecto não visando à mudança do(s) modo(s) como o homem percebe ou pensa as coisas, mas a correção na maneira como interpreta o que percebe ou pensa. Entender corretamente como o pensamento é constituído a partir da construção de uma ideia e das séries de ideias a partir de uma afecção do corpo desse homem. Um homem que pensando, procura entender – agora – melhor o modo pelo qual percebe e interpreta as coisas as quais toma conhecimento por essa mesma sua capacidade: a essência e a potência (movimento – *conatus*) de formar ideias.

Entendo como *a construção de um caminho que parte da ordem de vida cotidiana comum instável para chegar a uma ordem de vida cotidiana comum estável*. Parte de uma ordem na qual por não entender adequadamente o modo como é influenciado pelas coisas exteriores, por desconhecer a natural interdependência que existe entre as coisas do mundo manifesto, o homem padece. Esse homem padece por estar sob o domínio dos seus afetos.

Penso que a proposta terapêutica espinosista é tentar atingir outra ordem de vida, uma ordem estável, uma ordem comum ou ordinária invariável ou imutável, a devida ordem, na qual o homem tem o entendimento correto de como percebe a si e todas as demais coisas com

²⁵ Chauí, 1999, p. 571.

²⁶ Chauí, 1999, p. 571.

as quais interage. Mostra uma mudança para atingir o adequado conhecimento de o pensamento humano e, então, concluir que nada há para mudar desde que tenha o conhecimento adequado do modo pelo qual percebe ou conhece algo. Esse homem, não mais padece por alguma paixão, esse homem age livre como o autômato espiritual por amor ao que conhece como eterno ou imutável: a descoberta da devida ordem com que as coisas acontecem obedecendo às leis da natureza – “uma ordem eterna e segundo leis imutáveis da natureza” (TdIE§12).

Espinosa explica que

[...] estabelecidas estas regras, ater-me-ei ao que tem de ser feito antes de qualquer coisa, a saber, reformar a inteligência, tornando-a apta a compreender as coisas do modo que é necessário para alcançar nosso fim, Para isso, a ordem que naturalmente temos exige que resuma aqui todos os modos de perceber de que até agora me servi ingenuamente par afirmar ou negar alguma coisa, a fim de escolher o melhor e começar a conhecer minhas forças e minha natureza, que desejo levar a perfeição (TdIE§18).

Entendo que a medicina desse desejo implica em conhecer como o homem real e prístinicamente percebe as coisas por sua própria capacidade de perceber, segundo sua natureza humana que Espinosa pretende levar a perfeição: uma natureza humana muito superior à sua habitual ou ordinária (TdIE§13) para tendo compreendido que sua mente está unida com a natureza inteira viver sua vida comum de forma adequada segundo esse conhecimento de ser uma parte na natureza inteira.

Chauí escreve que

[...] não só o *ordo* parece deslocar-se da nossa maneira de viver para a maneira de agir da Natureza ou suas “leis certas”, como também a *ordo Naturae* parece anular a *ordo vitae meae*, pois nesta última, bens e males contam, enquanto naquela parecem não merecer consideração. No entanto, não houve deslocamento nenhum e nenhuma anulação de bens e males, uma vez que o aparecimento da ideia de útil (o que favorece nossa autopreservação) já orientara a percepção de bom e mau e, oferecendo à errância da experiência um

rumo novo e constante, já havia inserido a ordem da vida na ordem da natureza.²⁷

Penso a ideia de ordem na natureza como inseparável da ordem da vida: a devida ordem, a nova ordem pela qual o homem que emenda seu intelecto dirige a sua existência, a ordem natural na qual o homem vive sua existência. Esse trabalho – meditativo no silêncio do encontro solitário de um homem consigo mesmo – é o método de correção do entendimento do intelecto proposto por Espinosa. Chauí:

[...] é sobre essa articulação de duas ordens com que vem assentar-se a ordem do conhecimento, que chama pelo trabalho metódico da emenda do intelecto para que se torne apto a fortalecer a resolução tomada pelo meditante. O método porque *emendatio* é a verdadeira lógica no sentido que dão aos Seiscentos – purificação, separação, distinção entre imaginar e inteligir – e por isso Espinosa insiste em que ele não é o conhecimento propriamente dito, e sim o caminho que nos ensina a proceder “na devida ordem” (*debitus ordo*). É *ars* que se opõe a *casus*: arte contra acaso.

Entendo que a *ars curandis* – a arte médica da cura – é apresentada – como o movimento (uma arte porque uma técnica) que leva o homem a encontra-se com a sua perfeita realidade ordenada pela natureza, ordenada pelo Ser Perfeitíssimo, ordenada pela substância única a qual está amorosa e irremediavelmente ligado por seu esforço enquanto em si por sua potência de agir ou sua força para existir perseverar em seu ser. Ordenada imanentemente, a ordem da vida sinônimo da ordem da natureza sinônimo da ordem do conhecimento adequado de si e dos algos (ideias, afetos, ações, coisas): a devida ordem.

Chauí afirma que o fio de Ariadne do pensamento dos filósofos dos Seiscentos é o adágio “Sabe quem faz, faz quem sabe.” Infiro que arte por um exercício permanente (uma técnica) de autoconhecimento. Depreendo que Chauí afirma que com seu *Tratado da Correção do Intelecto*, Espinosa está indicando uma técnica que implica fazer o caminho do entendimento para saber e só faz esse caminho aquele que sabe da necessidade de fazê-lo para

²⁷ Chauí, 1999, p. 572.

a correção no entendimento do movimento do pensar humano pelo próprio pensamento. Ela escreve que²⁸

Introduzindo a analogia com a fabricação dos instrumentos materiais, o *Tratado da emenda* poderá demonstrar que o método não é a busca de conhecimento, nem de significado para a verdade, mas o aprofundamento da mente em si mesma ou o conhecimento reflexivo, porque o intelecto possui um instrumento inato, sua *vis natura*, que lhe permite fabricar obras cada vez mais complexas, pois, ao fazer-se conhecendo-se, conhece-se fazendo-se. Eis, por que, nas mãos de Espinosa, o adágio seiscentista com o martelo de ferro forjado, mas o ultrapassa com a afirmação de que o intelecto é *automa spirituale*, pois o autômato [espiritual] possui duas características que instrumento artesanal algum e máquina alguma possuem: tem em si a fonte de energia para realizar suas operações e dispõe em si mesmo dos meios de auto regulação e de autor regeneração para conservar na existência e manter suas ações e operações.

Espinosa afirma que para manter a saúde daquele que procura se conhecer conhecendo o seu modo de pensar, é preciso preparar toda a medicina para que possa atingir o conhecimento do bem verdadeiro procurado – a ideia verdadeira procurada: o conhecimento do existir imanente da mente humana na substância única. “É necessário compreender a natureza” (TdIE§14) e para isso, “é necessário pensar em um modo de corrigir a inteligência e purificá-la o mais possível desde o início, a fim de que possa compreender com mais facilidade as coisas, sem erro, perfeitamente” (TdIE§16). É preciso “reformular a inteligência, tornando-a apta a compreender as coisas [...]” (TdIE§18). Um processo de identificar no pensamento pelo pensamento o que é uma ideia, uma ideia verdadeira, e como essa ideia verdadeira é construída pela força ou potência (essência) própria do pensamento. Conhecido o bem verdadeiro, a ideia verdadeira de união da mente humana imanente à natureza como um todo, corrigir ou reformar o entendimento do processo de construção ou constituição da mente humana, purificando mais possível, ou seja, definindo clara e distintamente (adequadamente) cada passo dessa constituição ou construção de ideia em sua perfeita realidade.

²⁸ Chauí, 1999, p. 487.

Marilena Chauí escreve que a relação de Espinosa com a medicina aparece de duas maneiras: Espinosa pensa a medicina da alma de formas diferentes no Tratado e na Ética. Em ambos, a ideia de medicina é pensada a procura de um tratamento – de um remédio – que tire o homem do sofrimento habitual do mundo manifesto.

No Tratado a medicina da mente aparece indiretamente como estruturadora do próprio texto. Entendo que o objeto de reforma não é o corpo – muito menos as coisas do mundo manifesto que afetando o corpo levam a constituição da mente humana. Seu objetivo médico é promover a saúde daquele que procura se conhecer: seu objetivo é viver um estado de paz em seu espírito. Seu objeto é a alma humana e sua ferramenta para cura também é a alma humana. Espinosa parte de uma ideia qualquer fortuita da vida ordinária – a ideia de desejar um estado contínuo e supremo de felicidade – um desejo ou um afeto – e, por um processo analítico – uma medicina do desejo – procura esse estado de beatitude. Parte de males certos (dinheiro, fama, prazeres sensuais) que podem levar a um estado de felicidade, mas esse estado é temporário e, normalmente, um perigo para a preservação da saúde (física e mental) daquele que os procura ou os tem –; desejar esses males certos, só gera infelicidade e, possivelmente, a sua morte daquele que se esforça para atingir ou manter esses males certos.

A medicina da mente – a medicina do desejo – a *medicina animi* – segundo Chauí – tendo corrigido o modo pelo qual entende seu intelecto, permite a possibilidade “de plena satisfação do desejo quando desejamos bens certos por sua natureza”²⁹. Deste modo, depreendo que encontrado o bem verdadeiro, encontrando os bens certos, encontrando o que desejar verdadeiramente por aquilo que a sua própria natureza determina, há a possibilidade de alcançar aquele estado de suprema felicidade. Desejando e vivendo o bem verdadeiro, o autômato espiritual, o homem livre, pela correção no entendimento de seu processo de pensar – por amar o que conhece – por amar a ideia que é o bem verdadeiro, ideia que respeita e vive – pode vir a conhecer a um estado de profunda serenidade: beatitude.

Chauí escreve que na Ética, Espinosa oferece uma física e uma fisiologia do corpo humano na parte dois – na parte três, o corpo e a mente são apresentados como expressões singulares da essência e da potência da substância única – e, o desejo é identificado como a essência atual dessas expressões singulares como o esforço enquanto em si de perseverar em seu ser – o *conatus* (EIP6) – sendo, o *conatus*, a essência do homem – a maior de suas

²⁹ Chauí, 2011, p. 58.

virtudes. E, relembro que para Espinosa “agir absolutamente por virtude nada mais é, em nós, do que agir, viver, conservar o seu ser [...] sob a condução da razão” [...] (EIVP24) e, em seguida Espinosa acrescenta que “agir absolutamente por virtude nada mais é do que agir segundo as leis da natureza”. (EIVP24d).

Chauí escreve que ao falar do

[...] desejo de vida (como fortalecimento da potência interna do *conatus*) e a passagem da passividade à atividade como conquista da saúde corporal e mental – Espinosa fala em remédios (éticos) que auxiliam cada um a ser médico de si mesmo [...] e concebe o hábito moderador não como uma ação racional voluntária exercida sobre o desejo, mas como uma aptidão do corpo e da mente para manter as circunstâncias que reforçam o desejo de autoconservação e excluir aquelas, contrárias, que o enfraquecem.³⁰

O *conatus* – o esforço ou desejo de enquanto em si mesmo de perseverar em seu ser – se dá por todos os modos de percepção ou conhecimento. Entendo que por imaginar ou intuir algo, quer por uma paixão quer por uma ação, há, sempre, o esforço de autopreservação. Sempre, há o esforço de perseverar, enquanto em si, existindo como tem que existir. Tanto se conhece algo por causas inadequadas por explicação externa a esse algo, como se conhece algo por sua causa adequada por explicar a existência de algo por sua própria natureza ou essência atual. Há o movimento de autopreservação – há o esforço de perseverar na existência. Há, evidentemente, maior ou menor grau de perfeição nesse esforço segundo o modo com o qual é esse algo percebido ou conhecido. Há maior ou menor grau de infelicidade ou felicidade segundo o grau de passividade e atividade com que o esforço se realiza a partir de seu entendimento por maior ou menor grau de realidade do modo de perceber com que se dá a apreensão e a compreensão do *conatus*.

O *conatus* – a perfeita realidade atual de algo – sua essência atual – é um desejo – um afeto – o desejo ou esforço enquanto em si perseverar em seu ser. Na *Ética*, segundo Chauí, o desejo assume

[...] o selo da mais profunda singularidade, não só por defini-lo como causa eficiente (e não mais como uma finalidade universal abstrata), mas também por

³⁰ Chauí, 2011, p. 58-59.

fazê-lo depender de uma afecção determinada da essência singular de um homem singular, pois é exatamente isso eu o torna extremamente variável e sem conteúdo prefixado. Nele e com ele é tecida irreduzível individualidade de nossas vidas.³¹

Assim, entendo o método como o movimento pelo qual cada homem singular se conhece por si sua essência singular atual. Conhecer como deseja – como se esforça para manter sua vida enquanto o indivíduo que ele é. Um movimento para o adequado conhecimento do movimento formador do intelecto visando não somente sua preservação como também a sua felicidade. O tratamento proposto é um caminho para conhecer adequadamente como percebe o seu próprio pensamento porque a chance de sucesso no processo de autoconservação aumenta em grau à medida que aumenta o grau de entendimento do modo de perceber ou conhecer algo. É menor pelo modo de ouvir dizer e pelo modo a partir de experiências vagas – pela imaginação – do que pelo terceiro e quarto modo de percepção ou conhecimento – pela razão e pela intuição. Por isso, a necessidade de conhecer como acontece o movimento do pensar humano – conhecer pela a essência ou a potência ou a realidade própria desse movimento por todos os modos ou gêneros de perceber ou de conhecer, modos pelos quais o conhecimento de algo acontece. Conhecer pela causa adequada de cada um dos modos de percepção, visando o aumento do grau de perfeição com o qual conhece o algo a ser conhecido.

Chauí salienta a inovação espinosista enquanto o entendimento do esforço para perseverar na existência ou enquanto o entendimento da essência particular e atual de algo – seu *conatus* – especialmente do desejo humano em si mesmo:

[...] o desejo não é somente operação imaginativa e paixão; é um afeto originário que pode ser passivo ou ativo, uma paixão ou uma ação, e nossa razão só disporá da capacidade moderadora se for vivida por nós como um afeto ou um desejo ativo cuja força suplanta a de afetos passivos ou paixões. Assim, em lugar de o desejo tornar-se racional, como toda a tradição filosófica prometera, é a razão que precisa tornar-se desejante para ser racional.³²

³¹ Chauí, 2011, p. 64.

³² Chauí, 2011, p. 59.

Entendo que o aperfeiçoamento no processo de entendimento do intelecto, o melhor entendimento do movimento do pensar humano não se dá somente por conhecer verdadeira e adequadamente algo, não se dá somente por possuir a ideia adequada ou verdadeira do algo que é o pensar humano. Há necessidade de amar esse conhecimento: amar o que descobre. É necessário respeitar a potência de uma razão desejante, respeitar a realidade de uma razão ou intuição desejante e, como homem livre, como o autômato espiritual, viver segundo essa potência afetiva.

Chauí concluindo escreve que

[...] um conhecimento verdadeiro [a ideia verdadeira] somente vence uma paixão se ele próprio for experimentado como um afeto, pois o conhecimento do bom e do mau nada mais é do que o afeto de alegria e de tristeza quando dele somos conscientes. Se o trabalho do pensamento for experimentado por nós afetivamente, será mais forte do que o afeto passional. Pensar é o agir da mente como causa adequada de seus afetos e ideias, e essa ação, que Espinosa denomina *amor intelectual*, é o mais forte dos afetos ativos.³³

Chauí pensa em uma razão desejante; eu penso em uma razão e uma intuição afetiva. Penso em uma ideia (pela razão ou intuição) predominante amorosa por visar o encontro de um homem com sua própria realidade. Penso em um conhecimento afetivo que realmente desenvolve ou aprimora a maneira de entender o processo de formação das ideias – entender o movimento das ideias segundo uma ordem natural determinada pelas leis naturais do intelecto. Um conhecimento afetivo: uma alegria por se constituir quando da percepção ou do conhecimento de uma ideia verdadeira: a ideia de união da mente humana com a natureza inteira. Ideia verdadeira conhecida por sua causa adequada, ou seja, por uma explicação completa e suficiente. Um entendimento a partir do conhecimento afetivo de sua essência singular atual. Conhecer a ideia verdadeira implica conhecê-la afetivamente.

Entendo a medicina do desejo espinosista com dois momentos de um mesmo movimento. No primeiro momento há o mover-se para conhecer o ordinário da vida, entender os afetos e as ideias, compreender as disposições do animo e as percepções da mente articulando o movimento de ambos esses aspectos do homem à ordem da natureza a qual a mente desse homem está unida, sendo uma unidade na totalidade da substância única. O

³³ Chauí, 2011, pg. 66.

segundo momento, após ter conhecido o bem verdadeiro (a união da mente com a Natureza inteira), da ideia verdadeira do bem verdadeiro, é o mover-se dessa ideia verdadeira conhecida à devida ordem com que essa ideia verdadeira é construída e, então, constituir todas as demais ideias que partindo de uma ideia adequada só pode vir a produzir outra(s) ideia(s) adequada(s) (EIIP40). Para mim, todo o processo é um movimento – que entendo ser a essência íntima do intelecto. O intelecto é movimento.

1.4 – O movimento do conhecimento de si – a medicina da mente.

Neste momento apresento minha interpretação do tratado – além das já incluídas na discussão anterior quando da apresentação dos elementos fundamentais para a correção do intelecto pelos filósofos Michael Della Rocca, Jonathan Bennett e Marilena Chauí. Acrescento outros aspectos importantes para a construção da ideia de ser o *Tractatus Emendatione Intellectus* um método que visa à correção no entendimento do movimento de constituição do intelecto humano. Tento mostrar que o homem que tendo reformado seu intelecto, pode viver livre obedecendo ao que a natureza lhe ordena: vive e existe como o autômato espiritual que conhece a necessidade absoluta de agir pelo conhecimento adequado das leis naturais que o ordenam (regem, mandam e organizam).

Entendendo o intelecto humano como Espinosa refere existindo no intelecto infinito de Deus (KV II xxiv § 11), posso, assim, deduzir que é da natureza da razão (e da natureza da intuição) conhecer a necessidade das coisas verdadeiramente (EIIP41) tal como essa necessidade das coisas é em si mesma (EIIP44d), por cada coisa singular (no corpo) e a ideia dessa coisa singular (no intelecto), existente em ato, envolver necessariamente a essência eterna e infinita de Deus (EIIP45).

O homem que compreende a si e as coisas tal como elas são realmente (EIP29 e EIIP44d), as conhecendo pela razão e pela intuição, imediatamente conhece a Deus (EIIP47), ama a Deus ou à natureza (EVP15d) e conhece o amor de Deus (EVPP35 e 36). Quanto mais conhece a Deus e o amor de Deus (o amor da natureza para consigo), mais o homem compreende a si próprio e às coisas de forma clara e distinta (EVP15). Desse modo, o homem conhece o que há de divino em si e nas coisas (EIIP46) – penso poder traduzir para conhecer o que há de real ou natural em si e nas coisas.

Assim podemos compreender que o homem e as todas as outras coisas do universo inteiro não são senão a expressão enquanto modos finitos no mundo manifesto, pelos infinitos atributos e pelas leis eternas, infinitas e necessárias de Deus em Deus e por Deus. Nada são senão a expressão, enquanto modos finitos, da natureza de Deus em Deus por Deus. Sendo o homem um dos infinitos modos finitos, ele também é enquanto modo finito expressão da natureza substância absolutamente infinita, nessa e por essa substância única. Como a substância, por necessidade da natureza de sua própria natureza – pela necessidade da natureza-essência-potência de Deus – se exprime no universo inteiro dos modos finitos em e por Deus, a substância absolutamente infinita se expressa na natureza própria do homem. O homem pela necessidade da natureza de Deus, em Deus e por Deus por infinitos modos infinitos imediatos (atributos divinos) e mediatos (eternas, infinitas e necessárias leis divinas), como Deus se exprime no homem, enquanto homem, em Deus, na natureza pela substância absolutamente infinita.

Conhecendo-se como expressão da substância absolutamente infinita, enquanto homem, na substância única, imediatamente, esse homem compreende-se e apreende-se unidade na totalidade de Deus. Entende que sua mente está unida à natureza inteira no universo das coisas. Depreende a unidade de si, a unidade de cada uma e de todas as coisas na totalidade de Deus – não como uma parte *da* substância, mas uma parte (unidade) incrustada ou insculpida *na* própria natureza da substância Deus por Deus.

O homem, que se compreende unidade na totalidade de Deus, infere e entende que ele – expressão da natureza de Deus enquanto homem – é o resultado necessário das eternas, infinitas e necessárias leis naturais de Deus, que por serem divinas não podem senão serem obedecidas. É o resultado de leis que por serem divinas – leis eternas e necessárias – não podem de forma alguma ser transgredidas porque nenhum ser, em Deus e por Deus; não pode ir contra o que à natureza Deus ordena. Por isso, tudo o que ocorre é conforme o seu próprio (eterno e necessário) decreto (KV II xxiv § 5). O homem se conhece homem em Deus e por Deus por seus infinitos modos infinitos imediatos (atributos divinos) e mediatos (leis divinas). Sendo estas eternas, infinitas e necessárias leis como Deus ordena por seus infinitos atributos o universo inteiro, a nenhum modo finito, a nenhum homem, é possível senão obedecer a estas leis divinas por serem essas mesmas leis divinas como Deus ordena todos os seus infinitos modos finitos, com Deus ao universo inteiro ordena.

Conhecendo-se e inteligindo o universo adequadamente, o homem conhece Deus (EIIP47). Para Espinosa, esse conhecimento adequado não é construído pela experiência, mas pelo intelecto humano, pela razão e pela intuição. Depreende-se disso, que o homem, então, conhece a si, às coisas e a Deus por seu intelecto humano que existe no intelecto infinito e eterno de Deus ou da natureza pelo divino ou natural atributo do pensamento.

Em um dado momento (que não pode ser assim chamado por que o tempo ainda não existe, mas não há outro modo de expressar o que pretendo expor) o eterno faz-se presente. O eterno faz-se presente imediatamente por seus atributos e por suas leis eternas e necessárias. O eterno faz-se presente: o presente eternamente presente no eterno faz-se presente depois de todo o tempo, antes de todo o tempo, no tempo que não é tempo, no instante, no instante presente eterno, não apenas pelas leis eternas e necessárias do eterno enquanto eterno, mas também e principalmente pelas leis divinas do eterno que determinam e regem o presente. O eterno faz presente o presente que sempre está presente no eterno por suas leis eternas e necessárias e por suas leis divinas que determinam e regem a existência do presente no eterno instante presente. A vida faz-se vida.

O *Tractatus Emendatione Intellectus* visa não apenas a reforma do intelecto humano senão apresentar o homem como o autômato espiritual àquele que tendo reformado o intelecto – conhecendo adequadamente o movimento de formação de sua mente – sabe que ser livre e autônomo não significa senão agir exclusivamente por sua própria natureza sem o constrangimento de outro.

Tendo conhecido, compreendido e apreendido o significado espinosano para Deus – aquele que intenta ser livre e autônomo em Deus – entende que ser livre e autônomo significa agir exclusivamente por sua própria natureza por aquilo de divino que nela existe.³⁴ Ser um homem livre não significa senão ser quem ele é realmente por sua própria natureza – ser a expressão da essência e potência na substância única existente em si mesmo em ato no instante presente.

³⁴ Espinosa escreve no prefácio de *De Natura Et Origine Mentis* na *Ética*: “Passo agora a explicar aquelas coisas que deveriam seguir-se necessariamente da essência de Deus, ou seja, da essência do ente eterno e infinito. Embora tenhamos demonstrado, por EIP16, que dela devem seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras, não explicarei, na verdade, todas, mas apenas aquelas que possam nos conduzir, como que pela mão, ao conhecimento da mente humana e de sua beatitude suprema.”

Percebo que o homem, dessa forma, entende a necessidade de conhecer a sua natureza, conhecendo a si mesmo. Para conhecer a si e todas as demais coisas singulares de forma adequada e verdadeira – por sua essência e potência atual – o homem dispõe apenas de seu intelecto, isto é, de sua inteligência.³⁵ Procura, portanto, apreender por ideias adequadas a si e ao outro, buscando entender a causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de seus atos. Conhecer sua natureza implica na compreensão e apreensão do que há de divino (ou real ou natural) em sua própria natureza humana – conhecer sua natureza enquanto esta exprime a natureza de Deus, em e por Deus.³⁶

Penso que dois conceitos propostos por Bento Espinosa são fundamentais para o correto entendimento do método espinosista para o correto entendimento do movimento formador do intelecto: o conceito de ideia e o conceito de ideia adequada. Espinosa, em *De Natura et Origine Mentis*, no capítulo dois da *Ética*, define:

Por ideia compreendo um conceito da mente, que a mente forma porque é uma coisa pensante. Explicação: Digo *conceito* e não *percepção*, porque a palavra *percepção* parece indicar que a mente é passiva relativamente ao objeto, enquanto *conceito* parece exprimir uma ação da mente (EIID3).

Por ideia adequada compreendo uma ideia que, enquanto considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira. Explicação: Digo *intrínsecas* para excluir a propriedade extrínseca, a saber, a que se refere à concordância da ideia com o ideado (EIID4).³⁷

Espinosa propõe um método genético-geométrico em seu *Tractatus de Intellectus Emendatione*, também presente em *De Natura et Origine Mentis* da *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata* para o adequado conhecimento das coisas pelo intelecto humano. O intelecto finito humano é um modo finito pelo atributo do pensamento no intelecto infinito de Deus, intelecto infinito que é um modo infinito pelo atributo pensamento infinito e eterno de Deus (EIIP1d).³⁸

³⁵ Para Espinosa, intelecto e inteligência não são senão uma só e mesma coisa.

³⁶ Chauí, 1999, p. 755.

³⁷ Chauí, 1999, p. 757 e 756.

³⁸ Chauí, 1999, p. 756.

Bento Espinosa inicia seu *Tractatus de Intellectus Emendatione*, onde propõe conhecer pela causa³⁹, se questionando se há um algo que possa ser tido ou chamado pelo homem como o “bem verdadeiro” algo que “uma vez descoberto ou adquirido, me desse para sempre o gozo de contínua e suprema felicidade.” (TdIE§1). Meditando profundamente, “dando tratos” (TdIE§3) ao seu pensamento, percebe que os bens normalmente desejados pelos homens, a honra, a riqueza e o prazer dos sentidos, não resultavam em felicidade, ao contrário, causavam embotamento, tristeza e muitas vezes, a própria morte do homem que por estes bens dedica a sua vida. Refletindo, Espinosa afirma que

[...] cheguei a perceber que, se pudesse ponderar a fundo, estaria largando (esses) males certos por um bem certo. Sentia, assim, encontrar-me em extremo perigo e ter de procurar, com todas as minhas forças, um remédio ainda que incerto; como um doente, atacado de fatal enfermidade, que antevê morte certa se não encontrar um remédio, e é constrangido a procurá-lo com todas as forças, mesmo que ele seja incerto, pois que nele está sua única esperança (TdIE § 7).

Deixando de lado os objetivos que só trazem uma alegria passageira, Espinosa propõe que o homem que deseja ser livre e autônomo sendo a causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de seus atos, não pode ter como o seu bem senão o seu sumo bem, o seu bem verdadeiro que “é gozar, se possível com outros indivíduos, da natureza superior [...] essa natureza superior é o conhecimento da união da mente com a Natureza inteira” (TdIE§13).

Entendo que Bento Espinosa, ao escrever o Tratado da Reforma da Inteligência, propõe uma reforma, uma *emendatio*, uma *medicina mentis*, uma correção no intelecto, uma medicina da mente, absolutamente necessária para que o homem conheça o modo que pensa, em seus diferentes gêneros, por suas causas, características e resultados. Espinosa não propõe um manual de um reto pensar com regras do que é o certo ou do que é a maneira correta de pensar com normas específicas ao bem pensar, como filósofos anteriores propuseram. Ele apresenta

[...] uma meditação sobre a natureza do pensamento que nos leve, como pela mão a uma sorte de conversão intelectual, a uma radical mudança de ponto de vista que permitirá ver todas as coisas, inclusive o homem e seu destino, na

³⁹ Chauí, 2011, p. 130.

total unidade com o Ser Perfeitíssimo, e eliminará as ilusões que conduzem às filosofias pluralistas e à crença em uma jurisdição privilegiadas para o homem dentro da ordem natural das coisas.⁴⁰

Com essa reforma, Bento Espinosa pretende que o homem conheça o seu modo de pensar apreendendo as coisas como a substância conhece por seu atributo pensamento, não enquanto seu intelecto infinito, mas enquanto o intelecto finito humano. Entendo que o homem possa desejar, mas não consegue conhecer as coisas como Deus conhece pela essência ou fraqueza ou potência ou impotência da mente humana. Espinosa propõe que conhecer um modo singular não é conhecer senão por sua causa necessária da qual esse modo singular é efeito. Isso implica conhecer a causa precisa, definida e determinada desse modo singular e como dessa causa se segue de maneira necessária o efeito determinado – o modo singular – onde a sua causa necessariamente se encontra contida. Portanto, a causa adequada e verdadeira de um modo finito não advém de algo extrínseco ao efeito, mas de algo interno a ele.⁴¹ Assim, desse modo, conhecer, sem a confusão de ideias imaginária e inadequadas, a realidade da(s) coisa(s) por sua essência atual, por sua potência atual, por seu *conatus*, em sua natural perfeição e virtude na substância e pela substância absolutamente infinita (EIP44d) – Deus (EIP25).

Marcos Gleizer diz que a substância para Espinosa ou o

[...] seu Deus é imanente à Natureza, e o conhecimento de nossa união como ele nada mais é do que o conhecimento intelectual de nós mesmos como partes da Natureza, partes integralmente submetidas, como todas as outras, às leis causais necessárias que regem o comportamento das coisas naturais. Neste espaço teórico dominado pelas ideias de imanência e necessidade, a exigência racionalista de inteligibilidade integral do real será colocada a serviço da intuição fundamental da unidade da Natureza e levada às últimas consequências.⁴²

O homem, unidade na totalidade da substância, por essa exigência racionalista de inteligibilidade integral do real, pelo racionalismo absoluto espinosista, pode se conhecer e

⁴⁰ TP I § 4.

⁴¹ Espinosa em TdIE§98, 99 e 101.

⁴² EIP7; Gleizer, 2005, p. 8 e Chauí, 1999, g. 596.

conhecer os demais modos finitos com quem compartilha essa vida, a sua atual vida, em um mundo manifesto de relações absoluta e necessariamente interdependentes pela

[...] dedução que se faz da essência das coisas a partir da essência do Ser Perfeito. Esta é a grande dedução da *Ética*, que nos instala na ordem universal das ideias.⁴³

Irá conhecer as coisas como Deus as conhece enquanto homem. O homem ao compreender-se uma unidade na totalidade da Natureza, apreende que tudo o que acontece na natureza da substância, acontece segundo uma ordem eterna seguindo às leis imutáveis (eternas, necessárias e divinas) da Natureza (TdIE§12 e EIPP26 e 33). Assim, a ontologia espinosista do necessário, deixando de lado a metafísica do possível, demonstra que o que existe, exprime como um modo preciso, definido e determinado, por uma sequência causal, a essência da substância (EIP15). Como a essência da substância e sua potência, é uma só e mesma coisa, tudo o que existe exprime de maneira certa e determinada a potência da substância.⁴⁴ Sendo cada coisa singular a expressão definida e determinada da potência eterna e infinita da substância, então, as coisas particulares também são uma potência (de agir) ou uma força (para existir) – um *conatus* – capaz de ser a causa de algum efeito. Espinosa chama essa potência individual, singular e finita de potência para agir ou força para existir. É o esforço, enquanto em si, de perseverar em seu ser ou autopreservação na existência, sua essência atual, seu *conatus*.

Assim, o homem compreende que cada coisa realiza, enquanto em si, o seu ser, por sua própria essência atual, por seu *conatus* em Deus (EIIP6 e EIIP7). A realidade de uma coisa definida e determinada particular é a realidade determinada por uma lei divina: por uma lei absolutamente necessária que não pode, de forma alguma, ser transgredida, por ser Deus quem a ordena (EIP26). Esse homem compreende ou apreende em sua realidade a sua própria perfeição (a sua realidade e a sua perfeição enquanto um determinado e definido modo finito) (EIID6).

Disso concluo que o ser humano não pode ser senão o ser humano que ele realmente é – o ser humano em Deus por todos os seus atributos e por todas as suas leis divinas (sua realidade e sua perfeição) – por obedecer à natureza por todas as suas infinitas leis naturais,

⁴³ EIIP7; EIIP7c.

⁴⁴ Chauí, 2011, p. 127.

como a natureza por todos os seus infinitos atributos e infinitas leis naturais ordena o universo inteiro. Portanto, se o um homem não pode ser senão o homem que ele realmente é; não pode ser outro homem porque esse outro homem existe em Deus por todos os seus infinitos atributos infinitos e por diferentes leis naturais – aquelas que necessariamente explicam a existência deste outro homem e não mais a existência do primeiro. Para que esse grau de entendimento das coisas seja possível ao homem,

[...] antes de mais nada, é necessário pensar no modo de corrigir a inteligência e de purificá-la o mais possível desde o início, a fim de que possa compreender com mais facilidade as coisas, sem erro, perfeitamente (TdIE§16).

Tendo o homem reformado sua inteligência (tendo entendido as leis naturais eternas do pensamento humano), ele começa, ao observar as coisas, pela razão ou por intuição, compreender, perfeitamente, que “tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus nada pode existir nem ser concebido” (EIP15). Entende, por ter reformado o intelecto, adequadamente o movimento de formação da mente humana por seus quatro modos de percepção por sua essência íntima.

Assim, compreendo que “Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas” (EIP18) e que “Deus é causa eficiente não apenas da existência de todas as coisas, mas também de sua essência” (EIP25). Compreendo que Deus é causa livre de si e do universo inteiro (EIP17) – e a ele só cabe obedecer ao que Deus lhe ordena – o que a natureza ordena.

Entendo, contudo, que “a essência das coisas produzidas por Deus não envolve a existência” (EIP24), visto que as coisas determinadas e definidas ora existem ora não existem. A existência e duração dessas coisas singulares e particulares não são determinadas ou causadas por sua essência, mas apenas pela essência de Deus na qual essas coisas singulares e particulares sempre existem enquanto substância. Compreendo, então, que

[...] nenhuma coisa singular, ou seja, nenhuma coisa que é finita e tem uma existência determinada, pode existir nem ser determinada a operar, a não ser que seja determinada a existir e a operar por outra causa que também é finita e tem uma existência determinada; por sua vez, essa causa tampouco pode existir

nem ser determinada a operar a não ser por outra, a qual também é finita e tem uma existência determinada, assim por diante, até o infinito (EIP28).⁴⁵

As coisas singulares existem, e existem em e por Deus (EIP15), por afecções nos atributos de Deus (EIIP9) que se exprimem de forma definida e determinada (EIP25c). Deus é sua causa imanente (EIP18), sua causa livre (EIP17), sua causa eficiente (EIP25) e sua causa última (EIP25). Mas a sua existência, como essa determinada e definida coisa particular, depende das demais coisas singulares, da interação ou interdependência que naturalmente existe entre as coisas singulares, entre os infinitos modos finitos da substância, modos que não se seguem da natureza absoluta dos atributos de Deus, mas desses atributos afetados por e enquanto sua expressão modal nas precisas circunstâncias de sua expressão. As coisas singulares não podem existir nem operar a não ser que seja determinada a existir e a operar por outra causa que também é finita e tem uma existência determinada (EIP28 e EIIP9). Espinosa clarifica que

[...] nada existe, na natureza das coisas, que seja contingente; em vez disso, tudo é determinado, pela necessidade da natureza divina, a existir e a operar de uma maneira definida (EIP29).

O *Tractatus de Intellectus Emendatione* – que Espinosa escreve conforme os tratados médicos seiscentistas⁴⁶ – é de fundamental importância para a compreensão dos pressupostos epistemológicos que Espinosa introduz em sua obra principal, “o monumento filosófico”⁴⁷ que é a *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*. A *emendatione* espinosana do intelecto, a medicina espinosana da mente, sua *medicina animi*, sua medicina do animo, que é detalhada com cuidado geométrico no livro *De Natura et Origine Mentis* da *Ética*, se mostra absolutamente necessária porque não há para o homem nenhuma verdade senão a que é criada pela própria inteligência humana. Lívio Teixeira afirma no prefácio do *Tratado da Emenda do Intelecto* que

[...] a inteligência humana é apenas um “modo finito” do pensamento infinito (de Deus) [...] a verdade não vem de fora, que não há nenhum critério de verdade, nenhuma justificação transcendente da verdade [...] a nossa inteligência é criadora das ideias verdadeiras, ainda que essa criação não seja

⁴⁵ Em EID2, EIID7 e EIP25.

⁴⁶ Chauí, 2011, p. 57-58.

⁴⁷ TdIE, 2004 p. IX, e Chauí, 2011, p.68.

senão a descoberta de que, como modo finito da substância divina, não podemos bem pensar a não ser quando pensamos, a partir de Deus, a ordem universal das ideias.⁴⁸

Penso que Espinosa intenta que cada coisa no universo, cada homem, se conheça por sua própria natureza de forma clara e distinta, ou seja, se conheça adequadamente, tal como ele é realmente em si mesmo. Segundo Chauí, Bento Espinosa, nesses seus dois livros, na *Ética* e no *Tratado da Emenda do Intelecto*, apresenta os remédios éticos para que cada homem seja o médico de sua alma, de si mesmo por si mesmo, não guiado pela imaginação, mas guiado pela razão que precisa ser desejante para ser racional.⁴⁹ Chauí comenta que Espinosa descreve os afetos e desejos como

[...] uma rede afetiva intrincada de múltiplos desejos (contrários na paixão; concordantes na ação) que não dependem do temperamento, mas da disposição atuais do nosso corpo e de nossa mente enquanto constituem um indivíduo singular que afeta os outros e é por eles afetado de inúmeras maneiras conforme as circunstâncias. [...] Em segundo lugar, Espinosa [...] sublinha a importância do hábito moderador [...] não como ação racional voluntária exercida pelo desejo, mas como aptidão do corpo e da mente para manter as circunstâncias que reforçam o desejo de autoconservação e excluir aquelas contrárias, que o enfraquecem. [...] E aqui encontramos a grande inovação espinosana: o desejo não é somente operação imaginativa e paixão; é um afeto originário que pode ser passivo ou ativo, uma paixão ou uma ação, e *nossa razão só disporá da capacidade moderadora se for vivida por nós como um afeto* ou um desejo ativo cuja força suplanta a de afetos passivos ou paixões. Assim, em lugar de o desejo tornar-se racional, como toda a tradição filosófica prometera, *é a razão que precisa tornar-se desejante para ser racional* (grifo meu).⁵⁰

⁴⁸ TdIE, 2004, p. X.

⁴⁹ Penso que a expressão usada por Chauí (2011, p. 58) “pela razão que precisa ser desejante” poderia ou deveria ser substituída por *pela razão que precisa ser afetiva*. Ao invés de uma razão desejante, uma razão afetiva que leve o homem procurar entender os afetos por aquilo que eles são realmente, por sua própria natureza em Deus por suas leis infinitas e eternas (leis divinas).

⁵⁰ Chauí, 2011, p. 58-59.

Entendo que Espinosa rompe radicalmente com o entendimento tradicional. Antigamente, para a filosofia tradicional, o movimento era o desejo; para Espinosa o desejo é o movimento.⁵¹ Para mim, posso também afirmar que a ideia era o movimento, agora a ideia é o movimento. O movimento não gera ideia – a ideia é o próprio movimento do pensar. Deste modo, entendo que os afetos não precisam ser dominados, mas conhecidos por sua natureza e sua origem para que a mente, tendo-os compreendidos e apreendidos adequadamente, possa-os moderar: a razão torna-se afetiva para que essa mesma razão atinja o seu grau de absoluta racionalidade no pensar as coisas (EIIIpr). Com isso, Bento Espinosa cria a sua *Ética* com absoluta racionalidade, como nunca antes havia sido feito. Chauí comenta que

[...] se tomarmos Espinosa, como ponto extremo da radicalidade clássica, sua obra, mais do que a de seus contemporâneos, permite que observemos como a modernidade desata os laços que prendiam o desejo à astrologia – já não há diferença de natureza entre o céu e a terra, e nossa fortuna não está nos astros, mas em nosso poder sobre as circunstâncias que criamos ou enfrentamos [...]

[...] não carecemos de substitutos porque há ciência do *páthos* [...] a ética como discurso dedutivo e demonstrativo das causas e formas da passividade e da atividade anímicas, e [...]

[...] o desejo é natural, não opinião valorativa [...]

[...] o desejo é efeito, na consciência, de movimentos mecânicos, conhecidos pela física e pela fisiologia [...]

[...] o desejo é manifestação consciente do esforço individual de autoconservação na existência e, por ser consciente, é próprio do homem, que compartilha com os animais a tendência ao movimento de autopreservação, chamado apetite.⁵²

Depreendo que sendo da natureza da razão e da intuição perceber e compreender as coisas verdadeiramente (EIIax₆), como as coisas são em si (EIP29), por seu intelecto enquanto intelecto racional, o homem conhece as coisas não enquanto contingentes, senão enquanto

⁵¹ Se o desejo é movimento – se a ideia é movimento – então a mente é movimento.

⁵² Essas observações preparam para a conclusão da filosofia espinosana que o ato livre não é senão o ato necessário (Chauí, 2011, p. 59). Consultar também Chauí, 1999, p.77.

necessárias (EIP44). Espinosa diz que essência e a existência das coisas se seguem da necessidade da natureza de Deus (EIPP16 e 21) e somente Deus, por agir exclusivamente pelas leis de sua natureza sem ser coagido por ninguém, é causa livre de todas as coisas (EIP17c₂), ou seja, as coisas, enquanto sua essência e existência, se seguem da livre potência de Deus (EIP17 e EIP17c₁). Sobre essa questão, Chauí comenta que

[...] o emprego do verbo “seguir” e da palavra “natureza” indicam, por si mesmos, que a imagem da ação inteligente voluntária foi afastada, pois a tradição teológica estabelecera uma oposição entre *natura* e *voluntas*: a primeira é o que causa necessariamente um efeito, enquanto a segunda é o que causa contingente e livremente. Por seu turno, o emprego da expressão “livre necessidade” indica que está desfeita a oposição entre o necessário e o livre, pois este não se articula a uma vontade. Embora o vocábulo espinosano seja indicador das subversões conceituais, Espinosa demonstra o que sua linguagem mostra. Demonstra que: 1) o intelecto e a vontade não são atributos de Deus; 2) o intelecto é um modo do atributo pensamento (modo que pode ser infinito ou finito); 3) a vontade não se distingue do intelecto, pois este é a ação de afirmar ou negar uma ideia, ação que a tradição atribuía à vontade.⁵³

Assim, entendo Espinosa demonstrar que a causalidade divina é a causalidade necessária, imanente e eficiente, livre e ativa, do universo inteiro que se segue da livre necessidade de sua natureza divina. Desse modo, se estabelece uma relação lógico-matemática entre causa e efeito, entre o princípio e a sua consequência. Chauí, frisa a importância de ser a realidade de uma determinada e definida coisa, a ação da livre necessidade da essência ou natureza da substância. Afirma que

[...] a relação entre Deus e as coisas não é apenas a da necessidade que preside a produção delas, mas é ainda a da necessidade lógica que lhes confere inteligibilidade absoluta. Dessa maneira, Espinosa demonstra a necessidade e inteligibilidade da causa (isto é, da potência divina) e a necessidade e inteligibilidade dos efeitos (isto é, da essência e existência das coisas).⁵⁴

⁵³ Chauí, 2003, p. 100.

⁵⁴ Chauí, 2003, p. 100 e 101. Chauí, 1999, p. 598.

Com esse conhecimento racional lógico-matemático, o homem pode conhecer realmente as coisas e a si mesmo. Pode vir a ser a causa adequada de si mesmo, por apreender a causa de seus afetos, de suas ideias e de seus atos, deixando de sofrer passivamente pelas paixões. Desse modo, pode mover-se ativamente, ou seja, agir por sua própria natureza – na e pela natureza da substância única.

Bento Espinosa pensa que a realidade das coisas coincide com a realidade ou concepção das ideias das coisas (EIIP7), ou seja, a realidade coincide com pensamento pela questão ontológica da causalidade necessária na expressão simultânea da natureza da substância por todos seus infinitos atributos: as relações das ideias correspondem exatamente às relações da realidade.⁵⁵ Explicitamente, encontramos em *De Deo* que

[...] a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas. (EIIP7). [...] de uma causa dada e determinada segue-se necessariamente um efeito; e, inversamente, se não existe nenhuma causa determinada, é impossível que se siga um efeito (EIax₃). O conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e a envolve (EIax₄)

Deste modo, depreendo que conhecer a realidade ou a perfeição ou a verdade da coisa de forma adequada, pela razão ou pela intuição, é conhecê-las pela genética (sua causa eficiente imanente) de sua existência (causa-efeito) em sua perfeita realidade ou verdade de sua essência atual, seu *conatus*, causa de sua existência, como potência de modo finito na ordem e na conexão universal, natural, necessária e atual das coisas no mundo manifesto. O modo finito é a expressão, no instante presente, da essência eterna e infinita da substância, conforme as suas leis eternas, em si mesmas – conforme as leis eternas divinas que determinam necessariamente como a substância se exprime no mundo modal finito segundo a sua natural e característica interdependência existente necessariamente entre os infinitos modos finitos que constituem o mundo modal finito.

Se algo existe, existe a causa definida e determinada que explique sua existência. Se não existe, existe a causa definida e determinada que explique a sua não existência. É a ontologia da necessidade, da causalidade necessária de todas as coisas tendo a causa de si mesmo como o modelo para entender a causalidade das coisas.

⁵⁵ Chauí, 1999, p. 908-909. Scruton, 2005, p. 46.

Se um homem se tornar a causa adequada de si mesmo, o que acontece com esse determinado e definido homem – nele ou fora dele – depende apenas de sua natureza e somente por ela é explicado (EIID1). Assim, esse dado homem – causa do que se passa com ele mesmo e fora dele – torna-se ativo: age por seus afetos (ações) e não mais padece por seus afetos (paixões). Seu movimento ou a sua ação – no agir ativo – exprime a sua causalidade eficiente adequada, pois, pela ontologia espinosana do necessário, toda causa é uma causa eficiente (de seu efeito – efeito, onde sua própria causa necessariamente se encontra contida e presente) e, agora, uma causa adequada por conhecimento da causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de seus atos – ações e não mais paixões.⁵⁶

A causa adequada de um definido e determinado modo é explicada não pela necessidade de qualquer causa externa, mas pelo princípio interno de realidade de que esse modo é o seu efeito. Bento Espinosa em *De Origine et Natura Affectuum*, livro terceiro da *Ética*, define causa adequada:

[...] chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só (EIID1).

Complementa:

[...] digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial (EIID2).

Entendo por essa definição de causa adequada se A (Deus) é a causa de B (homem), B depende de A. B existe em A. B não é senão como A se exprime enquanto B, ou seja, B está, é, se move, vive e existe em A com A ordena B. Portanto, há algo de A em B: há algo de divino em B – há algo de divino (natural) no homem – em cada homem.

⁵⁶ Chauí, 2011, p. 62.

Entendo que para Espinosa a passagem de uma paixão para uma ação não se dá senão pelo conhecimento adequado do que é uma paixão e do que é uma ação. Essa passagem é uma mudança qualitativa intelecto-afetiva do próprio desejo e da própria vontade: o conhecimento adequado leva a passagem de uma ideia inadequada e uma causa inadequada para uma ideia adequada e uma causa adequada.

Deduzo como consequência dessa mudança qualitativa – passar de uma paixão para uma ação – leva a passagem de uma perfeição ou uma realidade menor para uma perfeição ou uma realidade maior. Não há, portanto, a necessidade de supressão ou controle de qualquer aspecto ou característica de um determinado homem. Há a necessidade do conhecimento adequado dos aspectos ou das características desse definido e determinado homem – pela razão e pela intuição.⁵⁷ Há a necessidade do conhecimento do movimento formador da mente humano exatamente como ele realmente acontece por necessidade das leis naturais que o constituem e ordenam.

Para que o homem possa ter o conhecimento adequado por ideia adequada ou verdadeira da causa adequada das coisas, o homem percebe a necessidade de procurar conhecer a si mesmo e às coisas por suas causas genéticas – por sua causa imanente eficiente próxima. Mas, normalmente, o homem ao pensar não tem apenas ideias adequadas ou verdadeiras: ora tem ideias inadequadas (por ouvir dizer e por experiências empíricas vagas) ora ideias adequadas (pela razão e pela intuição).⁵⁸ É da essência da mente humana ser constituída, por ideias inadequadas e adequadas (EIIP3). Espinosa, revolucionariamente, afirma que não há, nas ideias (adequadas ou inadequadas), nada de erro, nada de positivo pelo qual elas se digam falsas (EIIP33). Ele mesmo explica essa questão escrevendo que

[...] se negas isso, concebe, se puderes, um modo positivo do pensar que constitua a forma do erro, ou seja, da falsidade. Esse modo do pensar não pode existir em Deus (por EIIP32); mas tampouco pode existir nem ser concebida fora de Deus (por EIP15). Portanto, não pode haver, nas ideias, nada de positivo pelo qual se digam falsas (EIIP33d).

Como afirmo, não há necessidade de evitar as ideias inadequadas – importa identificá-las como inadequadas e assim, ter a ideia adequada ou verdadeira de uma ideia inadequada

⁵⁷ Espinosa, no apêndice do livro *De Servitute Humana Seu De Affectuum Viribus* da *Ética*, esclarece esta questão, do capítulo um ao capítulo cinco.

⁵⁸ Lembro que só na *Ética* a razão passa a ser entendida com um conhecimento adequado.

(que não posso dizer não verdadeira, por toda ideia guarda algum grau de verdade). Essa conclusão decorre de proposições demonstradas em *De Natura Et Origine Mentis* – livro II da *Ética* onde Bento Espinosa afirma que todas as ideias existentes em Deus, enquanto referidas a Deus, são verdadeiras (EIIP32) e adequadas (EIIP7c) e pelo fato de o intelecto do homem existir no intelecto de Deus (EIIP1d), portanto, nenhuma ideia é inadequada, senão enquanto referida exclusivamente à mente de um indivíduo singular ou particular – enquanto está referida a mente de um homem (EIIP36d).

Porém, uma ideia inadequada não se constitui em algo falso, incorreto ou errado. Por EIIP3, Espinosa escreve que uma ideia inadequada, em si mesma, não é um erro, muito menos uma ideia falsa. Uma ideia inadequada é uma ideia confusa ou incompleta. Para Espinosa, uma falsidade é uma privação de conhecimento ou uma ideia onde o conhecimento é ou está incompleto ou confuso. A falsidade ou o erro consistem na privação de conhecimento, ou seja, o conhecimento inadequado das coisas por ideias inadequadas, incompletas e confusas (EIIP35). Espinosa argumenta que

[...] os homens se enganam ao se julgarem livres, julgamento a que chegam apenas porque estão conscientes de suas ações, mas ignoram as causas pelas quais são determinados. É, pois, por ignorarem a causa de suas ações que os homens têm essa ideia de liberdade. Com efeito, ao dizerem que as ações humanas dependem da vontade estão apenas pronunciando palavras sobre as quais não têm a mínima ideia. Pois, ignoram todos, o que seja a vontade e como ela move o corpo. Os que se vangloriam do contrário, e forjam sedes e moradas para a alma, costumam provocar o riso ou a náusea. Assim, quando olhamos para o sol, imaginamos que ele está a uma distância aproximada de duzentos pés, erro que não consiste nessa imaginação enquanto tal, mas em que, ao imaginá-lo, ignoramos a verdadeira distância e a causa dessa imaginação. Com efeito, ainda que posteriormente, ceguemos ao conhecimento de que ele está a uma distância de mais de seiscentas vezes o diâmetro da Terra, continuaremos, entretanto, a imaginá-lo próximo de nós. Imaginamos o sol tão próximo não por ignorarmos a verdadeira distância, mas porque a afecção de nosso corpo envolve a essência do sol, enquanto o próprio corpo é por ele afetado (EIIP35s).

No *Tractatus Emendatione Intellectus* Espinosa aponta o homem tem quatro modos de perceber enquanto que na *Ética* sustenta que o homem possui três gêneros de entendimento – três modos de pensar: a imaginação, a razão e a intuição. O primeiro gênero de conhecimento – a imaginação – englobe os modos de perceber por ouvir dizer e por experiência empírica vaga. Há uma diferença de grau de verdade ou realidade ou perfeição segundo o gênero ou modo de pensar que o homem emprega no processo para conhecer o mundo – menor ou incompleto na imaginação; maior na razão e intuição. Por ouvir dizer e por experiência empírica vaga, o homem tem ideias inadequadas, confusas e incompletas das coisas; pela razão e pela intuição, tem ideias claras, definidas e distintas das coisas. Pela razão ou intuição, tem ideias adequadas (intrinsecamente verdadeiras) das coisas. Pela razão, conhece as coisas porque elas têm em comum, por suas leis (EIIP38) e pela intuição, conhece as coisas tal como elas são realmente por sua essência ou potência atual, por seu *conatus* (EIIP45).

Lembro que Espinosa afirma que “a mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo” (EIIP23). O corpo é uma coisa complexa, composta de infinitas partes ou indivíduos (de diferentes naturezas) que são também divisíveis e divididos em infinitas outras novas partes ou indivíduos, partição ou segmentação essa que tende ao infinito. A mente percebe o corpo – ou a afecção no corpo pelo encontro do corpo com o outro (outro corpo externo ao primeiro) – pela ideia do corpo ou ideia da afecção no corpo conseqüente desse encontro com o outro (EIIP12 e EIIP13). Sendo o corpo algo complexo composto de infinitos indivíduos afetáveis por outro corpo afetante, a mente – por ser a ideia desse corpo – também é uma coisa complexa, composta de infinitas ideias dos infinitos indivíduos desse corpo e de cada uma de suas infinitas afecções resultante do encontro entre o corpo afetado com o(s) outro(s) afetante(s) (EIIP15).

Cada ideia é ativamente construída pela mente e representa algo – uma coisa. Representa uma afecção do corpo no encontro com outro corpo, acompanhado do correspondente afeto (ideia não representativa) que não é senão a alteração no grau de perfeição ou de realidade desse corpo, conseqüente ao encontro (*occursus*) deste com o outro. Se o encontro resultar em composição há o aumento da perfeição e o afeto correspondente é alegria. Se, ao contrário, se o encontro resultar em decomposição, há tristeza pela diminuição da perfeição ou realidade. O afeto é a variação de perfeição e de realidade de um determinado e definido modo finito. Ou seja,

[...] a ideia que constitui o ser formal da mente humana não é simples, mas composta de muitas ideias (EIIP15). A ideia que constitui o ser formal da mente humana é a ideia do corpo (por EIIP13), o qual se compõe de muitos indivíduos altamente compostos. Ora, existe, necessariamente (por EIIP8c), em Deus, uma ideia de cada indivíduo que compõe o corpo. Logo (por EIIP7), a ideia do corpo humano é composta dessas muitas ideias de que é composto (EIIP15d).

Deus – a substância que consta de infinitos atributos, cada um exprimindo uma essência eterna e infinita – existe necessariamente (EIP11). Deus é um ente simples, portanto, indivisível (EIP13). Deus é a única substância absolutamente infinita (EIP14) e por ela tudo é concebido e nela tudo existe (EIP15). Todos os demais entes ou indivíduos – os infinitos modos finitos – que são expressões pelos infinitos atributos infinitos divinos (atributos divinos) e pelos infinitos modos infinitos mediatos divinos (leis divinas)– podem ser denominado(s) corpo(s) ou indivíduo(s). Cada um desses indivíduos, por sua vez, é composto por infinitos outros indivíduos. E, estes, são também compostos por infinitos outros indivíduos, sequência de divisão de um dado corpo ou indivíduo, em seus infinitos indivíduos constituintes, que tende ao infinito (EIIP13) – até a menor de todas as medidas.

Quando um indivíduo complexo encontra outro indivíduo complexo – composto por infinitos outros indivíduos – esse encontro resulta em uma afecção em si mesmo e todos os indivíduos que lhe compõem. Simultaneamente, na mente há a ideia dessa afecção – representação e alteração na perfeição – ideia e afeto – do indivíduo afetado e de seus infinitos indivíduos constituintes internos pelo outro indivíduo afetante (EIIP17). O mesmo ocorre e da mesma forma com os indivíduos internos constituintes deste indivíduo quanto estes se encontram com os outros infinitos indivíduos internos a esse indivíduo. É importante salientar que para Espinosa “parte e todo não são entes verdadeiros ou reais, mas, somente entes do pensamento, por conseguinte não existem nem todo nem partes.” (KV I ii 19).

Tudo que o corpo conhece, simultaneamente, no mesmo instante, a mente conhece (EPII22). A mente conhece a ideia do que o corpo conhece. E, a ideia da mente está unida à mente da mesma maneira que a própria mente está unida ao corpo (EIIP21). Sendo assim, quanto mais rico e capaz for o corpo – quanto maior a potência do corpo ou quanto mais

possa o corpo ser afetado por outro(s) corpo(s) com que se encontra – mais capaz e rica será a mente. Espinosa afirma que

[...] a mente humana é capaz de perceber muitas coisas, e é tanto mais capaz quanto maior for o número de maneiras pelas quais seu corpo pode ser arranjado (EIIP14) [...] a potência de pensar de Deus é igual à sua potência atual de agir. Isto é, tudo que se segue, formalmente, na natureza infinita de Deus segue-se, objetivamente, em Deus, na mesma ordem e segundo a mesma conexão, da ideia de Deus (EIIP7s).

Da natureza divina deve necessariamente ser deduzida a essência e a existência de todas as coisas existente no universo inteiro (EIP24 e EIP25s). O homem existe por existir na ideia de Deus (EIP17s). O corpo homem existe por exprimir de forma definida e determinada a essência de Deus – a natureza da substância – enquanto coisa extensa (EIID1). E, a mente humana – ideia do corpo humano –

[...] é parte do intelecto infinito de Deus. E, assim, quando dizemos que a mente humana percebe isto ou aquilo não dizemos senão que Deus, não enquanto é infinito, mas enquanto é explicado por meio da natureza da mente humana, ou seja, enquanto constitui a essência da mente humana, tem essa ou aquela ideia. E quando dizemos que Deus tem esta ou aquela ideia, não enquanto ele constitui a natureza da mente humana apenas, mas enquanto tem, ao mesmo tempo que [a ideia que é] a mente humana, também a ideia de outra coisa, dizemos então, que a mente humana percebe essa coisa parcialmente, ou seja, inadequadamente (EIIP11c).

Espinosa propõe um método preciso, matemático, geométrico e lógico de pensar, compreender o pensado e apreender o compreendido.⁵⁹ Assim, tendo conhecido os seus afetos, de suas ideias e de seus atos por suas causas próximas e adequadas por ideias adequadas e verdadeiras, ativamente possa o homem vir a existir exclusivamente pela necessidade de sua própria natureza humana e por essa sua própria natureza ser determinado a agir. Propõe um método reflexivo – pensar o pensamento – onde

⁵⁹ Chauí, 1999, p. 618-619.

[...] há necessidade de conhecer. Para isso, deve-se, primeiramente, considerar que não há aqui lugar para uma inquirição infinita; isto é, para descobrir o melhor método de investigar (e conhecer) a verdade, não é necessário outro método de investigar o melhor método de investigar a verdade; e para este segundo método não é necessário um terceiro e assim ao infinito; por esse modo, na verdade, nunca se chegará a um conhecimento verdadeiro e nem mesmo a qualquer espécie de conhecimento. As coisas se passam neste caso como os instrumentos materiais; em referência a eles seria possível argumentar do mesmo modo. Assim, para forjar o ferro é necessário um martelo e, para ter um martelo, é necessário fabricá-lo, para o que são necessário outro martelo e outros instrumentos, os quais, por sua vez, para que os possuíssemos, exigiriam ainda outros instrumentos, e assim ao infinito; e dessa maneira se poderia vãmente, querer provar que os homens não têm nenhum poder de forjar o ferro (TdIE§30).

Entendo que seu método de construir ou desvelar a verdade das coisas, por uma razão absoluta, por racionalismo absoluto, visa levar ao supremo bem (*Sumo Bem*) do homem.⁶⁰ Visa conhecer a natureza – o Ser Perfeitíssimo – Deus.⁶¹ Conhecer a união do homem no Todo-Uno⁶² com o conseqüente amor intelectual de Deus para com o homem e do amor intelectual do homem por Deus quando o homem pode, finalmente, encontrar a serenidade ou paz em seu ser.⁶³

Entendo que Espinosa propõe uma Ética, um *ethos*, dirigida ao homem – qualquer homem. Dirigida àquele que deseja conhecer verdade das coisas por ideias adequadas. Se o primeiro martelo usado pelo homem pode ter sido uma pedra – uma pedra qualquer na natureza da natureza – a primeira mente ou ideia a procurar conhecer a verdade pode ter sido

⁶⁰ Espinosa propõe conhecer *Deus sive Natura*. TdIE§13 e 14 e apêndice do livro IV da *Ética*. Espinosa em EVP20d, afirma “esse amor para com Deus é o supremo bem que, segundo o ditame da razão, podemos desejar (por EIVP28); ele é comum a todos os homens (EIVP36); e desejamos que todos de desfrutem (por EIVP37).” Em EVP20s: “podemos, portanto, concluir que o amor para com Deus é o mais constante de todos os afetos e que, enquanto referido ao corpo, não pode ser destruído senão juntamente com o corpo.”.

⁶¹ TdIE, 2004, p. LIX.

⁶² TdIE, 2004, p. 11 – NT.

⁶³ Don Garrett, 2011, g. 333: “Spinoza [...] procurava melhorar o caráter dos seres humanos – tanto o seu como o dos outros – melhorando sua autocompreensão. Ele justificava esse esforço em última instância na base de que isso traria paz de espírito (*peace of mind*) aos seres humanos como aspectos integrais da natureza.” – na percepção e compreensão de ser unidade na totalidade da substância absolutamente infinita.

e – por toda eternidade – possa simplesmente ser uma mente ou ideia: uma mente ou ideia qualquer na natureza da substância. Espinosa escreve que

[...] do mesmo modo que os homens, de início, conseguiram, ainda que dificultosa e imperfeitamente, fabricar, com instrumentos naturais, certas coisas muito fáceis e, feitas estas, fabricaram outras coisas mais difíceis já com menos trabalho e maior perfeição e assim, progressivamente, das obras mais simples aos instrumentos a outras obras e outros instrumentos, chegaram a fabricar com pouco trabalho coisas tão difíceis; assim também a inteligência por força natural (intrínseca) fabrica para si instrumentos intelectuais com os quais ganha outras forças para outras obras intelectuais e com estas outros instrumentos ou capacidades de continuar investigando; e assim, progressivamente, avança até atingir o cume da sabedoria (TdIE§31).

O processo do pensamento inicia-se, normalmente, com o homem interpretando determinada coisa segundo ele mesmo, sem nada perceber da essência da coisa e muito menos da essência do modo de pensar empregado no momento que interpreta a coisa por ele mesmo, assim construindo uma ideia inadequada da coisa: imaginação (TdIE§26 – EIIP25 a EIIP31). Segue com a procura de um entendimento do que há de comum nas coisas, as leis comuns que expliquem, por deduções matemáticas e geométricas, a coisa por suas propriedades e características comuns formando ideias e conceitos adequados das coisas, mas ainda por qualidades e propriedades que interessam ao homem, e sem que nada se saiba da essência da coisa e de sua posição em relação ao mundo e a Deus (TdIE§19 e 27 – EIIP32 a EIIP41).

Ainda em sua jornada pelo conhecimento de Deus, o homem deve se esforçar para conhecer as coisas por sua essência – por sua causa próxima (TdIE§19) ou por sua essência atual (*conatus* – esforço) – a qual explica a sua atual existência como ela é realmente, na ordem única, universal e necessária das coisas na natureza, unidade na totalidade de Deus: intuição (TdIE§28 – EIIP41 a EIIP49). Assim procedendo, pode vir o homem se apreender e apreender as coisas como unidade na totalidade da única substância absolutamente infinita.

Ouvir dizer, experiência vaga, razão e intuição: quatro modos de entendimento ou percepção – perfeitos em suas propriedades – com quatro graus diferentes de entendimento da coisa. Esses diferentes modos de entender as coisas correspondem aos diferentes modos de ser

da natureza do homem enquanto sua potência para perceber algo.⁶⁴ Quatro modos de perceber com quatro diferentes graus de realidade, verdade e perfeição – menor por ouvir dizer, maior por intuição.

Enquanto, o homem permanecer nos dois primeiros modos de percepção ou conhecimento, ele entende as coisas apenas de forma inadequada – por ideias inadequadas – estando, portanto, sujeito às suas paixões (EIIP24 a EIIP31). Move-se passivamente pela força de seus afetos que não compreende de forma clara.⁶⁵ Não apreende de maneira precisa e clara o que acontece com o seu corpo no encontro com o mundo. Desconhecendo o porquê de determinado afeto consequente a esse encontro, desconhece se realmente o afeto o compõe ou o decompõe. Pode – noutros momentos – perceber a alteração de sua perfeição e realidade, assim, pode procurar se afastar da tristeza da decomposição e aproximar-se da alegria da composição. Mas por seu conhecimento inadequado, incompleto ou confuso das coisas, esse homem padece se move e opera passivamente (EIIP28).⁶⁶

Entendo esse homem como servo de seus afetos e de suas ideias – impotente – ele percebe sua força de existir aumentar e diminuir, ignorando, contudo, o porquê dessa variação na relação de interdependência com o outro. Fica, portanto, sem a capacidade de mover-se ativamente e operar a relação com esse outro de maneira adequada. Passivo, padece. Sofre por mais que se perceba feliz no mundo dos prazeres, das honras e das riquezas (TdIE§4 a TdIE§9). Sem conhecer a causa adequada das coisas e de si mesmo, o homem imagina o que quiser das coisas. Assim, conhecendo por imaginação, tem mais conhecimento de aspectos de si mesmo (medo, esperança, desejo, conceito, expectativa) do que conhece a coisa que pensa descrever e entender. Tendo ideias inadequadas das coisas,

[...] nós estamos completamente asfixiados, encerrados em um mundo de impotência absoluta, mesmo quando minha potência de agir aumenta é sobre um segmento de variação; nada me garantirá que, na esquina da rua, eu não vá receber um golpe de bastão na cabeça e que minha potência de agir sucumba

⁶⁴ TdIE, 2004, p. XX.

⁶⁵ Chauí, 1999, p. 92.

⁶⁶ Chauí, 1999, p. 88.

[...] uma ideia-afecção é a ideia de uma mistura; isto é, a ideia de um efeito de um corpo sobre o meu.⁶⁷

Quando o homem pensa, usando de sua razão, ele conhece a coisa de por suas leis e por suas propriedades (EIIP32 a EIIP44). Há a construção de uma ideia intrinsecamente verdadeira por exercício dedutivo matemático-geométrico. Tem a ideia adequada da coisa enquanto os elementos que são comuns a todas as coisas e que existem igualmente na parte e no todo (EIIP38) e, assim, necessariamente, tem-se a ideia verdadeira da coisa (aquela que combina com o ideado). Conhecendo por ideia adequada, o homem se move ativamente, age por si mesmo por sua própria natureza; conhecendo adequadamente o que de seu encontro com o(s) outro(s) decorre, ele, optando por aquele encontro que o componha e aumente sua perfeição, se alegra o que leva ao aumento de sua potência de agir e sua força de existir.⁶⁸

Com a *ideia-noção* entendo o que há de comum nas coisas; apreendo – adequadamente – o que existe igualmente na parte e no todo de uma coisa singular (EIIP37): “a ideia daquilo que o corpo humano e certos corpos exteriores pelos quais o corpo humano costuma ser afetado têm de comum e próprio, e que existe em cada parte assim como no todo de cada um desses corpos exteriores” (EIIP39).

A *ideia-noção* é um conhecimento que envolve a causa do encontro de corpos, dois corpos (pelo menos), compreendendo a natureza do encontro, da resultante relação desses corpos e assim, conhecer a razão de ser a relação de composição ou ser de decomposição, por suas leis causais, por identificar clara e distintamente todos os elos da cadeia causal da coisa (ordem e conexão das coisas na natureza da substância) retroativa ao infinito onde o elo de cada um dos elementos dessa cadeia causal é absoluta e necessariamente determinado (EIIP7). O fundamento da razão são noções comuns (EIIP38) que explicam o que há de comum sem explicar a essência da coisa singular (EIIP44c₂d). Assim, “não estamos longe de uma geometria analítica.”⁶⁹ Há uma geometria que valida uma ciência natural das coisas particulares definidas e determinadas.⁷⁰

⁶⁷ Deleuze, 2012, p. 48.

⁶⁸ Chauí, 1999, pg. 88-89.

⁶⁹ Deleuze, 2012, p. 48-51-52.

⁷⁰ Chauí, 1999, p. 618.

Com o aumento de seu *conatus*, compondo-se com o outro, enquanto em si, mais facilmente persevera ou preserva o seu ser, como este tem que ser em Deus enquanto modo finito (EIIIP6). Move-se por conhecimento adequado da realidade da coisa, ainda que parcial, por suas leis e não por sua essência. Move-se, por si, por sua natureza na substância, por um conhecimento adequado, portanto, necessariamente, age por um conhecimento verdadeiro.

Quando o homem intui, pensa da “mesma maneira que se ordenam e se concatenam os pensamentos e as ideias das coisas na mente que também se ordenam e se concatenam as afecções do corpo, ou seja, a imagem das coisas no corpo” (EVP1); então, o homem pode conhecer a coisa real de forma clara e distinta (EVP4), como ela é realmente por sua essência atual o que explica sua existência na ordem universal e necessária das coisas na natureza da substância (EIIP45 a EIIP49). Deste modo, compreendendo as coisas, todas as coisas, como necessárias, a mente pode lidar consigo mesma, com as ideias e afetos que a constituem, de forma adequada e verdadeira (EVP6).

Para Espinosa, não há afecção do corpo ou da mente (afeto ou ideia) que não se possa formar algum conceito claro e distinto: adequado e verdadeiro (EVP4), ou seja, a mente faz (ou pode fazer) com que todas as coisas, as quais por sua realidade e perfeição compreendem, sejam referidas a Deus (EVP14).⁷¹ Isto é,

[...] cada um tem o poder, se não absoluto, ao menos parcial, de compreender a si mesmo e de compreender seus afetos, clara e distintamente, e, conseqüentemente de fazer com que padeça menos por sua causa. Devemos, pois, nos dedicar, sobretudo, à tarefa de conhecer tanto quanto possível clara e distintamente, cada afeto, para que a mente, assim, determinada, em virtude do afeto, a pensar aquelas coisas que percebe clara e distintamente e nas quais encontra a máxima satisfação. E pra que, enfim, o próprio afeto se desvincule do pensamento da causa exterior e se vincule a pensamentos verdadeiros (EVP4s).

Entendo, então, que compreendidos pela intuição, os afetos (qualquer afeto: amor, ódio, inveja, etc...) não mais precisam ser destruídos, anulados ou, mesmo, domados, para que o homem possa ser feliz, sendo quem ele é nesta existência (EIVpr). Ao entendê-los por sua

⁷¹ Chauí, 1999, p. 611.

ideia adequada, individualmente, cada afeto é respeitado por aquilo que ele representa. A compreensão dos afetos, por sua natureza, permite ao homem, mais facilmente, se aproximar dos afetos que o compõem e se afastar dos que o descompõem (EVP4s).

O homem, pelo quarto modo de perceber – a intuição – pode compreender a si, seu corpo, seus afetos, suas ideias e seus atos de forma clara e distinta. E, assim, pode vir a amar a natureza da substância. Quanto maior for o amor pela realidade e perfeição da natureza, mais adequada e verdadeiramente se compreende e compreende às suas coisas. Maior será o seu amor por Deus ou pela natureza (EVP15) até que esse amor, pela verdade, por Deus, ocupe a mente ao máximo (EVP16). Chauí escreve que

[...] na *Ética* o filósofo afirma que tratará Deus, o homem, suas paixões e ações como se estivesse tratando de triângulos e círculo, pretende dizer-nos que deles oferece de definições reais, dando-nos a conhecer, apenas pelo intelecto, suas causas e efeitos necessários, sua origem e a maneira como suas essências e existências são produzidas.⁷²

O homem – procurando compreender a coisa singular por ela mesma, por sua essência e potência, por ser a coisa particular uma afecção pelos atributos da substância ou modos como esses atributos se exprimem com algo finito, definido e determinado (EIP25s) – pode vir a compreender a Deus (EVP24). Desse modo, pode conhecer e definir a coisa singular, um triângulo, por exemplo, por sua lei eterna e necessária: a lei que de forma alguma pode ser transgredida e a lei a que coisa alguma possa ou deva ser acrescentada, por ser a definição perfeita e definitiva da coisa singular (triângulo) quando essa coisa singular é conhecida adequadamente.⁷³ Espinosa afirma

[...] é preciso observar que: a definição verdadeira de uma coisa não envolve nem exprime nada além da natureza da coisa definida. Disso se segue que nenhuma definição envolve ou exprime um número preciso de indivíduos, pois ela não exprime nada mais do que a natureza da coisa definida. A definição do triângulo, por exemplo, não exprime nada além da simples natureza do triângulo: ela não exprime um número preciso de triângulos. Deve-se observar que, para cada coisa existente, há necessariamente alguma causa precisa pela

⁷² Chauí, 1995, p. 41.

⁷³ Consultar a carta nove dirigida a Simon de Vries e Chauí, 1999, p.749.

qual ela existe. Enfim, deve-se observar que essa causa, pela qual uma coisa existe, ou deve estar contida na própria natureza e definição da coisa existente (pois, como sabemos, à sua natureza pertence o existir) ou deve existir fora dela (EIP8s₂).

A verdade é imanente ao próprio conhecimento.⁷⁴ Conhecer, para Espinosa, é conhecer pela causa, é um processo genético. A verdade é imanente; conhecida e compreendida pela apreensão racional e intuitiva da gênese da coisa. Não necessita de qualquer garantia externa. Conhecer adequadamente uma coisa é conhecer seu processo de construção e, este processo de produção, conhecido por racionalismo absoluto, dá o índice de verdade e a definição de uma determinada e definida coisa, por aquilo que nela exprime a substância (TdIE§69 e 70),⁷⁵

[...] em outras palavras, a gênese conceitual explica como os conceitos foram descobertos (análise) e porque são verdadeiros (síntese), isto é, constrói as demonstrações segundo a exigência da essência procurada e segundo o encadeamento da proposição que as articula como os princípios da construção (definição- axioma – postulados).⁷⁶

Intuir é a virtude de ver o que há para ser visto sem acréscimos de qualquer espécie. Intuir é conhecer a realidade como a perfeita expressão natural. Intuir é conhecer a impressão do Ser Perfeitíssimo, em si mesmo, na individualidade, na particularidade de cada coisa real, unidade inseparável e indivisível na totalidade do Ser Perfeitíssimo. Intuir é conhecer a unidade das coisas na totalidade em Deus. O conhecimento intuitivo leva a conhecer realmente a perfeição da coisa como naturalmente ela é (EIID6). Com a ideia-essência, por intuição, apreende-se que

[...] cada ideia de cada corpo ou coisa singular existe em ato envolve necessariamente a essência eterna e infinita de Deus (EIIP45). Demonstração. A ideia de uma coisa singular existente em ato envolve necessariamente tanto a essência quanto a existência dessa coisa (EIIP8c). Ora, as coisas singulares (por EIP15) não podem ser concebidas sem Deus; mas, por terem Deus como causa (EIIP6), enquanto ele é considerado segundo o atributo do qual essas

⁷⁴ Chauí, 1999, p. 488.

⁷⁵ TdIE§ 69, 70 e 71.

⁷⁶ Espinosa, 1983, p. XIV.

coisas são modos, suas ideias devem envolver necessariamente (EID6ax₄) o conceito desse atributo, isto é (por EID6), a essência eterna e infinita de Deus (EIP45). O conhecimento da essência eterna e infinita de Deus, que cada coisa envolve, é adequado e perfeito (EIP46) [...] Portanto, aquilo que propicia o conhecimento da essência eterna e infinita de Deus é comum a todas as coisas e existe, igualmente, na parte e no todo (EIP46d).

Bento Espinosa acrescenta, explicando, claramente, como pretende que os modos finitos sejam compreendidos e apreendidos em seus aspectos particulares, dando o exemplo preciso de como pretende ver explicado à manifestação numérica de um definido modo finito, ele afirma

[...] se existe, na natureza, um número preciso de vinte indivíduos, deve necessariamente haver uma causa pela qual existe tal número de indivíduos; nem mais nem menos [...] (deve) mostrar a causa pela qual não existem nem mais nem menos do que vinte; pois deve necessariamente haver uma causa pela qual cada um deles existe. Mas essa causa não pode estar contida a própria natureza humana, uma vez que a definição verdadeira de homem não envolve o número vinte. Por isso, a causa pela qual existem esses vinte homens e, conseqüentemente, pela qual cada um deles existe, deve necessariamente, existir fora de cada um deles. Portanto, deve-se concluir, de maneira geral, que tudo aquilo cuja natureza é tal que possa existir em vários indivíduos deve, necessariamente, para que eles existam, ter uma causa exterior. Mas, como à natureza da substância pertence o existir, sua definição envolver sua existência necessária [...] (EIP8s₂).

O homem pode conhecer a verdade de ser unidade imanente na totalidade da substância (TdIE§13). *Deus e homem, este imanente àquele, em união estrita (KV II xxii): essa é a felicidade do homem na visão beatífica de Deus nesta vida da Vida (Deus). Isso é a beatitude.* Em paz consigo mesmo, porque, finalmente, Deus faz-se conhecer aos homens, sem precisar de palavras (verbo), nem milagres, nenhuma outra coisa criada, mas somente por si mesmo (KV II xxiv) no próprio homem. Esse homem (nós) ao perceber

[...] esses efeitos, podemos dizer que renascemos; pois nosso primeiro nascimento ocorreu quando nos unimos ao corpo, pelo que surgiram tais efeitos

e o movimento dos espíritos animais; porém este nosso outro ou segundo nascimento ocorrerá quando percebermos em nós efeitos totalmente outros do maior estabelecido conforme o conhecimento desse objeto incorpóreo; efeitos que diferem dos primeiros tanto como o corpóreo do incorpóreo e o espírito da carne. Portanto, podemos tanto mais direito e verdade chamar isso renascimento, visto que somente desse amor e dessa união segue uma estabilidade eterna e inalterável (KV II xxii).

Entendo que com o conhecimento adequado das coisas e si mesmo, o homem pode lidar consigo mesmo e com as coisas com maior proveito e benefício para si e para o(s) outro(s) com quem convive, tudo fazendo para perseverar no estado de paz de espírito (beatitude – serenidade) que decorre desse conhecimento. Pode o homem, então, ser a causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de suas ações. Entendo que ser causa adequada, portanto, é encontrar em si a causa de seus afetos, de suas ideias e de seus atos. Ser causa adequada é encontrar em si a causa de seu desejo (EIID1). Ser causa inadequada é encontrar fora de si a causa de seus afetos, de suas ideias e de seus atos. Ser causa inadequada é encontrar fora de si a causa de seu desejo (EIID1). Causa adequada de si mesmo, com o aumento de seu *conatus*, compondo-se com o outro, enquanto em si, mais facilmente persevera ou preserva seu ser como este (seu ser) tem que ser em Deus enquanto modo finito (EIIP6). Move-se por conhecimento adequado da realidade de si e das coisas, por sua essência e pelas leis eternas que determinam sua existência. Move-se, por si, por sua natureza na única substância absolutamente infinita por um conhecimento adequado. Portanto, necessariamente, age por um conhecimento verdadeiro. Relaciona-se com o outro que *encontra* (*occursus*) e que adequadamente conhece, procurando a composição para *esforçar-se* (*conatus*), enquanto em si, em sua autopreservação, perseverando em si mesmo, com o outro.

2. ANÁLISE ESTRUTURAL DO TRATADO DA CORREÇÃO DO ENTENDIMENTO.

Nesse capítulo pretendo descrever como eu entendo a estrutura de composição do livro *Tractatus Intellectus Emendatione* – especialmente, procuro mostrar o movimento proposto por Espinosa para a reforma do intelecto: o movimento preciso de reforma que resulta no conhecimento adequado da mente humana. Eu entendo ser o movimento algo imanente à própria substância única. Como o intelecto humano é expressão da substância única por seu

atributo do pensamento enquanto homem, o movimento é algo imanente ao próprio intelecto – algo intrínseco ao próprio intelecto humano. O movimento é a característica essencial da mente humana. O movimento é a essência e potência atual do pensar: é o seu *conatus*. Pensar é o movimento de constituição de ideias a partir daquilo o corpo humano conhece. O intelecto é constituído por um movimento formador de ideias e série de ideias. Como a ferramenta para a reforma do intelecto é o próprio intelecto – há, penso, portanto, um movimento próprio para que essa reforma no entendimento do intelecto aconteça.

Percebo que há um movimento preciso para que a reforma do entendimento resulte no conhecimento adequado do intelecto exatamente por aquilo que o intelecto humano realmente é. Há o movimento de uma ideia inadequada para uma ideia adequada – de uma ideia não verdadeira para uma ideia verdadeira; para finalmente, concluir que em todas as ideias há um grau diferente de verdade segundo o modo pelo qual essa ideia é constituída ou percebida.

Há um movimento preciso no entendimento das coisas para que o processo de reforma leve ao conhecimento adequado da mente humana. Há o movimento de entendimento das coisas ordinárias como um mal necessário; segue com o entendimento dessas coisas ordinárias como um bem verdadeiro relativo; chegando ao final ao entendimento de todas as coisas que levem o homem a uma natureza humana superior, inclusive as coisas ordinárias, como um bem verdadeiro. Esse movimento de reforma do intelecto e suas consequências na vida humana serão discutidos no próximo capítulo onde faço a análise dinâmica do Tratado. Nesse capítulo, apresento como entendo o movimento estrutural do processo para a correção no entendimento da mente humana.

O *Tractatus Intellectus Emendatione* é constituído de artigos que são numerados de um a cento e dez. Esses artigos podem ser agrupados segundo o assunto a que se dedicam. Essa subdivisão será identificada no próprio texto – mas brevemente a apresentamos agrupando os grupos de artigos conforme o assunto principal:

[...] 1 ao 11 – Introdução ao método.

[...] 12 e 16 – Núcleo do método.

[...] 17 – Regras para uma vida ordinária.

[...] 18 ao 24 – Os quatros modos de percepção.

[...] 25 ao 29 – Escolha do melhor modo de percepção.

[...] 30 ao 32 – O caminho do método.

[...] 33 ao 46 – Ideia verdadeira.

[...] 47 e 48 – Os autômatos sem pensamento e espiritual.

[...] 49 e 50 – Caminho do correto entendimento do intelecto.

[...] 51 ao 90 – Identificação das ideias pelo modo de perceber.

[...] 91 ao 110 – Segundo momento do método.

O Tractatus Intellectus Emendatione:

2.01 – Introdução ao método (1 ao 11).

Entendo que Espinosa começa seu tratado abordando suas dúvidas e suas ansiedades sobre o real significado da vida humana. Ele se indaga sobre o que é um bem verdadeiro – sobre quais são os bens verdadeiros da existência humana. Entendo que procura pelo bem verdadeiro – não um bem verdadeiro, mas o bem verdadeiro da existência humana – que justifique o viver e por ser esse bem permanente pudesse levá-lo a uma felicidade (um estado) também permanente. Esse bem verdadeiro é o conhecimento adequado de si mesmo.

O tratado inicia com uma introdução ao método. Em seu primeiro artigo, Espinosa aponta ter constatado que tudo que ocorre na vida comum ordinária é vão e fútil e, se a vida ou existência do dia a dia produzir um sentimento de felicidade ou uma sensação de alegria, esta sensação ou esse sentimento será necessariamente temporária. Ele entende as coisas da vida ordinária como males certos; e, assim, se questiona se não poderia existir algo, um bem verdadeiro, que conhecido pudesse gerar um estado de felicidade, de alegria contínua e suprema, algum estado de felicidade de natureza alegre contínuo e supremo:

[...] decidi, finalmente, indagar se existia algo que fosse um bem verdadeiro, capaz de comunicar-se, e que, rejeitados todos os outros, fosse o único a afetar a alma (*animus*); algo que, uma vez descoberto e adquirido, me desse para sempre o gozo de contínua e suprema felicidade (TdIE§1).

Espinosa pensa em alegria ou felicidade, mas eu penso que seu objetivo é atingir a serenidade por ter atingido o conhecimento adequado de si mesmo. Entendo que seu tratado para a correção no entendimento do intelecto inicia com uma ideia comum – inicia por um desejo (um afeto): o desejo ou a vontade de encontrar um estado de profunda serenidade. Seu método para a correção inicia por um afeto – por uma ideia amorosa – talvez, até egoísta: a procura para si de um significado novo para a sua vida que lhe enchesse de profunda alegria que entendo como um estado de profunda serenidade (em harmonia com a natureza inteira onde existe). Inicia por um afeto e termina em um afeto: a beatitude, segundo Espinosa, a própria virtude humana (EVP42). No meio, entre o desejo e chegar a sentir e viver esse estado de profunda serenidade, entendo que há o caminho (o movimento) para o conhecimento adequado do pensamento humano. Um movimento que procura conhecer cognitivamente e afetivamente o pensamento, conhecer adequadamente o movimento do próprio pensamento constituindo o pensamento. Pensar o pensamento: um conhecimento reflexivo.

Entendo ser esse o foco do tratado: encontrar algo que possa levar o homem a conhecer uma nova natureza humana ou um novo estado afetivo humano. Espinosa dirá uma natureza humana superior: um estado cuja natureza é a de uma profunda e permanente felicidade (TdIE§13). Percebo a importância de ser o objetivo um estar (um estado) e não um ser (uma coisa). Um estado que penso deva que ser continuamente reconstruído exatamente porque tendo atingido a correção no entendimento do movimento pelo qual o intelecto humano é formado, sabe que o pensar é um movimento contínuo pelo qual o próprio pensar é constituído. O estado de serenidade – imagino – deve ser permanentemente reconstruído.

Entendo que o tratado se inicia por um afeto, por uma vontade: o desejo de vir a ser feliz – pelo conhecimento do bem verdadeiro. Esse afeto, uma ansiedade e uma motivação, gera um caminho também afetivo (amoroso por procurar sua própria felicidade). Gera o movimento de procura desse bem verdadeiro, a ideia de algo (o conhecimento do bem verdadeiro), que leve ao mais supremo dos afetos: a beatitude – o amor pelo conhecimento de ser imanente à natureza inteira – estar unido harmonicamente à natureza inteira. Esse afeto, pelo conhecimento adequado de ser uma unidade em uma totalidade – uma parte não da natureza, mas na natureza, uma vez que se fez conhecido, uma vez que tenha sido descoberto, inicia um novo existir, um novo viver: fruir esse afeto em sua vida ordinária. Encontra a ideia de algo e seu afeto correspondente – encontra o algo que é o bem verdadeiro. Para Espinosa

[...] os modos de pensar tais como o amor, o desejo, ou qualquer outro que se denomina pelo nome de afeto de animo, não podem existir se não existir, no mesmo indivíduo, a ideia da coisa amada, desejada, etc. Uma ideia, em troca, pode existir ainda que não exista qualquer outro modo de pensar (EIIax3).

Seguindo a apresentação de seu propósito, Espinosa, do artigo 2 ao artigo 11, elabora a ideia de buscar esse algo que é a felicidade suprema. Ele se questiona se não seria insensato abdicar de coisas aparentemente certas como a honra, o dinheiro ou os prazeres dos sentidos, algo que é facilmente percebido ou conhecido e que gera pelo menos algum grau de felicidade, para procurar algo diferente – o bem verdadeiro – aparentemente incerto – que pudesse como eu entendo trazer paz ou serenidade a mente ou alma do homem. Espinosa aponta ser o problema desses objetivos a temporariedade da felicidade que deles decorre. Espinosa salienta também o possível caráter nocivo desses três desejos ordinários, a honra, o dinheiro, o prazer sensual quando são entendidos como o fim em si mesmo, o fim último da existência humana, levando ao homem a se dedicar possível e exclusivamente à satisfação e alegria produzidas por esses três aspectos da vida comum. Desse modo, e conseqüentemente, aponta que essa escolha pode vir a ser prejudicial tanto para a manutenção vida do homem (seu *conatus*) quanto para a própria alegria por eles produzida. Esses objetivos vividos por eles mesmo os tornam predominantemente negativos e perigosos para a vida humana. Assim, neste momento, esses objetivos ordinários são tidos por Espinosa como males verdadeiros. No artigo 5, comenta:

[...] as riquezas e as honras, não são acompanhadas de arrependimento, como acontece com o prazer sensual, mas, quanto mais possuímos de qualquer das duas, mais cresce o nosso contentamento e, conseqüentemente, mais e mais somos levados a aumenta-las; também se acaso nos vemos frustrados em nossa esperança, então nos vem uma tristeza extrema (TdIE§5).

Por ter percebido que no máximo há apenas uma felicidade temporária, Espinosa conclui, que esses três aspectos, nada tinham de certo, ou seja, ele não estaria trocando nada de certo por algo incerto se decidisse seguir no seu caminho para encontra um bem verdadeiro – o bem verdadeiro (penso) – que o levasse a conhecimento de uma natureza (existência) humana diferente da ordinária. No artigo sete, ele escreve que “continuando a refletir, cheguei

a perceber que, se pudesse ponderar, a fundo, estaria largando males certos por um bem certo” (TdIE§7). E, seguindo seu pensamento, aponta que:

[...] sentia, assim, encontrar-me em extremo perigo e ter de procurar, com todas as minhas forças, um remédio, ainda que incerto; como um doente, atacado de fatal enfermidade, que antevê morte certa se não encontrar um remédio, é constringido a procura-lo com todas as suas forças, mesmo que incerto, pois que nele está sua única esperança. Em verdade, todas estas coisas que o vulgo segue, não só não trazem remédio à conservação de nosso ser, como até são nocivas; frequentemente são causa de ruína daqueles que as possuem e sempre causa de ruína daqueles que por elas são possuídos (TdIE§7).

Eu julgo que não é como se fosse um doente terminal – o homem é um ser que morre – a vida do homem termina: é um ser terminal. Como a morte é certa para o homem o que importa é o questionamento da qualidade da vida humana. E, acredito ser esse o objetivo do tratado: viver segundo o conhecimento adequado de si mesmo fruindo esse novo estado ou natureza humana atingidos com a correção no entendimento do próprio intelecto humano.

Espinosa aponta que a felicidade do homem reside em só uma coisa: na qualidade do objeto ao qual o homem se liga por amor. Assim, se o homem ama algo provisório ou perecível, o homem padece. Se o homem ama algo eterno e infinito, esse algo e, o amor por esse algo alimenta a sua mente de uma felicidade contínua e eterna ou como entendo de uma serena alegria ou felicidade. Assim, penso, se o homem encontrar algo que produzir um sentimento de serenidade, esse homem teria encontrado o remédio para suas ansiedades e para os seus medos – mesmo que este estado ou natureza precisa ser continuamente ser reconstituído. Entendo esse movimento de reconstituição como algo próprio ao movimento intrínseco do intelecto, assim, se gerar algum sofrimento, este será temporário enquanto o esforço (movimento ou *conatus*) para restabelecer o correto entendimento do percebido. Entendo esse movimento de reconstrução do estado de serenidade como contínuo ou eterno e, assim, como foi dito pelo próprio Bento Espinosa, “o amor das coisas eternas e infinitas nutre a alma (*animus*) de puro gozo, isento de qualquer tristeza; isso é que é de desejar-se grandemente, e se deve buscar com todas as forças” (TdIE§10).

Espinosa conclui que:

[...] quando a mente se ocupava com estes pensamentos, então ela se afastava daquelas coisas (dos três males da vida comum) e seriamente de novo se punha a pensar na instituição de uma vida nova; isso me foi de grande conforto. Porque via que aqueles males não eram dos que não cedem a nenhum remédio. E, ainda que, a princípio, esses intervalos fossem raros e durassem muito pouco tempo, depois, entretanto, na medida em que o verdadeiro bem se apresentava mais claro, eles se tornaram mais frequentes e mais longos (TdIE§11).

2.02 – Núcleo do método (12 ao 16).

Entendo os artigos doze e treze como o núcleo do tratado. No artigo 12, Espinosa afirma que nada, por sua natureza, pode ser dito bom ou mau; ou como entendo, pode ser dito perfeito ou imperfeito, certo ou errado. Pode ser, penso, dito inadequado ou adequado. Algo é dito bom ou mau apenas em sentido relativo – visto que tudo o que existe ou acontece segundo a ordem eterna das leis imutáveis da natureza.

Em seguida, no artigo treze, Espinosa afirma que o homem pela potência de seu intelecto dificilmente conhecerá em toda a sua extensão a ordem com que a natureza ordena as coisas – mas, tendo o conhecimento de que todas as coisas obedecem a leis da natureza, pode o homem conceber uma natureza humana muito superior a sua natureza atual: a perfeição humana. Essa natureza humana superior é o conhecimento da união da mente humana com a natureza inteira – que entendo como o conhecimento da imanência. Nesse ponto, Espinosa afirma entender como bem verdadeiro tudo – todos os algos – que sejam meios que possam levar ao homem conhecer essa natureza superior.

Deste modo, entendo que Espinosa aponta para que tudo possa ser entendido como um bem verdadeiro desde que contribua para o conhecimento da união da mente humana com a natureza inteira. Se algo – como veremos em seguida – for entendido adequadamente por aquilo que ele realmente é, esse algo pode vir a contribuir a compreensão de que tudo existe ou se expressa segundo leis naturais. Se algo for uma ideia e essa ideia contribuir para levar o conhecimento da união humana à mente da natureza (Deus) – essa ideia é um bem verdadeiro, um verdadeiro bem, ou seja, essa ideia é uma ideia verdadeira. Há um aparente paradoxo visto que se pode pensar que deste modo toda e qualquer ideia é verdadeira. Porém, com a correção no entendimento esse aparente paradoxo deixa de existir – visto que cada ideia será entendida

pelo grau de verdade intrínseca a si mesma segundo as leis naturais que ordenam o movimento pelo qual essas ideias são formadas ou constituídas.

Penso que com essas colocações, pode-se perceber o movimento que Espinosa realiza. As coisas da vida ordinária que foram inicialmente pensadas com males verdadeiros se entendidas como fins em si mesmas. Em seguida, essas coisas ordinárias podem ser vistas como bens relativos se pensadas como um meio de atingir uma melhor qualidade de vida. E, neste ponto de seu questionamento, se as coisas ordinárias levarem ao conhecimento dessa natureza humana superior, essas coisas são bens verdadeiros. Há o movimento do entendimento de algo como um mal verdadeiro, para o entendimento deste algo um bem relativo e finalmente, o entendimento deste mesmo algo como um bem verdadeiro. Entendo esse movimento como imanente ou intrínseco ao próprio entendimento quando do movimento de correção no entendimento do próprio movimento de formação do intelecto.

Espinosa, neste ponto do tratado, aponta o que ele entende ser o sumo bem como sendo viver segundo a natureza humana superior. Se possível, com o outro. Entendo que Espinosa afirma que não basta apenas conhecer a natureza humana superior, mas importa viver essa nova natureza seguindo suas leis naturais. Creio que no momento em que define o sumo bem com viver segundo a nova natureza humana, há a introdução da ideia de um entendimento afetivo do pensamento humano. O homem conhece a sua união harmônica com a natureza como um todo – conhece a interdependência existente entre todos os algos expressos no mundo manifesto – e, vive seguindo a correção no entendimento da percepção do que a natureza lhe ordena por suas leis naturais.

Penso que nesse ponto, Espinosa escreve que a vida do homem, sua preservação ou seu perseverar em seu ser, depende de conhecer a sua união com a natureza inteira (Deus), de amar e respeitar esse conhecimento, e viver segundo esse conhecimento afetivo. O homem que conhece Deus, que conhece o amor de Deus (da natureza) ama a Deus e, assim, conseqüentemente, vive conforme esse amor – viver segundo esse entendimento afetivo. Vive o sumo bem, se possível com o outro:

[...] todo aquele que busca a virtude desejará também para os outros homens, um bem que apetece para si próprio, e isso tanto mais quanto maior conhecimento tiver de Deus (EIVP37).

[...] O homem que vive sob a condução da razão, nós, necessariamente, nos esforçamos para que os homens vivam sob essa mesma condução (EIVP37d),

[...] a verdadeira virtude nada mais do que viver exclusivamente sob a condução da razão (EIVP37s₁);

[...] se os homens vivessem sob a condução da razão, cada um, desfrutaria do seu direito sem qualquer prejuízo para os outros (EIVP37s₂).

2.03 – Regras para uma vida ordinária (17).

O movimento de reforma do entendimento ocorre com o homem vivendo sua vida ordinária. Não há necessidade de isolamento ou de uma mudança em seu modo de viver para que atinja a correção no entendimento do movimento formador do intelecto humano. Assim, Espinosa propõe um modo de lidar com as coisas do mundo até que tenha atingido o entendimento adequado do seu intelecto. Sugere:

[...] falar ao alcance do povo e fazer conforme ele faz tudo aquilo que não traz embaraço a que atinjamos nosso fim.

[...] gozar dos prazeres só quanto é suficiente para a manutenção da saúde;

[...] enfim, querer dinheiro, ou qualquer outra coisa, só na medida em que é suficiente para as necessidades da vida, para a conservação da saúde e para conformar-nos com os costumes da cidade que não se oponham ao nosso objetivo.

2.04 – Os quatro modos de percepção (18 ao 24).

Neste ponto do tratado Espinosa informa como a mente humana é constituída. Entendo que a mente humana é descrita por Espinosa não é um algo que pensa ou forma ideias. A ideia – o movimento formador de ideias – é a mente humana. Entendo o intelecto humano como um movimento: o movimento de formação de ideias que constitui o próprio intelecto. O intelecto humano é o movimento de constituição do próprio intelecto humano.

Espinosa escreve: “o que [...] constitui o ser atual da mente humana não é senão a ideia de uma coisa singular existente em ato” (EIIIP11). Espinosa também afirma que esse algo

singular do qual a mente é a ideia: “a mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo” (EIIIP23). A mente humana não percebe [...] senão por meio das ideias das afecções do corpo, ou seja, tudo o que constitui a mente, tudo o que a mente percebe o faz como ideia de alguma afecção de seu próprio corpo (EIIIP26). O corpo precisa ser afetado para que haja a constituição da ideia desta afecção – mesmo algo externo ao corpo, só será percebido pela mente se houver a afecção do corpo por este algo externo ao corpo. O conjunto das ideias de afecções do corpo é a mente humana. O corpo – o corpo afetado – importa para que haja a constituição da mente humana – do intelecto humano.

A mente é a ideia de uma afecção do corpo (EIIIP23). Como, entendo a mente não é apenas a ideia, a ideia da ideia e a série de ideias relacionada a alguma afecção no corpo, mas o próprio movimento formador da ideia, da ideia da ideia e da série de ideias de uma afecção no corpo – movimento este que, penso, corresponder também a uma afecção no corpo. Assim, entendo a mente humana ou o intelecto humano como sendo o movimento pelo qual se dá constituição da mente ou intelecto humano. A mente, por sua força intrínseca (o movimento), é a ideia de algo. Penso a mente como o movimento formador de uma ideia, da ideia de uma ideia, de ideias de ideias e de séries de ideias, movimento que tende ao infinito, pelo atributo do pensamento. Entendo esse movimento do pensar relacionado às afecções correspondente que ocorrem no corpo humano pelo atributo da extensão.

Para Espinosa os modos de percepção são quatro: por ouvir dizer algo sobre algo; por experiência empírica vaga de algo; pela razão, ou seja, conhecer algo por suas propriedades; e, pela intuição, pelo conhecimento da essência deste algo, pelo conhecimento do movimento pelo qual esse algo (ideia) é constituído. No *Tractatus Intellectus Emendatione* a razão não é entendida como o conhecimento final de algo. Ainda não é considerada como um conhecimento adequado das coisas. Tem-se que ter cuidado visto que a razão para Espinosa é apenas mais um modo de perceber as coisas, um modo de percepção no atributo do pensamento da substância única que permite conhecer as propriedades das coisas, mas não as suas essências, ou seja, não é o modo definitivo de perceber ou conhecer algo. O conhecimento adequado de algo acontece pela intuição, ou seja, pelo conhecimento da essência do algo. O quarto modo de percepção – a intuição – procura conhecer a essência das coisas que explicam as propriedades ou características das coisas conhecidas pelo terceiro modo de perceber. *A reforma do intelecto se dá pelo quarto modo de perceber.*

Entendo esses quatro modos como as maneiras pelas quais a ideia, a ideia de uma ideia, a série de ideias (e a alteração correspondente no *conatus* – o afeto) são formadas constituindo o intelecto humano segundo leis naturais próprias que regem ou ordenam cada um dos modos enquanto modos particulares do movimento do pensar. Não é a mente quem pensa ou tem ideias – as ideias, as ideias de ideias, as séries de ideias são a mente humana: pensar o pensamento é a mente humana. A mente é o movimento de pensar o pensamento.

Penso que todos os modos seguem leis naturais que os ordenam como eles realmente são constituídos. Entendo deste modo, que todos os quatro modos de perceber – por existirem em Deus ou na substância única – existirem unidos à natureza inteira – necessariamente seguem leis naturais que os ordenam a existir exatamente como eles realmente são. Tendo o conhecimento adequado do movimento que constitui cada um dos modos de perceber – tendo o conhecimento adequado da essência do movimento formador de ideias por cada um dos quatro modos de perceber – todos os modos podem vir a serem entendidos bens verdadeiros – como verdadeiros bens – por possibilitar o conhecimento adequado da mente humana.

2.05 – Escolha do melhor modo de percepção (25 ao 29).

Espinosa afirma que o melhor modo de percepção é aquele pelo qual há o conhecimento da união da mente humana com a natureza inteira: a natureza humana superior, ou seja, a intuição quando há o conhecimento de algo por sua essência. Ele enumera os meios necessários para a escolha do melhor modo de perceber as coisas:

[...] conhecer exatamente nossa natureza, que desejamos levar à perfeição e, igualmente, conhecer a natureza das coisas tanto quanto for necessário;

[...] para que corretamente se possam saber quais as diferenças, as concordâncias e as oposições das coisas;

[...] e, compreender assim, de modo justo, o que podem e o que não podem admitir;

[...] a fim de confrontar isto com a natureza e a força do homem. Dessas condições surgirá a suma perfeição à qual o homem pode chegar.

2.06 – O caminho do método (30 ao 32).

Espinosa para descreve o caminho ou movimento do intelecto ao procurar a correção no entendimento da mente humana – o movimento de correção de algo que usa o próprio algo como ferramenta para a sua correção – o movimento para a correção no entendimento do pensamento humano que usa o próprio pensar o pensamento (sua força natural – seu movimento intrínseco) para a sua correção, usa do exemplo da criação do martelo:

[...] para forjar o ferro é necessário um martelo e, para ter um martelo, é necessário fabricá-lo, para o que são necessário outro martelo e outros instrumentos, os quais, por sua vez, para que os possuíssemos, exigiriam ainda outros instrumentos, e assim ao infinito; e desta maneira se poderia, querer provar que os homens não têm nenhum poder de forjar o ferro.

[...] das obras mais simples aos instrumentos, e dos instrumentos a outras obras e outros instrumentos;

[...] assim, também a inteligência pela força natural fabrica para si instrumentos intelectuais, com os quais a inteligência ganha outras forças, para outras obras intelectuais e com estes, outros instrumentos ou capacidades de continuar investigando; e assim, progressivamente, avança até atingir o cume da sabedoria (TdIE§31).

Segue afirmando que:

[...] assim ocorra com o entendimento ver-se-á facilmente, desde que se compreenda em que consiste o método de investigação da verdade e quais são esses instrumentos naturais com cujo auxílio se elabora outros instrumentos para ir adiante (TdIE§32).

Penso que Espinosa deste modo quer indicar que a correção no entendimento do intelecto e o aperfeiçoamento permanente do intelecto acontecem pelo aperfeiçoamento contínuo do movimento de pensar o pensamento: pelo conhecimento reflexivo. Entendo que indica um movimento permanente de procurar aperfeiçoar o entendimento do movimento formador da mente humana – a partir de uma ideia – talvez a partir uma ideia qualquer – sempre procurando identificar o modo pelo qual essa ideia foi constituída. Identificar o movimento que rege ou ordena a sua formação. Concluo que importa conhecer o modo de

percepção pelo qual a ideia é formada – conhecer esse modo por sua essência, ou seja, pelo movimento pelo qual constitui uma dada ideia.

Entendo que Espinosa desde o início de seu tratado afirma estar à procura de uma ideia verdadeira – de um bem verdadeiro – para conhecida essa ideia verdadeira conhecer como acontece o movimento de constituição uma ideia verdadeira – conhecer a devida ordem pela qual uma ideia verdadeira é formada ou construída. O único modo que tem para isto é pensar o pensamento. Pensar o pensamento por sua força natural: o movimento formador de ideias. Tendo entendido que há a correção no entendimento de algo (uma ideia) quando esse algo (ideia) é conhecido pela intuição – esse conhecimento é a bússola para novos movimentos a procura de um conhecimento cada vez mais adequado de algo (ideia). Um constante aperfeiçoamento do pensamento (objeto) usando o próprio pensamento (como instrumento e força intrínseca) a procura de conhecer uma ideia por sua causa próxima ou por sua causa genética: por sua essência, ou seja, por seu movimento constitutivo.

Assim, se o primeiro martelo possivelmente tenha sido uma pedra qualquer, a reforma do intelecto pode vir a começar por uma ideia qualquer, desde que seja conhecido o movimento pelo qual essa ideia foi percebida ou constituída. Considero que aponta para a chance de ser possível se constituir uma ideia adequada de uma ideia inadequada desde que conhecido o movimento de constituição desta ideia inadequada – tenho a ideia adequado do movimento formador de uma ideia inadequada (por exemplo, de uma ideia formada ou constituída por ouvir dizer algo). Assim, acredito que Espinosa indica o conhecimento do movimento de formação do intelecto como elemento chave para a formação ou constituição de uma ideia verdadeira – uma ideia adequada – um bem verdadeiro.

Penso que há a percepção que em toda ideia há um grau de verdade que é determinado pelo conhecimento adequado do movimento que a constituiu. A ideia do conhecimento adequado do movimento formador de uma ideia é necessariamente uma ideia adequada e verdadeira. Mesmo que uma primeira ideia seja inadequada – conhecer como foi formada de forma adequada – esse conhecimento é uma segunda ideia adequada e verdadeira.

Sabe-se desde o início que Espinosa procura pela ideia verdadeira – não uma ideia verdadeira – procura a ideia verdadeira. Apesar de parecer não ter conhecimento da mesma, desde o início – ou pelo menos – a partir do artigo 13 – sabe-se que a ideia verdadeira é o conhecimento da união da mente humana com Deus (com a natureza inteira). A ideia

verdadeira que parece procurar, mas que conhece desde o início é a existência de uma só substância absolutamente infinita – a existência do Ser Perfeitíssimo – a existência do ser que é a totalidade do ser. Substância única que é causa de si mesma e que ao se expressar expressa o universo inteiro de modos (finitos e infinitos) por todos os seus atributos (seus infinitos modos infinitos imediatos) seguindo suas leis naturais (seus infinitos modos infinitos mediatos). Penso que há um movimento quando da expressão da substância única por seus atributos absolutamente determinado por suas próprias leis naturais – movimento que também se expressa e é encontrado em todos os seus modos de maneira também determinada por suas leis naturais.

2.07 – **Ideia verdadeira (33 ao 46).**

Espinosa afirma que “a ideia verdadeira (pois temos uma ideia verdadeira) é algo distinto de seu ideado (TdIE§33)”. A ideia de um círculo é diferente de um círculo – ambas as coisas têm suas essências formais próprias. Entendo que Espinosa pretende com essa observação novamente apontar que o objetivo do método é a correção no entendimento do movimento formador do intelecto (o correto conhecimento do movimento formador das ideias) e não a correção no conhecimento das coisas na extensão, não visa o correto conhecimento das essências formais na extensão de essências objetivas (ideias). Segue, ainda neste artigo:

[...] como a ideia de algo, diverso de seu ideado, será também algo por si mesmo inteligível; isto é, a sua essência formal, pode ser objeto de outra essência objetiva e, por sua vez, esta essência objetiva, considerada em si mesma, será algo real e inteligível, e assim indefinidamente.

Espinosa afirma que a certeza não é senão a essência objetiva de algo,

[...] quer dizer que a maneira como *sentimos* a essência formal é a própria certeza. [...] disso se segue, evidentemente que, para ter certeza da verdade, não é indispensável nenhum sinal além da posse da ideia verdadeira, [...] para saber não tenho necessidade de saber que sei [...] De tudo isso, resulta que ninguém pode saber o que é a suma certeza, a não ser que tenha a ideia

adequada ou essência objetiva de alguma coisa, pois não há dúvida que certeza e essência objetiva são uma e mesma coisa (TdIE§35).

Há o uso de dois modos para se referir à certeza: certeza e suma certeza. Mas, sendo que a certeza ou a suma certeza é a essência objetiva de algo ou a ideia de algo, penso que os dois parecem indicar a mesma coisa. São usados como sinônimos. A suma certeza e a certeza como uma só e mesma coisa que a verdade ou essência objetiva de algo ou ideia verdadeira de algo ou ideia adequada de algo. Certeza, verdade, essência objetiva, ideia verdadeira, ideia adequada de algo – termos sinônimos a partir desse momento do tratado. Pode parecer confuso, mas acredito que a intenção de Espinosa é mostrar que tudo o que existe se expressa seguindo alguma lei natural da substância única; e, assim, enquanto intelecto, toda ideia ou toda essência objetiva de uma essência formal tem um grau de verdade (certeza, perfeição, adequação) determinado pela lei que rege o movimento de sua constituição.

Como para Espinosa, essência objetiva e verdade são um só e mesma coisa, pode-se pensar que todas as ideias por serem essências objetivas de uma essência formal são verdadeiras, ou seja, verdades ou verdadeira enquanto o modo de percepção pelo qual essas ideias foram construídas, formadas ou constituídas. Por exemplo, uma ideia por ouvir dizer é verdadeira como uma ideia que é construída conforme esse modo de percepção (verdadeira enquanto uma ideia que foi constituída por ouvir dizer). Penso, então, que ao homem importa conhecer o movimento ou caminho de formação de suas ideias pelos quatro modos de percepção para conhecer a essência objetiva de algo em seu grau de certeza ou verdade ou realidade ou perfeição determinado pelo modo pelo qual foi percebida:

[...] o verdadeiro método não é procurar um critério de verdade após a aquisição das ideias, mas o verdadeiro método é o caminho pelo qual a própria verdade, ou a essência objetiva das coisas, ou as ideias (todas estas palavras significam a mesma coisa) são procuradas na devida ordem (TdIE§36).

[...] não é o próprio raciocinar para entender as causas das coisas e muito menos é o entender as causas das coisas, mas é o entender o que seja a ideia verdadeira, distinguindo-a das outras percepções, investigando a natureza dela, a fim de que, por esse meio, conheçamos nosso poder de conhecer e assim obriguemos nossa mente a conhecer as coisas que deve conhecer, segundo aquela norma [...] (TdIE§37).

Entendo que o verdadeiro método proposto é um movimento: o conhecimento reflexivo – o movimento de pensar o pensamento. O verdadeiro método é o movimento de entender corretamente o movimento pelo qual pelos quatro modos de percepção se formam as ideias, as ideias de ideias, as séries de ideias: a mente humana. Espinosa diz estar à procura de uma ideia verdadeira para que sirva de modelo para o seu método de reforma do intelecto. Entendo do que Espinosa afirma que uma vez conhecida uma ideia verdadeira, procurar conhecer adequadamente o caminho (o movimento) pelo qual esta ideia verdadeira é formada – conhecer a devida ordem (o movimento ordenado por leis naturais enquanto o atributo do pensamento) segundo a qual uma ideia verdadeira é construída. O verdadeiro método é o conhecimento da devida ordem com que uma ideia (verdadeira) é constituída (pelos quatro modos de perceber) – sendo que este conhecimento necessariamente acontece pelo quarto modo de percepção ou intuição.

Apesar de dizer estar à procura de uma ideia verdadeira, creio que Espinosa, desde o início da elaboração de seu método, conhece a ideia verdadeira na qual funda seu método: a ideia da existência de um Ser Perfeitíssimo – a ideia da existência de Deus. Espinosa parte da ideia de existir uma única substância absolutamente infinita que ao causar-se causa o universo inteiro das coisas para funda seu método para a correção no entendimento do movimento de formação da mente humana. O método para a correção no entendimento baseado nesta ideia absoluta e necessariamente verdadeira da existência de Deus é denominado por Espinosa como o método perfeitíssimo.

Bento Espinosa funda seu método na ideia da existência de um Ser Perfeitíssimo, que denomina Deus ou natureza ou vida. O Ser Perfeitíssimo é o ser que é a totalidade do ser. O Ser Perfeitíssimo é a única substância única – a única substância absoluta e necessariamente infinita que ao causar-se expressa em si mesma por si mesma, por seus atributos e por suas leis, o universo inteiro dos seus modos infinitos e finitos. Como é única – a substância ao se expressar – só pode fazê-lo de uma só e mesma maneira por necessariamente ter que seguir (obedecer a) suas leis por seus atributos.

Deus, seus atributos e suas leis são infinitos, eternos e imutáveis. As leis divinas não podem por qual circunstância ou motivo serem transgredidas: o que Deus ou natureza ordena necessariamente tem que acontecer com Deus ou natureza ordena. Os modos finitos – as ideias – tem que necessariamente seguir às leis naturais que os ordenam (organizam e

decretam). Contudo, os modos finitos (as ideias), expressões da natureza de Deus insculpidas em Deus por Deus, não são eternos, nem imutáveis. Os modos finitos (as ideias) sofrem permanentes e constantes modificações em suas expressões manifestas porque estas expressões dependem das leis da natureza que determinam sua relação de interdependência com tudo mais que existe no mundo manifesto. Os modos finitos, mesmo com suas constantes modificações, pela necessária interdependência das coisas modais finitas, por acontecerem em Deus, guardam em si algo de eterno, algo da essência da natureza de Deus, que, portanto, enquanto essência da natureza de Deus, nunca deixa de existir. O movimento é eterno: necessário. Penso, portanto, que conhecer como algo (uma ideia ou o movimento de formação de ideias) se expressar a partir da substância única pelo atributo pensamento seguindo necessariamente o que as leis imutáveis, eternas desta substância ordenam é o método perfeitíssimo.

Bento Espinosa trata a substância única, seus atributos e suas leis de forma atemporal, penso que podemos, portanto, entendê-los com eternos e absolutamente necessários. Entendo que os modos finitos – para Espinosa – são tratados como uma expressão necessária de Deus que para existir como existe necessita da existência de outra coisa (outro modo finito) que não a si mesmo. E, todo esse movimento de expressão da substância única pelo qual ela insculpe os modos depende também necessariamente das leis de expressão da natureza. Penso que se pode admitir a existência sempiterna da expressão ou impressão ou inscrição do eterno (da substância única) como modo finito no presente. E, a expressão ou impressão ou inscrição (penso em insculpir) do eterno como um modo finito particular ou singular acontece sob a intervenção e influência das leis naturais que regem a interdependência existente entre os modos finitos. Deus, por seus infinitos atributos infinitos e por suas infinitas leis, ao se expressar se insculpe no universo inteiro como infinitos modos finitos.

O Deus de Espinosa por ser causa de si e de todas as coisas que nele (Deus) existem, por seus atributos e leis, é a causa do mundo. Se o mundo é efeito necessário de Deus por suas leis divinas, Deus ao se expressar se exprime no mundo. Deus nem cria nem o mundo tem início, visto, de certa forma, o mundo sempre está em Deus. O pardal, a pedra e Pedro podem deixar de existir enquanto pardal, pedra e Pedro; mas nunca deixam de existir enquanto essência da natureza de Deus. Há uma só substância em si mesma de absoluta perfeição e, como essência eterna e infinita: a natureza (KV I ix). A natureza é causa de si e de tudo o que

nela existe. A natureza expressa sua absoluta e necessária perfeição e realidade na natureza das coisas – na natureza de todos os modos finitos: na natureza de todas as ideias.

A única substância, cuja essência e existência é uma verdade eterna (EIP8s) e que, portanto, sempre existiu, independentemente do tempo e do espaço, se expressa em toda sua infinita realidade e perfeição. Essa substância é Deus (EIP14), “um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (EID5).

Penso que Deus causa-se, portanto, Deus se moveu. Deus que em si mesmo restava se expressou. E, se moveu, por suas leis eternas, do único modo que lhe era dado se mover. Ao mover-se, Deus se expressa a si mesmo, por si mesmo, imediatamente, por seus infinitos e perfeitos atributos em si mesmo. Ele se expressou a si mesmo, por si mesmo, em si mesmo. Deus é causa de si (EIP16c2). Sua essência é sua própria existência. (EIP5)

No princípio e sempre, há, havia e haverá uma e somente uma única substância eterna, infinita e perfeita em sua virtude, potência e essência, que é a sua própria existência. Há uma e somente uma mesma substância. Uma única e mesma substância que por ser simples, é indivisível, sem partes (EIP13). À natureza dessa substância, à natureza de Deus, pertence o existir (EIP7). A “natureza divina tem, absolutamente, infinitos atributos (EID6), cada um dos quais também exprime uma essência infinita em seu gênero, de sua necessidade devem se seguir necessariamente, portanto, infinitas coisas, de infinitas maneiras (isto é, tudo o que pode ser abrangido por um intelecto infinito)” (EIP16).

Deus, ao se mover e se expressar como necessariamente lhe é dado se mover e se expressar, é causa imanente de si mesmo e de tudo o que existe. “Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem se concebido.” (EIP15). Deus é causa primeira de tudo o que existe (EIP16c3). Ele é a causa primeira de seus infinitos modos infinitos (imediatos e mediatos) e de seus infinitos modos finitos que Ele expressa em si mesmo; sendo modo uma afecção na substância (KV I vi § 4). Portanto, “Deus é causa eficiente de todas as coisas que podem ser abrangidas sob um intelecto divino.” (EIP16c1).

E, em seu movimento, Deus é absolutamente livre por agir exclusivamente por suas leis naturais sem ser coagido por ninguém (EIP17). Deus é causa livre de tudo, não porque possa fazer o que lhe aprouver, mas porque “só Deus existe exclusivamente pela necessidade

de sua natureza (EIP11 e EIP14c₁) e só Deus age exclusivamente pela necessidade de sua natureza. (EIP16) Logo (por EID7), só ele é causa livre” (EIP17c₂).

Deus ao se mover, o faz se expressando segundo suas divinas leis por seus infinitos e perfeitos atributos em infinitos modos finitos e, entre eles, o pedregulho, o homem, o machado. Quando Deus se expressa, o homem conhece essa manifestação por apenas dois dos atributos de Deus, que são a extensão e o pensamento: o pedregulho (na extensão: o corpo do pedregulho; no pensamento: a ideia do corpo do pedregulho); o homem (na extensão: o corpo do homem; no pensamento: a ideia do corpo do homem) e o machado (na extensão: o corpo do machado; no pensamento: a ideia do corpo do machado). Uma árvore é uma e somente uma e mesma coisa – uma árvore. O corpo de uma árvore na extensão e a ideia de um corpo de uma árvore no pensamento é uma e somente uma mesma coisa: uma árvore. No pedregulho, no homem, no machado há algo de eterno e divino, não enquanto forma modal, mas enquanto expressão na substância única. O pedregulho, o homem e o machado podem deixar de existir como pedregulho, homem e machado, como coisas modais finitas, quando, encontrando outro modo finito, com potência maior do que a sua potência, esse encontro resulte em uma relação de não composição, ou seja, de decomposição total que é a morte da coisa em sua forma modal finita. Contudo, mesmo deixando de ser o pedregulho, o homem e o machado que eles são, não deixam de existir enquanto expressão da substância, na substância única pela substância absolutamente infinita onde até então restavam insculpidos, pois “Deus não é somente causa eficiente da existência das coisas, mas também de essência delas” (EIP25).

Deus, necessariamente, só pode agir seguindo suas próprias leis eternas e divinas que por serem eternas e divinas não podem de forma alguma ser transgredidas, nem mesmo por Deus. Deus só pode fazer um triângulo seguindo a lei eterna que o define de forma definitiva e determinada como triângulo – isto é ser livre – isto é ter o conhecimento verdadeiro e adequado de algo. Agir conforme sua natureza e a natureza de si mesmo nas demais coisas. O ato livre é o ato necessário em Deus e por Deus.

O homem é livre ao se expressar exclusivamente por sua própria natureza, ou seja, quando for causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de seus atos. O homem é um modo finito que sofre a permanente influência dos demais modos finitos, pois as coisas singulares têm como causa Deus, não enquanto ser infinito, mas enquanto é considerado como afetado

pela ideia de outra coisa singular existente em ato, ideia de que igualmente Deus é a causa, enquanto é afetado por uma terceira, e assim, até ao infinito (EIIP9).

O corpo do homem tem a Deus como causa, enquanto Deus é considerado uma coisa extensa; a ideia do corpo do homem tem a Deus como causa, enquanto Deus é considerado uma coisa pensante. O homem é o corpo e a ideia do corpo do homem. Toda ideia tem sua causa próxima em uma ideia em Deus como coisa pensante; todo corpo ou afecção de um corpo tem como causa próxima outro corpo ou outra afecção de um corpo em Deus como coisa extensa, ordem de relação e interdependência que vai ao infinito (EIIP9).

Espinosa escreve que a ideia de algo se comporta objetivamente como esse algo, o ideado, se comporta realmente (TdIE§41). Penso que nesse ponto do tratado Espinosa apresenta a lei que comanda a expressão da substância única – o Ser Perfeitíssimo: “a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” (EIIP7). Apesar de a ideia de algo ser diferente desse algo, o algo e a ideia de algo são uma só e mesma coisa por dois dos atributos da substância única ou da natureza ou da vida. A essência objetiva de algo e a essência formal de algo são coisas diferentes, mas guardam entre si uma relação por acontecerem simultaneamente por dois dos atributos da substância única. A essência objetiva deve concordar exatamente com sua essência formal:

[...] para que nossa mente reproduza exatamente o modelo da natureza, deve apresentar todas as suas ideias daquela que se refere à origem e fonte de toda a natureza, a fim de que seja também fonte das demais ideias (TdIE§42).

Penso que o foco do Tratado é conhecer adequadamente o movimento do pensar humano. A mente humana é a ideia do corpo humano: “o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato e nenhuma outra coisa” (EIIP13) – “o objeto de nossa mente é o corpo existente, e nenhuma outra coisa” (EIIP13d). Deste modo, uma afecção no corpo (essência formal) corresponde a uma ideia desta afecção no corpo (essência objetiva). A partir de uma primeira afecção corporal, há a correspondente primeira ideia (sua essência objetiva) desta afecção. Pelo movimento intrínseco do pensar a partir de uma primeira ideia há possibilidade de ser constituída uma ideia desta primeira ideia: uma segunda ideia – a ideia da ideia. A segunda ideia ou a ideia da ideia é a essência objetiva da primeira ideia (sua essência formal). A primeira ideia tem uma essência formal na extensão e, uma vez pensada, há uma segunda ideia – a ideia da ideia –

sendo esta a essência objetiva da primeira ideia, ambas acontecendo no intelecto ou no pensamento segundo uma determinada ordem e conexão – “a devida ordem” (artigo 44). Entendo a segunda ideia como sendo a consciência da ideia – a consciência do intelecto – a consciência do movimento de formação da série de ideias a partir de uma primeira ideia. Na sequência essa segunda ideia pode vir a ser a essência formal de uma terceira ideia que é por sua vez a essência objetiva da segunda. Há o movimento próprio do intelecto ou inteligência, o movimento de formação da série das ideias, de constituição da mente humana. Esse é o movimento natural de constituição do intelecto ou mente humana. É o movimento natural de formação de ideias, movimento este que é a própria mente ou alma humana. Esse movimento construção de ideias e de ideias de ideias tende ao infinito (EIIP9).⁷⁷

Entendo que deste modo Espinosa deixa claro que tudo existindo na natureza conforme as leis da natureza tudo é necessário. Tudo sendo a expressão necessária da natureza de Deus obedecendo ao que Deus ordena tudo existe como realmente tem que existir. Toda a natureza é livre enquanto age segundo das leis naturais que a constitui.

2.08 – Os autômatos sem pensamento e espiritual (47 e 48).

Penso que Espinosa usa duas metáforas para a descrição do ser do homem: o autômato espiritual, o homem que segue ou obedece às necessárias leis divinas de sua natureza (TdIE§85) e o autômato totalmente desprovido do pensamento, aquele homem cego por prévios conceitos a que se apega, aquele que nem de si mesmo tem consciência (TdIE§47), portanto, com quem não se pode argumentar e chegar a qualquer verdade ou adequação no conhecimento de algo (TdIE§48). Entre esses dois autômatos flutuaria o modo do homem ser. No primeiro caso, o autômato espiritual, por obedecer necessariamente às leis de sua natureza, o homem é livre e autônomo, expressando o que de divino nele existe que ele conhece adequadamente. No segundo, o autômato desprovido de entendimento, por estar completamente perdido em seus fantasmas ou em sua imagens das coisas que, por pura ignorância da essência ou causa das coisas, sem verificação, acredita ser a verdade existente, sem saber que o que pensa ser a verdade não é senão a sua verdade, tem uma vida incompleta deixando de expressar a sua real e divina natureza em e por Deus.

⁷⁷ Evidentemente, penso, que a todas as ideias – primeira, segunda, terceira ideia, ao infinito – há, pela lei da expressão da substância única, a correspondente expressão da substância por todos os seus atributos, ou seja, pelo atributo da extensão há a corresponde afecção corporal a toda ideia expressa no pensamento.

Entendo que a maior perfeição para o homem é ser escravo de Deus, escravo de sua natureza e sê-lo necessariamente (KV II xviii § 2). O homem livre é aquele que, por ser unidade da natureza inteira, segue necessariamente as leis da natureza, e, por conhecer a Deus, o Ser Perfeitíssimo (KV II xviii § 2), é seu escravo necessário (KV II xviii).

Entendo que o autômato espiritual é o homem livre. O homem (livre) não apenas vive, mas se movimenta e existe em Deus conforme o que Deus lhe ordena. O homem livre e autônomo – por conhecimento claro, distinto, certo, adequado e verdadeiro da natureza das coisas singulares, o homem por saber-se unidade na totalidade de Deus e, portanto, ativamente agir conforme as leis divinas de sua natureza na natureza de Deus – o homem vive, se movimenta e existe em Deus como seu escravo necessário. É seu escravo necessário porque o ato livre não é senão o ato necessário.

2.09 – O caminho do correto entendimento do intelecto (49 e 50).

Em seguida, retomando o caminho do correto entendimento do intelecto, no artigo 49, resumidamente, Espinosa revisa o propósito do método:

[...] primeiramente, estabelecer o fim ao qual desejamos dirigir todos os nossos pensamentos;

[...] em segundo lugar qual é a melhor percepção, com auxílio da qual poderemos alcançar nossa perfeição;

[...] em terceiro lugar, qual é o caminho primeiro a que a mente deve ater-se para bem principiar, isto é inquirir segundo leis certas, a fim de que prossiga segundo a norma de qualquer ideia verdadeira dada.

E, no mesmo artigo 49, conclui afirmando que o processo de retificação do intelecto ou inteligência deve:

[...] distinguir de todas as percepções a ideia verdadeira e preservar a mente das demais;

[...] traçar regras para perceber, segundo essa norma, coisas ainda não conhecidas;

[...] estabelecer a ordem, para que não nos cansemos com coisas inúteis;

[...] que ele será perfeitíssimo, quando tivermos a ideia do Ser Perfeitíssimo. Daí que, já de início, se deve tomar isto na máxima consideração, a fim de chegar o mais depressa possível ao conhecimento desse Ente.

2.10 – Identificação das ideias pelo modo de perceber (51 ao 90).

Espinosa escreve que a primeira parte de seu método para a reforma do intelecto humano procura identificar uma ideia que seja verdadeira procurando distinguir de outras percepções – ideias falsas, fictícias, duvidosas, confusas, abstratas – que, por existirem na natureza, não considera algo errado, mas ideias incompletas, parciais e mutiladas. Para tanto, do artigo 52 ao artigo 90, explica longamente como identificar essas ideias baseadas no primeiro e no segundo modo de percepção: por ouvir dizer ou por experiências vagas. Nas ideias fictícias, falsas e duvidosas tem-se um conhecimento inadequado das coisas porque não se conhece as coisas nem por suas propriedades ou pelas leis que determinam sua existência e, muito menos, por suas essências próprias o que explica de forma clara e distinta o que determina essa sua atual existência como realmente existe em ato no instante presente. Essas ideias também não são conhecidas por suas causas genéticas ou próximas ou adequadas. São percebidas por uma ideia vaga do que elas são ou de como essas ideias se formaram. O conhecimento adquirido pelo primeiro e segundo modo de percepção, o conhecimento por ouvir dizer ou por experiência vaga, por imagens, por uma ideia imaginativa é a única causa de falsidade (EIIP41). Apresenta a possibilidade de ser formada pelo terceiro ou quarto modo de perceber uma ideia adequada ou verdadeira de uma ideia falsa, fictícia, confusa ou abstrata. Esse fato, penso, reforça que nada há de errado em perceber algo por ouvir dizer ou por experiência empírica vaga. Essas percepções existem em Deus e como diz no artigo 54 “se existe um Deus ou um ser onisciente, ele nada, absolutamente, pode fingir”. Ou seja, uma ideia enquanto referida a Deus é necessariamente verdadeira (EIIP32). Como também se tem que “toda ideia que é, em nós, absoluta, ou seja, adequada e perfeita, é verdadeira” (EIIP33) por se referir a uma ideia verdadeira, a ideia verdadeira do Ser Perfeitíssimo. Espinosa também escreve que “uma ideia verdadeira é aquela que é adequada em Deus, enquanto Deus é explicado pela natureza da mente humana” (EIIP43). Assim, concluo que as ideias ditas

falsas, fictícias ou duvidosas não são ideias erradas enquanto referidas ao intelecto de Deus ⁷⁸; mas, sim, elas são ideias parciais, deficientes, não claras, confusas, incompletas e mutiladas das coisas. Espinosa conclui que “a falsidade consiste na privação de conhecimento que as ideias inadequadas, ou seja, mutiladas e confusas envolvem” (EIP35). Se tiver o conhecimento adequado do movimento de constituição de ideias pelos dois primeiros modos de perceber – posso integrar as percepções por esses dois modos na vida comum ordinária sabendo exata e claramente o grau de verdade que há em cada uma dessas percepções ou ideias. Penso que Espinosa aponta para a reforma enquanto o entendimento pelo terceiro ou quarto modo para que então as ideias construídas pelos quatro modos possam ser integradas na vida humana exatamente por aquilo que elas realmente são. Reformar para conhecer pela essência do movimento dos modos e assim integrá-los em sua realidade à vida.

Deste modo, pelo processo de aperfeiçoamento, Espinosa afirma em seguida, no artigo 79, que “se temos de Deus (da natureza) um conhecimento tal como o do triângulo, então toda dúvida é eliminada”. Deus não pode ser enganado, muito menos Deus é enganador. Quanto mais o homem aperfeiçoar seu conhecimento, deduz-se desta afirmação, mais próximo estará de poder vir a conhecer as coisas como Deus as conhece. Apesar de saber-se ser impossível ao homem conhecer como Deus conhece, o movimento de correção é um movimento contínuo por um entendimento progressivamente mais próximo de um verdadeiro e adequado conhecimento de algo segundo as leis naturais da natureza, conhecer o algo segundo o que a natureza ordena. Conclui que

[...] se procedermos de modo correto, investigando as coisas que devem ser investigadas em primeiro lugar, sem nenhuma interrupção na concatenação das coisas, e se sabemos como as questões devem ser determinadas, antes de procurar conhecê-las, nunca termos senão ideias certíssimas, isto é, claras e distintas (TdIE§80).

Assim, entendo, se um dia o homem conhecer como a natureza conhece as coisas em sua ordem e conexão natural na natureza, ele as conhecerá por suas causas próximas, imanentes e eficientes, explicando o efeito (a coisa) por sua causa de forma adequada e verdadeira, e, assim poderá viver pleno ou o mais pleno neste conhecimento intelectual da

⁷⁸ Não podem ser erradas por existem em Deus. Não há nada errado na natureza. Elas devem ser explicadas por suas causas adequadas enquanto o primeiro e o segundo modo de percepção.

natureza – como unidade na totalidade da natureza inteira, da qual depende e pela qual também é governado (KV II xviii § 1).

Entendo que o homem não se conhece a si mesmo senão pelas afecções de seu corpo e pelas ideias dessas afecções (EIIIP53d). A mente humana se conhece adequadamente ao apreender as afecções do corpo pelas ideias das afecções do corpo (EIIP23) existente em ato (EIIP13). Conhece as ideias das afecções do corpo e as ideias das ideias dessas afecções – a consciência (EIIP22). Quanto mais o homem conhece as coisas singulares pelo o que nelas exprime a natureza da substância, mais conhece a *Deus sive Natura* (EIPP33 e 34), pois pertence à essência da mente humana ter um conhecimento adequado da essência eterna e infinita de Deus (EIVP36).

Curiosamente, Espinosa, ao explicar o que entende como memória, nesse momento do tratado, num detalhe, separa a imaginação da inteligência. E, neste ponto, não dá uma explicação para este fato. Como os dois primeiros modos de percepção constitui o que entende por imaginação e, como a imaginação é parte do intelecto, deste modo, fica a dúvida de a inteligência poder ser entendida como sinônimo de intelecto como parece ter sido feito até esse ponto de seu tratado. Logo, explica o que está propondo no artigo seguinte, de uma forma mais clara e distinta, a imaginação como passividade onde o homem é paciente e a inteligência como atividade onde o homem é agente. Ao resumir o que escreve as ideias inadequadas nos artigos anteriores explica o que entende por imaginação afirmando que

[...] as ideias fictícias, falsas e duvidosas têm sua origem na imaginação, isto é, vêm de certas sensações fortuitas e, por assim dizer, soltas, que não nascem da própria força da mente, mas de causas externas, conforme o corpo quer no sono quer em vigília é afetado por diversos movimentos (TdIE§84).

Segue escrevendo que

[...] se entenda a imaginação o que quer que se queira, contando que seja algo diferente da inteligência, algo em que a alma faça o papel de paciente; pois é indiferente o que quer que se pense, uma vez que sabemos que a imaginação é coisa vaga, em que a alma é passiva, e que ao mesmo tempo sabemos como libertar-nos dela pela atividade de nossa inteligência (TdIE§84).

A ideia verdadeira é simples ou composta de ideias simples. Uma ideia é verdadeira quando mostra como e porque uma coisa existe ou é feita (artigo 85). Estamos perto do conceito de causa adequada. Em seguida tem-se uma passagem importante. Espinosa introduz a ideia do homem que corrige o entendimento de seu intelecto como o homem livre como o autômato espiritual. Comenta ter mostrado que

[...] os efeitos objetivos da ideia na alma procedem segundo a razão da formalidade de seu objeto, tudo de acordo com o que os antigos já haviam dito, a saber que a verdadeira ciência procede da causa para o efeito; com esta diferença que, ao que eu saiba, nunca, como nós aqui, conceberam a alma a agir sob determinadas leis e, por assim dizer, como um autômato espiritual.

Continua nos artigos seguintes caracterizando o que entende ser a imaginação, agrupando os dois primeiros modos de percepção em um único modo de conhecer as coisas. Diferencia a imaginação da inteligência como modos de conhecer as coisas por serem regidas por leis diferentes, ou seja, são diferentes movimentos no processo de construção do pensar humano regido por leis diferentes, ambas – imaginação e inteligência – partes do intelecto humano:

[...] na imaginação existem umas [percepções] que se opõem inteiramente à inteligência, ao passo que outras, enfim, concordam com ela, visto que sabemos que as operações pelas quais se produzem as imagens se fazem segundo outras leis, em que a alma tem um papel de paciente, e que são inteiramente contrárias as leis da inteligência (TdIE§86).

No artigo 89, Espinosa identifica as palavras como parte da imaginação; sendo assim, é possível fonte de muitos e grandes erros. Ou seja, a verdade não será conhecida por palavras – mas só há as palavras para que o homem possa comunicar a verdade. Conclui, no artigo 90, pela necessidade de identificar o processo imaginário de conhecer as coisas, pois quando “não distinguimos entre imaginação e inteligência, julgamos mais claras para nós as coisas que mais facilmente imaginamos e deste modo pensamos entender o que apenas imaginamos.”. Imaginação (primeiro e segundo modo de perceber) e inteligência (terceiro e quarto modo de perceber): dois modos diferentes de perceber ou conhecer que levam a duas maneiras diferentes de compreender as coisas.

2.11 – Segundo momento do método (91 ao 110).

A segunda parte do método de correção do entendimento do intelecto é descrita do artigo 91 ao artigo 110 que tem como fim conhecer as condições de uma boa definição (artigo 94). Espinosa inicia a descrição da segunda parte de seu método, identificando esse foco do método e os meios necessários para alcançá-lo. Escreve que seu método,

[...] quanto ao escopo, é o de ter ideias claras e distintas, isto é, ideias que venham do puro pensamento e que não sejam produzidas por movimentos fortuitos do corpo. Depois, para que todas as ideias sejam reduzidas a uma, tentaremos concatena-las e ordená-las de tal modo que nossa mente, tanto quanto pode ser, reproduza o que existe na natureza, seja no todo, seja em parte (TdIE§91).

Os modos de percepção terceiro e quarto não se originam da percepção produzida a partir dos sentidos por afecções ou movimento fortuitos corporais (mas, penso, pela lei da expressão da substância única, que as ideias produzidas pelo terceiro e quarto modo de perceber têm a sua correspondente afecção na extensão – no corpo humano). Espinosa, apesar do que penso, afirma que o terceiro e quarto modo de perceber se formam a partir do puro pensamento. Entendo que pretende afirmar que as ideias produzidas por esses dois modos de perceber decorrem de pensar o pensamento: o conhecimento reflexivo. Esses modos de percepção derivam da ideia da ideia – a ideia de uma primeira ideia. Esta última, a primeira ideia sendo a ideia de uma afecção do corpo. E, para que se atinja o objetivo último do método, é necessário que “cada coisa seja concebida ou só por sua essência ou pela sua causa próxima”. Como afirmei acima, o método visa o conhecimento do movimento de formação das ideias pelo terceiro e quarto modo de perceber, especialmente pelo quarto modo de perceber, para que então seja possível integrar à vida os quatro modos de perceber por aquilo que eles realmente são. Espinosa segue apontando

[...] se uma coisa existe em si [...] é causa de si mesma, ela deve ser entendida só pela sua essência; se, porém ela não existe em si, mas requer de uma causa para existir, então deve ser compreendida pela sua causa próxima. Pois na verdade o conhecimento do efeito nada mais é que adquirir um conhecimento mais perfeito da causa (TdIE§92).

Deste modo, Espinosa entende que para se conhecer adequadamente algo “nunca nos será permitido [...] concluir qualquer coisa a partir de abstrações e, cuidadosamente, devemos precaver-nos para não misturar as coisas que existem somente na inteligência com o que existe na realidade”. Penso que ele quer salientar com esse comentário que o que importa para o correto entendimento do intelecto é a ideia e o movimento formador de ideias. Espinosa segue afirmando que “a melhor conclusão deve ser tirada de alguma essência particular afirmativa ou de uma verdadeira e legítima definição” (TdIE§93):

[...] pelo que caminho certo da descoberta é formar pensamentos a partir de alguma definição dada, coisa em que se procederá com tanto maior felicidade e maior facilidade quanto melhor houvermos definido um ser qualquer. Pelo que o ponto capital de toda esta segunda parte do método só em uma coisa consiste, isto é, em conhecer as condições de uma boa definição, e depois no modo de descobri-las (TdIE§94).

Entendo que Espinosa deste modo deseja afirmar que o caminho correto para o entendimento adequado das coisas consiste em formar os pensamentos a partir de uma definição perfeita: “a definição, para que seja perfeita, deverá explicar a essência íntima da coisa e evitar que ponhamos no lugar dela certas propriedades”, visto que, “não se podem entender as propriedades das coisas enquanto se ignoram suas essências” (artigo 95). Exemplifica com a definição da essência do círculo que entende ser a figura descrita pelo movimento de uma das extremidades de uma reta tendo a outra fixa (o movimento com a sua causa próxima). Eu entendo essência atual ou íntima da coisa (de uma ideia) como sendo o movimento (no intelecto) que a constitui por dado modo de perceber.

Para mim, portanto, a definição perfeita precisa mostrar o movimento necessário para a construção no pensamento da ideia (definição) de algo – no caso, como o pensamento constrói ou define a ideia adequada de um círculo existente na extensão. Como entendo que conhecer algo por sua essência, pelo quarto modo de percepção, pela intuição, é conhecer o movimento pelo qual uma dada ideia é constituída, concluo que conhecer intuitivamente algo é conhecer este algo por sua definição perfeita. Entendo que Espinosa, com esse movimento argumentativo, procura salientar que o conhecimento adequado de algo ocorre pelo quarto modo de perceber: a intuição. Isso fica evidente quando afirma que conhecida a essência de algo (do círculo) pelo uso da intuição, desta se explicam suas propriedades (do algo, do

círculo) pelo uso da razão. Como visto anteriormente Espinosa não entende a razão ou conhecer algo por suas propriedades como um entendimento adequado. O conhecimento adequado de algo – a essência íntima das coisas particulares ou a essência das ideias

[...] deve ser procurada somente nas coisas fixas e eternas e também nas leis inscritas nessas coisas, como em seus verdadeiros códigos, leis segundo as quais todas as coisas singulares [a ideia – e – a ideia da ideia] se fazem e se ordenam. [...] estas coisas singulares mutáveis [...] íntima e essencialmente dependem das coisas fixas, que sem estas não podem existir nem ser concebidas. Pelo que estas coisas fixas e eternas, ainda que sejam singulares, entretanto, em vista de sua presença em toda parte e de sua larguíssima potência serão por nós como que universais, isto é, como gêneros das definições das coisas singulares mutáveis e causas próximas de todas as coisas (TdIE§101).

O método de correção no entendimento do intelecto é o próprio conhecimento reflexivo de conhecer pela ideia da ideia – pelas séries de ideias. O fundamento do método,

[...] não pode ser outro senão o conhecimento daquilo que constitui a forma da verdade e do conhecimento da inteligência, de suas propriedades e de suas forças. Uma vez adquiridos esses conhecimentos teremos um fundamento do qual deduziremos nossos pensamentos e um caminho em que a inteligência, segundo aquilo que sua capacidade permite, poderá chegar ao conhecimento das coisas eternas, tomando sempre em consideração as forças da inteligência (TdIE§105).

Entendo que Bento Espinosa apresenta um método para conhecer de forma adequada (intrinsecamente verdadeira), pelo aperfeiçoamento contínuo do intelecto ou inteligência humana. Procura conhecer adequadamente os modos finitos pelo o atributo do pensamento – as ideias, o movimento formador de ideias, a ideia de uma ideia, as séries de ideias – por aquilo que estes modos finitos realmente são (por sua causa próxima e genética), por sua essência atual (seu *conatus*), na ordem natural e necessária determinadas pelas leis da natureza. Bento Espinosa parte de uma ideia que considera verdadeira, a existência de um Ser Perfeitíssimo, a quem ele denomina Deus ou natureza ou vida, o ser que é a totalidade do ser,

causa de si mesmo e causa de todos os modos, para com rigor analítico, procurar conhecer adequadamente o movimento de constituição do intelecto humano:

[...] para que todas as nossas percepções sejam ordenadas e unidas, requer-se que, o mais depressa possível – a razão o exige – inquiramos se existe algum ser, e aos mesmo tempo, qual ele é, que seja a causa de todas as coisas e cuja essência objetiva seja também a causa de todas as nossas ideias; e, então nossa mente, como dissemos, reproduzirá ao máximo a natureza, pois possuirá objetivamente a essência, a ordem e a união da mesma. [...] podemos ver que, ante de tudo, é necessário que sempre deduzamos nossas ideias a partir das coisas físicas, ou seja, dos seres reais, avançando, quando for possível, segundo a série das causas, de um ser real para outro ser real, para que deste modo não nos devíamos para ideias abstratas e universais, a fim de evitarmos concluir delas algo real ou, também, que de algo real tiremos ideias abstratas, pois que tanto uma coisa como outra interrompe o verdadeiro progresso da inteligência (TdIE§99).

Em virtude desse conhecimento adequado das ideias por aquilo de eternos que nelas existe, em virtude da razão e da intuição, o esforço (movimento – *conatus*) o homem julga lhe ser o mais útil não é outro senão o de conhecer e compreender (EIVP26). E, entendendo, esse conhecimento resulta da compreensão e apreensão do encontro do homem com o outro (qualquer outro modo finito na extensão, em especial, outro homem). O homem tem um corpo de afetar e de ser afetado por outro corpo. Quanto mais afetado e quanto mais for capaz de afetar (EIVP38), esse homem tem seu corpo fortalecido pela experiência do(s) encontro(s) sendo assim capaz de fazer muitas coisas sendo, por exemplo, menos vulnerável aos afetos contrários a sua natureza (EIVP30). Pode, também, conseguir ordenar e concatenar as afecções do corpo segundo a ordem própria do intelecto e, conseqüente e logicamente, fazer com que todas as afecções no corpo, as ideias dessas afecções no corpo, a ideia da ideia, as séries de ideias sejam referidas à natureza da substância única: sejam referidas à natureza, sejam referidas a Deus. Esse conhecimento – esse movimento – faz com que o homem seja afetado de um amor para com Deus que ocupa e constitui a maior parte de sua mente (EVP39d). Compreender é a suprema virtude da mente humana (EIVP28d). A suprema virtude e seu supremo bem do homem é conhecer a Deus (EIVP28). Conhecido Deus e o amor por Deus, o homem pode adequadamente se esforçar (*conatus*) em perseverar enquanto

em si por aquilo que nele se exprime da natureza da única substância absolutamente infinita enquanto homem. Conhecido o supremo bem que é conhecer a Deus (EIVP28), pode o homem atingir o sumo bem: viver o conhecimento Deus – viver segundo a natureza humana pelo conhecimento da união de sua mente à natureza inteira – Deus (TdIE§13).

Espinosa termina seu tratado enumerando as propriedades da inteligência humana:

[...] ela envolve a certeza, isto é, que as coisas são formalmente, como estão objetivamente contidas na inteligência;

[...] ela percebe certas coisas, que dizer, há ideias que a inteligência forma absolutamente e há ideias que forma de outras ideias. Assim a ideia de quantidade, forma absolutamente, sem a necessidade de outras ideias; a ideia de movimento, ao invés, não pode formá-la senão considerando a ideia de quantidade;

[...] as ideias, que forma absolutamente, exprime o infinito; as que são determinadas as forma de outras ideias [...];

[...] a inteligência forma as ideias positivas antes de formar as negativas;

[...] a inteligência percebe as coisas não tanto como sujeitas à duração, mas do ponto de vista da eternidade e em número infinito; ou melhor, ao perceber as coisas não considera nem seu número nem a duração; quando as coisas se imaginam é que elas percebem segundo um número certo, uma duração e uma quantidade determinada;

[...] as ideias claras e distintas que formamos apresentam-se como resultantes da necessidade de nossa natureza [...] parecem depender absolutamente de nossa capacidade; as ideias confusas, ao contrário, muitas vezes se formam contra nossa vontade;

[...] as ideias das coisas que a inteligência forma de outras, a mente pode determina-las de muitos modos [...];

[...] as ideias são tanto mais perfeitas quanto mais exprimem da perfeição de algum objeto.

3. O MOVIMENTO DE PENSAR O PENSAMENTO.

3.1 – Análise dinâmica do tratado.

– Um começo – procurar à beatitude –

O método de reforma do intelecto, nesse subcapítulo é apresentado de forma crítica, analisando-se como o método ou o processo psicoterapêutico deve ser entendido e praticado por aquele que deseja encontrar o estado de natureza humana superior, um estado de contínua e suprema alegria: a beatitude. Pela correção no entendimento do intelecto, pelo processo de análise do psiquismo humano proposto por Espinosa em seu tratado, o homem que o pratica em sua solidão, pensando o seu pensamento, pode vir a encontrar esse novo estado humano, um estado humano superior ao ordinário anterior. Com o sua terapêutica procura algo. Esse algo é um estado afetivo, uma natureza humana afetiva: a natureza humana superior – o estado de beatitude. O resultado do processo terapêutico é um estado de profunda e contínua felicidade segundo o qual passa a guiar toda a sua existência.

– Convocar todas as ciências – a medicina inteira –

Para encontrar e identificar esse algo – para conhecer e viver esse algo – o estado ou a natureza humana superior – o homem tem apenas o seu intelecto. Há, deste modo, portanto, a necessidade de atingir a correção no entendimento do movimento pelo qual as ideias são construídas constituindo a mente humana – porque a verdade de algo será dada e conhecida apenas pelo o intelecto humano. Para tanto Espinosa –

[...] convoca todas as ciências – convoca a medicina inteira;

[...] procura um remédio – o correto entendimento do pensar humano;

[...] para viver o estado de natureza humana superior;

[...] se possível, com o outro.

– Uma autoanálise –

O método constitui-se em uma técnica de autoanálise. O homem procura algo. E, esse algo, existe em sua mente. O homem procura algo e esse algo é um afeto: a beatitude. O algo

que procura é um estado de paz em sua alma, um estado de contínua e profunda felicidade, o estado de profunda serenidade que resulta de conhecer-se unido necessária e amorosamente ao universo inteiro de todas as coisas que a natureza cria em si mesma por suas infinitas eternas necessárias leis naturais (TdIE§13). Para identificar esse estado ou natureza precisa conhecer adequadamente às coisas por sua essência. Há, portanto, a necessidade do correto entendimento do processo de construção de suas ideias, a correção no entendimento do intelecto porque conhece e identifica o algo procurado usando o seu próprio intelecto.

Procura a correta compreensão do processo humano de pensar. Um primeiro objetivo intelectual. Mas esse não é o foco do método médico espinosista. O algo procurado pode ser inicialmente uma ideia, a ideia verdadeira de algo, a ideia de uma afecção em seu corpo, uma afecção em seu corpo decorrente da interdependência com infinitos outros corpos. Procura uma ideia verdadeira para saber clara e distintamente como se constrói uma ideia verdadeira. Mas esse não é o foco do processo médico espinosista. O foco é o afeto.

Espinosa, passo a passo, com que levando aos demais homens com suas mãos, mostra que há algo a ser descoberto. Esse algo resta à espera para se fazer conhecido, para se comunicar. Esse algo não é uma coisa: não é uma pedra, não é um martelo, não é uma árvore, não é um animal, não é um homem, não é um homem chamado Pedro: não é nada que exista no mundo manifesto da extensão. Para que consiga encontrar e identificar esse algo a ser descoberto no mundo é necessário o conhecimento correto do processo de constituição das ideias, a correção no entendimento do intelecto, pois como dito antes tudo é conhecido pelo intelecto. O algo é o intelecto – o intelecto finito humano no intelecto infinito da natureza.

Há uma única substância absolutamente infinita e eterna: a natureza. Essa substância única, a natureza, é a causa de si e a causa de tudo o que existe. Nada – absolutamente nada – existe externo à substância única. Nada existe externo à natureza. O tempo, o espaço, a extensão, o pensamento, tudo, existe imanente à natureza. Uma só e mesma natureza que o homem conhece por dois de seus infinitos atributos: a natureza extensa e a natureza pensante numa só e mesma substância absolutamente infinita e eterna. Tudo que existe, existe na natureza por suas leis naturais. Tudo existe imanente à substância única: imanente à natureza.

Se houve um início, o Filósofo nada fala. Houve um princípio de tudo? – não importa! Importa que haja uma só e mesma natureza no universo inteiro. Se houve um Grande Início ou um Great Start ou um Big Start ou um Big Bang, o Filósofo não informa (a ciência pensa

em um início). Se houve um início, nesse início a natureza, a substância, a única coisa cuja essência é a sua própria existência se faz presente, se comunica, se mostra e, a partir desse primeiro instante, a substância única, a natureza, a vida se expressa por todos os seus atributos em infinitos modos infinitos e finitos. Se houve um primeiro momento no qual a vida se expressou, tudo o que existe, existe imanente à natureza (à vida) após esse primeiro momento no qual a natureza por suas leis se faz presente, se expressa.

– Um tratamento afetivo – completamente afetivo –

O tratamento espinosista é totalmente afetivo: a sua técnica terapêutica inicia por um afeto. O caminho é afetivo: guiado por um afeto. O destino é um afeto. O método parte de um amor; segue amorosamente o caminho a procura de cura e o destino é um amor.

O homem que deseja se conhecer, entendendo como ele pensa, parte de um amor ordinário por si mesmo (deseja para si algo que o leve à felicidade plena). Percorre um caminho totalmente afetivo no qual pretende o descobrimento de algo, sendo este algo também totalmente afetivo. Começo, meio e fim: afeto.

A bússola, para conhecer de forma verdadeira o que procura conhecer, é afetiva. A bússola para entender a verdade e a adequação de como interpreta a si e o mundo é afetiva: a oscilação permanente de sua energia de ser ou viver ou agir, ou seja, a oscilação afetiva contínua à medida que cruza o caminho que o leva ao algo é o elemento básico (chave) para saber se está na direção e sentido adequado e correto para conhecer a verdade – um afeto é a bússola para encontrar a perfeita realidade de seu pensar.

A verdade, daquilo que o homem conhece, será confirmada por um afeto. Um afeto se comunica a cada passo até que chegar ao correto entendimento do modo pelo qual perceber e interpretar o mundo (aumento ou diminuição da potência de agir e energia para existir). A cura é a descoberta do afeto que rege o universo das coisas existentes por uma só e mesma natureza e viver se possível com o outro, com a pedra, com o martelo, com a árvore, com o animal, com o homem, com o homem chamado Pedro, segundo esse afeto, segundo esse conhecimento afetivo que se faz presente, que se comunica ao homem que o procura.

O tratamento proposto por Bento Espinosa não visa tão somente um conhecimento intelectual ou cognitivo para elaborar os afetos. Seu foco não é encontrar um pensamento, uma norma, pelos quais os afetos venham a ser controlados. O tratamento não visa apenas o

aperfeiçoamento da inteligência humana. Não visa o aperfeiçoamento da razão humana para a elaboração dos afetos.

O tratamento espinosista visa tornar o pensamento afetivo para que desse modo os afetos sejam vividos por aquilo que eles são. Tornar o pensamento desejante ou afetivo. Tornar o pensamento afetivo. Tornar a razão ou intuição desejante. Tornar a razão ou intuição afetiva (amorosa) para que os pensamentos e os afetos sejam regidos por suas próprias leis naturais a partir do sentir o conhecimento do estado de natureza humana superior, a partir do sentir o conhecimento da beatitude.

– A análise espinosista –

O tratamento espinosista para a alma (afetiva) do homem é apresentado, nesse capítulo, como o próprio Bento Espinosa o revela – passo a passo – em seu tratado. Passo a passo até chegar à beatitude. Tendo a beatitude como afeto verdadeiro, pelo conhecimento da ideia verdadeira da beatitude, como a ideia verdadeira procurada conhecida e amada, viver afetivamente o conhecimento afetivo adquirido com a correção no entendimento do psiquismo humano, adquirido pela correção no entendimento do intelecto humano, pela correção no entendimento do movimento de formação das ideias, das ideias de ideias, das séries de ideias, do movimento que constitui o que é a mente do homem.

Há uma primeira questão. O que há para recuperar? O que há para reformar? O que há para corrigir? Há algo para ser corrigido: esse algo é o entendimento (do intelecto – não há necessidade de corrigir ou reformar o intelecto). Há necessidade do entendimento correto do movimento de formação do psiquismo humano porque é pelo psiquismo humano que a verdade é conhecida. Há necessidade de correção no entendimento. Há necessidade de correção no entendimento do algo que o homem se propõe conhecer. Há necessidade de correção no entendimento do psiquismo humano. O intelecto humano finito no intelecto infinito de Deus pelo atributo do pensamento é perfeito em sua realidade atual. O intelecto está lá onde sempre permanecerá como realmente ele é por sua natural natureza.

Quando o homem compreende o algo que procura, quando o homem entende o processo de formação das suas ideias por sua perfeita realidade, o próprio processo psicoterapêutico do um modo de corrigir algo se transforma em um modo de perceber ou ter ou conhecer o correto entendimento de algo. O tratamento de correção *do* entendimento do

intelecto passa a ser o tratamento para a correção *no* entendimento do intelecto. Corrigir o entendimento para ter o correto entendimento do algo que deseja conhecer, conhecer e amar, conhecido o algo verdadeiramente em sua perfeita realidade, viver afetivamente a realidade segundo esse algo conhecido e amado, se possível, com o outro, o supremo bem humano (TdIE§13). Não há nada a ser reformado – a reforma é o correto entendimento de algo por sua natureza particular: a reforma visa à correção no entendimento do movimento do pensar.

– O início por amor – a procura da felicidade –

Espinosa inicia sua psicoterapia com um desejo, por um afeto – ser feliz. Ele deseja encontrar um estado de contínua suprema felicidade ou alegria. Para isso convoca todas as ciências, convoca toda a medicina, por que o tratado é um método médico de cura, de cura no processo de entendimento dos modos (movimentos) pelos quais há a constituição da mente humana. Seu tratamento é uma técnica terapêutica afetivo-cognitiva – Espinosa:

[...] decidi, finalmente, indagar se existia algo que fosse um bem verdadeiro, capaz de comunicar-se, e que, rejeitados todos os outros, fosse o único a afetar a alma (*animus*); algo que, uma vez descoberto e adquirido, me desse para sempre o gozo de contínua e suprema felicidade. (TdIE§1).

Propõe organizar toda a medicina para conhecer algo que se comunica que se faz presente, algo que ao ser procurado é descoberto, algo que procurado se faz presente, algo que se comunica (se faz presente porque está presente – resta presente na mente humana). Organizar toda a medicina para procurar um remédio como se fosse “um doente atacado de uma doença terminal” (TdIE§7). Procurar o remédio para alguém que padece – o homem. Procurar um remédio para todos os homens que padecem. Procurar o remédio, o algo verdadeiro, que leve o homem com todas as suas forças a conhecer e viver um estado afetivo superior, conhecer e viver uma natureza humana superior. Conhecer algo e amar o conhecido para viver conforme esse conhecimento amoroso. Viver segundo uma razão ou intuição afetiva, segundo uma razão ou intuição desejante, segundo uma razão ou intuição amorosa. Se possível, com o outro: o sumo bem.

– O remédio é um estado afetivo – uma nova natureza afetiva –

O remédio encontrado é um estado ou uma natureza – a natureza afetiva humana superior. E, aquele que encontra o remédio ou aquele que é encontrado pelo remédio (porque,

como afirma Espinosa o remédio se comunica; se faz presente, se procurado), pode dividir esse remédio com o outro, com os infinitos outros modos finitos, com infinitas pedras, com infinitos martelos, com infinitas árvores, com infinitos animais, com infinitos homens, com infinitos homens chamados Pedro – com o homem chamado Pedro, sem que de modo algum a própria posologia de seu medicamento curativo cognitivo-afetivo sofra qualquer prejuízo ou diminuição. Infinitas divisões de algo que sendo um estado ou de uma natureza que pode ser infinitamente dividido sem que com isso esse algo sofra qualquer diminuição ou partição. O amor de Deus pode ser dividido com todos os outros – sem que ele em si venha a diminuir para aquele que sente.

Sendo um estado afetivo ou uma natureza afetiva, esse medicamento pode vir a ser partilhado com infinitos outros sem que esse estado afetivo, essa natureza afetiva, o remédio que cura seja afetado tanto em sua essência quanto em sua potência: não se altera nem em sua qualidade nem em sua intensidade mesmo que partilhado – infinitamente partilhado.

Um remédio, um caminho, um exercício psíquico, um estado, uma natureza. Eis o remédio a ser administrado: conhecer afetivamente o amor da natureza por todos os seus infinitos modos finitos – o amor de Deus por tudo que Nele existe. Eis o processo terapêutico: o caminho para adequadamente conhecer o funcionamento psíquico – adequadamente conhecer o movimento formador de ideias e das séries de ideias. Um possível resultado: uma nova natureza humana, ou seja, encontrar o estado afetivo que resta soberano no mundo.

– A nova natureza humana – o conhecimento afetivo da imanência –

O tratamento médico espinosista é a procura de algo. Procura um algo que é uma nova natureza para o homem, um novo estado para o homem. Procura um novo conhecimento. Procura o conhecimento ou entendimento correto da mente do homem, a correção no entendimento do processo psíquico humano, a correção no entendimento do psiquismo humano. A correção no entendimento do intelecto humano leva a um novo estado afetivo: a beatitude – a própria virtude humana em si mesma. Uma nova natureza que passa ser a bússola do agir do homem a partir do momento que esse estado afetivo se fazer conhecer – se fazer presente ao homem que o procura. Espinosa –

[...] a beatitude não é o premio da virtude, mas a própria virtude; e não a desfrutamos porque refreamos os apetites lúbricos, mas, em vez disso, podemos refrear os apetites lúbricos por que a desfrutamos (EVP42).

[...] o sábio [...] consciente de si mesmo, de Deus e das coisas, em virtude de certa necessidade eterna, nunca deixa de ser, mas desfruta sempre da verdadeira satisfação do ânimo. Se o caminho [...] que conduz a isso parece muito árduo, ele pode, entretanto, ser encontrado. E deve ser certamente árduo aquilo que raramente se encontra. Pois se a salvação estivesse à disposição e pudesse ser encontrada sem maior esforço, como explicar que ela seja negligenciada por quase todos? Mas tudo o que é preciso é tão difícil como raro (EVP42s).

Espinosa, como qualquer homem que deseja se conhecer, começa o seu método de cura por uma ideia qualquer, a ideia de um dia conhecer uma natureza humana superior a sua natureza atual, ou seja, um estado de contínua e suprema felicidade. Inicia seu tratamento psicoterapêutico por um simples desejo muito comum a todos os homens: ser feliz.

Apesar de afirmar ser necessário para que a reforma do intelecto leve a saúde mental e física do homem que o método se inicie por uma ideia verdadeira, ele próprio, Espinosa, inicia o método de cura por um afeto: por um desejo, um desejo comum a todos os homens, o desejo de ser feliz. Inicia o tratamento por uma ideia qualquer, por um afeto, por um desejo. Bento Espinosa é apenas um pouco mais ambicioso com o seu método. Não quer apenas ser feliz: seu objetivo é atingir um estado de contínua e suprema felicidade. O que Espinosa pretende mostrar com esse início? Talvez, desde o início, deseje indicar que é o afeto o que há de mais espontâneo – mais verdadeiro em sua perfeita realidade.

Espinosa parece iniciar o seu caminho a procura de algo que leve a esse estado sem saber nada desse algo. Porém, desde o início, fica-se com a impressão que Bento Espinosa já sabe aonde quer chegar com a sua jornada. Parece já saber qual é a ideia verdadeira que ele faz referência como o ponto de partida para a reforma do intelecto: a ideia de um Ser Perfeitíssimo (TdIE§39) ou o ser que é a totalidade do ser (TdIE§99) – a ideia de imanência.

Parece desde o início ter o conhecimento do algo que leva à beatitude. Tanto que logo, no início do Tratado, no artigo 13 e 14 – o núcleo do tratamento médico proposto – Espinosa já deixa claro o que é o bem verdadeiro e o supremo bem humano. Sinaliza qual é o algo verdadeiro que se procurado se faz presente (no instante presente). Um algo afetivo, uma natureza humana melhorada, o conhecimento de um afeto, o conhecimento da beatitude que uma vez conhecida passa a gerir a vida do autômato espiritual, o homem livre, o homem, que

havendo reformado o seu intelecto, tem a correção no entendimento do funcionamento da mente humana – tem o correto entendimento do movimento formador da mente humana.

Bento Espinosa inicia a descrição de seu método de tratamento parecendo estar em dúvida, mas transmite uma certeza. Com esse início, acredito, Espinosa tenha desejado mostrar que mesmo o autômato sem pensamento, aquele que está mergulhado em suas paixões por perceber as coisas por ouvir dizer e por experiências empíricas vagas, pode trilhar o caminho que leva ao sumo bem, partindo de qualquer ideia ordinária confusa e incompleta que possua, de qualquer afeto que perceba em si mesmo. Pode partir da angustia enquanto o viver ou o padecer a sua vida comum ordinária.

– Uma dúvida ou uma certeza – um caminho –

Espinosa fala em uma dúvida e passa uma certeza. Faz pensar em ser necessário deixar a vida ordinária para se procurar o bem verdadeiro. Define no início de seu tratado, a honra, o dinheiro, o prazer sensual como os três mal certos do ser humano. São ditos mal porque nenhum deles, em si mesmos, contribui realmente para a preservação da vida ou para a felicidade do homem. Mas logo nos esclarece que são mal apenas enquanto vividos como o fim a que se destina a vida humana. Vividos como fins em si mesmos são os mal certos.

E, se os três mal, do ser humano, não forem vividos por eles mesmos? Ou se forem conhecidos adequadamente, continua sendo necessário abandoná-los para atingir o estado procurado de felicidade? O homem ordinariamente deseja três coisas na vida: o dinheiro, a honra e os prazeres sensuais. Para o autômato sem alma, esses três aspectos, são os únicos que ele conhece para dirigir a sua vida – desconhecendo como esses aspectos dirigem a sua vida. Para o autômato com alma – o autômato espiritual – resta obedecer ao que a natureza lhe ordena visto conhecer adequadamente o movimento de seu pensar.

Espinosa nos primeiros artigos parece indicar diferentes caminhos de tratamento para diferentes homens. São três os caminhos:

[...] abdicar dos mal certos ordinários quando entendidos como fim do homem;

[...] tê-los como meio para conseguir um estado melhora em sua natureza;

[...] por entendê-los por suas essências, vivê-los como eles são realmente.

Alguns homens têm os três mal humanos como seus únicos focos de sua vida. Esses possivelmente tenham que abdicar desses mal para evoluir no caminho à procura do estado de profunda e contínua serenidade. Para outros homens, talvez para todos os homens, haja a necessidade de mudar, transformando esses aspectos de um fim em si mesmo em um meio para algo que melhore o homem, que leve ao desenvolvimento ou crescimento humano. Para outros a mudança pode ser apenas uma modificação no entendimento do modo pelo qual percebe ou conhece o que lhe acontece e assim, viver conforme o entendido. Controle, transformação e viver a essência. Espinosa –

[...] dava tratos, pois, ao pensamento, a ver se era possível chegar a esse novo modo de proceder ou, ao menos, a uma certeza a respeito dele, sem mudar, embora, a ordem e a conduta ordinária de minha vida. Tentei isso muitas vezes sem resultado. As coisas que mais frequente ocorrem na vida, estimadas como o supremo bem pelos homens, a julgar pelo que eles praticam, reduz-se, efetivamente, a estas três, a saber, a riqueza, as honras e o prazer dos sentidos. Com estas três coisas a mente se distrai de tal maneira que muito pouco pode cogitar de qualquer outro bem (TdIE§3).

– Caminhos –

Para alguns homens há a necessidade de perceber que estes três desejos humanos levam a situações que comprometem a sua preservação mesmo produzindo algum grau de felicidade. Esse momento de satisfação ou felicidade é curto e passageiro – possivelmente alvo da inveja ou ataque do outro – sendo, assim, perigoso para aquele que o possui. É um estado provisório de felicidade particular e próprio ao homem que o conhece, sem que este homem possa dividir este estado de felicidade com o outro, com outro homem. Esse estado singular não pode ser dividido com o outro sem que haja a sua diminuição de qualidade ou intensidade naquele que o que o possui, fato que imediatamente resulta em sofrimento para ambos. Se, contudo, por esses curtos momentos de felicidade que precisam constantemente ser recriados, esse homem perceber que ele permanece fixado nesses três desejos humanos, esses desejos que são mal certos, sabe que precisam ser deixados de lado para que o bem verdadeiro, um bem verdadeiro possa vir a ser conhecido.

O outro caminho é o caminho da transformação dos desejos ordinários humanos de um fim em si mesmo em meios para chegar a um estado que ajude tanto na felicidade quanto na

preservação da vida do homem. Percebendo que esses três desejos só causam danos se entendidos com coisas a serem perseguidas por si mesmas, se consideradas como bens supremos aos quais se prende ininterrupta e obsessivamente, o que empobrece a qualidade de seu viver por essa fixação arraigada e passando a vê-los como um momento para chegar à outra coisa, outra coisa qualquer que o movimentem para a vida, os males certos passam a serem entendidos como possíveis bens ordinários, podendo vir a ajudar, pelo menos, aquele que os possui a melhorar sua qualidade de vida.

Espinosa –

[...] estas coisas todas me impediam de empreender algum novo propósito de vida e, não só isto, até lhe eram contrárias, de modo que era necessário privar-me de uma coisa ou das outras, fui obrigado a perguntar-me o que era mais útil;

[...] continuando a refletir, cheguei a perceber que, se pudesse ponderar fundo, estaria largando males certos por um bem certo. Sentia assim, encontrar-me em extremo perigo e ter de procurar, com todas as minhas forças, um remédio, ainda que incerto [...] (TdIE§7).

Os bens ordinários quando desejados por si mesmo não contribuem para a autopreservação – levam a doença e morte:

[...] há exemplos numerosos de pessoas que sofreram perseguição e morte por causa de suas riquezas e também das que, para acumular bens, se expuseram a tantos perigos que pagaram com a vida a pena de sua estultícia (TdIE§8).

Se estes três desejos forem entendidos por suas causas adequadas, eles podem ser entendidos e vividos por aquilo que eles são em sua perfeita realidade. Podem ser integrados como são na vida daquele que assim o conhecem. Não há, portanto, a necessidade nem de abandoná-los nem de transformá-los.

Reformado o entendimento da mente, com a correção no entendimento do intelecto, percebe que não só não precisa abdicar de nenhum dos três males do homem (a honra, o dinheiro, o prazer sensual), com também não precisa abdicar de nada presente em sua vida ordinária para chegar ao conhecimento do que é um bem verdadeiro – o bem verdadeiro, e a partir deste entendimento, viver afetiva ou amorosamente segundo o que conhece. Viver o

supremo bem, se possível, com o outro. Qualquer coisa, qualquer ideia, qualquer afeto pode vir a contribuir para que com o seu esforço, se possível, com o outro, desfrute adequada e verdadeiramente a sua natureza humana superior ou viver a sua perfeita realidade humana.

Qualquer ideia, qualquer afeto, qualquer ato da vida comum pode vir a ser o instrumento (um instrumento rudimentar – como foi uma pedra qualquer o primeiro martelo) para atingir o correto entendimento do movimento constituinte da mente humana. Tudo existindo em Deus, tudo pode levar a Deus. Não há necessidade de um conhecimento sofisticado para iniciar o processo de reforma do intelecto. Os bens ordinários da vida comum, as honras, os dinheiros e os prazeres sensuais, como as pedras, estão disponíveis a todo e qualquer homem, que, assim pode partir deles para atingir um estado de satisfação maior do que o seu estado afetivo atual. Com a correção no entendimento da sua mente, mesmo a partir de um bem ordinário, o homem pode vir a atingir o estado de uma natureza humana superior: conhecer ser imanente à natureza que é a causa de sua existência.

Bento Espinosa – no início da descrição do processo terapêutico – indica diferentes caminhos para diferentes entendimentos das coisas: o abandono dos três mal certos (os três desejos mais comuns do homem); a transformação desses desejos de fins em si mesmo em meios; e, finalmente, esses três desejos podem ser vividos segundo sua própria natureza, se entendidos adequadamente pela correção no entendimento do intelecto humano, pelo seu correto entendimento por suas essências, sem a necessidade nem de controle ou abdicção nem a necessidade de transformação, sem imaginar que esses três desejos humanos possam permitir ao homem ir além do que a essência e a potência de cada um dos três bens ordinários permitem. Tendo entendido a si e a natureza por sua causa adequada – integra todas as coisas em sua vida ordinária comum segundo sua precisa realidade – sua perfeita realidade.

A proposta de uma correção no entendimento da mente humana visa conhecer uma nova natureza humana: um estado afetivo de contínua suprema alegria ou felicidade. Toda a felicidade ou infelicidade do homem depende do homem. Toda a felicidade ou infelicidade reside em uma só coisa, a saber, na qualidade do objeto ao qual o homem dedica o seu amor (TdIE§9). Pela natureza humana, toda vez que há a ideia de algo, há o afeto corresponde a essa ideia de algo conforme a interpretação derivada da ideia de algo. Todo o conhecimento humano, por sua natureza, é um conhecimento afetivo. Se, portanto, alguém deseja conhecer esse estado afetivo de contínua eterna e suprema felicidade – o objeto ao qual o homem dedica sua atenção deve possuir as mesmas características: deve ser algo eterno, supremo,

contínuo. E, como esse algo leva a um novo estado afetivo – esse algo só pode ser um algo também afetivo. Sendo uma ideia verdadeira – esse algo que tem que ser uma ideia verdadeira afetiva – ser uma ideia desejan­te –

[...] o amor das coisas eternas e infinitas nutre a alma (*animus*) de puro gozo, isento de qualquer tristeza; isso é que é desejar-se grandemente, e se deve buscar com todas as forças. [...] na medida em que pudesse ponderar profundamente. [...] Porque, vendo estas coisas com clareza em meu espírito (*mens*), não podia, contudo, me livrar da sensualidade, da avareza e do amor da glória (TdIE§10).

O que pode ser esse algo contínuo e eterno que leva o homem a fruir num estado de contínua e suprema serenidade – fruir um estado de contínua e suprema felicidade? Como, tendo o homem atingido esse estado, mesmo assim, os tais males ordinários, podem continuar presentes em sua mente? Por quê? Porque há Deus em toda a natureza.

Os três desejos – todos os desejos – podem continuar presentes na vida do homem que reformou o seu intelecto porque pelo entendimento correto desses três desejos, eles deixam de serem males certos para serem o que são – três características do ser humano enquanto ser humano, vivendo uma vida ordinária em sociedade com outros homens. E, o algo contínuo e eterno?

– O eterno – o núcleo da medicina espinosista –

O algo contínuo, supremo, eterno é a imanência. É Deus. O algo contínuo, supremo, eterno é o conhecimento de ser o homem uma unidade imanente na totalidade da natureza: a natureza superior humana. Há uma e somente uma mesma substância – causa de si e de tudo o que existe. O homem é apenas mais uma unidade na totalidade da natureza – uma unidade em Deus. O afeto correspondente à ideia da natureza humana superior é o estado de contínua eterna suprema serenidade – pelo conhecimento de que o que existe em Deus tem que necessariamente obedecer ao que Deus ordena: tudo se expressa, assim, de uma só e mesma ordem e conexão ordenada (determinada e organizada) pelas eternas, infinitas e divinas leis de Deus. O conhecimento da união imanente do homem com a natureza inteira é um conhecimento amoroso, um conhecimento sereno: a beatitude. Sabe-se que tudo que possa contribuir para atingir esse conhecimento amoroso é denominado bem verdadeiro: um

verdadeiro bem (TdIE§13). Tudo que possa levar ao conhecimento da imanência é um bem verdadeiro. Tudo – mesmo uma pedra – que possa levar o homem a conhecer sua unidade com a natureza inteira é um bem verdadeiro: um verdadeiro bem. E, todo bem verdadeiro tem algo de eterno (de Deus) por ser necessário enquanto imanente à natureza. Tudo existindo na natureza, tudo que existe pode ser útil ao homem para que o homem venha a conhecer-se unido a natureza sem qualquer privilégio, apenas mais um algo no universo de algos existentes na natureza ordenados pelas leis necessárias da própria natureza. Assim, todos os algos naturais podem ser verdadeiros bens.

O bem verdadeiro, um bem verdadeiro, é o que de mais útil há para o homem. Conhecer o bem verdadeiro, conhecer um bem verdadeiro, é saber que ele se expressa na imanência da natureza. Um bem verdadeiro é imanente à substância única. A imanência é a nervura do real ⁷⁹ – aquilo que une todas as coisas que existem na natureza da substância única. Na imanência e pela imanência todas as coisas, as naturezas de todas as coisas, todos os estados se integram na natureza inteira segundo a devida ordem e conexão determinada absolutamente por suas próprias leis naturais imutáveis. Todas as coisas se integram de forma impermanente e interdependentes por serem expressões imanentes a essa natureza.

O conhecimento da imanência integra o homem com seus aspectos próprios, com suas características. A imanência integra o homem ao mundo. A imanência unifica o homem. A imanência o torna um: um em e com todos os seus agregados (indivíduos) constituintes. A imanência pacifica o homem: tudo nele e no mundo provem da imanência e existem na imanência da natureza (EIP15) – da natureza inteira – segundo as leis naturais: tudo não pode ser produzido de nenhuma outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em que foram produzidas (EIP33). A imanência o pacifica porque se tudo que é do homem provem da imanência, tudo nesse homem é natural seguindo da necessidade das eternas leis naturais que o determinam. O homem se apreende uma unidade imanente na totalidade da natureza – escravo de sua natureza – e assim, conhece a serenidade.

O conhecimento afetivo da imanência é o que há de mais útil para a vida do homem. Conhecê-lo e vivê-lo significa ser a expressão natural desse verdadeiro bem: o conhecimento amoroso da imanência – o conhecimento de sua impermanência e de sua interdependência com o mundo por ser uma unidade imanente na totalidade da natureza. Viver afetivamente

⁷⁹ Referência a Marilena Chauí.

segundo esse conhecimento afetivo, que é verdadeiro, consiste em ser a expressão mais plena possível de sua própria natureza enquanto um determinado e definido homem pelas leis naturais que o ordenam. Isso o torna um ser ativo e espontâneo na realização de suas potencialidades. Livre, age e não mais padece; ou pelo menos, padece menos, o que aumenta as suas condições, enquanto em si, perseverar em seu ser – aumenta as condições e possibilidade para a sua autopreservação. Livre – escravo de sua natureza.

O conhecimento do bem verdadeiro que é o conhecimento afetivo da imanência – o conhecimento de sua impermanência e interdependência absoluta da natureza. É o conhecimento libertador por lhe unificar consigo mesmo, com sua própria natureza humana como também por lhe unificar com a natureza inteira. Esse conhecimento afetivo é libertador por apreender as suas reais capacidades e assim, conhecendo afetivamente a si e ao mundo, o homem age espontâneo e ativamente, sendo a expressão natural de si mesmo obedecendo as imutáveis leis da natureza que o determinam.

Espinosa –

[...] o conhecimento verdadeiro do bem e do mal, enquanto verdadeiro, não pode refrear qualquer afeto; poderá refreá-lo apenas enquanto considerado como afeto (EIVP14).

[...] um afeto é uma ideia pela qual a mente afirma a força de existir [...] do seu corpo. [...] o conhecimento verdadeiro [...] enquanto verdadeiro, não pode refrear qualquer afeto. [...] enquanto afeto e apenas como tal, se é mais forte que o afeto a ser refreado, esse conhecimento pode refreá-lo (EIVP14d).

Todo o conhecimento é um conhecimento afetivo. Um afeto, somente um afeto, somente o conhecimento de um afeto pode levar o homem a lidar adequadamente com seus afetos. Esse afeto, esse algo verdadeiro procurado, esse algo enquanto afeto é a serenidade ou a beatitude. É a serenidade de se entender unido a toda a natureza, por conhecer a união que há de sua mente com a natureza inteira e viver segundo esse conhecimento. Viver segundo a natureza inteira – segundo a sua própria natureza humana (TdIE§13).

A inevitabilidade de tudo acalma. A presença de Deus em si mesmo e na natureza – regendo com suas leis a ordem e a conexão – a imanência, a impermanência e a interdependência de tudo o que existe – acalma. O conhecimento adequado de Deus leva ao

estado ou natureza de uma profunda tranquilidade de estar onde deve estar e ser quem deve ser – operar como deve operar – viver como deve viver – existir como deve existir. Livre – espontânea e ativamente obedece às absolutas leis de Deus. A beatitude não é o resultado de uma vida virtuosa – a beatitude é a fonte e a causa de uma vida ordinária virtuosa.

O afeto que muda o homem é a beatitude: a própria virtude humana (EVP42). É porque o homem a conhece e a vive que pode lidar adequadamente com os desafios de sua existência. A beatitude é o afeto que o homem sente ao conhecer e viver sua união imanente com a natureza inteira. A beatitude é sentida como o afeto decorrente da ideia verdadeira da imanência, do conhecimento verdadeiro da imanência, da impermanência e interdependência de ser uma unidade na totalidade da natureza, do conhecimento do bem verdadeiro supremo que leva o homem a um estado melhor que leva o homem a conhecer a sua natureza humana superior. Quando o amor por conhecer e viver essa nova natureza humana, a beatitude, o homem muda afetivamente o seu modo de conhecer ou perceber o que há para ser percebido ou conhecido. É por ter conhecido a beatitude que o homem pode vir a lidar adequadamente com todas as demais coisas, ideias e afetos. Pode vir a lidar adequadamente com todos os seus algos. É pela beatitude que o homem se torna virtuoso e não o contrário. Não é por ser virtuoso que o homem conhece a beatitude, é por ter o conhecimento da beatitude que o homem se torna virtuoso.

Espinosa deixa claro ser um afeto – a beatitude – o que muda o homem. O afeto que muda é aquele que decorre do conhecimento do bem verdadeiro supremo e do amor por ter conhecimento desse bem verdadeiro supremo: a imanência do homem na natureza – a união de sua mente com a natureza inteira. Tendo a experiência afetiva de conhecer a beatitude, o homem percebe, assim, que tudo no universo dos algos segue as leis imutáveis da natureza –

[...] deve-se notar que bom e mau só se diz em sentido relativo, visto que, de diversos pontos de vista, uma mesma coisa pode ser dita boa ou má; assim, também com o perfeito e o imperfeito. Efetivamente, coisa alguma, considerada só em sua natureza, pode ser dita perfeita ou imperfeita, principalmente depois que se chega a compreender que tudo o que acontece, acontece segundo uma ordem eterna e segundo leis imutáveis da natureza (TdIE§12);

[...] os afetos que são contrários à nossa natureza, isto é, que são maus, são maus à medida que impedem a mente de compreender (EVP10d);

[...] um afeto é mau ou nocivo apenas à medida que impede a mente de pensar. Assim, o afeto que determina a mente em considerar muitos objetos ao mesmo tempo é menos nocivo que outro afeto [...] (EVP9d);

[...] o melhor que podemos fazer, enquanto não temos um conhecimento perfeito de nossos afetos, é conceber um princípio correto de viver, ou seja, regras seguras de vida confiá-las à memória, e aplicá-las continuamente aos casos particulares que, com frequência, se apresentam na vida, para que nossa imaginação seja, assim, profundamente afetada por elas, de maneira que estejam sempre à nossa disposição (EVP10d).

Há infinitas ordens e leis determinando a interdependência entre todas as coisas existentes. Ordens e leis as quais o homem jamais conhecerá em toda a sua extensão, porém esse não é o objetivo do método de tratamento médico espinosista para a mente do homem. O conhecimento pleno do funcionamento da natureza não é necessário, por ser impossível, para que o homem consiga lidar bem com ele mesmo e com todos os algos de sua vida ordinária. Basta saber que a natureza inteira, a qual ele está unido, imanentemente, obedece necessariamente as suas próprias ordens eternas, às suas próprias leis naturais imutáveis. Basta saber que há um determinismo absoluto na natureza, que há uma causalidade necessária na expressão da substância única por todos os seus atributos na natureza.

Nada é bom ou mau em si mesmo. Em si mesmo, todos os algos do homem por existirem na natureza desse homem pode vir a ser considerado um bem verdadeiro – pois qualquer algo na natureza ordinária de um homem pode vir a ser algo que ajude esse homem a encontrar o estado procurado de contínua felicidade. Tudo que existe no homem por estar na natureza desse homem pode levar ao conhecimento da imanência.

O conhecimento – todo e qualquer conhecimento – acontece no e pelo intelecto formado por ideias e ideias de ideias, por um movimento de ideias, por séries de ideias a partir de uma primeira ideia que é a ideia de uma afecção do corpo. Assim, o homem sempre conhece o que o seu corpo e sua mente permitirem conhecer:

[...] quem tem um corpo capaz de muitas coisas tem uma mente cuja maior parte é eterna (EVP39);

[...] a mente humana é capaz de perceber muitas coisas, e é tanto mais capaz quanto maior for o número de maneiras pelas quais seu corpo pode ser arranjado (EIIP14);

[...] quem tem um corpo capaz de fazer muitas coisas é menos tomado pelos afetos que são maus, isto é, pelos afetos que são contrários à nossa natureza. Por isso ele tem o poder de ordenar e concatenar as afecções do corpo segundo a ordem própria do intelecto e, conseqüentemente, de fazer com que todas as afecções do corpo se refiram à ideia de Deus; o que fará com que ele seja afetado de um amor para com Deus que deve ocupar, ou seja, constituir a maior parte de sua mente (EVP39d).

Qualquer aspecto do ser humano pode vir a ajudar ao conhecimento de um bem verdadeiro que possa levar esse determinado e definido homem a conhecer e viver o supremo bem. Compreendendo cada aspecto da natureza humana por si mesma por seu intelecto, mais fácil e perfeitamente entende o modo como se constitui o intelecto, para tanto a reforma do intelecto: compreender os modos de conhecer ou perceber em sua perfeita realidade.

O método espinosista para a cura da mente humana é um método afetivo, procura conhecer (sentir) o mais perfeitamente a ordem e concatenação das ideias pelo movimento psíquico que as constitui a partir de afecções no corpo. Começa com um afeto (desejo); o caminho adequado para a cura é determinado afetivamente e a cura é um afeto (serenidade).

É um afeto que muda o modo pelo qual o homem entende seu psiquismo. Um afeto que leva o homem a correção no modo que entende o movimento de suas ideias para a constituição do seu intelecto ou de sua inteligência, movimento esse que é o seu psiquismo, a mente humana. A cura se dá pelo amor à imanência de todos os algos na substância única absolutamente infinita: na natureza.

No processo de tratamento, à medida que conhece corretamente como acontece o processo de formação das ideias, percebe que se compreender algo por aquilo que ele é realmente, e viver conforme esse conhecimento, esse algo pode ser integrado a sua vida, à sua vida ordinária para lidar melhor com essa sua vida comum, levando, talvez, pelo contínuo

esforço pessoal ao aperfeiçoamento progressivo de seu modo de perceber ou conhecer as coisas e, assim, ao estado de contínua felicidade.

Assim, tem-se que tudo no homem por ser natural pode vir a ser um bem – um bem verdadeiro. Todas as coisas podem ser interpretadas como bens se percebidas ou entendidas por aquilo que elas são ao obedecer à ordem eterna da natureza determinada pelas leis imutáveis da natureza. Nada poderia ter ocorrido de um modo diferente do que efetiva e realmente ocorre; nada existe senão do modo como a natureza determina que exista. O conhecimento desse determinismo confere fundamento e caráter de necessidade às experiências vividas na vida ordinária de relatividade do conceito de bem e mal. A natureza inteira, o mundo inteiro com todas as suas coisas singulares agora podem ser tomadas como bens verdadeiros. Cada uma das coisas existentes no mundo imanescentes à natureza pode ser interpretada com verdadeiros bens se compreendidos por suas essências.

– Uma lei universal – a lei da expressão da natureza –

Bento Espinosa, deste modo, está apresentando uma das leis eternas da natureza. Entendo que Bento Espinosa apresenta a lei eterna segundo a qual a substância única se expressa por todos os seus atributos. A natureza ao se expressar o faz segundo uma determinada ordem e conexão por todos os seus atributos – a devida ordem:

[...] a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas (EIIP7);

[...] durante o tempo em que não estamos tomados por afetos contrários à nossa natureza, a potência da mente, pela qual ela se esforça por compreender as coisas não está impedida (EVP10);

[...] tudo o que pode ser percebido por um intelecto infinito como constituindo a essência de uma substância pertence a uma única substância apenas, e conseqüentemente, a substância pensante e a substância extensa são uma só e a mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sob o outro (EIIP7s);

[...] um modo da extensão e a ideia desse modo são uma só e mesma coisa, que se exprime, de duas maneiras (EIIP7s).

– O tratamento do pensar o pensamento acontece na vida ordinária –

O tratamento proposto, o conhecimento reflexivo proposto por Espinosa, acontece no homem vivendo sua vida comum. Espinosa não vê necessidade de se isolar em uma caverna ou privar-se de qualquer coisa que ajude a manter a sua vida ou renunciar de qualquer coisa que o ajude a ter uma boa qualidade em sua vida. Sugere que o melhor que o homem pode fazer, enquanto não tem um conhecimento perfeito de nossos afetos, é conceber um princípio correto de viver, estabelecendo regras seguras para a sua vida (EVP10s). Propõe que o homem viva conforme as normas da sociedade onde habita enquanto reforma o seu intelecto, desde que essas normas não impeçam a própria reforma do seu intelecto. Desse modo, enquanto estiver em tratamento, o homem, não precisa abdicar de sua vida comum. Espinosa recomenda, enquanto estiver no processo de cura, que deve o homem:

[...] falar ao alcance do povo e fazer conforme o povo faz tudo aquilo que não traz embaraço a que atinjamos nosso fim;

[...] gozar dos prazeres só o quanto é suficiente para a manutenção da saúde;

[...] querer o dinheiro ou qualquer coisa só na medida em que é suficiente para as necessidades da vida, para a conservação da saúde e para conformar-nos com os costumes da cidade que não se oponham ao nosso objetivo (TdIE§17).

O homem conhece a si mesmo por seu intelecto, por ideias afetivas de afecções em seu corpo. O homem conhece o mundo externo por ideias de afecções que esse mundo externo impõe ao seu corpo. O homem conhece do mundo o que os seus modos de perceber permitem conhecer. O homem conhece a interpretação humana do mundo. O homem conhece a partir de seu corpo obedecendo a uma lei universal da natureza:

[...] a ideia se comporta objetivamente do mesmo modo que seu ideado se comporta realmente (TdIE§41);

[...] a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas e, inversamente, a ordem e a conexão das coisas é o mesmo que a ordem e a conexão das ideias. Por isso, tal como a ordem e a conexão das ideias se faz na mente, segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo, assim, também, inversamente, a ordem e a conexão das afecções do corpo se fazem da mesma maneira que se ordenam e se concatenam os pensamentos e as ideias das coisas na mente (EVP1d).

Como tudo o que pode levar a natureza humana superior deve ser entendido como um bem verdadeiro, tudo no homem pode levar ao encontro ou descoberta deste novo estado ou natureza afetivo humano – encontro e descoberta do sumo bem, o supremo bem. Tudo no homem, a mais ordinária das ideias, o mais ordinário dos afetos, o mais ordinários dos atos pode ser o instrumento inicial – a pedra – para a possibilidade de levar o homem ao conhecimento do seu sumo bem. Assim, há necessidade de um entendimento adequado e verdadeiro de como o homem conhece ou percebe as coisas, especialmente há necessidade da correção no entendimento do intelecto humano – para percebê-las em sua perfeita realidade.

– Os quatro modos de perceber –

Para Espinosa a ordem e conexão necessárias pela qual o intelecto se expressa se dá pelos modos de percepção ou conhecimento, pelo movimento de construção de ideias a partir de afecções no corpo por modos ou movimento que o constitui. Para Espinosa há quatro modos de perceber ou conhecer algo:

[...] por ouvir dizer algo sobre esse algo;

[...] por experiência empírica vaga do algo;

[...] percepção da essência de uma coisa (algo) por outra coisa (algo) – por propriedades ou leis que a constituem – a razão;

[...] pela essência ou pela causa próxima do algo – a intuição.

Como dito em TdIE§13, todo o conhecimento adquirido pelos quatro modos de perceber tem algo de verdadeiro. O conhecimento de algo por sua essência ou por sua causa próxima é o melhor modo de conhecer algo, assim sendo, quando todos os outros modos são compreendidos pelo quarto modo de perceber, ou seja, quando todos os modos de perceber algo são compreendidos por suas essências próprias ou por suas causas próximas, todos os modos são desta maneira, correta e perfeitamente conhecidos, adequadamente conhecidos: todos os modos de perceber são conhecidos em sua verdade – são conhecidos em sua perfeita realidade. Desta maneira, há a correção no entendimento dos modos de perceber algo.

Com o conhecimento verdadeiro dos modos de perceber, apesar de o Filósofo afirmar estar à procura de um melhor modo, que obviamente é o da intuição, se aplicado esse modo (a intuição) aos demais modos, todos os modos (ouvir dizer, experiência vaga, razão e

obviamente a intuição), enquanto suas essências podem e devem ser conhecidos, considerados, entendidos e vividos para atingir a tal da perfeição natural humana. Não há, portanto, com esse entendimento correto e perfeito do funcionamento dos modos de perceber a necessidade de ser privar ou se livrar de qualquer ideia (ou afeto), pois cada ideia (cada afeto) é entendida pela essência do modo que a constitui. A partir de qualquer conhecimento correto e perfeitamente considerado em si mesmo pela natureza do modo que o produziu pode ser o ponto de partida do processo para atingir o estado de uma natureza humana de contínua felicidade: a beatitude.

– O melhor modo de perceber –

Há, portanto, um melhor modo de conhecer: a intuição. Se esse melhor modo for aplicado a todos os demais modos, todos os modos de perceber ajudam o homem a compreender sua realidade, a sua real e perfeita natureza humana determinada existe nesse exato momento como existe por obedecer a uma sequência de leis naturais (esta sim – a sequência de leis naturais que o determinam – impossível de conhecer – pela fraqueza ou potência da mente humana). Mas, o foco não é conhecer todas as leis naturais que o ordenam.

O foco do processo de tratamento é a correção no entendimento do psiquismo humano. Não é o conhecimento das coisas do universo nem o conhecimento das infinitas leis que regem a imanência, a impermanência e a interdependência causal das coisas no universo inteiro das coisas por todos os atributos da substância única. Com o entendimento correto do intelecto humano, sabendo que o que o homem conhece é a sua interpretação do mundo, talvez, um dia, com esse cuidado, possa vir a conhecer a natureza da natureza inteira. Mas esse não é o objetivo do método espinosista. O objetivo é a correção no entendimento do psiquismo humano para levar o homem a conhecer um estado afetivo melhor e viver segundo esse estado afetivo melhor. Se possível, com o outro: a outra pedra, o outro martelo, a outra árvore, o outro animal, o outro homem, o outro algo – o outro algo qualquer.

O método consiste em compreender cada modo de perceber por aquilo que sua essência e sua potência permitem perceber; como por cada modo de percepção o homem conhece a ideia de afetação em seu corpo por algo, a ideia da ideia dessa afecção, o movimento de constituição da série de ideias. Compreende os próprios modos por sua essência e assim, passa a ter que se referir ao conhecimento verdadeiro enquanto determinado modo de percepção. O método de tratamento é um esforço contínuo de autoconhecimento no

qual pode partir de uma ideia qualquer a qual se sabe agora ter algum grau de verdade (menor por ouvir dizer, maior por experiência vaga, maior ainda pela razão e máximo pela intuição).

– A ideia – a ideia da ideia – a série de ideias –

A ideia é o foco do tratamento e o instrumento do tratamento. O objetivo é compreender a verdade de uma dada ideia, a verdade da ideia de uma ideia, a verdade do movimento formador da série de ideias. Entender a força natural de formar a série das ideias paralela e simetricamente às afecções do corpo das quais são ideias. Entender clara e perfeitamente a lei universal da expressão da natureza simultaneamente por todos os seus atributos em uma só e mesma ordem e conexão.

O objeto, o objetivo e o instrumento do método é a ideia – o movimento de formar ideias (e seus afetos correspondentes). O objeto é o psiquismo humano. O método de cura pode começar por qualquer ideia. O exemplo mais famoso dado pelo Filósofo é o que compara o movimento de formação da mente humana com o movimento de constituição do objeto que hoje é conhecido como um martelo. O primeiro martelo possivelmente teria sido uma pedra que pelo esforço do homem em constantemente aperfeiçoar suas coisas chega ao martelo atual. Do mesmo modo, a partir de uma ideia qualquer, uma ideia rudimentar de algo, se compreendido o modo pelo qual essa ideia qualquer ou rudimentar foi constituída pela própria força do intelecto (resultado da lei do paralelismo na expressão da natureza) por um contínuo esforço, pode vir a levar a um conhecimento mais correto ou mais adequado do psiquismo humano que o conhecimento anterior – em um movimento de correção ou aperfeiçoamento do psiquismo pelo psiquismo que tende ao infinito.

O tratamento espinosista é um esforço permanente de autoconhecimento, visto que mesmo tendo atingido a correção no entendimento dos modos de percepção que geram a mente humana e, exatamente por ter atingido essa correção no entendimento, esse homem sabe que contínua e permanentemente precisa compreender como construí uma determinada ideia ou dada definição de algo. Mesmo tendo alcançado a correção no entendimento do intelecto, o intelecto humano continua a ser o mesmo intelecto determinado por sua essência e sua potência, ou seja, o intelecto não foi corrigido, até porque não precisa de qualquer correção. O intelecto continua sendo constituído por seus quatro modos de percepção ou construção, estes sim, sujeitos agora a um entendimento mais claro e perfeito – por contínuo movimento do pensar o pensamento – a um contínuo aperfeiçoamento em seu claro e perfeito

entendimento. Para essa correção no entendimento dos modos de perceber, para compreender esses modos por suas essências há a necessidade de um esforço constante e contínuo. Isso passa ser o novo modo de procurar conhecer o psiquismo humano – conhecer o movimento de pensar o pensamento em sua perfeita realidade em Deus.

A força natural do intelecto é a própria atividade do intelecto. A força natural é o movimento formador das ideias. Entendo, a atividade do intelecto se deve ao movimento da natureza se expressar por todos os seus atributos: pelos dois atributos conhecidos pelo homem que realmente contam para o método terapêutico espinosista: a extensão e o pensamento. A atividade da expressão natureza em si mesma – levando a atividade na natureza extensa e a atividade na natureza pensante

O intelecto é uma atividade que se cria a partir de si mesmo. O intelecto é um movimento de construir séries de ideias (em paralelo às afecções no corpo correspondentes). É o movimento de construir as séries ordenadas e conectadas segundo as leis da natureza do pensamento que constitui o intelecto. Esse movimento é a essência do intelecto. É a sua força natural. O movimento é o esforço – o *conatus* – do intelecto em si mesmo continuar a construir novas séries de ideias – movimento que tende ao infinito.

Mesmo estando claro que o melhor modo de conhecer algo é por sua essência ou por sua causa próxima, Espinosa insiste em mostrar os meios necessários para identificar o que é o melhor modo de percepção:

[...] conhecer exatamente nossa natureza, que desejamos levar à perfeição e, igualmente, conhecer a natureza das coisas tanto quanto for necessário;

[...] para que corretamente se possam saber quais as diferenças e as concordâncias e as oposições das coisas;

[...] e compreender assim, de modo justo, o que podem e o que não podem admitir;

[...] a fim de confrontar isto com a natureza e a força do homem. Destas condições facilmente surgirá suma perfeição à qual o homem pode chegar.

A terapêutica espinosista com estas afirmações não visa apenas à cura de um entendimento acontecido, mas também visa a prevenção de futuros entendimentos parciais,

confusos, mutilados de coisas ainda desconhecidas: “[...] o quarto modo compreende a essência adequada da coisa [...] deve ser usado para que coisas desconhecidas venham a ser entendidas por nós por esse modo de conhecimento” (TdIE§29).

– Cura e prevenção –

O método não é apenas uma receita (remédio) para um sofrimento presente e atual, mas também é um procedimento, uma técnica ou uma maneira para prevenir novo sofrimento. Prescrito o tratamento, o remédio que cura uma patologia (dor ou sofrimento) presente é o mesmo que previne que novos entendimentos de algo desconhecido venham a ser incompletos ou inadequados por intervir na gênese desses novos entendimentos, intervindo na raiz do processo gerador do movimento formador das séries de ideias. Prescreve a correção no entendimento na gênese do intelecto – desde o início do pensar o pensamento.

Com o conhecimento da essência adequada de cada modo de perceber conhece algo segundo a essência própria do modo empregado para conhecer esse algo:

[...] por imaginação – na devida ordem do imaginar;

[...] por razão – na devida ordem do raciocinar;

[...] por intuição – na devida ordem do intuir.

O método visa o intelecto: a ideia de algo – o movimento que forma a ideia de algo. Espinosa frisa esse ponto ao afirmar que “a ideia verdadeira (pois que temos uma ideia verdadeira) é algo diferente de seu ideado” (TdIE§33). Espinosa exemplifica esse ponto do tratamento afirmando que a ideia verdadeira de um círculo, a definição perfeita de um círculo é algo completamente diferente do que é um círculo na extensão:

[...] uma coisa é o círculo, outra a ideia do círculo. Pois a ideia do círculo não é algo que tem uma periferia e um centro, como o círculo; nem a ideia do corpo é o próprio corpo: e como a ideia de algo, diverso do seu ideado, será também algo por si mesmo inteligível; isto é, a sua essência formal, pode ser objeto de outra essência objetiva e, por sua vez, esta outra essência objetiva, considerada em si mesma, será algo real e inteligível [...] (TdIE§33).

“Uma coisa é um círculo, outra coisa é a ideia do círculo” (TdIE§33), mas há uma relação entre a ideia verdadeira e o seu ideado. Pela lei natural que rege a expressão da substância única (por todos os seus atributos – EIIP7):

[...] a ideia se comporta objetivamente do mesmo modo que o ideado se comporta realmente (TdIE§41);

[...] é exatamente da mesma maneira que se ordenam e se conectam os pensamentos e as ideias das coisas na mente que também se ordenam e se conectam as afecções do corpo, ou seja, a imagem das coisas no corpo (EVP1).

– A ideia de algo e seus ideados são algos absolutamente diferentes –

A ideia verdadeira de algo e o seu ideado (o algo) são algos absolutamente diferentes um do outro em suas essências e potências atuais, em suas naturezas, em seus *conatus*. Cada qual com sua essência singular, o círculo tem sua essência atual enquanto algo na extensão; a ideia do círculo tem sua essência atual enquanto algo no pensamento. O círculo é a essência formal da ideia do círculo; esta a essência objetiva daquele. Eles são absolutamente diferentes – mas guardam entre si uma relação determinada por EIIP7.

A essência objetiva de algo é a representação cognitiva afetiva desse algo. Esse algo é a essência formal da ideia de algo (a essência objetiva desse algo). Esse movimento é a força própria do intelecto – força própria do intelecto por ser o intelecto o movimento ou a atividade que tende ao infinito: uma primeira ideia de uma afecção do corpo, uma segunda ideia que é a ideia da ideia da afecção do corpo (a consciência), uma terceira ideia que é a ideia da (consciência) ideia da ideia da afecção do corpo: movimento formador das séries de ideias em paralelo às afecções do corpo que constitui a mente humana.

Espinosa aponta ser Pedro e a ideia de Pedro (a representação cognitiva afetiva de Pedro) coisas ou algos reais. Pedro e a ideia de Pedro são algos reais absolutamente diferentes em suas naturezas (essências e potências), mas guardam a relação de serem constituídos na devida ordem quando da expressão simultânea da substância única por dois de seus atributos: na extensão – Pedro; no pensamento – a ideia de Pedro. Pedro e ideia de Pedro uma só e mesma coisa – com naturezas diferentes – expressões da substância única por dois de seus infinitos atributos infinitos (em Deus).

O movimento a partir de uma afecção no corpo de Pedro: a ideia de Pedro é a essência objetiva do corpo de Pedro (a sua essência formal). Entendo que essa primeira ideia é absolutamente automática ou inconsciente. A ideia de Pedro (a primeira ideia) pode ser essência formal para uma nova ideia (a essência objetiva da primeira ideia). A segunda ideia – a ideia da ideia de Pedro é a consciência da existência de Pedro: como a ideia da ideia de uma afecção no corpo de Pedro – conheço a existência de Pedro. A consciência da existência de Pedro – a ideia da ideia de Pedro – pode vir a ser a essência formal para outra ideia – uma terceira ideia. A terceira essência formal de uma quarta ideia, um movimento que tende ao infinito. Esse é o movimento do pensar o pensamento movimento – todo o movimento de ideias de ideias por TdIE§41, EIIP7 e EVP1d terá na extensão correspondentes afecções no corpo de Pedro. Tudo segue a lei imutável e necessária que rege a expressão da substância única por todos os seus infinitos atributos infinitos.⁸⁰

Para que venha conhecer a essência do corpo de Pedro não há a necessidade de conhecer a essência da ideia de Pedro e muito menos a essência da ideia da ideia de Pedro (TdIE§34). Como o objeto do tratamento é o intelecto de Pedro: para entender a ideia de Pedro, a ideia da ideia de Pedro, para a correção no entendimento do intelecto de Pedro, não é necessário entender a essência do corpo de Pedro enquanto o atributo da extensão. Há necessidade de entender correta e perfeitamente a essência do intelecto de Pedro.

O método visa atingir a correção no entendimento do movimento da natureza enquanto natureza pensante formador das séries de ideias pelas quais o intelecto de Pedro se constitui. A essência objetiva de algo (o modo de sentir algo), a ideia de algo, a ideia da ideia de algo, a ideia de Pedro, a ideia da ideia de Pedro, a série de ideias que constitui o intelecto de Pedro são algos reais inteligíveis por si mesmos, por suas próprias essências segundo o atributo do pensamento (segundo as leis naturais que regem o intelecto humano).

O homem conhece apenas dois dos infinitos atributos da natureza: a extensão e o pensamento. Há uma independência absoluta entre o que acontece na extensão do que acontece no pensamento. O que acontece na extensão obedece às leis imutáveis mecânicas (físicas – químicas – biológicas) da natureza; o que acontece no pensamento obedece às leis imutáveis mentais (cognitivas – afetivas) da natureza.

⁸⁰ Um movimento na substância única onde a ideia de Pedro é a essência objetiva de Pedro. E, um movimento em mim onde a afecção que Pedro causa em meu corpo é a essência formal da ideia da afecção de meu corpo por Pedro (a essência objetiva).

A substância única ao se expressar, contudo, faz por todos os seus infinitos atributos infinitos em uma só e mesma ordem e conexão (interdependente) segundo suas infinitas e eternas leis naturais que ordenam a sua expressão, por estes seus infinitos modos infinitos imediatos (atributos). Movimento da substância ou expressão da substância completa e absolutamente independente em cada um dos seus infinitos atributos – mas por ser um só e mesmo movimento por todos seus atributos – uma só e mesma expressão ou um só e mesmo movimento.

Se, pela lei universal que rege expressão da substância única, EIIP7 – “a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” – deve haver uma mesma ordem e conexão na maneira que as leis imutáveis que regem a expressão pelos diferentes atributos da natureza, ou seja, por essa lei imutável que rege a expressão da natureza, toda vez que a natureza se expressar por todos os seus atributos, o faz necessariamente pelas leis naturais imutáveis que regem cada um de seus atributos na devida ordem que essas leis ordenam (decretam e organizam), em uma mesma ordem e conexão de acordo com a natureza de cada um de seus atributos. Se o homem atingir a correção no entendimento do seu intelecto, atingir a correção no entendimento das leis naturais imutáveis que constituem o intelecto humano, por existir essa relação entre todos os atributos, o homem pode vir a melhor conhecer não somente a si mesmo senão ao mundo externo.

O método espinosista, contudo, não visa conhecer a verdade do mundo. O alvo do método terapêutico não é senão conhecer o mais claro e perfeitamente o intelecto humano. Seu foco não é conhecer a verdade, nem a verdade do mundo. O alvo ou o escopo é conhecer a verdade do intelecto humano: a verdade imanente do movimento de constituição da série de ideias a partir de uma primeira ideia. Espinosa conclui então que

[...] a certeza não é senão a mesma essência objetiva; isto é, como *sentimos* a essência formal é a própria certeza (TdIE§35);

[...] para a certeza da verdade nenhum outro sinal é necessário: basta ter a ideia verdadeira, pois que, como já mostramos, para saber não é necessário saber que sei. De tudo isso resulta, ainda uma vez, que ninguém pode saber o que é a suma certeza, a não ser que tenha a ideia adequada ou a essência objetiva de alguma coisa, pois que não há dúvida que certeza e essência objetiva [e ideia adequada] são uma mesma coisa (TdIE§35).

– A essência objetiva: a maneira pela qual a essência formal desse algo é sentida –

Espinosa informa pensar ser a certeza – a essência objetiva – o modo como sentimos a essência formal. Trata a suma certeza – a ideia adequada de algo – como uma só e mesma coisa. Coisas que aparentemente eram tidas como distintas agora são ditas uma só e mesma coisa. Espinosa prossegue descrevendo o que é o método terapêutico que intenta e deseja:

[...] o verdadeiro método é o caminho pelo qual a própria verdade, ou a essência objetiva das coisas ou as ideias [ou a certeza ou como sentimos a essência formal ou a suma certeza ou a ideia adequada (como foi dito em TdIE§35)] [todas essas palavras significando a mesma coisa] são procuradas na devida ordem (TdIE§36);

[...] o método [...] é entender o que seja a ideia verdadeira, distinguindo-a das outras percepções, investigando a natureza dela, a fim de que, por esse meio, conheçamos nosso poder de conhecer e assim obriguemos nossa mente a conhecer, segundo aquela norma, as coisas que deve conhecer, dando, como auxílio, regras certas, e fazendo também que a mente evite fadigas inúteis (TdIE§37);

[...] o método não é outra coisa senão o conhecimento reflexivo ou a ideia da ideia (TdIE§38);

[...] e como não há ideia da ideia a não ser que primeiro haja a ideia, segue-se que não há método a não ser que haja primeiramente uma ideia (TdIE§38);

[...] o bom método [é] o que mostra como a mente deve ser dirigida segundo a norma da ideia verdadeira dada (TdIE§38);

[...] como a relação que há entre duas ideias é a mesma que a relação entre as essências formais dessas ideias, daí se segue que o conhecimento reflexivo que é a ideia do Ser Perfeitíssimo será superior ao conhecimento reflexivo das outras ideias; isto é, será perfeitíssimo o método que mostra como a mente deve ser dirigida segundo a norma da ideia do Ser Perfeitíssimo (TdIE§38).

A ideia verdadeira é:

[...] necessária (eterna);

[...] simples – ou composta de ideias simples;

[...] integrada – imanente – unificada ao ser que é a totalidade do ser;

[...] expressão do Ser Perfeitíssimo na natureza.

Nesse ponto método há uma importante intervenção. Espinosa apresenta o que interpreta ser a verdade de algo, a certeza na verdade de algo, a ideia verdadeira de algo: a essência objetiva de algo como *sentimos* (uma ideia afetiva) esse algo, ou seja, como sentimos a essência formal da ideia verdadeira de algo (a essência objetiva de algo). A certeza – a suma certeza – a verdade de algo definida por aquilo que *sentimos* e como *sentimos* esse algo usando apenas o intelecto.

– O conhecimento adequado pelos quatro modos de percepção –

A essência objetiva de algo – a ideia de algo – depende do modo de perceber pelo qual a ideia foi construída ou constituída (pela substância ou pelo homem). O modo de perceber algo, no homem, também determina o afeto correspondente por impor o grau de aumento ou diminuição na potência de agir ou na energia para existir. O modo de percepção algo determina o grau de verdade cognitivo e afetivo da essência objetiva ou da ideia de algo.

A ideia adequada ou verdadeira de algo é o conhecimento da essência objetiva de algo. Verdade, certeza, ideia adequada, ideia verdadeira: como sentimos o algo, como pensamos afetivamente o algo, sua essência objetiva.

O método não objetiva descobrir, encontrar, conhecer ou constituir a verdade de algo na extensão. O método terapêutico visa encontrar a verdade, o grau de verdade na ou da ideia de algo. E, a verdade de uma ideia de algo, é conhecida por características intrínsecas ou imanentes da verdade. A verdade não é construída, a verdade é encontrada. A ideia de algo é construída, a verdade da ideia de algo é encontrada. Ou seja, a verdade (certeza ou adequação) é conhecida por aspectos intrínsecos e imanentes da ideia de algo, aspectos intrínsecos e imanentes à essência objetiva de algo (que depende do modo de percepção pelo qual é construída ou constituída), aspectos intrínsecos e imanentes do movimento pelo qual se sente a essência formal da ideia de algo – por aspecto intrínsecos e imanentes do movimento formador da mente humana.

Tem-se que tudo o que possa levar o homem a atingir a natureza humana superior é um verdadeiro bem: um bem verdadeiro. Se o que pode leva a natureza superior é uma ideia, essa ideia é um verdadeiro bem: uma ideia verdadeira (TdIE§13). Como tudo que existe na natureza, especialmente as ideias, existe(m) por uma ordem natural (eterna e necessária) segundo e seguindo as eternas leis imutáveis da própria natureza (TdIE§12) tem-se que a devida ordem é a ordem natural (eterna e necessária) pela qual algo existe por leis imutáveis naturais as quais determinam a causalidade necessária física (na extensão) e mental (no pensamento). A devida ordem é a ordem natural na qual as leis imutáveis da própria natureza são obedecidas – a devida ordem pela qual as coisas existem ou algo existe como essas coisas existem ou como esse algo existe (deve existir) em sua perfeita realidade atual.

Como todos os modos de percepção são movimentos naturais ao homem, todos os modos de perceber seguem uma devida ordem natural para existirem segundo suas essências íntimas ou particulares. Todos os modos, portanto, existem somente como poderiam existir e, não há outra maneira para que eles existam como existem senão a sua atual por acontecerem na devida ordem (EIP33). Como tudo que é do homem pode ser definido não enquanto um fim em si mesmo, mas como meio, como meio para preservar a vida e atingir a natureza humana superior, tudo que é do homem pode ser entendido com um verdadeiro bem ou um bem verdadeiro. Uma ideia que ajude a preservar a essência atual de um homem e que ajude a atingir a natureza humana superior é, portanto, um verdadeiro bem, um bem verdadeiro, uma ideia verdadeira.

Assim, há um grau de verdade em cada ideia que for construída por qualquer um dos quatro modos de perceber – visto que a essência objetiva de algo, certeza, verdade, ideia verdadeira, ideia adequada são uma só e mesma coisa. Importa é a correção no entendimento do que é uma ideia verdadeira e a correção no entendimento da devida ordem pela qual ela foi constituída – porque “o bom método [é] o que mostra como a mente deve ser dirigida segundo a norma da ideia verdadeira dada” (TdIE§38).

O método visa identificar à verdade em uma ideia, a ideia verdadeira de algo, a verdade do intelecto. Espinosa se refere à existência de uma única ideia absolutamente verdadeira, a ideia da existência de um Ser que é a totalidade do ser que será a norma do funcionamento mental. Por outro lado, introduz a ideia de graus diferentes de verdade por diferentes modos de perceber ou conhecer. Conhecer a verdade da ideia, a certeza da verdade

da essência objetiva de algo, enquanto o modo de percepção que constituiu essa ideia de algo. Como o bom método é o método que segue a norma, a devida ordem, da construção de uma ideia verdadeira, o método a partir desse momento se sofisticava: há necessidade da correção no conhecimento do funcionamento de cada modo de percepção para a correção no entendimento do pensar humano – visto que por TdIE§13 – que todas as ideias que ajudem a atingir conhecimento da imanência são verdadeiros bens.

O conhecimento adequado do funcionamento dos quatro modos de perceber leva ao conhecimento do processo de construção das ideias, das ideias das ideias, da série das ideias pelos quatro modos de perceber em sua perfeita realidade. E, esse conhecimento, que permite entender os quatro modos por eles mesmos, se dá necessariamente pelo quarto modo de percepção. Assim, o que parecia paradoxal vai se tornando claro: há necessidade de entender pelo quarto modo de percepção as coisas para que então seja possível conhecer ou perceber algo pelos os outros três modos de percepção por suas realidades conhecendo o grau de verdade que será atingido ao construir ideias segundo cada um destes três modos de perceber.

A correção no entendimento do funcionamento mental humano pela intuição leva a conclusão óbvia da naturalidade dos quatro modos de conhecer ou perceber algo. Para que exista o método terapêutico é necessária a existência de uma ideia, de uma primeira ideia verdadeira, ou seja, é necessário a existência da essência objetiva de algo para que a partir desta se forme ou se construa uma nova ideia (também verdadeira, visto ser a primeira verdadeira), a ideia da ideia de algo, construída ou constituída na devida ordem de construção de uma ideia verdadeira (a primeira ideia). A partir desse correto entendimento conhecimento do movimento formador das ideias, a primeira ideia necessária para o conhecimento reflexivo do movimento construtor das ideias ou intelecto pode vir a ser uma ideia qualquer – por que todas as ideias tem um grau de verdade segundo o modo pelo qual foi constituída.

O bom método – TdIE§38 – mostra como a mente deve ser dirigida a partir de uma ideia (verdadeira) segundo a norma ou devida ordem pela qual essa ideia (verdadeira) é constituída:

[...] a partir de uma só e mesma ideia absolutamente verdadeira – a existência do Ser Perfeitíssimo (TdIE§39) – a existência do Ser que é a totalidade do ser (TdIE§99); ou

[...] a partir de uma ideia – verdadeira segundo um determinado e definido modo de perceber pelo qual essa ideia (verdadeira) é constituída ou formada.

Há o movimento formador de ideias pelos quatro modos de perceber (ouvir dizer, experiência vaga, razão e intuição). A norma pela qual uma ideia se relaciona com outra ideia depende do modo pela qual a série interdependente dessas ideias é constituída ou construída. Há normas diferentes – há devidas ordens – por diferentes modos de conhecer ou constituir a série de ideias que constitui o psiquismo humano.

– Uma lei natural –

Em TdIE§41, Espinosa deixa claro o que estava implícito em TdIE§33: a existência de uma norma. Uma lei natural – a devida ordem natural pela qual a natureza se expressa simultânea e paralelamente por todos os seus atributos: “a ordem e conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” (EIIIP7). Retoma a ideia de que a ideia e seu ideado são coisas completamente diferentes. A essência formal da ideia de algo é diferente da essência formal do algo. A ideia de algo é a essência objetiva do algo, este a essência formal da essência objetiva do algo: a ideia de algo. Retoma a lei natural da expressão da substância única: todas as coisas que existem na extensão, tem a contrapartida de sua representação afetiva no pensamento, todas as coisas enquanto ideias no pensamento tem a contrapartida de um algo (um corpo, por exemplo) na extensão.

Infiro que se houver um terceiro atributo, nesse momento histórico ainda desconhecido pelo homem, um atributo A, o algo B que existe no atributo A, se expressa na extensão como corpo de B e se expressa no pensamento sob a forma de ideia do corpo de B (a ideia da afecção no corpo de B). A natureza se expressa por todos os seus atributos segunda a devida ordem natural, a ordem e a conexão são o mesmo enquanto todos os seus atributos (EIIIP7). Esse conhecimento ou essa percepção são próprios à natureza – não são próprios ao homem. Se o B que existe no atributo A, sob a forma de corpo de B na extensão afetar o corpo de um homem também na extensão produzindo uma afecção no corpo desse homem, esse homem conhecerá essa afecção em seu corpo sob a forma de ideia da afecção (de algo) de seu corpo pelo corpo de B. O homem não conhece ainda nem a expressão de B na extensão, muito menos conhece B enquanto expressão no atributo A. O homem apenas e tão somente conhece a ideia da ideia de uma afecção em seu corpo produzida pela interferência do corpo de B, se e somente se, B se expressar na extensão sob a forma de corpo de B e se e somente se esse

corpo de B produzir alguma modificação ou mudança ou afecção no corpo desse homem. Pelo pensamento, contudo, o homem pode inferir como poderia conhecer um terceiro atributo da única substância absolutamente infinita: a natureza.

O que o homem conhece, nesse caso, é ao seu corpo: “o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo (humano), ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa” (EIIIP13). O que o homem conhece é o modo pelo qual percebe como o mundo muda o seu corpo. Conclui-se que o que o homem pode realmente conhecer, entender, apreender é o seu corpo e as modificações de seu corpo (por si mesmo ou por algo externo ao corpo). Algo que lhe é externo, o homem conhece por aquilo que seu corpo afetado por esse algo lhe permitir conhecer, por exemplo, o homem conhece visualmente algo externo a si mesmo, como o seu corpo enquanto capacidade de enxergar lhe permitir conhecer, ou seja, conhece como o seu corpo foi afetado por esse algo, enquanto a capacidade de ver e enxergar esse algo presentes em seu corpo. O homem conhece ou forma a ideia de algo, sendo o algo que é a essência formal da ideia daquilo que seu corpo, por suas capacidades orgânicas e o quanto essas lhe permitir conhecer. Outro exemplo, o homem conhece o que são ondas eletromagnéticas não por imaginação ou imagem produzidas pelos sentidos, mas porque há algo (uma capacidade mental) em seu corpo permite entender o que é uma onda eletromagnética pela essência própria de uma onda eletromagnética.

– A lei universal da expressão da natureza –

Espinosa quanto à lei da expressão da substância única na natureza ora se refere quanto à maneira de natureza conhecer a sua própria expressão ora como o homem a conhece. O homem percebe a existência de apenas dois dos atributos da substância única. Assim por sua restrita capacidade ou potência humana de entender, o homem tem um conhecimento parcial – muito pobre e parcial – enquanto suas capacidades humanas de percebe – do movimento da substância única quando ela se expressa na natureza por suas próprias leis imutáveis naturais. Na natureza há uma correspondência por todos os atributos. Uma ideia se comporta objetivamente como seu ideado se comporta realmente. Algo na extensão se comporta realmente como a ideia deste algo se comporta objetivamente.

Para que o homem possa entender com a natureza se comporta por todos os seus atributos, o homem precisa pensar o mais próximo do modo pelo qual a natureza se conhece. Mas esse não é o objetivo do método espinosista. Seu objetivo não é conhecer o mundo, não é

conhecer as coisas como a natureza conhece as coisas. O objetivo é conhecer corretamente o funcionamento da mente humana, o movimento de formação das séries de ideias a partir de afecções em seu corpo (por ele mesmo ou por algo externo ao corpo). O que o método prescreve “para que nossa mente reproduza exatamente o modelo da natureza, deve apresentar todas as ideias a partir daquela que se refere à origem e fonte de toda a natureza” (TdIE§42). O método visa o homem, não o mundo. Se um dia, tendo atingido a correção no entendimento do seu intelecto, o homem puder conhecer clara perfeita e corretamente o mundo como ele realmente existe isto será um efeito colateral do método empregado: o conhecimento reflexivo. O conhecimento reflexivo visa o intelecto, não o mundo extenso – conhecer o intelecto, não o mundo externo.

– Conhecendo o grau de verdade de uma ideia –

O homem é um modo finito entre os infinitos modos finitos da substância única. É apenas mais um algo, mais uma mera coisa no mundo natural – apenas uma coisa como outra qualquer coisa no universo das coisas. Não é um império dentro de um império. O homem com sua potência ou fraqueza humana conhece o que sua natureza humana permite conhecer. Todas as coisas ou algos conhecem desse modo: a pedra conhece o que sua natureza de pedra permite conhecer, o martelo conhece o que sua natureza de martelo permite conhecer, o homem conhece o que sua natureza humana permite conhecer, o homem chamado Pedro conhece o que a sua natureza de um homem singular e particular chamado Pedro permite conhecer. Espinosa aponta essa necessidade de cuidado para a correção no entendimento –

[...] é necessário que sempre deduzamos nossas ideias a partir das coisas físicas, ou seja, dos seres reais, avançando, quando for possível, segundo a série das causas, de um ser real para outro ser real, para que desse modo não nos desviemos para as ideias abstratas e universais, a fim de evitarmos concluir delas algo real ou, também, que de algo real tiremos ideias abstratas, pois que tanto uma coisa como outra interrompe o verdadeiro progresso da inteligência. Mas é de notar que, aqui, por série das causas e dos seres reais não entendo a série das coisas singulares mutáveis, mas somente a série das coisas fixas e eternas. (TdIE§99-100).

O foco é o conhecimento do intelecto para a apreensão da série eterna e fixa que ordena e conecta as ideias que formam a série de ideias que constituem o próprio intelecto. A

mente é o foco – a mente é o instrumento – a mente é o objeto – a mente é o resultado do método para a correção no entendimento:

[...] seria impossível à fraqueza humana seguir a série de das coisas singulares mutáveis, seja por causa da multidão delas que supera todo número, seja por causa das infinitas circunstâncias atinentes a uma e mesma coisa, cada uma das quais pode ser a causa de que a coisa exista ou não exista, uma vez que sua existência não tem nenhuma conexão com a sua essência, ou – como já dissemos – uma verdade eterna (TdIE§100).

Bento Espinosa procura uma verdade eterna – uma ideia verdadeira eterna, ou seja, uma ideia necessária e absolutamente eterna: a ideia de ser o homem uma unidade na totalidade do ser que é a totalidade do ser. Procura conhecer a devida ordem com que constitui a ideia necessária e absolutamente eterna – a ordem também necessária eterna imutável que rege a série de ideias verdadeiras que se formam a partir dessa ideia verdadeira enquanto referida à imanência:

[...] a ordem, pois, segundo a qual uma [coisa] é pensada antes da outra, como dissemos, não deve ser tirada da série de existências das coisas, nem também das coisas eternas, pois que nestas, todas as coisas existem, por natureza, simultaneamente (TdIE§102).

Importa o conhecimento das leis naturais que regem a ordem e a conexão da expressão da natureza simultaneamente por todos os seus atributos: “uma ordem eterna [...] segundo as leis imutáveis da natureza” (TdIE§12). Para a correção no entendimento do funcionamento do psiquismo humano não há necessidade de um conhecimento profundo e detalhado das leis imutáveis da natureza que regem o mundo. Importa saber que a natureza necessária e livremente obedece às leis imutáveis da própria natureza – à natureza não é permitido senão ser a expressão necessária de suas próprias leis imutáveis. E, que ao homem – unidade na totalidade dessa natureza – não lhe é permitido senão ser a expressão das leis que regem a sua natureza humana. Para a correção no entendimento do intelecto importa conhecer as leis imutáveis que regem como o homem percebe as coisas por seus quatro modos de percepção.

A natureza é perfeita. Espinosa escreve que “por realidade e perfeição compreendo a mesma coisa” (EIID6). A natureza perfeita em sua realidade, a substância única, a única

substância absolutamente infinita e eterna é conhecida pelo homem por duas de suas expressões: a natureza extensa e a natureza pensante. A natureza extensa e a natureza pensante, portanto, são perfeitas em suas realidades. O homem pensa (EIIax2) – o homem pensa na natureza; assim, o modo pelo qual o homem pensa só pode também ser perfeito em sua realidade e esse é o objetivo do método espinosista: o correto entendimento do movimento de formação das ideias e das séries de ideias.

O tratamento para a correção no entendimento se refere ao primeiro princípio; aquele que não tem uma causa externa a si mesmo, que é causa de si mesmo, que se conhece em si e por si (TdIE§70): a natureza. Por isso

[...] se temos de Deus um conhecimento tal como o do triângulo, então toda a dúvida é eliminada. [...] podemos alcançar esse conhecimento de Deus, ainda que não saibamos com certeza se existe o grande mistificador. Assim, pois, se procedermos de modo correto, investigando as coisas que devem ser investigadas em primeiro lugar, sem interrupção na concatenação das coisas, e se sabemos como as questões devem ser determinadas, antes de procurar conhecê-las, nunca teremos senão ideias certíssimas, isto é, claras e distintas (TdIE§80).

Com o entendimento do primeiro princípio – a natureza existindo em sua perfeita realidade e, todos os demais entendimentos sendo referido a esse primeiro princípio, esses outros entendimentos guardam a mesma essência do primeiro: a perfeita realidade. O método procura o conhecimento da essência de cada modo de perceber por sua perfeita realidade.

O conhecimento adequado – a correção no entendimento do movimento do modo de perceber por imaginação, por exemplo, permite identificar a realidade das ideias fictícias, falsas e duvidosas, permite identificar as ideias imaginárias que são aquelas que permitem um conhecimento parcial ou incompleto do algo:

[...] vêm de certas sensações fortuitas e, por assim dizer, soltas, que não nascem da própria força da mente, mas de causas externas, conforme o corpo, quer no sono quer na vigília, é afetado por diversos movimentos. Se vier a calhar, que se entenda por imaginação o quer que se queira, contanto que seja algo diferente da inteligência, algo em que a alma faça o papel de paciente; pois é

indiferente, o que quer que se pense, uma vez que sabemos que a imaginação é uma coisa vaga, em que a alma é passiva, e que ao mesmo tempo sabemos como libertar-nos dela pela atividade de nossa inteligência (TdIE§84).

Não há, portanto, a necessidade de deixar de imaginar – de deixar de perceber ou conhecer as coisas ou por ouvir dizer ou por experiências empíricas vagas – até porque isso é impossível (TdIE§78): o homem se liberta das ideias imaginárias sem precisar de deixar de pensar por imagens. Liberta-se, sem se libertar, obedecendo necessariamente às leis naturais que ordenam os modos de perceber – integra as ideias por ouvir dizer e por experiências empíricas vagas – pensar por imagem as integrando ao correto entendimento e funcionamento do intelecto por ação da inteligência (terceiro e quarto modo de perceber).

Pensar por imagem é pensar pela ideia da ideia de algo sem o desenvolvimento do conhecimento reflexivo. Há – no máximo – a consciência da ideia de algo. Os dois primeiros modos de perceber – o modo por ouvir dizer e o modo por experiências empíricas vagas – correta ou adequadamente entendidos por suas essências particulares ou íntimas, não precisaram mais ser controlados ou transformados ou eliminados. Esses dois modos que eram passivos – pelo entendimento correto se tornam ativos – podem, então, serem integrados adequadamente como maneiras de entender algo com suas características perfeitas realidades, por suas essências íntimas próprias que os determinam.

Por imaginação há a formação de imagens conscientes de afecções corporais. Imagens soltas, que se agregam por colagem de ideias ou imagens (como já foi mostrado). Não há um pensamento reflexivo que questione a ideia consciente de algo. As imagens ou ideias imaginativas ou as ideias imaginárias vão se somando uma as outras na sequência pelas quais elas vão sendo produzidas ou construídas ou formadas. O tempo, a contiguidade, é o elemento que as ordena enquanto uma série de ideias. Como não há um pensamento reflexivo sobre a ideia consciente de algo, o que resulta é uma série de ideias que depende diretamente do movimento no tempo das afecções corporais das quais são ideias. A ordem e conexão das ideias são por justaposição de ideias que seguem às afecções do corpo das quais são ideias imaginárias ou imagens. A imaginação é reflexo direto do que acontece no corpo sem que haja o conhecimento reflexivo do imaginado. A imaginação – mesmo sendo um processo do intelecto – mesmo sendo um processo da inteligência, enquanto sinônimo de intelecto – está completamente dirigida pelo o que acontece no corpo daquele que pensa. As imagens vão se

justapondo uma após a outra, na sequência psíquica correspondente no pensamento à sequência física dos eventos (afecções) que acontecem no corpo.

A mente enquanto imagina padece. A série de ideias na imaginação é uma construção passiva, um trabalho passivo. Pela imaginação, o homem (ou sua mente) somente é impregnado por imagens – construídas obviamente pela mente – mas sem um processo de reflexão sobre o modo pelo qual a série de ideias imaginárias está sendo constituído. Assim, fica claro o que Bento Espinosa denomina passividade ou atividade da mente humana quando da constituição das séries de ideias – quando da constituição do intelecto. Mesmo sendo a imaginação uma construção mental, a imaginação é passiva por que não há o pensar o pensamento – o conhecimento reflexivo a atividade de imaginar ou de construir imagens de algo. Mesmo sendo um trabalho do intelecto, o que caracteriza essa atividade passiva, não é apenas a ausência do conhecimento reflexivo senão a pura justaposição de imagens na mente humana na ordem (temporal) e conexão (colagem) correspondendo à ordem (temporal) e conexão (física) dos eventos ou afecções no corpo daquele que forma as imagens. A imaginação é uma atividade passiva, por não haver a inquirição ou o questionamento reflexivo da construção desse modo de pensar enquanto ele acontece por ele mesmo. Os dois primeiros modos de perceber, portanto, se caracterizam pela ausência de um conhecimento reflexivo não só sobre as ideias resultantes de sua atividade senão também pela ausência de um conhecimento reflexivo de próprio movimento de formação dessas ideias.

Imaginar, pensar por imagens é um conhecimento vago (incompleto – sem reflexão – parcial – mutilado) por uma experiência corporal empírica vaga ou pela atividade corporal do ouvir dizer. É algo vago por ser uma mera colagem de imagens. Há uma mera agregação de imagens conforme vão sendo elaboradas ou formadas. Não há o movimento de o pensamento pensar o pensamento. Não há qualquer reflexão sobre como pensa; não há qualquer reflexão sobre a construção da ideia (imaginária ou imagem) nem sobre a construção da série de imagens. Há um agregado de imagens, uma série por colagem de imagens.

Espinosa –

[...] esforçamo-nos por fazer com que se realiza tudo aquilo que imaginamos levar à alegria; esforçamo-nos, por outro lado, por afastar ou destruir tudo aquilo a que a isso se opõe, ou seja, tudo aquilo que imaginamos levar à tristeza (EIIIP28);

[...] o esforço da mente, ou a sua potência de pensar, é, por natureza, igual e simultâneo ao esforço do corpo, ou, à sua potência de agir [...] (EIIIP28d).

Espinosa denomina atividade ao conhecimento reflexivo. Uma atividade ou um trabalho mental ativo: refletir sobre o modo pelo qual é formada a ideia da ideia de algo (a consciência da ideia de algo) e refletir sobre o modo pelo qual é construída ou constituída a série de ideias – a mente humana. A ideia de uma ideia de uma afecção do corpo é apenas a consciência de uma determinada ideia de uma afecção do corpo. Nos dois primeiros modos de perceber – ouvir dizer e experiência empírica vaga – não há sequência necessária para o conhecimento reflexivo: a ideia da consciência da ideia de uma afecção corporal – ou – não há a ideia da ideia da ideia de uma afecção corporal. O conhecimento reflexivo é característico do terceiro e quarto modo de perceber: a razão e a intuição.

O conhecimento reflexivo é um trabalho ativo da mente (do pensamento), o trabalho de questionar ou de pensar o seu próprio pensamento, de refletir sobre o que pensa, sobre o que é o pensamento, o que é pensar, o que pensa, como pensa, como forma as ideias e os porquês de seu pensar. O conhecimento reflexivo é um trabalho ativo do intelecto – não mais uma paixão, uma ação – a qual Bento Espinosa também denomina como a inteligência humana. Em boa parte do método, intelecto e inteligência são entendidos como uma só e mesma coisa – quando caracteriza o grau de verdade de uma ideia – aos dois primeiros modos de perceber os passa a denominar imaginação e aos dois últimos, inteligência.

A imaginação e o conhecimento reflexivo são eventos mentais reflexo de diferentes afecções corporais. A imaginação e o conhecimento reflexivo são esforços para entender a si e ao mundo; a imaginação e o conhecimento, portanto, são *conatus*. Tanto a imaginação quanto o conhecimento reflexivo tem uma essência – potência – natureza – perfeição – realidade atual, sendo essência, potência, natureza, perfeição, realidade uma só e mesma coisa.

O foco do tratamento é o conhecimento mais claro e perfeito possível: o conhecimento adequado, tanto da imaginação como da inteligência, pelo conhecimento reflexivo de suas essências, para que tanto a imaginação quanto a inteligência façam parte do processo do pensar humano por aquilo que suas essências ordenam (decretem e organizem): por aquilo que a essência da imaginação e a essência da inteligência permitam que expressem.

Pensar é o *conatus* do pensamento. Imaginar, raciocinar e intuir é o esforço para conhecer. Cada um é o esforço enquanto em si mesmo para perseverar em si mesmo. É o esforço para o homem enquanto em si mesmo perseverar em seu ser (EIIIP6). A imaginação, portanto, é um verdadeiro bem – um verdadeiro bem.

As imagens, as ideias imaginárias, são uma mera percepção da ideia de uma afetação do corpo daquele que forma as ideias imaginárias. É uma construção mental. É um trabalho mental. É um esforço – um esforço enquanto em si, de se conhecer (por imagens). O conhecido adquirido por esse esforço enquanto em si mesmo de se conhecer – *conatus* – é suficiente para a maioria dos homens resolverem a maioria das situações de sua vida. A maioria dos problemas comuns humanos pode ser resolvida, pela imaginação, senão por ouvir dizer, principalmente, por experiências empíricas mesmo que vagas.

No momento que as ideias imaginárias forem pelo quarto modo de perceber, tem-se a ideia verdadeira do que é uma ideia imaginária, tem-se a ideia verdadeira do modo como se forma uma ideia imaginária e a ideia verdadeira do modo que se constitui a série de ideias imaginárias. Tendo o conhecimento adequado das imagens, tem-se a ideia verdadeira de uma imagem. Uma imagem conhecida e compreendida clara e perfeitamente, pode vir a ser respeitada por sua verdade. E, assim, as imagens e a imaginação, o modo de perceber por ouvir dizer e por experiências empíricas vagas, podem ser vividas exatamente por aquilo que elas são. Não há nem a necessidade de abandoná-las (o que é impossível) e, principalmente, nem há a necessidade de transformá-las (o que é possível): tanto as imagens quanto o modo pelas quais são formadas, então, se integram perfeitamente a realidade do homem – se integram perfeitamente a realidade do pensar humano.

O método parte do homem que nada sabe sobre si mesmo – o autômato sem pensamento – para no final chegar ao homem sábio – ao homem livre: o autômato espiritual. O autômato espiritual é o único homem que pode vir a conhecer o estado de continua e suprema felicidade: a beatitude. É o único que pode vir a conhecer um estado de uma natureza humana superior a natureza humana ordinária.

O autômato espiritual é aquele que sabe. É aquele com quem se pode falar sobre a ciência (TdIE§47-48). O autômato espiritual conhece o bem verdadeiro – a ideia verdadeira: a ideia que é simples ou composta por ideias simples (TdIE§85). É aquele que compreende a ciência proceder da causa para o efeito: para entender o efeito de algo há necessidade de conhecer a

causa deste algo e a causa deste algo é encontrado nesse algo. É da natureza do homem construir ideias verdadeiras – o autômato espiritual sabe que é de sua natureza constituir ideias verdadeiras e vive ativamente segundo as ideias verdadeiras que constitui. Compreende-se uma unidade na totalidade da natureza e vive segundo este conhecimento. Para Espinosa não basta conhecer. O homem precisa viver esse conhecimento; viver afetivamente esse conhecimento. Viver a beatitude. Conhecendo o bem verdadeiro que é a beatitude pode vir a atingir o supremo bem: viver a beatitude. Se, possível, viver a beatitude, com o outro.

– A prescrição final –

Espinosa no final de seu Tratado – prescreve algo para que aquele que era o paciente e agora é o agente – aquele que era o autômato sem pensamento e agora é o autômato espiritual. Algo que o homem que agora é livre pudesse levar com ele no momento no qual encerra a exposição de seu método. Ele enumera as propriedades da inteligência –

[...] ela envolve a certeza, isto é, que as coisas são formalmente, como estão objetivamente contidas na inteligência;

[...] ela percebe certas coisas, quer dizer, há ideias que a inteligência forma absolutamente e há ideias que formam outras ideias;

[...] as ideias que forma absolutamente exprime o infinito; as que são determinadas, a inteligências as forma de outras ideias;

[...] a inteligência forma as ideias positivas antes de formar as negativas;

[...] a inteligência percebe as coisas não tanto como sujeitas à duração, mas sob o ponto da eternidade e em número infinito;

[...] as ideias claras e distintas que formamos apresentam-se como resultantes da necessidade de nossa natureza;

[...] as ideias das coisas que a inteligência forma de outras, a mente pode determina-las de muitos modos;

[...] as ideias são tão mais perfeitas quanto mais exprimem da perfeição de algum objeto.

O tratamento não tem um final. O tratamento ou método nunca chega a um fim. O tratamento é um movimento reflexivo da mente humana sobre si mesma: um movimento que procura a ideia verdadeira de algo, se possível a partir de uma ideia verdadeira que se refira à natureza, à natureza inteira a qual a mente está absolutamente unida. Sempre que o movimento do conhecimento reflexivo se referir ao ser perfeitíssimo – ao ser que é a totalidade do ser – a natureza – o conhecimento será adequado. Resumindo –

[...] há apenas uma natureza: a natureza;

[...] a natureza ordena – decreta e organiza;

[...] a natureza se expressa por si mesma em si mesma;

[...] a natureza ao se expressa se faz por todos os seus atributos;

[...] o homem só conhece a natureza extensa e a natureza pensante;

[...] a natureza extensa é a existência em si, a natureza pensante é a inteligibilidade em si;

[...] tudo existe na natureza (inclusive a própria natureza) como a natureza ordena que exista;

[...] há uma lei para a expressão da natureza: a ordem e a conexão da expressão da natureza por um atributo é o mesmo que a ordem e a conexão por todos os seus atributos – para o homem, a ordem e a conexão das coisas é o mesmo que a ordem e a conexão das ideias;

[...] por essa lei – no homem – o que a mente do homem é uma afecção do corpo do homem – por um algo do próprio corpo do homem ou por um algo externo ao corpo do homem – uma ideia de algo é a ideia da afecção no corpo do homem por algo;

[...] o conhecimento de algo – acontece enquanto natureza pensante;

[...] para conhecer há necessidade de uma primeira ideia;

[...] há uma primeira ideia que inicia o processo de entendimento de algo: a ideia de algo;

[...] há uma primeira ideia que por existir na natureza é uma ideia natural;

[...] a primeira ideia necessariamente por natural é verdadeira;

[...] uma ideia verdadeira absoluta se referida à natureza ou

[...] uma ideia verdadeira segundo algo referido à natureza.

[...] O caminho por estar referido à natureza – um caminho determinado pela natureza – um caminho natural – um caminho perfeitíssimo – seguindo a ordem e conexão como a natureza ordena – caminho que resulta em uma ideia verdadeira de algo. O caminho natural pelo qual se forma uma ideia verdadeira segundo a natureza, segundo as leis naturais que ordenam o caminho pelo qual se construí uma ideia verdadeira (a ideia verdadeira de algo);

[...] o conhecimento reflexivo que parte de uma ideia verdadeira – naturalmente verdadeira – seguindo a ordem e conexão ordenada pela natureza na construção da série de ideias que constitui o conhecimento reflexivo – necessariamente é o caminho natural de refletir sobre algo por algum modo de pensar da natureza – sendo esse algo da natureza é o algo que determina o fluxo e o modo pelo qual a construção da série de ideias acontece;

[...] é necessariamente o caminho verdadeiro de conhecer algo;

[...] por esse caminho natural – necessariamente verdadeiro – as ideias que se seguem de uma ideia verdadeira adequada ou verdadeira segundo o que a natureza ordena leva necessariamente a outra ideia adequada ou verdadeira;

[...] ideias constituídas pelo caminho determinado pela natureza – pela ordem e conexão determinada pela natureza – enquanto a natureza – só podem ser ideias absolutamente verdadeiras enquanto o que a própria natureza ordena (enquanto o modo da natureza pelo qual a ideia for constituída);

[...] no homem, todo conhecimento, toda ideia é seguida de um afeto;

[...] toda ideia é uma ideia afetiva;

[...] a ideia verdadeira é amada por sua naturalidade;

[...] o resultado desse caminho natural de refletir sobre uma ideia verdadeira e da série de ideias que surgem a partir dessa ideia verdadeira que segue um dos quatros caminhos naturais – é necessariamente uma verdade:

[...] uma verdade eterna se referida à natureza;

[...] a verdade absoluta é a imanência – a união da mente humana à natureza;

[...] esse conhecimento é o maior de todos os bens verdadeiros;

[...] o objetivo de todo homem é viver esse conhecimento afetivo – é viver amorosamente na imanência – esse é supremo bem do homem;

[...] o supremo bem é viver esse amor.

Para tudo isso a necessidade da correção no entendimento da mente humana: viver o amor da natureza e viver no amor pela natureza. Para viver o amor da natureza pelo homem o tratamento espinosista do homem – para viver o amor do homem pela natureza o tratamento espinosista do homem. Um tratamento ou um método para que o homem ser a expressão do que generosamente a natureza lhe ordena como Paulo falou aos atenienses:

Cidadãos atenienses! Vejo que, sob todos os aspectos, sois os mais religiosos dos homens. [...] O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, o Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos humanas. Também não é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa, ele que a todos dá vida, respiração e tudo o mais. De *um só* ele fez toda a raça humana para habitar sobre toda a terra, fixando os tempos anteriormente determinados e os limites de seu habitat. Tudo isso para que procurassem a divindade e, mesmo se às palpadelas, se esforçassem por encontrá-la, embora não esteja longe de cada um de nós. Pois *nele vivemos, nos movemos e existimos*, como alguns dos vossos, aliás, já disseram: “porque *somos de sua raça ... somos da raça divina...*” Paulo – *Bíblia de Jerusalém* –

Discurso de Paulo no Areópago em Atenas (onde defende a filosofia grega) - *Atos dos Apóstolos* 17, 24-28.

3.2 – O movimento de pensar o pensamento, por sua causa adequada. ⁸¹

Entendo ser necessário, para a correta compreensão do que Bento Espinosa pretende expor com o seu método, a apreensão precisa da ideia de movimento que perpassa toda a sua obra. O método é o movimento da correção no entendimento do intelecto. O intelecto é o movimento de formação de si mesmo por si mesmo. O intelecto é o movimento de formação de ideias – de uma primeira ideia a partir de uma modificação no corpo – de séries de ideias a partir de uma primeira ideia e dos afetos correspondentes às ideias e séries de ideias. O método é o movimento para a correção no entendimento do movimento de formação da mente humana. Portanto, para entender adequadamente o método proposto por Bento Espinosa em seu *Tractatus Emendatione Intellectus* – para entender correta e adequadamente o movimento da correção no entendimento do movimento formador do intelecto – é absolutamente necessário entender de forma adequada – clara e precisa em si mesma – a ideia de movimento.

Bento Espinosa propõe a existência de apenas uma substância – causa de si e causa de tudo o que existe. A substância única absolutamente infinitiva e eterna – a natureza ou a vida – em algum momento precisa ter se expresso para que o universo inteiro possa vir a se manifestar na substância única por todos os seus infinitos atributos infinitos seguindo às suas leis naturais. O princípio de tudo – a natureza ou a vida – é móvel. E, se expressando, insculpe o seu movimento intrínseco imanentemente no mundo dos modos finitos. Espinosa:

[...] não há fora de Deus nenhum objeto de sua ciência, mas que ele é o objeto de sua ciência e, mesmo, que ele é sua ciência, Aqueles que pensam que o mundo é o objeto da ciência de Deus são muito menos razoáveis do que aqueles que querem que um edifício construído por algum arquiteto renomado seja tido por objeto de sua ciência, pois o arquiteto é obrigado a procurar fora de si uma matéria conveniente, mas Deus não procurou matéria alguma fora de

⁸¹ Esta subcapítulo segue o estudo iniciado em minha dissertação de mestrado em ética espinosista apresentado na Universidade de Caxias do Sul e posteriormente publicado no livro *O Homem livre em Deus*. Está baseado no capítulo *Causa adequada: adequação e verdade* do livro *O Homem livre em Deus*.

si: quanto à sua essência e quanto à sua existência, as coisas foram fabricadas por um intelecto idêntico a sua vontade ⁸².

No início, o movimento. A natureza se movendo se constitui por si mesma em si mesma por todos os seus atributos e leis naturais. Não é a natureza que gera o movimento – o movimento é a natureza. A natureza se constituindo – constitui tudo o que existe – em si mesma por si mesma. Esse primeiro movimento evidenciando a causalidade eficiente imanente – a causa adequada de tudo o que existe – evidencia da permanência da causa no efeito: a permanência de Deus (a origem de tudo) no efeito (no tudo o que existe). A natureza é a causa de si – a natureza é a causa eficiente imanente de tudo que existe na natureza.

Há uma só e mesma substância única. A substância é causa de si mesma – que ao causar-se causa o universo inteiro em si e por si. Assim, a substância que é o ser que é a totalidade do ser – é o ser em si e por si, o ser concebido em si por si mesmo. Por ser a substância única, o ser que é a totalidade do ser, todos os modos (ser) existem nesse ser que é a totalidade do ser existem na substância única. Depreendo, assim, que todos os modos (corpos – ideias – séries de ideias – afetos) expressam de maneira necessária (clara e determinada) – enquanto modos – a essência e a potência da substância única. Os modos da substância não são partes da substância – mas partes na substância, unidades na totalidade da natureza inteira. Assim, entendo que Deus (a natureza) pode ser reconhecido nas coisas e as coisas permanecerão em Deus (na natureza).

Entendo não ser – a natureza ou a vida – o algo que gera o movimento. A natureza e a vida é o próprio movimento. Depreendo que importa o verbo: mover-se. Para mim, esta é a chave para a correta compreensão do que Bento Espinosa deseja com sua obra. O princípio de tudo ser móvel – o primeiro movimento é a vida se expressando e ao fazê-lo inicia o processo móvel de constituição de todo o universo por todos seus atributos e por todas as suas leis. Sendo o movimento a essência ou a potência do Ser Perfeitíssimo essa essência ou potência se expressa modificada – se move – por seus atributos e leis naturais em todo o universo – em todas as coisas que existem. Assim, concluo, que em todas as coisas que existem há algo da essência e da potência (movimento) do Ser Perfeitíssimo.

⁸² Pensamentos Metafísicos II-VII.

O objetivo, contudo, de Bento Espinosa não é conhecer adequadamente todas as coisas do mundo – o que – como mostrado anteriormente – entende como impossível enquanto a potência ou a impotência da mente humana. O objetivo do *Tractatus Emendatione Intellectus* é o correto entendimento dos modos pelos quais o ser humano conhece algo para leva-lo a viver uma natureza ou um estado afetivo superior ao ordinário (TdIE§12-13). Espinosa escreve na *Ética* no prefácio de *De Natura Et Origine Mentis*:

[...] passo agora a explicar aquelas coisas que deveram seguir-se necessariamente da essência de Deus, ou seja, da essência do ente eterno e infinito. Embora tenhamos demonstrado, por EIP16, que dela devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras, não explicarei, na verdade, todas, mas apenas aquelas que possam nos conduzir, como que pela mão, ao conhecimento da mente humana e de sua beatitude suprema.

A substância única absolutamente infinita é Deus – o eterno. Entendo que o eterno necessariamente se fez presente – e, ao se causar, causa o universo inteiro. O Deus de Espinosa é o princípio de vida⁸³. Entendo o Deus de Espinosa como o princípio imanente imutável móvel de vida da vida na vida.⁸⁴ O eterno é o algo no qual a essência deste algo, a sua existência e a sua potência são uma só e mesma coisa: Deus. O eterno é o necessário.

Há questões: no início dos tempos (tempo que se expressa quando da expressão da substância única), como o eterno se fez presente? Como a natureza se fez natureza? A vida, vida? Uma só substância, em si mesma de absoluta e infinita perfeição, e com essência eterna e infinita: a Natureza (KV I ix). Para Bento Espinosa, desde sempre, no presente, há uma só única e mesma substância. Houve um início? Ele não nos diz.

A natureza se expressou na natureza? A substância única sempre esteve, está e estará manifesta no mundo conforme seus infinitos atributos por suas infinitas e perfeitas leis em seus infinitos modos finitos? Ele não nos diz. Houve um início do tempo e do espaço no qual o eterno (a substância única absolutamente infinita) faz-se presente no mundo como seus infinitos modos finitos? Podemos pensar que isso aconteceu realmente, mas ficamos sem uma resposta mais precisa do filósofo. A ciência atual pensa que houve um início.

⁸³ Moreau, 1987, p.18.

⁸⁴ *Pensamentos Metafísicos II-VII*

Compreendo o mundo onde tudo é movimento a partir de uma só e mesma substância absolutamente infinita e eterna – o princípio imutável móvel de tudo o que existe –; tudo é móvel a partir do ser que é a totalidade do ser (TdIE§99). O Ser Perfeitíssimo é o ser que existe em si e por si mesmo, concebido em si por si mesmo, sem o qual nada pode existir nem ser concebido: sem qual nada pode vir a ser conhecido – adequadamente conhecido. A substância única ao se expressar o faz por todos dos seus atributos; o homem, pela potência ou impotência de sua mente, consegue conhecer a natureza apenas por dois de seus infinitos atributos: a natureza extensa e a natureza pensante. O homem apenas conhece Deus enquanto extenso e pensante – não O conhece por outros de seus infinitos atributos.

O Ser Perfeitíssimo se move. A substância única se expressa segundo o que entendo ser a lei natural à qual ordena sua expressão em si mesma por si mesma: a ordem e a conexão de algo por um de seus atributos é a mesma ordem e conexão por todos os seus atributos (EPII7 e EVP1). Espinosa:

[...] a potência de pensar de Deus é igual à sua potência atual de agir. Isto é, tudo que se segue, formalmente, da natureza infinita de Deus segue-se, objetivamente em Deus, na mesma ordem e segundo a mesma conexão, a ideia de Deus (EIIP7c). [...] tudo o que pode ser percebido por um intelecto infinito como constituindo a essência de uma substância pertence a uma única substância, apenas, conseqüentemente, a substância pensante e a substância extensa são uma só e mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sob outro (EIIP7s).

A substância única ao causar-se, causa a existência e a essência de todos os modos (infinitos e finitos) do universo. O ser que a totalidade do ser – ao se expressar em si mesmo por si mesmo causa a existência e a essência de todos os seres do universo. A existência e a essência atual de cada ser existente no universo decorrem do ser que a totalidade do ser enquanto modificado por seus infinitos atributos infinitos seguindo as suas infinitas leis infinitas. Há o movimento da substância única para os seus infinitos modos finitos e deste para a substância única; a substância única se expressa em seus infinitos modos finitos – enquanto a substância única pensante, se expressa em suas infinitas ideias, series de ideias e afetos – sem se modificar – os seus infinitos modos finitos quando não mais se expressam em si mesmo, retornam à substância única sem que nunca dela tenham se separado.

A natureza é absoluta. A natureza – a substância absolutamente infinita e eterna – é única. A potência da natureza é absoluta: causa a si mesma e a tudo o que existe em si mesma por si mesma. A natureza é necessária porque só pode se expressar segundo sua essência e potência que é única e absoluta. A natureza é absolutamente livre por seguir necessariamente o que ela mesma se ordena por seus atributos e suas leis: a natureza se dobra e se desdobra em si mesma por si mesma espontânea e necessariamente. A substância única é a única causa da existência do mundo – por sua força natural para existir. Essa força para existir, à medida que a substância única se movimenta – se dobra e se desdobra em si por si – se expressa em todos os infinitos modos finitos. A substância única é a força (essência e potência) imanente ao mundo, e o mundo de certa forma a exprime. A substância única ao se mover – move o mundo. E, conseqüentemente, as expressões espontâneas e necessárias da substância única no mundo manifesto guardam em si algo desta substância única.

A substância única absolutamente infinita e eterna – causa de si e de tudo o que existe – inclusive o intelecto infinito de Deus e o intelecto finito do homem – é causa de sua essência, de sua potência, de sua existência e da inteligibilidade de si mesmo e de todas as coisas que expressa em si mesma por si mesma. A substância única – por EIIP7 – é causa inteligível de si mesma em si mesma por si mesma; ao se expressar, enquanto modificada por seus atributos e leis, expressa essa causalidade essencial a todos os seus infinitos modos finitos. A substância única ao se expressar, expressa essa sua potência de inteligibilidade, em seus infinitos modos finitos, por seus atributos e leis. Assim, deduzo que todos os infinitos modos finitos tem algum grau de potência de ser inteligível em si mesmo – capacidade, realidade, potência ou perfeição atual, enquanto modo finito – enquanto uma pedra, um martelo, uma árvore, um animal, um homem ou um homem chamado Pedro – determinada pelos atributos e leis que causam sua expressão atual.

A substância única é o absoluto: Deus. A substância única é a causa de si e de tudo o que existe. Como afirma Bento Espinosa – a sua existência e a sua essência divinas – são idênticas à sua potencia de se expressar e se expressando gera todos os infinitos modos finitos – os quais de alguma forma guardam em si mesmo algo da substância absolutamente infinita e eterna: a natureza. Nesta natureza, um modo finito singular, o homem chamado Pedro, guarda algo de divino em si mesmo – guarda a possibilidade de inteligibilidade em si mesmo de si mesmo pelo atributo do pensamento enquanto intelecto humano finito.

Espinosa procura pela ideia verdadeira do Ser Perfeitíssimo para conhecida a devida ordem pela qual a ideia de Deus é constituída fundar o método perfeitíssimo para a correção no entendimento do movimento formador da mente humana. Há, portanto, a necessidade do conhecimento adequado não apenas do Ser Perfeitíssimo – evidentemente, enquanto homem, enquanto o homem chamado Pedro – ou seja, o conhecimento adequado da ideia humana do Ser Perfeitíssimo, senão o movimento adequado enquanto homem para chegar a conhecer – por sua potência ou impotência humana – a ideia adequada da substância absolutamente infinita e eterna: a natureza inteira *na* qual se percebe uma unidade. Conhecer a devida ordem pela qual a ideia verdadeira do Ser Perfeitíssimo é constituída.

Espinosa escreve sobre a devida ordem que a

[...] nossa mente, à medida que concebe a si mesma e o seu corpo sob a perspectiva da eternidade, tem, necessariamente, o conhecimento de Deus, e sabe que existe em Deus e que é concebida por Deus (EVP30). A eternidade é a própria essência de Deus, enquanto esta envolve a existência necessária. Conceber, portanto, as coisas sob a perspectiva da eternidade é concebê-las à medida que são concebidas, por meio da essência de Deus, como estes reais, ou seja, à medida que, por meio da essência de Deus, envolvem a existência. Por isso, nossa mente, à medida que concebe a si mesma e o seu corpo sob a perspectiva da eternidade, tem, necessariamente o conhecimento de Deus (EVP30d).

Tudo é movimento na natureza desde que a natureza causando-se, expressa, por sua força (potência) imanente, todos os seres do universo. Assim, em todos os seres finitos – na pedra, no martelo, na árvore, no animal, no homem, no homem chamado Pedro, Deus se expressa e em todos esses infinitos modos finitos, Deus pode vir a ser reencontrado ou pelo menos reconhecido. Todos os modos finitos permanecem na substância única – mesmo mudando constantemente – e a substância única permanece em todos os seus infinitos modos finitos por serem seus infinitos modos finitos parte na substância única (por si mesma em si mesma). Deus permanece nos modos finitos e os modos finitos permanecem em Deus: Deus permanece no homem e o homem permanece em Deus – independente de todas as mudanças que lhe ocorram durante sua existência. Para a correção no entendimento do movimento da formação do intelecto humano, Espinosa, procura conhecer o Ser Perfeitíssimo, a ideia do Ser

Perfeitíssimo e a devida ordem pela qual essa ideia verdadeira é construída. E, como Espinosa, escreve:

[...] concebemos as coisas como atuais de duas maneiras; ou enquanto existem em relação com um tempo e um local determinados, ou enquanto, estão contidas em Deus e se seguem da necessidade da natureza divina. Ora, a que são concebidas como verdadeiras ou reais dessa segunda maneira nós as concebemos sob a perspectiva da eternidade, e as suas ideias envolvem a essência eterna e infinita de Deus [...] (EVP29s).

O Ser Perfeitíssimo por ser imanente a todas as coisas – a todas as ideias – pode vir a ser conhecido se os infinitos modos finitos – as ideias – forem conhecidos pelo o que de divino nelas resta, ou seja, as coisas e as ideias forem conhecidas pelo o que de natural nelas resta, na ordem e na conexão que a natureza ordena sua existência: a devida ordem. O Ser Perfeitíssimo ordena o mundo por todos os seus atributos segundo suas leis perfeitíssimas. A natureza ordena o mundo por todos os seus atributos segundo suas leis naturais. Sendo a natureza – extensa e pensante – tudo o que nela acontece pode vir a ser inteligível – senão pelo homem, pelo menos pela própria natureza ou pelo próprio Ser Perfeitíssimo.

O Ser Perfeitíssimo é a substância única absolutamente infinita e eterna. O Ser Perfeitíssimo é a substância única. Por substância, Bento Espinosa, entende algo que é causa de si mesmo. Por isso, entendo ser a ideia do Ser Perfeitíssimo e o conhecimento da devida ordem pela qual a ideia de Deus é constituída o fundamento o que Bento Espinosa denomina o método perfeitíssimo. O método é perfeitíssimo por ter como fundamento o modo como a natureza se expressa: o movimento de Deus causar-se. Deus é *causa sui*.

Deus ou a natureza é causa de si mesmo. A substância absolutamente infinita e eterna é causa única e absoluta de si mesma sem qualquer interferência externa a ela mesma (até porque nada existe externo a Deus ou à natureza). A substância única é causa de si mesma: existe em si e por si mesma; é concebida em si e por si mesma e sem a qual nada existe e nada pode ser concebido. O movimento de Deus – o modelo de causa de si – se reflete no mundo – no momento, que Deus se movendo expressa em si o universo inteiro em si mesmo por si mesmo. Entendo ser o movimento pelo qual Deus causa o universo inteiro decorrente necessariamente do movimento de ser causa de si mesmo: ao se expressar no mundo

manifesto enquanto natureza extensa e natureza pensante a natureza se expressa por uma causalidade absoluta e necessariamente determinada por seus atributos e por suas leis.

A natureza ao se mover causando-se, causa o universo inteiro – causa o movimento constituidor do universo inteiro dos modos necessariamente segundo o que a própria natureza ordena. A causalidade absolutamente livre da natureza – no momento que a natureza ao insculpir o universo inteiro, em si mesma por si mesma, o faz pela causalidade necessária ordenada por si mesmo por todos os seus atributos segundo suas leis naturais. .

Como dito, Deus ao se expressar – se expressa em todos os seus infinitos modos finitos e neles será encontrado. Penso que o mais importante ser Deus se expressar movendo-se necessariamente por si mesmo – a causalidade de si mesmo – segue no mundo na forma de uma causalidade necessariamente determinada por Deus. O método é perfeitíssimo por procurar a devida ordem natural ou divina da constituição de algo – no tratado de uma ideia – procurar conhecer algo por sua causa adequada.

Deus se move conforme as suas próprias leis divinas. Ao se mover forma o mundo inteiro dos modos. Deus é absolutamente livre por necessariamente se expressar sem qualquer constrangimento no mundo. Bento Espinosa define liberdade como a expressão espontânea da natureza na ausência de constrangimento externo. Penso que introduz, deste modo, a ideia de liberdade como necessidade: a necessidade livre ou a liberdade necessária. Deus - o ser absoluto é o agir absoluto ⁸⁵ – quando Espinosa afirma que a essência e a potência de Deus são uma e mesma coisa, significa que a ação de Deus é absolutamente livre e necessária porque tudo se segue da necessidade da natureza essencial de Deus, um ser absolutamente infinito; e, assim, Deus é pura e livre atividade por si mesmo. Sua essência não é senão a pura e pristínica liberdade de ação livremente necessária e necessariamente livre. Tem-se que “tudo aquilo que concebemos como estando no poder de Deus existe necessariamente” (EIP35).

A substância única é o absoluto ⁸⁶. Deus é o ser que só pode ser concebido em si e por si mesmo: a natureza ou a vida ⁸⁷. Deus é o princípio absoluto (EID1), a potência absoluta

⁸⁵ Chauí, 2003, p. 104.

⁸⁶ Chauí, 2003, p. 96.

⁸⁷ Em seu *Breve Tratado*, no apêndice geométrico, Espinosa diz que “a Natureza é conhecida por si mesma, e não por alguma outra coisa. Ela consiste em atributos infinitos, cada um dos quais é infinito e perfeito em seu

(EIP16), a essência absoluta (EIP15) e a constituição absoluta (EID5). E, Deus permanece no mundo: a causa (Deus) permanece no efeito (no mundo) e, no efeito, nos infinitos modos finitos, Deus pode vir a ser reconhecido. Deus é a causa eficiente imanente de tudo o que existe no mundo. Espinosa afirma que

[...] Deus é não apenas a causa pela qual as coisas começam a existir, mas também pela qual perseveram em seu existir, ou seja, (para usar um termo escolástico), Deus é causa de ser das coisas. Pois, quer as coisas existem, quer não, toda vez que consideramos sua essência, descobrimos que ela não envolve nem a existência nem a duração. E por isso, não é sua essência que pode ser causa de sua existência, nem de sua duração, mas apenas Deus, cuja natureza é a única à qual pertence o existir (EIP24c).

O homem livre, o autômato espiritual, obedece às leis naturais ativa, necessária e espontaneamente que o ordena – das quais é o efeito necessário. Penso apontar para o fato de ser o homem livre aquele que tendo conhecimento de si pode vir a ser a causa adequada de si mesmo. Chauí apresenta:

[...] a unicidade substancial e a universalidade da causa eficiente imanente necessária definem a natureza de todas as coisas particulares como afecções ou modos da natureza do ser absolutamente infinito, porque são efeitos produzidos por ele no mesmo sentido em que se autoproduz, isto é, quanto à essência e à existência. A referência da causa eficiente imanente à causa de si não só exclui a criação *ex nihilo* como altera a ideia mesma de criação. Em primeiro lugar, porque a ação causante que produz todas as coisas singulares é a mesma que produz o ser absolutamente infinito; em segundo, porque as essências e existências das coisas singulares são igualmente produzidas pelo ser absoluto, isto é, não há essências possíveis à espera de passar à existência por um querer onipotente que escolhe contingentemente; em terceiro, e como consequência, porque as coisas singulares não são composição de essência e existência, mas unidade de ambas (EIID2), unidade vinda da causa que lhes confere

gênero; à sua essência pertence a existência, de sorte que fora dela não existe nenhuma essência ou ser, de modo que ela coincide exatamente com a essência de Deus, o único magnífico e bendito.”.

necessidade. [...] as coisas particulares são efeitos de uma potência absolutamente infinita que, ao causar-se a si mesma, causa todos os seus efeitos singulares necessários⁸⁸.

Em EIP25, Espinosa: “Deus é causa eficiente não apenas da existência das coisas, mas também de sua essência.” No escólio dessa proposição tem-se: “dada a natureza divina, dela se deve necessariamente deduzir tanto a essência quanto a existência das coisas. E, para dizê-lo em uma palavra, no mesmo sentido em que se diz que Deus é causa de si mesmo, também se deve dizer que é causa de todas as coisas [...]” E, no corolário lê-se: “as coisas particulares nada mais são que afecções dos atributos de Deus, ou seja, modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada”. Deste modo, Bento Espinosa introduz e insculpe novas bases para um modelo de comportamento ético e político sem as amarras e os dogmas da teologia.⁸⁹ Concebe e formula a ontologia da necessidade.⁹⁰

Identifico, deste modo, que para Bento Espinosa conhecer algo é conhecer pela causa deste algo. Conhecer a verdade de uma ideia é conhecer pela causa desta ideia. Conhecer o movimento formador de ideia é conhecer a causa deste movimento. Conhecer adequadamente algo conhecer pela causa deste algo: conhecer pela causa adequada que impõem a existência deste algo. Conhecer a causa nada mais é senão conhecer o modo pelo qual uma causa engendra de maneira necessária um efeito determinado – algo. Uma causa verdadeira ou adequada de algo não pode ser extrínseca ao efeito: deve ser interna a este algo. Assim, entendo que uma ideia é adequada ou verdadeira se conhecida a devida ordem pela qual foi constituída: sua essência íntima ou a causa eficiente imanente ao intelecto que determina sua existência⁹¹. Entendo, assim, que Bento Espinosa afirma ser a verdade imanente ao próprio intelecto, não necessitando de qualquer garantia externa: conhecer adequadamente uma coisa é conhecer o seu modo de produção: sua causa adequada.

Em seu livro *De Deo da Ética*, Bento Espinosa aborda dois de seus conceitos fundamentais: o conceito de *causa sui* e conceito de substância. Escreve: “por causa de si compreendo aquilo cuja essência envolve a existência, ou seja, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente” (EID1). Espinosa define substância como algo que existe

⁸⁸ Chauí, 1999, p. 884.

⁸⁹ Chauí, 2003, p. 95.

⁹⁰ Chauí, 1999, p. 931.

⁹¹ TP I§ 4.

por si em si, pela necessidade de sua própria essência e pela força de sua potência, essência e potência uma só e mesma coisa: “por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado” (EID3). Por esta definição – depreende-se – que há uma só e mesma substância no universo: a natureza.

Espinosa entende o conceito de causa de si como um modelo ou como um arquétipo de seu entendimento da causalidade. Apresenta causa de si como o modelo de causalidade necessária que é fundamental para compreender o sistema ontológico espinosista de causalidade – para o método – para a correção no entendimento do movimento de formação da mente humana por suas causas adequadas. O movimento do conceito de substância e conceito de causa de si mesmo e, o fato de ser a substância a causa em si por si (causa eficiente imanente) de tudo o que existe, o movimento de causa de si mesma para causa eficiente imanente de tudo o que existe, entendo fundamentar o modelo espinosista de causalidade necessária.

Como outros termos filosóficos anteriormente empregados por outros filósofos ⁹², o termo “causa” é redefinido de forma muito específica e característica por Bento Espinosa que torna o uso do termo “causa” particularizado com significado intrínseco à filosofia espinosista⁹³. Para Espinosa, causa não é nada senão causa imanente e eficiente. Deus é causa de si mesmo, ou seja, Deus é a causa imanente e eficiente de si mesmo. Deus é a causa de tudo o que existe no universo inteiro, isto é, Deus é causa imanente eficiente do universo inteiro em si mesmo por si mesmo. Deus é *causa sui* – e, ao se expressar é a causa eficiente imanente de tudo o que existe (de todos os modos) por seus atributos e leis.

Bento Espinosa concebe a causa eficiente como imanente e não como a tradição entendia, como externa. A causa eficiente deixa de ser extrínseca para tornar-se intrínseca. Como a substância única ao se expressar o faz por todos os seus modos infinitos – a causa eficiente imanente de sua expressão por cada um dos seus atributos será dada pela essência particular do dado atributo pelo qual a substância única se expressa. Como o homem conhece a expressão da natureza apenas por dois de seus infinitos atributos infinitos – a extensão e o

⁹² Aristóteles desenvolve sua doutrina das quatro causas em *Phys 2, 3 e 7*. Sobre o termo causa consultar EID1, EIP18, EIP18d; Barnes, 2009, p. 169, 233 e 234; Deleuze, 1970, p. 59 e 60.

⁹³ Deleuze, 1970, p. 59.

pensamento – o algo que é a expressão da substância – pelas leis da expressão da substância (EIIP7) – será conhecido na ordem e conexão como o movimento que forma o algo na extensão pelas leis da extensão que é a mesma ordem e conexão como o movimento que forma o algo no pensamento pelas leis do pensamento.

Entendo que a causa eficiente imanente de algo na extensão será explicada por um movimento que acontece na extensão e, a ideia deste algo será explicada por um movimento que acontece no intelecto. Nesse exemplo, a causa adequada de uma essência formal (algo na extensão) é o próprio movimento extenso (físico, químico,...) que constitui este algo como algo manifesto na extensão; assim, decorrente de EIIP7, a causa adequada da essência objetiva de uma essência formal (a ideia de algo no pensamento) é o próprio movimento cognitivo-afetivo que constitui a ideia deste algo como ideia do algo extenso. Há também a possibilidade de o intelecto formar a ideia de uma ideia (que por EIIP7, corresponde a uma afecção no corpo na extensão), quando a primeira ideia é a essência formal da segunda ideia – a essência objetiva da primeira ideia. Entendo que o mesmo entendimento, é válido para determinar a causa adequada da segunda ideia, do movimento de constituição das séries de ideias a partir de uma primeira ideia. O algo é movimento – e não o movimento o que constitui o algo (corpo, ideia, série de ideias, afeto). Tudo é movimento. E, uma ideia é verdadeira ou adequada quando a causa adequada dela (imanente à própria ideia) é conhecida pelo conhecimento adequado do movimento que a constitui.

Se uma coisa existe tem de existir uma causa definida e determinada para que essa coisa exista; se não existe, tem que haver uma causa definida e determinada que explique a sua não existência: “de uma causa dada e determinada segue-se necessariamente um efeito; e inversamente, se não existe nenhuma causa determinada, é impossível que se siga um efeito” (EIax₃). Bento Espinosa explica e exemplifica dizendo que

[...] para cada coisa, deve-se indicar a causa ou a razão (*causa seu ratio*) pela qual existe ou não existe. Por exemplo, se um triângulo existe, deve-se dar a causa ou a razão pela qual ele existe; se, por outro lado, ele não existe, deve-se também dar a razão ou a causa que impede que ele exista, ou seja, que suprima a sua existência. Ora, essa razão ou causa deve estar contida na natureza da coisa ou, então, fora dela. Por exemplo, a própria natureza do círculo indica a

razão pela qual não existe um círculo quadrado, pois, evidentemente, admiti-lo envolve uma contradição (EIP11da).

Bento Espinosa também afirma se uma coisa definida e determinada particular existir e, sendo sua existência necessariamente determinada na e pela natureza da substância, há necessariamente uma causa definida para a sua existência atual (EIP28). Encontram-se, em outros trechos da *Ética*, novos elementos constituintes deste modelo de causalidade necessária que Espinosa propõe e está construindo. Nessas passagens da *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata* em *De Deo*, Espinosa escreve que:

[...] o conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e a envolve (E1ax₄).

[Então], se uma determinada e definida coisa existir, deve ser, necessariamente, indicada e conhecida a causa ou a razão pela qual ela existe ou não existe (EIP11da),

[porque] nada existe na natureza das coisas que não seja determinado pela necessidade da natureza da substância (EIP29)

[e] porque não existe nada de cuja natureza não se siga algum efeito (EIP36).

Para Espinosa, uma coisa é causa de si se e somente se a sua essência só pode ser concebida como existente. Ou seja, a sua essência é a sua própria existência. Assim, pelos conceitos de causa de si e de substância, pode-se concluir que a substância é esse algo ou essa coisa que é a causa de si: existe em si e por si mesma, é concebida em si e por si mesma.⁹⁴ Pode-se observar uma nova mudança radical quanto aos conceitos entendidos e aceitos pela tradição. Por substância, não entende uma coisa ou um sujeito de predicados pelos quais pode ser concebido (a). Por substância – Deus – Espinosa não entende senão a existência em si⁹⁵ e a inteligibilidade por si.⁹⁶ Esse aspecto funda o método para a correção no entendimento do movimento formador da mente humana. O homem existindo na substância única – a

⁹⁴ Espinosa em EID3. Chauí, 2003, p. 95 e Chauí, 1999, p. 96 e 915.

⁹⁵ Chauí, 1999, p. 64.

⁹⁶ Chauí, 2003, p. 95. Consultar – nesta ordem – EIIP7; Chauí 1999, p. 565 e p. 915; e EIIP6.

existência em si e a inteligibilidade em si – pode vir a se conhecer, por ter em si, enquanto o modo finito humano algo da substância única.

Entendo que pela ontologia espinosista do necessário, uma substância é substância se e somente se a sua existência segue necessariamente de sua essência – sua essência é a sua existência: essência e existência, ela(s) é (são) uma só e mesma coisa.⁹⁷ Se há uma e somente uma substância, essa substância é a causa não apenas de si mesma, mas é a causa eficiente imanente de tudo o que existe no universo: irá constituir todas as coisas no universo, as suas leis, a ordem e conexão que existe entre essas coisas o que determina como elas são, estão, operam, vivem e existem na natureza – na extensão e no pensamento.

Se há uma só e mesma substância, ao causar-se essa única substância constitui (causa) o universo inteiro. E, essa substância a cuja natureza pertence o existir (EIP7), que é absolutamente infinita (EIP8) e simples (EIP13), constituída de infinitos atributos (EIP9) e cuja essência é uma verdade eterna (EIP8s2), necessariamente é Deus (EIP14) ou a natureza (KV I ii § 2, 4 e 12) ou a vida (PM II – VI). A natureza, então, o ente absolutamente infinito concebido por infinitos atributos (EID6), é essa substância única causa de si mesma e a causa de todas as coisas existente no universo (EIP15).

O modelo espinosista ontológico de causalidade necessária é fundamental para compreender o sistema de causalidade dos eventos e das coisas na ordem e conexão natural que essas coisas ocorrem e operam na natureza e com isso, compreender o significado e importância do conceito da palavra adequado e, em particular, de causa adequada na ontologia do necessário espinosana. É fundamental e necessário para a compreensão adequada do universo e para compreender-se adequadamente o que ocorre no momento em que a substância causa a si mesma, expressando a si mesma em si mesma por si mesma. Compreender como também a substância, por sua natureza, em si mesma e por si mesma, se exprime necessariamente por causa(s) definida(s) e determinada(s), simultaneamente por todos os seus infinitos atributos⁹⁸, ou seja, se exprime no pensamento, na extensão e em seus outros infinitos e perfeitos atributos infinitos (desconhecidos pelo homem), em infinitas

⁹⁷ Chauí, 1999, p. 786.

⁹⁸ Espinosa, EID4: “Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe com constituindo a sua essência.”. Ver KVI vii § 10; Chauí, 1999, p. 674 e Ramond 2010 p. 26-27.

manifestações, em infinitos eventos ou em infinitos modos finitos, causando o universo inteiro das coisas, causando tudo o que existe no universo, em si mesma, na própria substância, que é a causa última do universo inteiro.

Chauí afirma que a substância,

[...] causa de si inteligível por si em si e por si mesma, a essência de uma substância absoluta é constituída de infinitos atributos em seu gênero, isto é, por infinitas ordens de realidade infinitas e simultâneas, sendo isso uma essência infinitamente complexa e internamente diferenciada em infinitas ordens de realidade infinita. Existente em si e por si, inteligível em si e por si, essência absolutamente complexa, a substância é absolutamente infinita e potência absoluta de autoprodução (pois é causa de si) e de produção de todas as coisas (pois é causa eficiente da essência e da potência de todas elas). A existência e a essência da substância são idênticas à sua potência ou força infinita para existir em si e por si, para ser internamente complexa, para ser concebida por si mesma e para fazer existir todas as coisas.⁹⁹

Pode parecer um paradoxo que a substância sendo simples infinita e indivisível, portanto, sem partes, possa ao mesmo tempo ser internamente constituída de “uma complexidade infinita de infinitas ordens simultâneas de realidade diferenciadas”.¹⁰⁰ Porém, não há nenhuma contradição. As infinitas maneiras pelas quais a substância se expressa se exprimem nela mesma, na própria substância sem modificá-la de qualquer maneira, não como parte(s) dessa substância, mas como modos infinitos ou finitos na substância. A substância (*Deus sive Natura sive Vita*), conhecendo somente o presente, permanece imutável, absoluta e necessariamente a mesma e uma só substância.

Há, portanto, apenas duas maneiras de existir: como substância (existência em si e por si) e como expressão da substância como modos ou efeitos imanentes da substância no mundo

⁹⁹ Chauí, 2003, p. 96.

¹⁰⁰ Por EIP14c₁, Deus é único. “[...] não existe na natureza das coisas, senão uma única substância [...] que é absolutamente infinita [...]”. Por EIP15, “tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido”. Ou seja, por EIP14c₂, “[...] a coisa extensa e a coisa pensante ou são atributos de Deus ou (pelo axioma 1) são afecções dos atributos de Deus”. Deus é absolutamente simples, mas contém em si o universo inteiro.

manifesto (existência em outro e por outro).¹⁰¹ A substância permanece sempre presente no presente de forma imutável: todas as suas manifestações quando se exprimem existem nela mesma, sem nunca mudá-la quanto a sua essência e sua existência que são uma e mesma coisa. Sua realidade é sua própria perfeição (EIID6).

A substância sendo causa de si é a unidade – essência e existência – na totalidade de si mesma. A substância é a unidade essência e natureza. A substância é Deus ou natureza ou vida. A essência contém e inclui a sua existência; a sua essência implica a sua existência, a sua existência depende de sua essência, e essência e existência é (são) uma e somente uma mesma coisa ¹⁰².

Sendo a natureza a causa de si mesmo (*causa sui*), sendo a natureza a substância única, causa da essência e existência do universo, em si mesma por si mesma, então, a natureza é a causa eficiente imanente de todas as coisas por todos os seus infinitos modos infinitos imediatos (atributo) e mediatos (leis). A natureza é a causa última e o fundamento do que se apresenta como definição de essência atual de uma coisa singular (o que explica a sua existência no instante atual por suas leis), isto é, de seu *conatus* (a potência de agir ou força de existir, enquanto em si, de perseverar em seu ser – EIIP6). A natureza é a causa imanente eficiente da toda a atividade humana como causa adequada.¹⁰³ Chauí comenta que:

[...] justamente uma *natura* é uma essência ativa ou a essência entendida como causa eficiente interna, o *conatus* será demonstrado como essência atual de uma coisa singular; além disso, porque *natura* é o princípio interno da atividade que não requer uma causa externa para realizar-se, compreende-se a distinção [...] entre causa inadequada ou passividade e causa adequada ou atividade ¹⁰⁴.

¹⁰¹ Em *Ética, Pars Prima, De Deo*, Espinosa afirma no axioma um: “tudo o que existe, existe ou em si mesmo ou em outra parte.”. Na definição três: “por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido [...]” e em EIP16, da substância “devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras [...]”. Portanto, deduz-se que existe Deus e as suas infinitas expressões por e em sua própria natureza.

¹⁰² Chauí, 1999, p. 786.

¹⁰³ Chauí, 1999, p. 789 e 918.

¹⁰⁴ Chauí, 1999, p. 789 e Chauí, 2011, p. 77.

A causa adequada de um particular e singular modo é explicada não pela necessidade de qualquer causa externa, mas pelo princípio interno de realidade de que esse modo é o seu efeito. Com dito acima, Bento Espinosa em *De Origine et Natura Affectuum*, livro terceiro da *Ética*, define causa adequada –

[...] chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só (EIID1).

Complementa:

[...] digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial (EIID2).

Como Deus é a causa eficiente e imanente de todo o universo (EIP18), todos os modos do mundo se seguem necessariamente de sua essência absolutamente infinita (EIP16), não enquanto Deus é infinito e eterno, mas enquanto considerado como afetado em seus atributos (EIIP9). Deus ao se exprimir nos modos por seus atributos não se separa deles, não lhes é externo: exprime-se na coisa em si mesmo e essa coisa o exprime (EIP15). Chauí afirma, em seu livro *Desejo Paixão e Ação na Ética de Espinosa*, que o homem e

[...] tudo o que existe, portanto, possui causa determinada e necessária para existir e ser tal como é: é da essência dos atributos causar necessariamente as essências e potências de todos os modos e encadear ordenadamente as leis causais universais que regulam a existência e as operações desses modos; e todos modos, porque exprimem a potência universal da substância, são também causas que produzem efeitos necessários. Isto significa que nada há de contingente no universo e que tudo é necessário. Há um ser necessário por sua

própria natureza ou por sua essência – Deus – e há seres necessários pela causa – os seres singulares, efeitos imanentes da potência necessária de Deus ¹⁰⁵.

O homem existe na natureza. Ele é um modo finito na e pela substância: o homem é uma coisa singular determinada a existir e operar conforme lhe ordena a substância – a natureza (Deus) (EIP26), porque Deus não é apenas a causa pela qual as coisas existem, mas também pela qual perseveram no existir (EIP24c). Deus, não enquanto infinito ou eterno, senão como enquanto modificado (EIIP9), pois

[...] nenhuma coisa singular, ou seja, nenhuma coisa que é finita e tem uma existência determinada, pode existir nem ser determinada a operar, a não ser que seja determinada a existir e a operar por outra causa que também é finita e tem uma existência determinada; por sua vez, essa última causa tampouco pode existir nem ser determinada a operar a não ser por outra, a qual também é finita e tem uma existência determinada, e assim por diante, até o infinito (EIP28).

Edwin Curley aponta como uma dificuldade para o claro entendimento a questão implícita nestas proposições encontradas em *De Deo*. Ele questiona como uma coisa finita (um homem ou uma pedra) pode ser condicionada ao mesmo tempo por Deus e por outras coisas finitas. ¹⁰⁶ Quanto a essa questão, Chauí afirma que a substância, Deus ao causar-se causa o universo inteiro, causa a existência de todos os seres do mundo manifesto: Deus ao causar-se causa o universo inteiro em Deus por Deus. Parece quer dizer que não há diferença de afirmar-se que Deus se exprime e Deus se exprime no universo inteiro. Deixa implícito que a substância ao se exprimir como a substância absolutamente infinita e como modo no universo segue as mesmas leis eternas que determinam necessariamente a sua expressão. Entendo que na substância única há o movimento causal de sua própria expressão para o movimento causal enquanto todos os seus modos – há o movimento de *causa sui* para o movimento de causa imanente eficiente, por todos os seus atributos e leis, de seus infinitos modos finitos.

Bento Espinosa em *De Deo* afirma que “as coisas não poderiam ter sido produzidas por Deus de nenhuma outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em

¹⁰⁵ Chauí, 2011, p. 71.

¹⁰⁶ Curley, 1969, p. 63.

foram produzidas” (EIP33), portanto os modos finitos (corpos e ideias) são produzidos necessariamente por Deus de uma única maneira e em única ordem¹⁰⁷. Espinosa também diz “da necessidade da natureza divina devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras” (EIP16), isto é, a causa da existência das coisas é a essência de Deus porque somente à essência da substância, à essência divina, pertence o existir (EIP14c e EIP24c). Não pertence à essência das coisas produzidas por Deus a existência (EIP24); pois “quer as coisas existam ou não, toda vez que consideramos sua essência, descobrimos que ela não envolve nem a existência nem a duração” (EIP24c).

Os modos finitos (as ideias e as séries de ideias, os afetos, por exemplo) exprimem a essência da substância por seus atributos modificados por suas leis eternas (EIP9). E, é exatamente por exprimir-se por uma afetação da substância que não é a sua própria essência de modo finito que pode ser a causa de sua existência nem de sua duração, mas apenas Deus. Somente à natureza divina pertence o existir (EIP24c).

Contudo, entendo que a essência atual de um modo finito, de um homem ou de uma pedra, seu *conatus*, está na dependência (interdependência) dos outros modos finitos por EIP28. Posso deduzir, então que o homem e a pedra devem sua existência de homem e de pedra a Deus enquanto sua essência eterna e infinita e, o homem e a pedra devem o modo determinado e definido pelo qual exprimem essa natureza da substância em um definido e determinado homem e uma definida e determinada pedra a Deus enquanto suas leis divinas exprimem, ordenam e regem a expressão da natureza da substância como coisa definida e determinada no mundo dos modos finitos, no mundo manifesto ou no universo o que depende das coisas nele existentes (EIP28).

Edwin Curley, em seu livro *Spinoza's Metaphysics*, declara que

[...] os modos finitos [para existirem] requerem uma infinita série de causas finitas e uma finita série de causas infinitas que leva a Deus.¹⁰⁸ [...] As coisas finitas dependem de Deus enquanto ele modificado por finitas modificações e por infinitas modificações [...] nem os modos infinitos nem os modos finitos

¹⁰⁷Chauí, 1999, p. 588.

¹⁰⁸Curley, 1969, p. 64.

são por eles mesmos causas adequadas dos modos finitos [...] são apenas causas parciais [...] a existência e a ação de uma coisa finita particular não pode ser entendida senão se referida a ambos os modos infinitos e finitos ¹⁰⁹.

O conceito de causa adequada se associa novamente ao conceito de causa de si mesma, isto é, a natureza. A natureza é a única substância, causa imanente de si mesmo (EIP14), causa eficiente imanente de todo universo (EIPP18 e 25). O universo é determinado necessariamente pelas leis eternas de Deus (ou naturais) a ser e a existir tal como o universo é e existe (EIP33) e a operar como opera (EIP27). Ao se exprimir, Deus exprime o universo inteiro por suas leis eternas; assim sendo, em seu *Breve Tratado de Deus, do Homem e de seu Bem-estar*, Espinosa escreve que

Deus é uma causa principal das obras que criou imediatamente, como é o movimento na matéria [...] nas quais não cabe a causa menos principal já que esta sempre se encontra nas coisas particulares, como quando Ele seca o mar por um forte vento, e assim sucessivamente, em todas as coisas particulares que existem na Natureza. A causa menos principal-inicial não se dá em Deus, porque fora d'Ele nada há que o possa coagir. Por outro lado, a causa predisponente é sua própria perfeição, em virtude da qual é causa de si mesmo e, por consequência, de todas as outras coisas (KV I iii § 5). [...] Deus é a causa próxima das coisas que são infinitas e imutáveis, e das quais dizemos que foram criadas imediatamente por Ele; porém, em certo sentido, Ele é a causa última de todas as coisas particulares (KV I iii § 8).

O homem que pretende ser causa adequada de si mesmo necessita conhecer e compreender sua natureza, pela razão ou pela intuição, por aquilo que ela é realmente. Conhecer a causa das afecções em seu corpo, decorrentes do seu encontro com o outro no mundo manifesto, e assim, conhecer a causa adequada de seus afetos, de seus pensamentos e de suas ações. Para isso, o método de correção no entendimento do movimento formador da mente humana. Tendo reformado sua inteligência, procura conhecer, a si e as coisas, como conhece e define o triângulo e o círculo ¹¹⁰, por sua causa próxima e eficiente-imanente, por ideias e definições adequadas, portanto, por ideias verdadeiras. Não será a verdade de uma

¹⁰⁹ Curley, 1969, p. 66.

¹¹⁰ Chauí, 1995, p. 41.

dada coisa definida ou conhecida nem por uma experiência vaga (empírica) das coisas – apesar de Espinosa não desprezar a experiência científica – e nem por qualquer experimento científico ¹¹¹. Espinosa, em carta para Simon de Vries em março de 1663, responde a seu amigo a questão que havia lhe feito sobre a importância da experiência para o conhecimento da verdade. Escreve:

[...] vós me perguntais: a experiência nos é necessária para saber se a definição de um atributo é verdadeira? Respondo que jamais temos necessidade da experiência, a não ser aquilo que não se pode concluir da definição que damos de uma coisa, como, por exemplo, a existência dos Modos, pois ela não pode ser concluída da definição da coisa. Mas não temos necessidade da experiência para conhecer aquilo cuja existência não se distingue da essência e, por conseguinte, se conclui da definição. Mais do que isso, nenhuma experiência nos poderá jamais nos dar um conhecimento semelhante, pois a experiência não nos ensina sobre as essências das coisas; o mais se pode dela esperar é dirigir o espírito de tal modo que ele se aplique somente a certas essências. Depois, e porque a existência dos atributos não difere de sua essência, jamais nenhuma experiência poderá nos fazê-la apreender. Vós me perguntais, ainda, se as coisas reais e suas afecções são verdades eternas. Respondo que elas o são (Ep 10).

Bento Espinosa pensa que a realidade das coisas coincide com a realidade ou concepção das ideias das coisas (EIP7), ou seja, a realidade coincide com pensamento pela questão ontológica da causalidade necessária na expressão simultânea da natureza da substância por todos seus infinitos atributos: as relações das ideias correspondem exatamente às relações da realidade ¹¹². Scruton escreve que “o pressuposto oculto da filosofia de Espinosa é que a realidade e concepção coincidem, de tal modo que as relações entre as ideias correspondem exatamente às relações na realidade [...] implica que as relações de dependência no mundo são todas inteligíveis como relações lógicas entre as ideias”.¹¹³ Entendo, que apesar de Scruton ter usado o termo pressuposto oculto, como há uma única ordem e conexão na natureza por todos os seus infinitos atributos infinitos, no homem, pelos

¹¹¹ Moreau, 1994, p. 227 e 293.

¹¹² Chauí, 1999, p. 908-909.

¹¹³ Scruton, 2005, p. 46.

atributos extensão e pensamento, a ordem e a conexão causal física da existência das coisas na extensão é a mesma ordem e conexão lógica das ideias dessas coisas no pensamento. Conhecem-se as coisas na extensão conhecendo as relações lógicas existentes entre as ideias dessas coisas no pensamento. Por isso, para que um dia possa vir a conhecer as coisas na extensão por si mesma, há necessidade da reforma do intelecto.

Explicitamente, encontramos em *De Deo* que

[...] a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas. (EIIP7). [...] de uma causa dada e determinada segue-se necessariamente um efeito; e, inversamente, se não existe nenhuma causa determinada, é impossível que se siga um efeito (EIAx₃). O conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e a envolve (EIAx₄)

Conhecer a realidade ou a perfeição ou a verdade da coisa de forma adequada, pela razão ou pela intuição, é conhecê-las pela genética (sua causa eficiente imanente) de sua existência (causa-efeito) em sua perfeita realidade ou verdade de sua essência atual, seu *conatus*, causa de sua existência, como potência de modo finito na ordem e na conexão universal, natural, necessária e atual das coisas no universo. O modo finito é a expressão, no instante presente, da essência eterna e infinita da substância, conforme as suas leis eternas, em si mesmas – conforme as leis eternas divinas que determinam necessariamente como a substância se exprime no mundo modal finito com sua natural e característica interdependência.

Se algo existe, existe a causa definida e determinada que explique sua existência. Se não existe, existe a causa definida e determinada que explique a sua não existência. É a ontologia da necessidade, da causalidade necessária de todas as coisas tendo a causa de si mesmo como o modelo para entender a causalidade das coisas. Refletindo sobre Bento Espinosa e sua ontologia do necessário, sobre como Espinosa entende a causalidade das coisas, Roger Scruton escreve que

[...] para Espinosa, afirmar que A causa B é afirmar que B depende de A para sua existência e natureza. Essa dependência entre coisas “é expressa em” ou “concebida por meio de” uma dependência entre ideias. A ideia de B é

dependente da ideia de A se sua verdade precisa ser estabelecida por referência à ideia de A. A conclusão de uma prova matemática é, portanto, dependente de premissas. O raciocínio matemático é, com efeito, paradigma da “relação racional” entre ideias. É também um paradigma de “causalidade”, significando a relação existente entre A e B quando a existência e a natureza de B precisam ser explicadas em termos de A. Mediante a prova explicamos uma conclusão, e se as premissas são evidentes nós a explicamos completamente.¹¹⁴

No modelo espinosista de causalidade necessária, sempre existe para uma determinada e definida coisa existente em ato uma causa também determinada e definida que necessariamente explica sua existência; se uma dada coisa não existe, também existe uma causa determinada e definida que explica sua não existência.¹¹⁵ Sendo a mente, ideia do corpo (EIIP13), uma força pensante e pensar é conhecer uma coisa afirmando ou negando sua ideia¹¹⁶, percebe-se que esse processo de apreender a causalidade das coisas é realizado pelo intelecto ou inteligência humana que nada mais é do que um modo finito que se exprime no atributo pensamento exprimindo a natureza da substância enquanto algo definido e determinado. Portanto, há uma identidade entre o pensamento humano e o divino e essa identidade é a causa adequada do conhecimento adequado e verdadeiro pelo pensamento (humano) da realidade das coisas.

Deus é uma coisa pensante (EIIP1) e o pensamento humano é o modo humano de exprimir a natureza da substância enquanto pensamento de uma maneira definida e determinada (EIIP1d), isto é, o pensamento humano existe no pensamento divino. Deus é uma coisa extensa (EIIP2), assim o corpo humano, é o modo humano de exprimir a natureza da substância enquanto extensão de uma maneira definida e determinada (EIIP2d), isto, o corpo humano existe na extensão divina. O corpo humano e a mente humana existem e estão contidos em Deus. A natureza humana existe por e na natureza divina da única substância absolutamente infinita. Não há, portanto, uma diferença qualitativa entre o pensamento humano e divino, há uma diferença quantitativa de conhecimento: o pensamento humano

¹¹⁴ Scruton, 2005, p. 46.

¹¹⁵ Chauí, 1999, p. 661.

¹¹⁶ Chauí, 2011, p. 77.

conforme a necessidade causal da natureza humana e o pensamento divino conforme a natureza divina que tudo conhece.

Sabe-se que Deus ao se exprimir, se exprime simultaneamente por todos os seus infinitos atributos dos quais o homem conhece apenas dois: extensão e pensamento. Assim, o pensamento humano e o corpo humano são o resultado da expressão de Deus enquanto homem como uma e só uma mesma coisa – coisa que exprime a natureza da substância por dois de seus atributos: pensamento e extensão.

Tendo claros os pressupostos acima referidos, em Deus, posso concluir que a coisa que existe no mundo manifesto na extensão e a ideia da coisa na mente no pensamento não são duas coisas independentes nem duas manifestações independentes de uma mesma coisa. A coisa existente na realidade – na extensão (corpo) e a ideia dessa coisa no pensamento (mente) – são uma só e mesma coisa. Por EIP7, pode-se, então, afirmar que todas as coisas do mundo manifesto (as coisas, o homem, a pedra), podem ser conhecidas e compreendidas pelo intelecto, sem a necessidade de um experimento empírico, pela relação lógica e adequada presente entre as ideias da coisa e da causa da coisa com a coisa existente em ato na extensão.

Porque a ordem e a conexão das ideias no pensamento correspondem exatamente à ordem e à conexão das coisas na realidade, então,

B é dependente de A se a natureza de B se segue não da ideia de B, mas da ideia de A. Todas as propriedades são nesse sentido dependentes de, ou causadas pelas substâncias às quais são inerentes. E isso é o que Espinosa entende por “em”: “B está em A” é outra maneira de dizer que A é a explicação de B.¹¹⁷

Portanto, posso dizer que o homem B que age por sua própria natureza na e pela natureza da substância A é afirmar que ele não é senão a causa adequada de si mesmo (EIIID1). Ele é livre em Deus, ou seja, em A. Significa dizer que Deus, a natureza de Deus, é a explicação e a causa de se poder dizer que um determinado e definido homem B é livre e autônomo por ser o modo como a substância se exprime, por suas leis eternas e por seus atributos enquanto modificados pelo universo (EIP28), naquele determinado e definido

¹¹⁷ Scruton, 2005, p. 47.

homem B. O mesmo raciocínio vale para todas as coisas finitas (a pedra) presentes no universo inteiro.

O homem e a pedra (B) dependem de Deus (A), enquanto referido à essência eterna e infinita da substância (A), para sua existência e para sua natureza. O homem e a pedra (B) dependem de Deus (A), enquanto referente a seus infinitos atributos e seus modos infinitos mediatos, suas leis eternas, necessárias, infinitas e divinas ¹¹⁸ e enquanto referentes às suas leis eternas, necessárias, infinitas e divinas que exprime B como modo finito tal como ele é realmente em si mesmo para sua essência atual, seu *conatus*, para eles (homem e pedra) serem o homem e a pedra como na realidade do mundo se manifestam. Assim, B está contido em A, “B está em A”: o homem e a pedra estão em Deus. A natureza, enquanto natureza (por seus atributos e leis) é a explicação da essência e da existência de B. Deus – enquanto seus atributos e leis divinas que definem a expressão e interdependência dos modos finitos – é a explicação da existência do homem (B) e da pedra (B) da maneira atual ou real, definida e determinada que eles (B) se exprimem neste mundo manifesto atual em ato.¹¹⁹ Assim, concludo, que o homem pode conhecer adequadamente sua natureza – por ter reformado sua inteligência – conhece a si mesmo em Deus por seus atributos e leis que determinam necessariamente a ser exatamente como ele realmente é.

A partir dessa dedução, pode-se inferir que o homem que conhece a si mesmo por sua essência em Deus e sua existência pela interdependência na relação de encontros com os outros modos finitos com que convive no mundo manifesto; conhece a natureza ou a causa adequada (intrinsecamente verdadeira quanto a sua constituição e determinação) de seus afetos, de suas ideias e de suas ações (EIII), pode ser causa adequada de si mesmo (EIIID1) e, então, por ser em Deus por seus atributos e por suas leis divinas, por conhecer a causa adequada de si mesmo por Deus, pode vir a ser livre. Pode vir a conhecer a natureza humana superior – o conhecimento da união de sua mente com a natureza inteira – e, assim, viver segundo esse conhecimento afetivo – segundo esse novo estado afetivo. Esse homem é livre e autônomo em Deus. Esse é o homem livre em Deus. É o autômato espiritual.

O homem conhecendo a sua real natureza pela correção no entendimento do movimento formador de sua mente, pode ativamente agir, procurando se esforça em

¹¹⁸ Curley, 1969, p. 59.

¹¹⁹ Curley, 1969, p. 59.

perseverar, enquanto em si, em seu ser, conforme a natureza divina que há em si (EIIIP6). Respeitada a dependência ou interdependência natural com os outros modos finitos (EIIIPP27 e 29), pode procurar agir (ativamente) de forma mais próxima da plena expressão de sua natureza. Pode se propor espontaneamente a agir livre e autônomo, com o menor grau possível de constrangimento por parte de outras expressões modais da natureza de Deus na natureza de Deus no mundo (EIIIP28). Essas expressões modais finitas – o(s) outro(s) – têm o mesmo direito de exprimir a natureza da substância conforme sua própria essência atual que o primeiro indivíduo, enquanto em si mesma(s), perseverar em seu ser.

Se o homem conhecer por intuição a causa adequada das coisas, conhece essas coisas tal como elas são realmente. Esse homem conhece as coisas singulares ou particulares por sua essência atual, sua causa próxima, ou seja, por aquilo que determina sua existência como a coisa realmente é e existe, na ordem única, natural e necessária que as coisas particulares ou singulares existem na natureza.

Esse homem conhece, apreende e entende que o mundo necessariamente obedece, sem poder de forma alguma transgredir, às leis naturais, divinas, eternas com que Deus se exprime por seus atributos no universo inteiro (EIP15). Por absoluta obediência ao que Deus, por necessária obediência ao que os infinitos modos infinitos mediatos de Deus ordenam, o homem torna-se, então, um ser livre e autônomo. Esse homem, livre e autônomo, o autômato espiritual, é a expressão necessária, ativa e perfeita do que de divino nele existe.

Para ser livre, obedecendo às leis eternas de Deus, pretendendo ser a expressão do que de divino existe em sua natureza, esse homem tem clara a necessidade de conhecer esses modos infinitos mediatos da substância: precisa conhecer as leis naturais, as leis matemáticas, as leis eternas e divinas que exprimem em si mesmo – em e por Deus – a sua própria natureza humana. Não porque a(s) essa(s) lei(s) deva o homem, por qualquer imperativo ou mandamento, por uma vontade obedecer (não deve) (EIIIP48); mas porque sendo lei(s) de Deus, ao homem (B) só cabe obedecer, tem de obedecer, simplesmente obedecer, visto que a nenhum ser em Deus (B em A) é possível ir contra algo que Deus (A) ordena.¹²⁰ Quanto a

¹²⁰ A palavra-verbo “ordenar” é empregada em seus dois sentidos simultaneamente. Ordenar no sentido de por ordem ou organizar, instituir uma ordem em algo, e no sentido de mandar ou determinar que se faça por uma ordem ou por uma lei.

essa questão, ao conhecimento adequado e verdadeiro de si e do outro, enquanto expressão do divino em si mesmo e no outro, por leis divinas eternas, Chauí no livro *Nervura do Real* comenta que

Espinosa parte da reformulação moderna da geometria euclidiana como construção da definição perfeita (a definição real que oferece a gênese interna necessária do definido) [...] a geometria espinosana [...] opera com essências cuja gênese é obtida pela construção real, que deve incluir todas as propriedades e todos os efeitos que a constituem intrinsecamente. Em outras palavras, a gênese conceitual explica como os conceitos foram descobertos (análise) e por que são verdadeiros (síntese), isto é, constrói as demonstrações segundo a exigência da essência procurada e segundo o encadeamento de proposições que as articula com os princípios da construção (definições, axiomas, postulados) [...] a geometria espinosana tem como pressuposto não, como em Descarte, que uma ideia *passa-se* para a outra (o que exige determinar o critério de passagem, a medida), e sim que uma ideia causa outra ideia, desde que seja *idea adaequata* e, portanto, causa adequada, capaz de dar conta de todos os seus efeitos necessários. Eis porque, quando Tschirnhaus afirma que da definição de uma coisa não podemos deduzir senão uma propriedade,¹²¹

o que é, prontamente, rebatido por Espinosa. Bento Espinosa não somente salienta a importância, a identidade e a diferença dos conceitos de ideia adequada e ideia verdadeira, mas principalmente, a importância do conceito de causa adequada. Afirma ser a causa adequada e o conceito de causa adequada de uma determinada e definida coisa não estar referida(o) à coisa senão como a causa imanente eficiente com o que a coisa é caracterizada enquanto essência atual, e com o que a coisa é definida enquanto a coisa tal como ela é em sua natureza. Espinosa escreve para Tschirnhaus:

[...] quanto ao que dizeis que da definição de uma coisa considerada em si própria não se pode deduzir senão uma só propriedade, isso talvez se aplique às coisas mais simples ou aos seres da razão (aos quais eu reduzo as figuras), mas

¹²¹ Chauí, 1999, p. 359.

isso não se aplica às coisas reais (Ep 83) [...] não reconheço qualquer diferença entre a ideia verdadeira e a ideia adequada, senão que a palavra verdade relaciona-se apenas à concordância da ideia com o seu objeto, enquanto que a palavra adequada relaciona-se com a natureza da ideia em si mesma. Não há, portanto, qualquer diferença entre uma ideia verdadeira e uma adequada, além dessa relação extrínseca. Quanto, a saber, de que ideia de uma coisa, entre muitas outras, podem ser deduzidas todas as propriedades de um objeto considerado, só observo uma regra: é preciso que a ideia ou definição faça conhecer a causa eficiente da coisa (Ep 60).

O homem ao conhecer a lei divina que exprime em sua natureza a natureza de Deus (EIIPP 45 e 47) conhece as suas leis naturais e eternas e pode, natural e ativamente, agindo e não mais padecendo, decidir por obedecer a Deus e, assim, tornar-se, pela condução da razão, a verdadeira virtude humana (EIVP37s₁), um homem livre e autônomo em Deus poderá querer ser, estar, operar, viver e existir livre e autônomo com o outro homem: viver o sumo bem humano (TdIE§13). O homem convive com o(s) outro(s) homem(s) em uma relação de permanente interdependência no universo inteiro das coisas finitas. Conduzido pela razão e a intuição, conhecedor do amor de Deus, pode procurar conhecer a si e ao(s) outro(s) com pristínica – clara e definida – adequada precisão por sua perfeita realidade e virtude em Deus, para vivendo, sob a condução da razão e intuição, construir relações de composição com esse(s) outro(s) (EIVPP35 e 37). Viver o seu sumo bem (TdIE§13).

O homem vivendo no mundo manifesto dos infinitos modos finitos sabe ser absolutamente natural a interdependência e a interação constante entre as infinitas formas modais finitas. Assim, pelos argumentos anteriores, posso deduzir que esse homem, para viver o sumo bem (TdIE§13), deva compreender ser necessário obedecer não apenas à lei divina de sua natureza, mas também às leis da natureza de todos e de cada um desses modos finitos com os quais convive e à lei divina que rege a relação de interação e interdependência.

Espinosa afirma que quanto maior for o seu conhecimento da essência eterna e infinita de Deus (EIIP45), maior será o seu interesse e esforço do homem, regido pela razão, em viver conforme sua natureza na substância e maior será o seu interesse para que o maior número de outros homens também possa assim agindo ser causa adequada de si mesmo respeitando sua própria natureza (EIVP37). Neste esforço de conhecer as leis de Deus que regem a natureza

da Natureza, o homem pode descobrir-se tal como ele é realmente: uma unidade na totalidade de Deus ou Natureza (B em A). Descobre-se não uma parte da natureza ou Deus, pois sendo este simples, sem partes, não pode ser dividido; mas como uma parte na natureza de Deus. Deus ao causar-se, causa por si mesmo o universo inteiro em si mesmo.

Deus é causa de si mesmo. E, ao causar-se causa todas as coisas do universo inteiro em Si mesmo não como partes de Si, mas como unidade na totalidade de Si em Si por Si. Ao causar-se, Deus, no mesmo instante, no eterno instante presente, no eterno presente, causa o universo inteiro em Si mesmo. Assim, o(s) outro(s) homem(s) está (estão), é (são), opera (operam) e existe (existem) também em Deus. Por isso, o homem, conduzido pela razão, pretende levar o que apreende e compreende - o conhecimento de Deus - para todo(s) o(s) outro(s) com o qual se encontra e com o qual divide o mundo de relação para que desse conhecimento de si em e por Deus desfrutem, no esforço de se autopreservarem em suas próprias naturezas ou essências atuais – o *conatus* (EIVP36d).

Sendo Deus, *causa sui*, naturalmente é causa adequada de si mesmo. Deus, a essência de Deus é a causa última imanente e eficiente de todas as coisas existentes no universo. Essas coisas se expressam no universo como Deus ordena: exprimem Deus por seus infinitos atributos de Deus, afetados ou modificados pelo próprio universo ordenado e manifesto por e em Deus. Se tudo existe de forma necessariamente determinada, há, portanto, uma única ordem natural, necessariamente determinada de como e onde uma determinada e definida coisa está, é, opera, se move, existe e se conecta com as outras coisas em seu universo. Essa ordem é o nexos infinito causal de todas as coisas no universo pela e na substância: uma cadeia – de determinações necessárias – insculpida (inscrita ou gravada) pela essência da substância e pela potência dos atributos da substância e pelos modos infinitos da substância (EIP29). Tudo – o universo inteiro – se segue necessariamente da essência e potência de Deus (EIP15).

Se há uma só e única ordem necessária na extensão e no pensamento na Natureza, por EIIP17, esse fato necessariamente permite conhecer a gênese das coisas, sua causa próxima ou genética, pelo exercício do intelecto. Permite compreender, pelo intelecto humano presente no intelecto divino, a relação entre o infinito e o finito, o movimento contínuo ou passagem contínua do primeiro ao segundo e deste àquele que está acontecendo na extensão. Da

realidade, na extensão, o pensamento humano apreende o mesmo e da mesma maneira como é conhecida pelo intelecto infinito de Deus ¹²².

O modelo da ontologia do necessário – da ontologia da causalidade necessária – é a causa de si, inclusive para o conceito de causa adequada. Há semelhanças e diferenças entre ser causa de si e ser causa adequada. Chauí esclarece em *Nervura do Real*, escrevendo que:

[...] a diferença entre causa sui e causa adequada é evidente: a primeira é uma natureza cuja ação é o princípio da existência de si mesma; a segunda, uma natureza que é causa total dos efeitos que produz porque sua essência-natureza atual é um esforço de autoconservação na existência. Nos dois casos, porém, essência e natureza se identificam: na causa de si, porque a essência que envolve a existência é a natureza cuja ação é sua existência; na causa adequada, porque uma coisa singular é aquela na qual essência e existência são reversíveis, a singularidade é determinada pela causalidade única dos constituintes da essência, esta é um *conatus*, e a adequação causal é a natureza da coisa como causa total de seus efeitos. Em outras palavras, uma coisa singular é um modo finito de um atributo (gênese de sua essência), uma essência inseparável de sua existência (portanto, singularidade), uma singularidade (isto é, causalidade única de seus constituintes), e sua essência é potência ou causa eficiente, um fazer, um operar e um agir que pode ser causa total (adequada) ou parcial (inadequada) do efeito...¹²³ Essência e existências modais finitas que encontram no ser absolutamente infinito sua razão e causa imanente, nele e por ele são, nele e por ele são concebidas. E, como ele, são potências de agir ¹²⁴.

Chauí explicita as características do conceito de causa adequada. Identifica a natureza do modo finito com a causalidade necessária de seus efeitos, como na definição em EIID1, isto é, o modo finito enquanto sua essência atual ser a causa e explicação de sua expressão no mundo de relação. Por isso, deduzo que o homem (B), um modo finito (B), uma realidade determinada e definida (B), na natureza absolutamente eterna e infinita da substância (B em

¹²² Chauí, 1999, p. 733.

¹²³ Chauí, 1999, p. 789.

¹²⁴ Chauí, 1999, p. 918.

A), que se conhece e se compreende por ideia(s) adequada(s) de si mesmo, por sua natureza, que se entende como a causa total ou a causa adequada de todos os seus efeitos, de seus afetos, de suas ideias, de suas ações por si mesmo e se reconhece no encontro com o outro. Reconhece sua essência-existência atual, sua potência atual de agir ou sua força atual de existir, seu *conatus*, e, assim, procura perseverar em seu ser, preservando sua vida como a singularidade que é em Deus se movendo ativamente, agindo de forma certa e determinada conforme as leis com que a natureza ordena.

Posso, portanto, com esses fatos, concluir que o ato livre é o ato necessário. Bento Espinosa usa a metáfora de ser o homem o autômato espiritual, que pode ser entendido, portanto como aquele que, livre e autônomo, age ativamente por sua natureza na substância obedecendo às leis de Deus sem ou com o menor constrangimento que estas mesmas leis o permitirem. Respeita e ama a sua própria natureza em Deus; pois,

[...] quem compreende a si próprio e a seus afetos, clara e distintamente, ama a Deus; e tanto mais quanto mais compreende a si próprios e seus afetos (EVP15). Quem compreende clara e distintamente a si próprio e a seus afetos, alegra-se, com uma alegria que vem acompanhada da ideia de Deus. Portanto, ama a Deus, e tanto mais ama quanto mais compreende a si próprio e a seus afetos (EVP15d).

O homem ao conhecer-se, pela razão ou intuição, uma unidade singular na totalidade de Deus (natureza) (TdIE§13), apreende que o amor de Deus – que nasce do terceiro e, principalmente, do quarto modo de perceber ou conhecer – é eterno (EVP33). Conhece a beatitude ou a absoluta e necessária última liberdade ou a suprema serenidade definida por Espinosa como o amor constante e eterno para com Deus e o amor constante e eterno de Deus pelos homens (EV36s). Bento Espinosa afirma que

[...] o amor intelectual da mente para com Deus é o próprio amor de Deus, com o qual ele ama a si mesmo, não enquanto é infinito, mas enquanto pode ser explicado por meio da essência da mente humana, considerada sob a perspectiva da eternidade; isto é, o amor intelectual da mente para com Deus é uma parte do amor infinito com que Deus ama a si mesmo (EVP36).

Esse amor por Deus, esse amor para com a natureza, pode ocupar toda a mente do homem (EVP16), sendo esse amor ligado a todas as afecções do corpo e à ideia dessas afecções, quando compreendidas adequadamente e referidas à natureza ou Deus (EVP25):

[...] consciente de si mesmo, de Deus e das coisas, em virtude certa necessidade eterna, nunca deixa de ser, mas desfruta, sempre, da verdadeira satisfação do ânimo (EVP42d).

Não há nada que saibamos, com certeza, ser bom ou mau, exceto aquilo que nos leva efetivamente a compreender ou que possa impedir que compreendamos (EIVP27). [E, não é, senão] o conhecimento de segundo e terceiro gênero, e não o de primeiro, [que] nos ensina a distinguir o verdadeiro do falso (EIIP42). O homem que conhece o amor intelectual de Deus pode ser a causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de seus atos em si mesmo e com o outro. No encontro (*occursus*) com o outro com quem se compõe, pode o homem, então, se esforçar, para que ambos, numa relação de amizade, enquanto as suas essências atuais, preservem sua(s) vida(s) com o que de divino neles existe (*conatus*): o sumo bem.

Portanto, concluo que a compreensão adequada da substância é o fundamento para que o homem possa vir a conhecer adequadamente a natureza e o que ele – enquanto homem – exprime em si mesmo da natureza desta única substância absolutamente infinita e eterna. Ao conhecer a Deus – o homem conhece a si mesmo por aquilo de divino se encontra (resta) presente em sua própria natureza humana. Compreende e apreende que ser livre não é senão ser a expressão de si mesmo: ser a expressão do que de divino resta em sua natureza humana. Com esse conhecimento adequado – por causa adequada – pode fruir na natureza ou estado humano superior (TdIE§13): o sumo bem humano.

3.3 – O sumo bem: fruir (viver) a natureza ou perfeição humana superior. ¹²⁵

Como dito antes, se houve um início – o filósofo não informa. Pessoalmente, entendo que houve um primeiro momento no qual Deus que em si restava – por si mesmo se move. No início, o movimento. Deus se move e causa o mundo manifesto em suas infinitas expressões em si mesmo por si mesmo. Deus ao se mover – na duração – expressa o universo inteiro de

¹²⁵ Este subcapítulo segue o estudo iniciado em minha dissertação de mestrado em ética espinosista apresentado na Universidade de Caxias do Sul e posteriormente publicado no livro *O Homem livre em Deus*. Está baseado no capítulo *Encontro e esforço: occursus et conatus* do livro *O Homem livre em Deus*.

seus infinitos modos infinitos e finitos. Deus expressa sempiternamente o universo inteiro que eternamente sempre resta em si mesmo. Sempre – desde sempre tudo o que existiu, existe e existirá resta em Deus; o universo infinito – o universo inteiro enquanto os seus infinitos modos infinitos imediatos, enquanto os seus infinitos modos infinitos mediatos e os seus infinitos modos finitos – tudo resta necessária e eternamente em Deus. Deus se movendo se desdobra na única substância absolutamente infinita e eterna (a natureza ou a vida) e em seus infinitos modos infinitos e finitos (a natureza ou a vida). Em Deus – desde sempre – eterna e necessariamente – resta tudo o que há para existir. Porque tudo existe é determinado a existir pela essência e potência de Deus (em Deus por Deus).

O homem – um homem determinado e particular chamado Pedro – sempre existe (existiu) em Deus. Quando Deus se expressa por seus atributos e leis no mundo manifesto enquanto um homem chamado Pedro, este homem ocupa um espaço na duração e na extensão em Deus – ocupa o espaço espinosista pedrino que antes dele existir por Deus em Deus era outro espaço, era um espaço não pedrino. O homem B sempre esteve, está e estará em Deus – na ideia de Deus. Deus ao se expressar no mundo manifesto, ao se expressar como o determinado e particular homem chamado B expressão de Deus por Deus em Deus, esse homem B ocupa o espaço betino em Deus por Deus no mundo manifesto. O que antes existia apenas na ideia de Deus – passa a ocupar um determinado e particular espaço no mundo manifesto. Com o homem chamado B' – acontece exatamente o mesmo.

No início há o movimento. No início, há o movimento de Deus. Há o movimento da natureza de se expressar enquanto natureza. Tudo sempiternamente é movimento. O fim do método espinosista para o correto entendimento da mente é o movimento de fruir no conhecimento de ser uma unidade na natureza inteira. O sumo bem é viver afetivamente esse conhecimento. Viver esse movimento afetivo. Se possível, com o outro: a pedra, o martelo, a árvore, o animal, o homem, o homem chamado Pedro, Paulo, Maria... Se possível, com o universo inteiro dos modos finitos unidades na natureza inteira com os quais partilha o presente – o presente espaço espinosista e o presente instante presente.

Deus dobra-se e desdobra-se. Imóvel ele se move – imutável ele muda. Ele se move em si mesmo por si mesmo – dobra-se e desdobra-se sem dobrar-se ou desdobra-se. Sem se mover ele se move. Dobra-se e desdobra-se em presente, passado e futuro – e – mesmo assim,

resta, sempiternamente, presente no eterno e necessário instante presente. Deus e a natureza são atemporais – o tempo e o espaço são seus modos.

De emendatione significa – entendo – conhecer ou investigar algo – perceber e entender uma ideia – a ideia verdadeira de algo – na ordem devida pela qual a ideia verdadeira é constituída. Espinosa com seu *Tractatus Emendatione Intellectus* propõe conhecer a ordem das ideias – das coisas – conforme suas conexões eternas e necessárias – conhecer a atividade causal dos atributos por suas essências particulares. Como a ordem e a conexão das ideias é a mesma que a ordem e conexão das coisas; conhecer a ordem da causalidade adequada das coisas na extensão é conhecer a ordem lógica verdadeira das ideias das coisas no pensamento; e, naturalmente, o movimento oposto, a ordem lógica se relaciona a ordem na extensão.

O universo manifesto é expressão da substância única por seus atributos afetados por suas leis eternas, infinitas e necessárias segundo as quais a substância única ordena o universo inteiro.¹²⁶ Deus é a substância absolutamente infinita e eterna: a natureza ou a vida. Deus está em todas as suas expressões na natureza ou na vida. O universo – em cada um dos seus modos finitos – exprime de modo certo, preciso, determinado e definido a natureza da substância absolutamente infinita – Deus. As coisas (corpos, paixões e ações) – as ideias das coisas, as séries de ideias, os afetos – “não poderiam ter sido produzidas por Deus de nenhuma outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em que foram produzidas” (EIP33). E, conhecer a ordem e a conexão com que as coisas, a devida ordem com que as ideias das coisas, as séries de ideias, os afetos se seguem na natureza da substância é a via de acesso para conhecer a Deus. Isso é conhecer-se uma unidade na totalidade da natureza inteira – conhecer a união da mente humana com a natureza inteira (TdIE§13). Chauí:

[...] num único entrecruzamento e numa única *concatenatio* a ordem dos acontecimentos humanos ou a ordem da vida, a ordem da Natureza e a ordem do conhecimento. Porque é a conexão causal autoproduzida e autorregulada, a ordem não é limitada, mas, pelo contrário, a via de acesso à infinitude da Natureza como potência infinita de engendramento de todos os seres e de suas relações necessárias. A substância absolutamente infinita une e diferencia infinitas ordens de existência em determinações que são as leis da Natureza, e

¹²⁶ Chauí, 1999, p. 67.

as coisas singulares [as quais] são o próprio ser infinito *quatenus* [enquanto] exprimem de maneira certa e determinada a substância absolutamente infinita. Deus produz as coisas tais como são em si mesmas significa que elas são produzidas Nele segundo as leis imanentes da Natureza ¹²⁷.

A substância ao se expressar – se expressa paralelamente por todos os seus atributos segundo suas leis. Assim, há uma conexão entre todas as devidas ordens (na extensão, no pensamento, em todos os outros atributos). Há uma conexão entre todas as ordens e conexões nas quais a substância única se expressa por seus infinitos atributos infinitos segundo suas infinitas e eternas leis naturais porque a ordem e a conexão de sua expressão por todos seus infinitos atributos infinitos segundo suas infinitas e eternas leis naturais são ordenadas pela essência e potência infinitas e eternas da substância única – Deus.

A substância única ao se expressar, se move simultânea e paralelamente por todos os seus infinitos modos infinitos imediatos segundo seus infinitos modos infinitos mediatos. A substância única se desdobra por todos seus atributos e leis em diferentes ordens e conexões pela essência e potência infinitas de seus atributos. A substância única se move por sua essência e potência absolutamente infinita por todos os seus atributos de infinita potência e essência para se expressar no mundo manifesto em um e somente um algo. A substância única se desdobra ou se diferencia em infinitos modos finitos – em cada um de seus infinitos modos finitos a substância única pode e é encontrada. Lá, debaixo de uma pedra – há Deus. E, há Deus na pedra também. A substância única se diferencia em si mesma por si mesma sem perder a sua simplicidade – sem perder sua unidade. A natureza se dobra e se desdobra – muda – se move – se diferencia sem deixar de ser a natureza. A natureza se diferencia sem perder a sua unidade – todas as suas expressões em si mesma por si mesma permanecem unidades na natureza da substância única.

Se Deus ao se expressar se manifesta e resta em as suas expressões, Deus pode ser reconhecido em todas as coisas e todas as coisas permanecem em Deus. Sendo Deus a natureza – a natureza pode ser reconhecida em todas as coisas e todas as coisas permanecem na natureza. Conhecer adequadamente algo é conhece o movimento natural de sua

¹²⁷ Chauí, 1999, p. 597.

constituição – para conhecer o que de natural ou divino resta neste algo. Conhecer real e adequadamente algo é conhecer pela causa adequada deste algo.

Todos os modos finitos – a pedra, o martelo, a árvore, o animal, o homem – se seguem necessariamente da natureza existente na substância única. Os modos finitos, pela exclusiva necessidade da natureza de Deus, se expressam e operam de uma maneira definida e determinada (EIP33dA) essência e a existência de uma determinada coisa se seguem da essência da substância única. O modo singular como essa determinada coisa expressa a natureza da substância – a essência atual dessa coisa singular na substância pela substância – se segue dos infinitos atributos da substância e de seus infinitos modos infinitos mediatos. Os modos finitos se seguem dos infinitos atributos infinitos e das infinitas leis necessárias, eternas naturais. Todo esse movimento acontecendo imanente à substância.

Cada modo finito existe imanente à substância – substância que é sua causa eficiente imanente. Quando um modo finito deixa de ser a expressão singular, particular, definida e determinada da natureza da substância na natureza dessa substância, esse dado modo finito deixa de existir enquanto modo definido e determinado. E, então, a sua essência atual – decomposta totalmente por algum fator externo – reintegra-se, regressando ou retornando, à essência da própria substância da qual foi expressão temporária e na qual se individualizou em um modo diferenciado, definido, preciso, particular e determinado insculpido na natureza da substância.¹²⁸ Retorna a *Deus sive Natura* de onde nunca se afastou. Cada modo finito se diferencia na substância única – não se diferencia da substância única.

Espinosa em EIP16 afirma que da necessidade da natureza divina devem seguir infinitas coisas em infinitos modos, isto é, tudo o que pode existir no intelecto divino. Em EIP25 escreve que Deus é a causa eficiente imanente da essência e da existência de todas as coisas. Deus ao causar-se, causa o universo inteiro em si mesmo e por si mesmo. O modo finito quando deixa de ser unidade na totalidade de Deus, dissolve-se, se fundido ou se reintegrando à natureza de Deus. Há o movimento de Deus ao modo finito e do modo finito a Deus: movimento que acontece sempre em Deus por Deus. Todos os modos exprimem, de maneira certa e determinada, o mesmo ser, isto é, a essência absolutamente infinita da

¹²⁸ Chauí, 1999, p. 71-72.

substância, não havendo entre eles hierarquia por graus de perfeição ou realidade. Deus pode ser reconhecido nas coisas e as coisas permanecerão em Deus.

Deus não tem nenhum fim que lhe seja prefixado (Elap). Deus não age à procura de um bem ou um fim (EIVpr). A natureza ou Deus (EIP14), o Ser Perfeitíssimo (KV), o ente eterno e infinito (EIVpr), cuja essência eterna e infinita (EIP11) é uma verdade eterna (EIP8s₂), causa imanente (EIP18) e eficiente (EIP25) de si e de todas as coisas, à cuja natureza pertence o existir (EIP7), existe necessariamente (EIP11) e não contingentemente (EIP29). Deus existe necessariamente. E, o universo inteiro é expressão de Deus – em Deus e por Deus. Deus, existindo por si (EIP7) e agindo livre exclusivamente por suas leis eternas e naturais, pela necessidade da sua natureza (EIP16), sem ser coagido por ninguém (EIP17) é a causa livre de si e de todas as coisas no universo, na natureza (EIP17c₂). Tudo o que existe, não existe de nenhuma outra maneira nem em nenhuma outra ordem senão naquelas em que foram produzidas por e em Deus (EIP33). Logo, as coisas não podem ser senão da maneira e na ordem que existem na realidade (EIP33s₂). Por isso, realidade e perfeição são uma só e mesma coisa (EIID6).

Bento Espinosa em *De Potentia Intellectus Seu De Libertate Humana*, capítulo cinco da Ética, escrevendo sobre a capacidade de o homem conhecer Deus, afirma que quanto mais o homem conhece a si mesmo e os demais modos finitos mais pode conhecer a Deus. Sustenta e esclarece que

[...] a nossa mente, à medida que concebe a si mesma e o seu corpo sob a perspectiva da eternidade, tem, necessariamente, o conhecimento de Deus, e sabe que existe em Deus e que é concebida por Deus (EVP30) [...] – quanto mais cada um se torna forte nesse gênero de conhecimento [intuição], tanto mais está consciente de si próprio e de Deus, isto é, tanto mais é perfeito e feliz (EVP31s) [...]

O homem e todos os demais modos finitos são produzidos por Deus, por seus infinitos e divinos atributos infinitos e por seus divinos e necessários decretos, instaurados desde toda a eternidade pelo próprio Deus em Deus, com suma perfeição, pois se seguem necessariamente da natureza mais perfeita que existe – a natureza da única substância absolutamente infinita: o Ser Perfeitíssimo ou o ser que é a totalidade do ser.

Desse modo, se tudo existe em Deus e, por Espinosa entender que a perfeição e realidade são uma só e mesma coisa, surge uma questão: o que Bento Espinosa, em sua ontologia do necessário, entende por mal ou bem, por bom ou mau, por certo ou errado e se esses conceitos importam para a ética espinosana do necessário?

Encontra-se uma resposta para essa indagação em *De Servitute Humana Seu De Affectuum Viribus, Ética*, capítulo quatro. Bento Espinosa consolida, conceitua e firma sua ideia sobre o que pensa ser o bem e o mal, quando afirma e escreve:

[...] quanto ao bem e ao mal, não designam nada de positivo ou negativo das coisas, consideradas em si mesmas, e nada mais são do que modos de pensar ou de noções, que formamos por compararmos as coisas entre si. Com efeito, uma única e mesma coisa pode ser boa e má ao mesmo tempo e ainda indiferente. Por exemplo, a música é boa para o melancólico; má para o aflito; nem boa, nem má para o surdo. Entretanto, mesmo assim, devemos ainda conservar esses vocábulos. Pois como desejamos formar uma ideia de homem que seja visto como um modelo da natureza humana, nos será útil conservar esses vocábulos no sentido que mencionei. Assim, por bem compreenderei aquilo que sabemos, com certeza, ser um meio para nos aproximarmos, cada vez mais, do modelo de natureza que estabelecemos. Por mal, por sua vez, compreenderei aquilo que, com certeza, nos impede de atingir esse modelo. Além disso, dizemos que os homens são mais perfeitos ou mais imperfeitos, à medida que se aproximem mais ou menos desse modelo. Com efeito, deve-se, sobretudo, observar que, quando digo que alguém passa de uma perfeição menor para uma maior, ou faz a passagem contrária, não quero dizer que de uma essência ou forma se transforma em outra [...] Quero dizer, em vez disso, que é a sua potência de agir, enquanto compreendida como sua própria natureza, que nós concebemos como tendo aumentado ou diminuído. Finalmente, por perfeição em geral compreenderei, como disse a realidade, isto é, a essência de uma coisa qualquer, enquanto existe e opera de uma maneira definida, sem qualquer relação com sua duração. Com efeito, de nenhuma coisa singular se pode dizer que é mais perfeita por perseverar mais tempo no existir. Pois, a duração das coisas não envolve por ser determinada por sua essência,

porque a essência das coisas não envolve qualquer tempo definido e determinado de existência. Uma coisa qualquer, entretanto, seja ela mais perfeita ou menos perfeita, sempre poderá perseverar no existir, com a mesma força com que começa a existir, razão pela qual, sob esse aspecto, todas as coisas são iguais (EIVpr).

Bento Espinosa, neste mesmo capítulo da *Ética*, define *bem* como sendo tudo aquilo que se sabe, com certeza, ser útil ao modo finito – homem (EIVD1); por *mal*, tudo aquilo que se sabe, com certeza, impedir o modo finito – homem – de desfrutar de algum bem (EIVD2). Deleuze escreve:

[...] o que é o mal? Pergunta Espinosa. Nós encontramos nas correspondências: são as cartas que lhe envia um jovem holandês mal intencionado (Blyenbergh) [...] Espinosa diz que o mal, e isto não é difícil [de entender], o mal é um mau encontro. Encontrar um corpo que se mistura mal com o seu. Mistura-se mal quer dizer misturar-se em condições tais que uma de suas relações subordinadas, o que sua relação constituinte está amenizada ou comprometida, ou mesmo destruída.¹²⁹

Assim, conseqüente e logicamente, posso deduzir que o bem é um bom encontro. É o encontro de algo ou com algo que possa ser meio para levar o homem ao conhecimento da união de sua mente com a natureza inteira (TdIE§13): o bem verdadeiro. Um bom encontro, que resulta em afecções, que comondo o corpo, o alegra, aumentando sua realidade e perfeição por aumento de sua potência de agir ou força para existir, sua essência atual – e, simultaneamente, as correspondentes ideias dessas afecções alegram o intelecto.

Desde sempre, até antes do nascimento, o homem está vivendo ou vivenciando infinitos encontros com infinitos corpos internos em si mesmo e com outro(s) infinito(s) corpo(s) externo(s) (EIIIP13p₃). Isto acontece até que encontre outro com qual sua relação resultando em sua completa decomposição implique no seu desaparecimento como modo finito, como ele até então se expressa, para retornar à substância.

¹²⁹ Deleuze, 2009, p. 41.

O corpo e a ideia do corpo, a mente, são naturezas complexas divisíveis e divididas ao infinito, compostos de indivíduos internos a si mesmos (EIIP13p₁), que se encontram, se afetam mutuamente. Se modificam por afecções resultantes desses infinitos encontros internos e dos encontros do corpo, na individualidade racional que é o conjunto de infinitos indivíduos internos que o compõe, com outro(s) corpo(s) exterior(es) que por sua vez, também são, esse(s) corpo(s) exterior(es), de natureza complexa com infinitos indivíduos constituintes (EIIP13ax₁). Assim, todo indivíduo B é divisível e dividido em infinitos indivíduos b; cada indivíduo b é divisível e dividido em infinitos indivíduos b' que também é divisível e dividido em infinitos indivíduos b'' e assim, b'' em infinitos indivíduos b''', ao infinito infinitesimal.

A vida é composta de uma sequência de infinitos encontros de corpos: encontro do corpo de um determinado homem (B) com o outro corpo (homem) exterior (B'), com suas relações de interdependência na natureza por seus atributos e leis naturais. Há as afecções no corpo na extensão por esse encontro e, no mesmo instante, simultaneamente, no pensamento, há as ideias dessas afecções do corpo como a realidade objetiva da ideia do corpo modificado (EIIP14). Essa ideia é em si mesma, também, uma coisa, com um grau de realidade e perfeição intrínseca.¹³⁰ A ideia além de ser a realidade objetiva do corpo, também, em si mesma, é uma realidade formal, o ser formal da mente humana (EIIP15). A essa ideia, pode se seguir uma nova ideia, a ideia da ideia do corpo, que é a consciência da própria mente.¹³¹ Com isso, simultaneamente, há a mudança na realidade ou perfeição intrínseca ao corpo, ou seja, uma afecção ou mudança no corpo que corresponde a essa nova ideia, a ideia da ideia (EIIP22). Há a simultaneidade de afecções por dois dos divinos atributos. Contudo, nem o corpo muda a ideia, nem a ideia muda o corpo. As afecções no corpo e suas correspondentes ideias (afecções no intelecto) ocorrem simultaneamente por dois dos infinitos atributos da substância e são uma só e mesma coisa: um único e mesmo modo finito definido e determinado.¹³²

¹³⁰ Deleuze, 2009, p. 34.

¹³¹ Bennett, 1984, p. 188.

¹³² Em EIIP21s, Espinosa afirma que “a mente e o corpo, são um único e mesmo indivíduo, concebido ora sob atributo do pensamento, ora sob o da extensão. É por isso que a ideia da mente e a própria mente são uma só e mesma coisa, concebida, neste caso, sob um só e mesmo atributo, a saber, o do pensamento. Afirmando que o existir da ideia da mente e o existir da própria mente seguem-se, ambos, em Deus, da mesma potência do pensar, e com a mesma necessidade. Pois, na realidade, a ideia da mente, isto é, a ideia da ideia, não é senão a forma da ideia, enquanto esta última é considerada como um modo do pensar, sem relação com o objeto. Com efeito, quando alguém sabe algo, sabe, por isso mesmo, que o sabe, e sabe, ao mesmo tempo, que sabe o que sabe, e assim até o infinito.”

Com essas mudanças e afecções na extensão e pensamento e como toda ideia do corpo indica antes o estado atual do que a natureza do corpo (EIIIDGA) entendo que há uma contínua variação neste estado atual, na essência e potência atual do modo finito, em seu *conatus*, ou seja, há uma contínua variação no grau de realidade ou perfeição da unidade corpo-mente. Essa variação na energia para existir ou potência para agir – o seu *conatus* – constitui o(s) afeto(s). O afeto é uma mudança da perfeição ou realidade daquele que pensa – o afeto é o movimento de mudança na perfeição ou realidade ¹³³. Deleuze afirma que Espinosa, em *De Deo* e *De Natura Et Origine Mentis*, na *Ética*, nos capítulos um e dois, faz um retrato geométrico da vida humana:

[...] nossas ideias se sucedem constantemente: uma ideia persegue a outra, uma ideia substitui a outra [...] uma série de sucessões, de coexistências de ideias, sucessões de ideias. Mas, o que acontece, além disso? Nossa vida cotidiana não é feita somente de ideias que se sucedem. Espinosa usa o termo ‘*automaton*’; nós somos, diz ele, os autômatos espirituais; isto quer dizer que são mais as ideias que se afirmam em nós do que nós que temos as ideias. ¹³⁴

O homem, nos textos de Bento Espinosa, é considerado e entendido como a coisa individual e racional de um ser, de um ente ou de uma pessoa, apesar desses termos (ser, ente, pessoa – os termos universais) não serem compreendidos por Espinosa senão como coisas do intelecto humano – uma coisa da razão humana. Espinosa não os identifica como coisas reais o que torna a filosofia espinosista uma filosofia sem um sujeito, apesar de implicitamente usar da palavra homem como uma unidade, a unidade corpo-mente, pela limitação característica da linguagem, para conseguir expor suas ideias ontológicas e epistemológicas ¹³⁵. Chauí escreve:

[...] o percurso analítico-descritivo de *Emenda do Intelecto* e o percurso genético da *Ética* evidenciam que quando, na vida e no conhecimento, passamos da ordem imaginativa à ordem intelectual passamos do máximo de

¹³³ Deleuze, 2009, p. 28.

¹³⁴ Deleuze, 2009, p. 30-34; Chauí, 2011, p. 117 e Chauí, 1999, p. 95.

¹³⁵ Levy, 2000, p. 2.

exterioridade ao máximo de interioridade, de relações e denominações extrínsecas a intrínsecas ¹³⁶.

O objetivo de Espinosa, com sua ética da necessidade, é que o homem alcance um modo de vida, por conhecimento adequado de si mesmo, além dos apetites transitórios (riqueza, fama e prazer), com o controle autônomo dos seus afetos que o leve a participação na beatitude eterna. ¹³⁷ Assim, estuda a relação do corpo B de um determinado e definido homem com o corpo B' de outro determinado e definido homem, afecções no corpo por esse encontro, a ideia da afecção do corpo por esse encontro e a ideia da ideia da afecção (consciência). O método visa à percepção da união da mente do homem B com a mente do homem B' – unidades na natureza inteira – e viver esse conhecimento se possível com o homem B': o sumo bem do ser humano (TdIE§12-13).

Levy em seu livro *L'autonome spirituel*, afirma que a metáfora espinosista do autômato espiritual (o homem entendendo-se como escravo necessário dos decretos eternos de Deus) passa a noção de o homem ter consciência de si mesmo. ¹³⁸ Contudo, a consciência não assume um papel importante na ontologia do necessário, importando mais o movimento e passagem no grau de realidade e perfeição dos infinitos indivíduos que se encontram com a correspondente mudança no grau de esforço desses infinitos indivíduos para perseverar em si mesmo por si mesmo em e por Deus.

O corpo B encontrando-se com o corpo B', B e B', por esse encontro, são modificados. Por exemplo, o corpo B, o corpo afetado, sofre uma modificação ou afecção que depende do corpo B', mas também e principalmente de como o corpo B interpreta o corpo B' e como interpreta o encontro com esse corpo B'. A afecção, normalmente, quando pelos primeiros modos de perceber o pensamento, depende mais da natureza do corpo B do que da natureza do corpo B', ou seja, B ao se encontrar com B' é afetado por B' e essa afecção depende da natureza de B e de B', mas principalmente da natureza de B, de como B interpreta B' e com B interpreta o encontro com B'. Simultaneamente às mudanças no corpo de B, pelo atributo pensamento, há no intelecto de B a ideia da afecção, a ideia da ideia da afecção e, com isso, a

¹³⁶ Chauí, 1999, p. 598.

¹³⁷ Don Garrett, 2011, p. 334.

¹³⁸ Levy, 2000, p. 2.

correspondente variação da realidade ou perfeição ou essência atual do corpo B que é o afeto correspondente ao encontro de B com B'. Assim,

[...] à medida que as ideias se sucedem em nós, cada uma tendo seu grau de perfeição, seu grau de realidade ou perfeição intrínseca, esse que tem essas ideias, eu continuo passando de um grau de perfeição a outro. Em outros termos, há uma variação sob a forma aumento-diminuição-aumento-diminuição da potência de agir ou da força de existir de acordo com as ideias que se tem. Através deste exercício penoso, sintam como aflora a beleza.¹³⁹

Espinosa descreve “a beleza” do movimento de emenda (reforma ou medicina) do intelecto – a beleza do movimento que se segue da imaginação em direção à intuição com o aumento da potência do agir e da força no existir:

[...] afirmo expressamente que a mente não tem, de si própria, nem de seu corpo, nem dos corpos exteriores, um conhecimento adequado, mas apenas um conhecimento confuso, sempre que percebe as coisas segundo a ordem comum da natureza, isto é, sempre que está exteriormente determinada, pelo encontro fortuito com as coisas, a considerar isto ou aquilo. E não quando está interiormente determinada, por considerar muitas coisas ao mesmo tempo, a compreender suas concordâncias, diferenças e oposições” (EIIP29s).

Assim, o encontro de um determinado homem B com um homem B' (Pedro) que lhe é antipático ou com outro homem B'' (Paulo) que lhe é encantador, opera no indivíduo B uma variação no grau de realidade ou perfeição do indivíduo, uma variação de sua força de existir. No primeiro caso, há a diminuição da força para existir e na potência de agir; no segundo, há o aumento da força para existir e potência de agir – do esforço para perseverar em si mesmo enquanto em si – do seu *conatus*, ou seja, de sua essência atual.

O *conatus* é a essência atual de uma determinada e definida coisa. É sua perfeição e sua realidade atual. *Conatus* é o esforço ou a força de uma determinada e precisa coisa de perseverar, enquanto em si mesma (independente do que lhe é externo), em si mesma

¹³⁹ Deleuze, 2009, p. 32.

(conforme sua essência atual ou *conatus*). É sua força atual para existir e sua potência atual para agir. *Conatus* é o próprio existir atual de algo no encontro com o mundo.

Deleuze afirma que para Bento Espinosa essa variação contínua da potência de agir ou força para existir, no seu *conatus*, na sua essência atual, é o próprio existir.¹⁴⁰ Deleuze acrescenta,

[...] quando vejo a Pedro que me desagrada, uma ideia de Pedro me é dada; quando vejo a Paulo que me agrada, a ideia de Paulo me é dada. Cada uma dessas ideias em relação a mim tem um certo grau de realidade ou de perfeição. Eu diria que a ideia de Paulo, em relação a mim, tem mais perfeição intrínseca que a ideia de Pedro, posto que a ideia de Paulo me alegra e a ideia de Pedro, me entristece [...] quando eu passo da ideia de Pedro à ideia de Paulo, eu digo, que minha potência de agir é aumentada; quando passo da ideia de Paulo à ideia de Pedro, eu digo que minha potência de agir é diminuída [...] Pedro me entristece [...] com Paulo, sou afetado de alegria.¹⁴¹

O conhecimento adequado de uma coisa, da ideia dessa coisa, da série de ideias a partir de uma primeira e o conhecimento adequado da variação de perfeição e realidade que se segue à ideia de uma coisa é conhecer verdadeiro. Conhecer verdadeiramente uma coisa, a ideia dessa coisa e o afeto associado se seguem do conhecer pela essência íntima da coisa, da ideia da coisa e do afeto. Conhecer por uma ideia intrinsecamente verdadeira¹⁴².

Ainda, Gilles Deleuze, quanto ao aumento e à diminuição da perfeição (realidade) de cada homem no encontro com o outro, esclarece que,

[...] segundo Espinosa, nós fomos fabricados como autômatos espirituais. Enquanto autômatos espirituais há ideias que se sucedem em nós todo o tempo. Seguindo esta sucessão de ideias, nossa potência de agir ou nossa força de

¹⁴⁰ Deleuze, 2009, p. 31.

¹⁴¹ Deleuze, 2009, p. 31-32.

¹⁴² Chauí, 1999, p. 347.

existir é aumentada ou diminuída de uma maneira contínua, sobre uma linha contínua; e isto é o que nós chamamos afeto, o que nós chamamos existir ¹⁴³.

A vida de um homem consiste no contínuo encontro com o outro com quem se relaciona. A esse constante e contínuo encontro, há a conseqüente e necessária afecção na extensão do corpo humano e simultaneamente há a ideia da afecção, a ideia da ideia e a variação do grau de realidade e perfeição (o afeto). Se esse encontro resultar em uma relação de composição há o aumento da perfeição e realidade desse homem – que se sente alegre – o que leva a um aumento de sua potência para agir e de sua energia para existir (*conatus*). Pelo encontro com o corpo B', o corpo B se conhece por e quando é afetado pelo primeiro, o corpo B', o corpo afetante. Por esse mesmo encontro, a mente se conhece, visto que a mente não se conhece senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo provocadas por um encontro (EIIP23). No encontro de B com B', o corpo de B se conhece pela afecção em B por B'; simultaneamente, a mente de B se conhece ao conhecer ideia da afecção em B por B', sendo a ideia da afecção em B por B' a mente de B, tudo isso acontecendo em Deus por suas leis divinas. O mesmo acontece em B'.

Se esse conhecimento for pelos dois primeiros modos de perceber (imaginação) é causa de falsidade, privação de conhecimento (EIIP35) ou de conhecimento incompleto (EIIP41). Se esse conhecimento se der pelo terceiro ou quarto modo de perceber o pensamento, a razão ou a intuição, por ideias adequadas, é o conhecimento necessariamente verdadeiro da coisa (EIIP41), aquele que distingue o entendimento verdadeiro do falso (EIIP42). Mas se todos os movimentos de perceber por seus quatro modos forem conhecidos adequadamente podem ser integrados à vida ordinária pelo conhecimento adequado do grau de verdade ou perfeição de cada um deles.

Pela razão, o homem conhece o que há de comum a todas as coisas, na parte e no todo da coisa (EIIP37) e sendo comum a todas as coisas, existindo igualmente na parte e no todo, esse entendimento não pode ser concebido senão por ideias adequadas (EIIP8). Portanto, o homem pode conhecer adequadamente as leis ou decretos eternos de Deus.

O conhecimento por intuição procede da ideia adequada de certos atributos de Deus para o conhecimento adequado da essência das coisas (EVP25d). Assim se conhece por sua

¹⁴³ Deleuze, 2009, p. 34.

essência atual – mais pode vir a conhece à natureza. Quanto mais o homem compreender e apreender as coisas singulares e particulares dessa maneira (por ideia adequada) mais conhece e compreende a Deus (EVPP24 e 25) – mais entende o que significa ser uma unidade na totalidade da natureza inteira por suas leis naturais: o bem verdadeiro que leva ao conhecimento de uma natureza ou estado ou perfeição humana superior (TdIE§12-13). Assim entendo que o *Tractatus Intellectus Emendatione* identifica a liberdade e a felicidade como o conhecimento intuitivo de um bem verdadeiro cuja fruição contínua pode ser compartilhada entre todos os homens: fruir esse contentamento interior nascido do conhecimento da união do homem a Deus – à natureza inteira – onde liberdade e felicidade decorrem do amor eterno por Deus, ou seja [*sive*], no amor de Deus pelos homens.

Deduz-se desses argumentos, que ao conhecer adequadamente os modos finitos no mundo manifesto, o homem pode vir conhecer a natureza em si mesma, ou seja, o homem, imanente à Natureza, vive, é, está, se move e existe em e por Deus e assim, ao se conhecer a si mesmo e os outros modos finitos adequadamente, pode vir a conhece a Deus. E, o conhecimento do amor de Deus – o conhecimento intelectual de Deus – é a felicidade e a liberdade. Chauí pontua e esclarece que

[...] o discurso espinosano, recusando a cisão sujeito-objeto, explicita a passagem do Deus *quatenus infinitus in infinito* ao Deus *quatenus finitus in infinito*, do Deus enquanto infinito no infinito ao Deus enquanto finito no infinito, ao demonstrar que os desejos de liberdade, felicidade e verdade são idênticos, que essa identidade constitui a essência humana como expressão finita do infinito e que realizá-la é alcançar a si mesmo como singularidade individual.¹⁴⁴

Em outros termos, pode-se dizer que a substância (natureza naturante), causa de si mesma, é a causa eficiente imanente de todas as coisas (natureza naturada)¹⁴⁵. Todos os modos (Natureza Naturada) que existem, existem na e pela substância (natureza naturante) que, sem ela, nem podem ser concebidos.¹⁴⁶ Portanto, a natureza naturada (Deus enquanto o universo) é imanente à natureza naturante (Deus enquanto Deus). Há passagem da natureza

¹⁴⁴ Chauí, 1999, p. 66.

¹⁴⁵ Deus é a natureza naturante – o mundo é a natureza naturada.

¹⁴⁶ Chauí, 1999, p.67.

naturante para a natureza naturada e da natureza naturada para a natureza naturante, passagem que acontece na natureza naturante. Há a passagem de Deus para o modo finito e do modo finito para Deus e essa passagem se dá em Deus. Há a passagem de Deus para o homem e do homem para Deus em Deus; há a passagem de Deus para a pedra e a passagem da pedra para Deus em Deus. Isto é a imanência – a nervura do real.

Chauí afirma que a imanência é o que sustenta as coisas, faz com que as coisas se comuniquem entre si e se articulem umas às outras. A imanência é a nervura, o cordão que percorre todas as coisas e que não falta nunca.¹⁴⁷ Sendo Deus, a substância, a causa eficiente e imanente da essência e da existência das coisas (EIP25), causa da essência e potência atual dos modos finitos, não enquanto eterno e infinito, mas enquanto afetado(a) (EIP28d). Os modos finitos apesar de não pertencerem ao ser da substância (EIIP10d), são determinadas pela atividade infinita dos atributos da substância (EIP26), ou seja, o corpo humano é um modo finito na extensão infinita e a mente humana é um modo finito no pensamento infinito (de Deus ou natureza); e

[...] o *conatus* como potência intrinsecamente indestrutível de perseveração na existência, engendrada pela potência infinita da extensão e do pensamento de que somos modificações singulares [...] a imanência, nervura do real, é resposta espinosana à questão da origem.¹⁴⁸

Na ontologia espinosana do necessário há uma relação precisa e profunda entre teoria do conhecimento e ciência natural. Ele entende que a teoria do conhecimento, o conhecimento e a compreensão, apreendidos pela razão e intuição, constrói a base e o método empregados pela ciência natural para o adequado conhecimento das coisas na ordem natural e necessária dessas coisas na natureza como um *continuum* de todas as coisas como modos ou modificações.¹⁴⁹ Por isso, e por EIIP7, portanto, a força lógica no pensamento e a força física causal na extensão são uma só e mesma coisa ou uma só e mesma força, consideradas de duas maneiras diferentes, segundo dois atributos diferentes (pensamento e extensão).

¹⁴⁷ Chauí, 1999, p. 67.

¹⁴⁸ Chauí, 1999, p. 230; Chauí, 1999, p. 67 e Chauí, 2011, p. 54.

¹⁴⁹ Don Garrett, 2011, p. 51.

Ainda por EIIP7, pela simultaneidade das afecções pelos atributos pensamento e extensão, quando a substância se exprime, a substância se exprime em um modo finito, um só e mesmo modo finito por dois atributos. Como todas as ideias que se seguem de ideias adequadas também são necessária e igualmente ideias adequadas sob o atributo do pensamento (EIIP40), por implicação lógica, a força da própria determinação lógica no pensamento é idêntica a força causal pelo qual a substância se exprime na extensão. A força da implicação ou determinação lógica no pensamento é idêntica à força causal dos modos da extensão, força causal pela qual os modos finitos produzem ou ocasionam os outros modos finitos na extensão.¹⁵⁰ Dessa dedução advém à possibilidade de o homem por seu intelecto poder conhecer a realidade das coisas na extensão. Por conhecimento adequado por ideias adequadas de si e das coisas, conhecendo a implicação lógica de sequência de suas ideias, então, conhecer a sequência causal das coisas na extensão.

Assim, deduzo que a implicação lógica da sequência das ideias das coisas no pensamento, corresponde à implicação ou força causal das coisas na extensão no universo inteiro como é dito em EIIP7. Conhecida a implicação lógica das ideias, pode o homem conhecer a realidade ou perfeição causal das coisas e assim conhecer as coisas por suas causas genéticas. Conhecida a realidade ou perfeição das coisas na sequência de sua força causal, pode o homem conhecer como as ideias se articulam no pensamento segundo a sua necessária conexão lógica determinada por Deus.

Concluo, então, que o homem pode se conhecer adequadamente e ser a causa adequada de si mesmo, agindo por sua própria natureza, livre e autônomo em Deus. Um modo finito ao se conhecer como modo finito em Deus por seus atributos e suas leis, pode vir a ser causa adequada de si mesmo (ideias, afetos, atos) e assim B pode ser livre (agir pela natureza de Deus) e autônomo (sem ser coagido).

Depreendo que há uma única e mesma força, no pensamento e na extensão: a mesma essência e potência atual, o mesmo *conatus*, o mesmo esforço de autopreservação para perseverar enquanto em si em seu ser (EIIP6) em Deus. Tem-se uma única e mesma força ou esforço (*conatus*) na extensão e no pensamento, no corpo e na ideia do corpo (mente), na ideia

¹⁵⁰ Don Garrett, 2011, p. 24.

do corpo e na ideia da ideia do corpo (consciência), para com o corpo e com o intelecto conhecer a *Deus sive Natura* (EVP15) e ao amor de Deus (EVP20).

O homem pode se conhecer adequadamente (EVP30), e assim, em seu corpo e em seu intelecto, por sua essência e potência atual, enquanto em si, perseverar em ser (EIIP7). Um modo finito (um homem) em Deus (EIIIP6). Um homem por compreender Deus ou a natureza como sua causa (EVP32) pode conhecer adequadamente à natureza (EVP15), o amor do homem por Deus (EVP33d) e o amor de Deus pelo homem que é o mesmo amor de Deus por Deus (EVP36). Deus é causa de si mesmo (EID1) e causa imanente eficiente de todas as coisas (EIP18). Deus age em si mesmo e não fora de si, pois nada existe fora dele (EIP15). A causalidade eficiente imanente evidencia a permanência da origem no originado, sem que ambos se confundam:

[...] causa de si, a substância é o ser em si e por si, concebido por si mesmo, enquanto modo é o ser em outro e por outro, concebido através desse outro, e essa diferença real entre ela e eles não os separa, porque eles existem nela e ela lhes dá o ser, exatamente no mesmo sentido, em que o dá a si mesma [...]. Todos os modos exprimem, de maneira certa e determinada, o mesmo ser, isto é, a essência absolutamente infinita da substância, não havendo entre eles hierarquia por graus de perfeição ou de realidade.¹⁵¹

Bento Espinosa afirma que o conhecimento da substância – o conhecimento da natureza – é o fundamento do conhecimento verdadeiro das coisas (conhecer a coisa por sua causa próxima, sua essência atual, que determina sua existência atual). Espinosa entende causa de si e causa eficiente imanente com possuindo o mesmo sentido o que garante a inteligibilidade plena da realidade, em particular do *conatus*, pelo ordenamento necessário de todas as coisas por e em Deus (EIP29):

[...] o conhecimento da natureza divina é *fundamentum* do conhecimento intelectual verdadeiro, isto é, condição para o encadeamento dedutivo das ideias verdadeiras, e a *causa sui* é o *principium* do *conatus* como potência singular atual de perseveração na existência, mas o *ser* de Deus não é fundamento, tanto porque, negativamente, não é *subjectum* de predicados como

¹⁵¹ Chauí, 1999, p. 71 e p. 587.

porque, positivamente, é a força causal ou potência ativa que percorre todos os modos, constituindo-os como seus efeitos imanentes singulares no mesmo ato em que se produz a si mesma. Se a essência divina é a *primeira* tanto na ordem do conhecimento como na das coisas é porque ela é *causa sive ratio* de tudo quanto existe, ou seja, ela é a *condição* e a *razão suficiente* para que haja coisas e ideias singulares.¹⁵²

A substância envolve seus modos e estes a exprimem de maneira certa e determinada. A substância os envolve porque são seus efeitos imanentes e é por isso que eles a exprimem.¹⁵³ E, como

[...] cada ideia de cada corpo ou coisa singular existente em ato envolve necessariamente a essência eterna e infinita de Deus (EIIP45), [...] embora cada uma seja determinada, por outra coisa singular, a existir de uma maneira definida, a força pela qual cada um persevera no existir segue-se da necessidade eterna da natureza de Deus (EIIP45s).

O homem, enquanto modo finito pela e na substância, é um *conatus*, uma força, uma essência atual e uma potência atual. É o esforço de autoperseveração na existência. O *conatus* é apetite no corpo e desejo na mente, uma só e mesma coisa por dois atributos. Esse esforço de autopreservação em perseverar em seu ser

[...] é a providência [divina], a qual para nós não é outra coisa que o *conatus*, que encontramos na Natureza inteira e nas coisas particulares, e que tende a manter e conservar seu próprio ser. Pois é evidente que nenhuma coisa poderia tender, por sua própria natureza, à aniquilação de si mesma, ao contrário, cada coisa tem em si mesma um *conatus* para se conservar em seu próprio estado e para melhorá-lo (KV I v § 1).

Para Espinosa, tudo depende do Ser Perfeitíssimo. De Deus, da exclusiva necessidade de sua natureza, seguem-se infinitas coisas de infinitas maneiras ou modos. Como demonstrado, Deus ao causar-se, causa o universo inteiro. Um definido e determinado modo

¹⁵² Chauí, 1999, p. 72.

¹⁵³ Chauí, 1999, p. 74.

finito, enquanto uma determinada e definida coisa particular, se exprime de um único modo ou de uma única maneira na única ordem resultante da necessidade da natureza da substância por suas infinitas leis divinas eternas.

Um determinado e definido modo finito exprime o seu *conatus*, a sua essência e potência atual. O *conatus* ou o esforço é um movimento interno ao modo finito no seu esforço de autopreservação ou autoconservação no estado no qual se encontra ou de autoperseveração em si mesmo. O *conatus*, o esforço, é a sua essência atual e a sua potência de agir, ou seja, é a sua força para existir e a sua força para ser o que ele é em sua perfeita realidade.¹⁵⁴ lembro que Bento Espinosa afirma que:

[...] cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser (EIIIP6). O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual (EIIIP7). O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser não envolve nenhum tempo finito, mas um tempo indefinido (EIIIP8). Com efeito, as coisas singulares são modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada (por EIP25), isto é (por EIP34), são coisas que exprimem de maneira definida e determinada a potência de Deus, por meio da qual ele existe e age. E nenhuma coisa tem em si algo por meio do qual possa ser destruída, ou seja, que retire a sua existência (por EIIIP5). E esforça-se, assim, tanto quanto pode e está em si, por perseverar em seu ser (EIIIP6d).

Conatus é a essência atual de um determinado homem na e pela natureza da substância. *Conatus* é a potência de ser, de agir, viver e existir de um determinado homem. *Conatus* é sua potência para agir. *Conatus* é a sua força para existir. A natureza, a natureza das coisas, é a mesma, sempre a mesma. Em toda parte do mundo manifesto, as leis e as regras com as quais as coisas se constroem e mudam são sempre as mesmas. Assim, não deve haver mais do que uma só e mesma maneira de compreender a natureza das coisas por suas essências atuais, por suas causas precisas e necessárias enquanto o atributo afetado na natureza da substância. Apreendida a coisa por sua natureza, o homem pode compreender

¹⁵⁴ Chauí, 1999, p. 712; Chauí, 2011, p. 86.

como a potência de sua mente age sobre as coisas, em particular e principalmente, como a potência de sua mente age sobre seus afetos (EIIIpr).

Bento Espinosa inicia seu terceiro livro da *Ética, De Origine Et Natura Affectuum*, com dois postulados:

[...] o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor. O corpo humano pode sofrer muitas mudanças, sem deixar, entretanto, de preservar as impressões ou os traços dos objetos e, conseqüentemente, as mesmas imagens das coisas (EIIIp_{1e2}).

O ser da mente humana não é senão a ideia de uma coisa singular existente em ato (EIIP11). A mente não conhece o próprio corpo e não sabe que ele existe senão por meio das ideias das afecções pelas quais o corpo é afetado (EIIP19). A mente humana é a ideia de um corpo afetado existente em ato (EIIP13). O homem, o corpo de um homem, pode ser afetado de diferentes maneiras por um mesmo corpo externo. Como também, diferentes homens podem ser afetados de formas diferentes por um mesmo objeto e/ou em momentos diferentes (EIIP45). Bento Espinosa considera ser útil ao homem tudo aquilo que dispõe o corpo a poder ser afetado de muitas maneiras, ou que o torna capaz de afetar de muitas maneiras os corpos exteriores; e é tanto mais útil quanto mais torna o corpo capaz de ser afetado e de afetar os outros corpos de muitas maneiras (EIVP38). E, quem tem um corpo capaz de muitas coisas tem uma mente também capaz de muitas coisas cuja maior parte é eterna (EVP39). O corpo e a alma humana têm algo de eterno. A alma e o corpo humano têm algo de divino.

A afecção no corpo do homem afetado decorrente do encontro com o corpo do homem afetante, envolve tanto o homem afetado quanto o homem afetante (EIIP16), envolve a relação que ocorre neste encontro entre os dois homens, mas diz mais de si, o homem afetado do que do homem afetante (EIIP26), pois a ideia desta afecção – a mente humana – depende do modo como o homem, cujo corpo foi afetado, pensa e interpreta a afecção do seu corpo no encontro e na relação com o corpo do homem afetante.

Se o homem, afetado, pensa pelos primeiros modos de perceber (por ouvir dizer ou por experiência empírica vaga), por imaginação, tem ideias inadequadas e necessariamente padece (EIIP1) e é escravo (servo) de suas paixões (EIIIpr). Esse homem é o autômato sem pensamento. E, nisto não há nada de errado.

Se o homem conhece, compreende e apreende cada ideia de cada corpo ou coisa singular existente em ato por sua essência eterna e infinita em Deus (EIIP45), a mente humana tem um conhecimento adequado da essência eterna e infinita de Deus (EIIP47). O conhecimento é adequado e perfeito (EIIP46). Tem ideias adequadas das coisas singulares existentes em ato, assim, esse homem necessariamente age (EIIP1) obedecendo ao que Deus lhe ordena. Ele não mais padece. Ele é livre e autônomo. Entendo que esse homem é o escravo (servo) necessário de Deus ou natureza (KV). E, nisto não há nada de errado.

O homem pode perseverar em si por ideias confusas, inadequadas por um conhecimento incompleto das coisas, em especial seus afetos. Por esse conhecimento inadequado das coisas, passivamente se move no mundo manifesto. Portanto, padece. Assim, no encontro como o corpo humano afetante, submetido passivamente aos fatos do mundo e submetido aos seus afetos (EIIIpr), pode, conseqüentemente, ter um aumento ou uma diminuição de sua potência de agir. É escravo do mundo e de seus afetos (paixões) por conhecimento incompleto e inadequado das coisas. Mesmo assim, pode haver um aumento de sua potência de agir quando interpretar o resultado do encontro e da relação com o outro como de composição, alegrando-se, o que aumenta sua força (esforço) de perseverar em si mesmo, com um aumento de seu grau de realidade e perfeição que o leva à vida. Por outro lado, há uma diminuição de sua potência de agir quando entender o encontro e a relação com o outro como de decomposição, entristecendo-se e diminuindo sua força (esforço) de perseverar em si mesmo, com a diminuição de seu grau de realidade e perfeição atual que o leva ao sofrimento, à doença e à morte.

Se o homem corrige o entendimento dos modos pelos quais percebe o mundo, o homem conhece adequadamente, por ideias adequadas e verdadeiras, as essências atuais das coisas pela natureza e na natureza da substância, é o homem que se conhece adequadamente. Causa adequada de si mesmo, o homem se conhece por ideias adequadas e verdadeiras, como a essência atual (*conatus*) existente em ato pela potência eterna e infinita divina na essência eterna e infinita de Deus. Ele tem o conhecimento perfeito e adequado das coisas e de si

mesmo. Desta forma, sempre interpreta a si e as coisas, especialmente seus afetos, por aquilo que eles são realmente em suas essências atuais. Entende o encontro e a relação com o outro corpo do homem afetante por aquilo que esse encontro e relação são realmente, como um encontro de decomposição ou de composição, o que sempre o alegra ou lhe deixa sereno, para ativamente decidir como necessariamente deve agir, ou seja, se afastando quando o encontro for de decomposição ou se aproximando quando a relação for de composição. O homem que conhece adequadamente as coisas (os afetos) não espera delas nada senão o que decorre de suas próprias essências atuais: “esforçamo-nos por fazer com que se realize tudo aquilo que imaginamos levará à alegria; esforçamo-nos, por outro lado, por afastar ou destruir tudo aquilo que a isso se põe, ou seja, tudo aquilo que imaginamos levar à tristeza” (EIIIP28).

O esforço, o *conatus*, pelo qual cada coisa, cada ser vivo, cada ser humano, se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual (EIIIP7). A mente, por ideias claras e distintas, por ideias adequadas e verdadeiras, esforça-se por perseverar em seu ser por uma duração indefinida e está consciente desse seu esforço (EIIIP9). Quanto mais o homem busca o que lhe é útil, isto é, quando mais se esforça em perseverar em seu ser, mais esse homem é dotado de virtude (EIVP20), da virtude de, enquanto em si, perseverar em seu ser (EIIIP6). Age virtuosamente porque compreende sua própria essência (atual) (EIVP23) ou sua força no existir (EIVP26d), que nada mais é do que agir, viver, conservar o seu ser sob a condução da razão de acordo com o princípio de buscar o que é útil para si mesmo (EIVP24).

Em virtude da razão, o esforço que o homem julga lhe ser o mais útil não é outro senão o de conhecer e compreender (EIVP26). E, esse conhecimento resulta da compreensão e apreensão do encontro do homem com o outro. O homem tem um corpo capaz de afetar e de ser afetado pelo corpo exterior. Quanto mais for afetado e quanto mais for capaz de afetar (EIVP38), esse homem tem seu corpo fortalecido pela experiência do(s) encontro(s), capaz de fazer muitas coisas sendo, por exemplo, menos vulnerável aos afetos contrários a sua natureza (EIVP30). Pode conseguir ordenar e concatenar as afecções do corpo segundo a ordem própria do intelecto e, conseqüente e logicamente, fazer com que todas as afecções do corpo, as ideias dessas afecções no corpo e as ideias das ideias sejam referidas à natureza da substância: sejam referidas a Deus. Isso faz com que o homem seja afetado de um amor para com Deus que ocupa e constitui a maior parte de sua mente (EVP39d).

Compreender é a suprema virtude da mente (EIVP28d).¹⁵⁵ A suprema virtude e seu supremo bem do homem é o conhecer a Deus (EIVP28). Conhecido corretamente o movimento pelo qual forma seu intelecto, conhecendo ser uma unidade na totalidade da substância, o homem pode adequadamente se esforçar (*conatus*) em perseverar enquanto o que nele se exprime da natureza da única substância absolutamente infinita enquanto homem.

Conatus, no corpo é apetite; na mente, desejo. Desejo e apetite, uma e somente uma coisa por diferentes atributos. Espinosa apresenta o esforço de autopreservação perseverando em si mesmo dizendo que

[...] à medida que está referido apenas à mente, chama-se vontade; mas na medida em que está referido simultaneamente à mente e ao corpo, chama-se apetite, o qual, portanto, nada mais é do que a própria essência do homem, de cuja natureza, necessariamente seguem aquelas coisas que servem para a sua conservação, e as quais o homem está, assim, determinado a realizar. Além disso, entre apetite e desejo não há nenhuma diferença, excetuando-se que, comumente, refere-se o desejo aos homens à medida que estão conscientes de seu apetite [...] o desejo é o apetite juntamente com a consciência que dele se tem. (EIVP9s).

Bento Espinosa diz que o *conatus*, o esforço de perseverar em seu ser é a própria essência de uma coisa (EIVP22d). É a essência atual do modo finito (EIIIP7). O *conatus*, o esforço em perseverar em si mesmo por sua natureza é o primeiro e único fundamento da virtude [...] sem ele não pode ser concebida virtude alguma (EIVP22c). O *conatus* – esforçar-se, enquanto em si, em seu ser – é, portanto, a primeira de todas as virtudes humanas (EIVP22). Assim, “ninguém pode desejar ser feliz, agir e viver bem sem, ao mesmo tempo, desejar ser, agir, e viver, isto é, existir em ato” (EIVP21).

Conhecido, compreendido e apreendido por sua causa adequada, por ideias adequadas e verdadeiras, o esforço ou *conatus* é a

¹⁵⁵ Chauí, 2011, p. 130.

[...] causa eficiente imanente de suas ações e ideias, toda vez que tudo quanto acontecer em nós puder ser explicado apenas pelas leis de nossa natureza, ou, em outras palavras, sempre que agimos e pensarmos por e com liberdade. A realidade e a liberdade de um ser manifestam-se na riqueza de suas determinações, na complexidade de sua essência e nas suas aptidões para agir de inúmeras maneiras simultâneas.¹⁵⁶

Bento Espinosa nunca define a servidão humana, particularmente quanto aos seus afetos, como um vício, como um erro, como uma disposição para o mal ou como uma má vontade. Espinosa atribui a servidão humana a causas transitivas externas e estranhas a sua natureza, como pobreza do ser, do fazer e do pensar, por conhecimento incompleto e inadequado, por imaginação ou fantasia, lugar de abstração, uma separação entre determinada essência atual e sua potência de agir, existir e pensar. Servidão é a impotência para existir em ato. Servidão não é um vício – é um estado no qual o homem padece – não age – por conhecer de forma confusa e incompleta, portanto, por conhecer de forma inadequada seus afetos, suas ideias e seus atos. Assim sendo, o servo é impotente por viver por imagens ou fantasmas e por não seguir o que sua natureza em Deus e por Deus lhe ordena. O servo não é senão um fantasma ou uma fantasia imaginária do homem que ele é realmente por desconhecer a sua causa eficiente¹⁵⁷.

Deus não é livre por ser o Ser Perfeitíssimo – onisciente e onipotente, mas por ser causa de si. Deus é a causa eficiente imanente necessária que age em conformidade com a espontaneidade de sua essência e potência – Deus é livre porque age apenas segundo as leis necessárias de sua natureza. Os humanos não são livres por possuírem uma faculdade de livre-arbítrio para escolher entre possíveis ou entre fins contrários, mas por ser uma potência corporal e intelectual para agir em conformidade com a natureza de suas essências singulares. O homem é livre quando o que se passa nele é determinado apenas pelas leis necessárias de sua natureza.¹⁵⁸ Espinosa escreve com é existir em ato em EIP26: “uma coisa que é determinada a operar de alguma maneira foi necessariamente assim determinada por Deus; e a que não foi determinada por Deus não pode determinar a si própria a operar” e em EIP28: “nenhuma coisa singular, ou seja, nenhuma coisa que é finita e tem uma existência

¹⁵⁷ Chauí, 1999, p. 77; Chauí, 2011, p. 198.

¹⁵⁸ Chauí, 2011, p. 196.

determinada, pode existir nem ser determinada a operar, a não ser que seja determinada a existir e a operar por outra causa que também é finita e tem uma existência determinada [...]”.

Cada essência singular existente é um *conatus*. Quando um modo finito se encontra com outro modo finito há o encontro de duas essências singulares existentes, o encontro de dois esforços no existir, com cada um dos modos e ambos os modos, enquanto em si (em suas essências singulares atuais), esforçando-se no existir conforme seu ser. Quando há o conhecimento adequado das coisas, o homem (o modo finito em questão) procura outro homem ou outros homens cujo encontro resulte numa relação de composição para o desenvolvimento de seu grau de realidade e perfeição ou que o leve a regeneração de alguma prévia diminuição nesse seu grau de realidade e perfeição. Assim ativamente agindo, contribui para manter seu equilíbrio tanto físico quanto espiritual necessário à vida, levando ao aumento de sua capacidade ou potência de agir enquanto corpo na extensão e enquanto ideia no pensamento. Consequentemente, a unidade corpo-mente conhece um incremento em sua força para existir perseverando em si mesmo e um incremento em sua força para o seu aperfeiçoamento enquanto ser humano.

Espinosa afirma que nenhuma coisa pode ser destruída senão por outra coisa ou causa exterior a si mesma (EIIIP4). Assim, se em algum momento de sua existência, o homem encontrar outro modo finito externo a si mesmo que a relação resultante seja de não composição, há a diminuição de seu grau de realidade e perfeição, do seu *conatus*, há diminuição de sua força para existir, podendo o levar a degeneração de parte de seu corpo-mente e, possivelmente, a sua morte porque “não existe, na natureza das coisas, nenhuma coisa singular relativamente à qual não exista outra mais potente e mais forte. Dada uma coisa qualquer, existe outra, mais potente, pela qual a primeira pode ser destruída” (EIVax).

Espinosa deixa bem claro que o *conatus* de uma determinada coisa, o esforço em perseverar, segundo sua natureza, tanto quanto está em si, em seu ser (EIIIP6), é a essência atual dessa coisa. É a natureza dessa coisa, sem a qual a coisa não pode se exprimir e nem existir, sempre procurando excluir o que for incompatível à persistência em sua própria natureza e sempre procurando se aproximar e formar relação como o que contribua à sua autoperseveração no existir. Bento Espinosa afirma que “o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual” (EIIIP7). Para cada

determinada coisa, portanto, o estado dessa coisa é tal que, a menos que seja impedida por uma causa externa que não compõe com seu estado atual, a coisa perseverará em seu ser.¹⁵⁹

Sendo o homem uma coisa singular na qual os atributos de Deus se manifestam de forma definida e determinada (EIP25), o homem é uma expressão definida e determinada da potência de Deus, por meio da qual ele existe e age (EIP34). Portanto, quando o encontro desse definido e determinado homem com o outro exterior resultar em uma relação de não composição há a passagem de um grau de realidade e perfeição maior para um menor (EIIIDA4). Ele se entristece e tem a sua potência de agir e a sua força de existir diminuída, com a conseqüente diminuição de seu *conatus*. E, por EIIP7, há a diminuição no grau de realidade e perfeição de sua essência-potência atual, com a possibilidade de sua degeneração e morte. Espinosa escreve que

[...] padecemos à medida que somos uma parte da natureza, parte que não pode ser concebida por si mesma, sem as demais [...] somos causa parcial [de nós mesmos], isto é, algo que não pode ser deduzido exclusivamente das leis de nossa natureza (EIVP2). A força pela qual o homem persevera no existir é limitada e é superada, infinitamente, pela potência das causas exteriores (EIVP3), pelo axioma de EIV.

O desejo é o movimento ou esforço infinitesimal de um corpo para existir, para manter-se em seu presente estado de ser e existir (EIVP39). É a potência do homem para existir e operar, em persistir na existência (EIIP6). O desejo é a própria essência ou natureza do homem, à medida que a natureza é concebida como determinada, em virtude de um algum estado preciso de um ser humano, a realizar algo (EIIP56d). É a pulsação do ser humano entre os outros modos finitos que o afeta e que são por ele afetados. O desejo sempre esteve relacionado ao movimento, porém antes o movimento era o desejo, agora o desejo é o movimento. O desejo é a causa eficiente imanente do movimento de persistir em seu ser sem mudanças em linha reta no espaço homogêneo que lhe oferece a geometria desse universo em ato até que encontre o outro que lhe afete;¹⁶⁰

¹⁵⁹ Della Rocca, 2008, p. 144-147.

¹⁶⁰ Chauí, 2011, p. 46.

[...] o desejo, movimento de autoconservação de que temos consciência, é um fenômeno físico-mecânico [-químico] que repercute na alma como consciência do esforço de autoconservação na existência. Torna-se objeto da fisiologia (análise dos movimentos vitais e animais do corpo) e da psicologia (análise da sensação, da imaginação e da vontade da alma).¹⁶¹

E, também, torna-se objeto da física, química, da química biológica em particular, visto que tudo no universo inteiro é físico, químico ou biológico.

A mente é um modo definido de pensar. A mente não é senão a ideia (conceito no pensamento – EIIP48s) de uma coisa singular existente em ato (EIIP11); assim, ela não pode ser causa livre de suas próprias ações ou ideias. A mente é a ideia da afecção do corpo, portanto, a mente é uma coisa singular e, como toda coisa singular, para existir e para operar, não pode ter a faculdade de querer e de não querer, pois tem a sua existência determinada por uma causa específica, definida e finita (EIP28), determinada pela necessidade da natureza da substância (EIP29). Há determinismo absoluto (psíquico) quanto às ideias (mente). Bento Espinosa afirma

[...] não há, na mente, nenhuma vontade absoluta ou livre; a mente é determinada a querer isto ou aquilo por uma causa que é, também, determinada por outra, e esta última, por sua vez, por outra, e assim até o infinito (EIIP48) [...]. Demonstra-se, da mesma maneira, que não existe, na mente, nenhuma faculdade absoluta de compreender, de desejar, de amar [...] (EIIP48s). [...] por vontade, compreendo a faculdade de afirmar e de negar, e não o desejo. Compreendo, repito, aquela faculdade pela qual a mente afirma ou nega o que é verdadeiro ou o que é falso, e não o desejo pelo qual a mente apetece ou rejeita coisas (EIIP48s) [...] não há, na mente, nenhuma volição, ou seja, nenhuma afirmação ou negação, além daquela que a ideia, enquanto ideia, envolve (EIIP49). A vontade e o intelecto são uma só e mesma coisa (EIIP48c) [...] [pois] uma vontade singular e uma ideia singular são uma só e mesma coisa (EIIP48d₂).

¹⁶¹ Chauí, 2011, p. 47.

O homem como o conjunto corpo-mente de infinitos indivíduos, pode agora, ser considerado em si um indivíduo que nesse conjunto tem sua própria natureza, sua própria essência atual e, portanto, no conjunto corpo-mente que o constitui, seu próprio *conatus*. Nesse conjunto corpo-mente é uma construção mental: uma *res mentalis*. O ser humano se encontra e se relaciona com outros conjuntos corpo-mente, outros indivíduos humanos, outros seres humanos com suas próprias naturezas, suas próprias essências atuais e seus próprios *conatus*. Desses encontros e relações se constrói a comunidade ou sociedade onde esses indivíduos corpo-mente irão conviver. Chauí escreve:

[...] o *conatus* é o esforço para desencilhar-se de um obstáculo externo, e o desejo se realiza num campo de forças em conflito, num meio ou ambiente de antagonismos. Relação intercorporal, o *conatus*, enquanto desejo, é relação intersubjetiva e, definido como tendência à autoconservação que leva o homem a agir de maneira determinada. É esse vínculo entre desejo e ação determinada que o transforme no principal objeto da ética e da política modernas. Para Espinosa, os corpos complexos são produzidos pela integração de corpúsculos simplíssimos segundo diferentes proporções de movimento e repouso, sendo por isso indivíduos concretos que se definem como *conatus*, o qual, além de pressupor um sistema de movimento e de repouso individual interno e sua relação com o exterior supõe, sobretudo, o corpo como singularidade complexa. Isso determinará tanto a forma com capacidade de cada *conatus* para relacionar-se com a pressão externa, produzida por outros corpos tão complexos quanto o seu e que também são *conatus*. A reação interna do indivíduo consigo mesmo, assim como sua relação com os corpos exteriores, jamais será simples, mas múltipla e diversificada.¹⁶²

Bento Espinosa apesar de afirmar que nenhum modo finito se esforça em se conservar em seu ser por outro modo finito (EIIIP28), esforçando-se para preservar exclusivamente a si mesmo e para manter ou aumentar o seu bem-estar ¹⁶³ e que quanto mais esse modo finito buscar o que lhe for útil, mais ele é virtuoso (EIVP20), também pontua e afirma:

¹⁶² Chauí, 2011, p. 47-48). Chauí, 1999, p. 101.

¹⁶³ Chauí, 1999, p. 326.

[...]quem compreende corretamente que tudo se segue da necessidade da natureza divina e se faz segundo as leis e regras eternas da natureza, não encontrará, certamente, nada que seja digno de ódio, de riso ou de desprezo, nem sentirá comiseração por ninguém, mas se esforçará, tanto quanto permita a virtude humana, por fazer, como comumente se diz, o bem, e por se alegrar (EIVP50s).

A razão (e a intuição) não exige nada que seja contra a natureza das coisas. A razão não exige nada que seja contra a natureza do homem, a razão exige que cada homem ame a si próprio: busque o que lhe seja útil, mas efetivamente útil e deseje tudo àquilo que, efetivamente, o conduza a um grau de maior realidade e perfeição (EIVP18s). Conhecer efetivamente é conhecer adequadamente a si mesmo e às coisa e,

[...] diz-se que os homens agem apenas à medida que vivem sob a condição da razão; as ações da mente provêm exclusivamente das ideias adequadas (EIIIP3). Portanto, tudo que se segue da natureza humana, enquanto definida pela razão, deve ser compreendida exclusivamente por meio da natureza humana [...] cada um deseja, pelas leis de sua natureza, o que é bom [para si] e se esforça por afastar o que julga ser mau; e, como, além disso, aquilo que julgamos, segundo o ditame da razão, ser bom ou mau, é necessariamente bom ou mau; então, apenas à medida que vivem sob a condição da razão, os homens necessariamente fazem o que é necessariamente bom para a natureza humana, conseqüentemente, para cada homem, isto é, aquilo que concorda com a natureza de cada homem (EIVP35d).

O homem, por seu *conatus*, por sua essência e natureza atual, procura o que lhe útil e se afasta do que não lhe é útil para sua preservação (EIVP19). Como não há nenhuma modificação ou afecção do corpo que o homem não possa formar algum conceito claro e distinto (EVP4) e como todo afeto que for uma paixão, deixa de ser se desse afeto for formado uma ideia clara e distinta (EVP3), pelo uso razão ou pelo uso da intuição, o homem pode conhecer adequadamente as coisas e a si mesmo. Assim, a sua essência atual e sua própria potência de ser, agir e existir, exprimindo uma só e mesma coisa, a sua natureza humana, pode se exprime adequadamente. Causa adequada de si mesmo, esse homem pode

agir movendo ou mantendo-se em repouso. Pode ativamente agir, viver e existir como expressão necessária e livre de sua própria natureza. Espinosa afirma que

[...] agir absolutamente por virtude nada mais é, em nós, do que agir, viver, conservar o seu ser (estas três coisas têm o mesmo significado), sob a condição da razão, e isso de acordo como o princípio de buscar o que é útil para si (EIVP24) [...] agir absolutamente por virtude nada mais é do que agir segundo as leis da própria natureza (EIVP24d).

Por EIVP20, a virtude não é senão a sua potência definida por sua essência humana (EIVP20d), ou seja, a potência do homem é sua própria essência ou sua própria natureza humana (EIVD8). Por compreender e apreender as coisas por ideias adequadas e verdadeiras, o homem age por virtude. Quando encontra o outro que concorda com sua natureza, quanto mais esse outro lhe compor, maior o aumento de sua potência ou força (virtude) para existir o que, por sua vez, aumenta a sua capacidade de agir ativa e virtuosamente (EIVP31). O homem que vive sob o ditame da razão é ativo e age segundo sua própria natureza em Deus por Deus. Desse modo, e porque “tudo que se segue da natureza humana, enquanto definida pela razão, deve ser compreendido exclusivamente por meio da natureza humana, como causa próxima” (EIV35d), ele age conforme a causa próxima de seu sentir (afetos), de seu pensar (ideias) e do seu agir (EIVP35d). Ele segue e se move por aquilo de divino que resta em si mesmo.

Assim, à medida que vive sob a condução da razão (ou intuição), o homem faz o que é necessariamente bom (útil) para a sua natureza humana (EIV35d). E, sobre o que é mais útil ao homem, Bento Espinosa esclarece que

[...] não há, na natureza das coisas, nenhuma coisa singular que seja mais útil ao homem do que um homem que vive sob a condição da razão. Com efeito, o que é de máxima utilidade para o homem é aquilo que concorda, ao máximo, com sua natureza (por EIVP31c), isto é, (como é, por si mesmo, sabido), o homem. Ora, o homem age inteiramente pelas leis de sua natureza quando vive sob a condução da razão e, apenas à medida que assim vive, concorda, sempre e necessariamente, com a natureza de outro homem (por EIVP30). Logo, não há entre as coisas singulares, nada que seja mais útil ao homem do que um

homem (EIV33c₁). [E] os homens serão de máxima utilidade uns para com os outros quando cada um buscar o que lhe é de máxima utilidade (EIVP33c₂).

O homem que age conduzido pela razão e pela intuição, por conhecimento adequado do divino em si, do que nele exprime a natureza da substância, é causa adequada de si mesmo. É a causa adequada de seus afetos, de suas ideias e de seus atos (EIVP18s). Esse homem, movido pela razão e intuição procura

[...] estar em concordância em tudo, de maneira que as mentes e os corpos de todos componham como que uma só mente e um só corpo, e que todos, em conjunto, se esforcem, tanto quanto possam, por conservar o seu ser, e que busquem, juntos, o que é de utilidade comum para todos. Disto se segue que os homens que se regem pela razão, isto é, os homens que buscam, sob a condição da razão, o que lhes é útil, nada apetezem para si que não desejem também para os outros e são, por isso, justos, confiáveis e leais (EIVP18s).

[...] o supremo bem dos que buscam a virtude é comum a todos e todos podem desfrutá-lo igualmente (EIVP36). Agir por virtude é agir sob a condução da razão (por EIVP24) e todo nosso esforço por agir segundo a razão consiste em compreender (EIVP36d).

Para Bento Espinosa, o conhecimento do mal é um conhecimento inadequado (EIVP64). Contudo, homem pode ter um conhecimento verdadeiro do mal (EIVP8) quando percebe a tristeza por um desejo por algum afeto que diminui sua potência de agir o que refreia sua potência para autoconservação (EIVP8d). Ao conhecer o mal, um mau encontro, o homem se entristece. E, essa tristeza é a passagem de uma perfeição maior para uma perfeição menor. O mal é, portanto, sempre e inevitavelmente uma paixão, que, necessariamente, decorre de um conhecimento inadequado por ideias inadequadas (EIVP64d). O homem que conhece a si e as coisas por ideia adequada não conhece o mal (EIVP64c). Não conhece o mal senão por aquilo que ele realmente é, ou seja, não como coisa real, mas como uma coisa imaginada, uma coisa mental, uma coisa imaginária no pensamento (EIVpr).

Conduzido pela razão, conhece as coisas por aquilo que são realmente, alegre-se ou conhece a paz de espírito por conhecer a realidade como ela existe em si mesma. Buscando

entre dois bens, o maior e entre dois males, o menor (EIVP65cor), conduzido pela razão, o homem não obedece a ninguém senão à sua própria natureza, perfeita em sua realidade (EIID6 e EIVpr). Faz de sua vida – em sua vida – o que compreende importante para, enquanto em si, perseverar em seu ser e deseja isso ao máximo (EIVP68s). Ele sabe que tudo isto depende do outro com quem compartilha o existir em ato.

O homem não se conhece a si mesmo senão pelas afecções de seu corpo e pelas ideias dessas afecções (EIIP53d). A mente humana se conhece adequadamente ao apreender as afecções do corpo pelas ideias das afecções do corpo (EIIP23) existente em ato (EIIP13). Conhece as ideias das afecções do corpo e as ideias das ideias dessas afecções – a consciência (EIIP22). Quanto mais o homem conhece as coisas singulares por o que nelas exprime a natureza da substância, mais conhece a *Deus sive Natura* (EIIP33 e 34), pois pertence à essência da mente humana ter um conhecimento adequado da essência eterna e infinita de Deus (EIVP36). E, o homem que conhece Deus e o amor de Deus ama a Deus e

[...] todo aquele que busca a virtude desejará também para os outros homens, um bem que apetece para si próprio, e isso tanto mais quanto maior conhecimento tiver de Deus (EIVP37). [...] O homem que vive sob a condução da razão, nós, necessariamente, nos esforçamos para que os homens vivam sob essa mesma condução (EIVP37d), [...] a verdadeira virtude nada mais do que viver exclusivamente sob a condução da razão (EIVP37s₁); [...] se os homens vivessem sob a condução da razão, cada um, desfrutaria do seu direito sem qualquer prejuízo para os outros (EIVP37s₂).

Com o conhecimento adequado de si, o homem percebe a completa interdependência que existe entre os modos finitos no mundo manifesto onde existe e vive.¹⁶⁴ Para viver conforme sua natureza no mundo manifesto – na relação com o outro – o homem deve procurar conhecer adequadamente os afetos que resultam no encontro com esse outro e com seu meio.¹⁶⁵ Por sua ontologia do necessário, por sua filosofia como *Ars Vivendi e Medicina*

¹⁶⁴ Scruton, 2005, p. 63.

¹⁶⁵ Espinosa no livro *De Servitute Humana Seu De Affectuum Viribus* – capítulo 32 – escreve: “A potência humana é, entretanto, bastante limitada, sendo infinitamente superada pela potência das causas externas (grifo meu). Por isso, não temos o poder absoluto de adaptar as coisas exteriores ao nosso uso. Contudo, suportaremos com equanimidade os acontecimentos contrários ao que postulo o princípio de atender à nossa utilidade, se tivermos consciência de que fizemos nosso trabalho; de que a nossa potência não foi suficiente para poder evitá-las; e de que somos uma parte da natureza inteira, cuja ordem seguiu. Se compreendemos isso clara e

Mentis que propõe compreender, apreender, lidar, viver o desejo e o afeto como ele (afeto) é realmente em si mesmo, consigo mesmo e na relação com o outro, Espinosa escreve pontuando:

[...] quando, por conseguinte, apliquei o ânimo à política, não pretendi demonstrar com razões certas e indubitáveis, ou deduzir da própria condição da natureza humana, algo que seja novo ou jamais ouvido, mas só aquilo que mais de acordo está com a prática. E, para investigar aquilo que respeita a esta ciência com a mesma liberdade de ânimo que é costume nas coisas matemáticas, procurei escrupulosamente não rir, não chorar, nem detestar as ações humanas, mas entendê-las. Assim, não encarei os afetos humanos, como são o amor, o ódio, a ira, a inveja, a glória, a misericórdia e as restantes comoções do ânimo como vícios da natureza humana, mas como propriedade que lhe pertencem, tanto como o calor, o frio, a tempestade, o trovão e outros fenômenos do mesmo gênero pertencem à natureza do ar, os quais, embora incômodos, são contudo necessários e têm causas certas, mediante as quais tentamos entender a sua natureza. E a mente regozija-se tanto como a verdadeira contemplação destes fenômenos como com o conhecimento das coisas que são agradáveis aos sentidos (TP I § 4).

Bento Espinosa trata os afetos em *De Origine Et Natura Affectuum*, a natureza e a virtude dos afetos, a potência da mente sobre os afetos, com o mesmo método matemático-geométrico-genético que tratou de Deus em *De Deo* e da mente em *De Natura Et Origine Mentis*. Ele trabalha os atos, os apetites, os desejos e as vontades, como se fossem uma questão de linhas, superfícies e corpos (EIIIpr).

Chauí aponta que o desencantamento do mundo na época moderna, levou a convicção que o desejo e todo o *páthos* poderiam ser conhecidos como o objeto de um saber matemático-geométrico dedutivo. Os afetos desejo poderiam ser conhecidos por uma ideia – clara e distinta – demonstrada por ciências fundadas na evidência racional e, assim,

distintamente, aquela parte de nós mesmo que é definida pela inteligência, isto é, a nossa melhor parte, se satisfará plenamente com isso e se esforçará por perseverar nessa satisfação. Pois, à medida que compreendemos, não podemos desejar senão aquilo que é necessário, nem nos satisfazer, absolutamente, senão com o verdadeiro. Por isso, a medida que compreendemos isso corretamente, o esforço da melhor parte de nós mesmos está em acordo com a ordem da natureza inteira.”

conhecidos em sua gênese geométrica. Levou a convicção que o conhecimento adequado dos afetos por suas causas próximas fundasse uma nova política, favorecendo a passagem da barbárie para a vida civil.¹⁶⁶ Em *De Deo*, Bento Espinosa cria novas bases para um modelo de comportamento ético e político independente do poder teológico baseado no conhecimento adequado de Deus pelo homem.¹⁶⁷ E, *De Servitute Humana Seu De Affectuum Viribus*, com a dedução das noções comuns da natureza humana com o seu movimento contínuo de uma paixão para uma ação e desta para novamente outra paixão, num vai e vem permanente, demonstra a passagem da servidão à liberdade racional.¹⁶⁸

Compreender é a virtude absoluta da mente. A virtude suprema da mente é compreender e conhecer a Deus (EIVP28d). O homem que conhece, compreende e apreende sua essência-potência na natureza da substância tem um conhecimento adequado da essência eterna e infinita de Deus (EIVP36s) deseja ser feliz, agir e existir bem. Esse homem deseja ser, agir e viver, ou seja, existir em ato (EIVP21) em Deus (EIP15): esse homem é de sua raça divina; ele vive se move e existe em Deus (Paulo – *Bíblia de Jerusalem* – Atos dos Apóstolos 17, 24-28). E, deseja para o outro, o mesmo bem que procura para si mesmo, ser feliz em Deus, e isto será maior quanto maior for seu conhecimento da natureza da substância (EIVP37). Esse é o supremo bem da mente (EIVP28), a suprema felicidade, e quanto maior for a alegria que afetar um determinado homem maior sua realidade e perfeição. Assim, ele, e o outro, com quem divide seu conhecimento de Deus, mais, necessariamente, participam da natureza divina (EIVp45s). Don Garret afirma que

[...] os indivíduos que são virtuosos ou conduzidos pela razão procurarão todos, por causa de seu próprio autointeresse, os mesmos bens para os outros que ele busca para si mesmo (EIVP37). Com efeito, na medida em que uma comunidade de seres humanos é conduzida pela razão, seus membros podem “compor como que uma só mente e um só corpo” (EIVP18s) – isto é, um

¹⁶⁶ O homem, por sua natureza, não deseja senão governar. Espinosa constata, como outros filósofos, que o homem de forma alguma deseja ser governado ou mandado por outro homem. Deseja governar a si mesmo e aos outros. Espinosa, porém não pensa que por essa característica o homem esteja fadado à guerra de todos contra todos ou que a solução por deflação de direitos por um contrato. Por essa característica e a respeitando, Espinosa conclui que o homem deseja ser o sujeito ativo da ação política e, portanto, a democracia é consequentemente o mais natural dos regimes políticos.

¹⁶⁷ Chauí, 2003, p. 95.

¹⁶⁸ Chauí, 2011, p. 203.

indivíduo complexo que tem seu próprio esforço de autopreservação, composto de seres humanos mentalmente semelhantes [like-minded].¹⁶⁹

O homem que se conhece adequadamente compreende que o seu bem supremo é o conhecimento intelectual da substância ou o conhecimento do amor de Deus. Esse conhecimento é comum a todos os homens e todos os homens podem desfrutá-lo igualmente (EIVP36). Por isso, o homem livre, por conhecimento adequado da natureza das coisas, vive conforme os ditames da sua razão e da sua intuição (EIVP67). Jamais age com dolo, por agir ativamente pela razão (intuição), por seu próprio autointeresse, age de boa fé (EIVP72). Revela sua virtude quanto evita os perigos e quando os enfrenta (EIVP69). Evita o(s) homem(s) que ignoram os ditames da razão e que vivem segundo as imagens criadas por sua imaginação (EIVP70). Vive entre iguais, com outro(s) homem(s) regido(s), como ele, segundo os ditames da razão, de quem é grato (pelo encontro e pela relação de composição que realizam) (EIVP71). Une-se a esse homem, no mais estreito e profundo natural laço de amizade (EIVP35c₁), se esforçando por fazer-lhes o bem (EIVP37). Assim, consegue, sem abdicar de qualquer de um seus direitos naturais consequentes de sua natureza humana na substância, com a fortaleza de seu caráter, com firmeza e generosidade, viver harmonicamente com o(s) outro(s) homem(s) (EIVP73).

Se um homem se conhece adequadamente, pela correção no entendimento do movimento pelo qual percebe e interpreta a si e ao mundo, quando este primeiro homem se encontra com outro homem, pela interdependência existente entre eles, procura que desse *encontro* resulte o *esforço* mútuo para aumentar a potência de agir e a força de existir de si mesmo e do outro, aumentando o seu *conatus* de ambos, aumentando suas essências atuais e suas potências atuais, sua força ou seu esforço para se autopreservar perseverando enquanto em si mesmos no mundo. Por ter reformado seu intelecto – o homem que se conhece – espontânea natural necessária e ativamente segue as leis divinas ou naturais que regem a si, ao outro, ao encontro de ambos no instante presente¹⁷⁰.

O homem precisa conhecer adequadamente o que há de Deus em si e no outro, para obedecendo ativa e espontaneamente às infinitas leis eternas de Deus que regem o universo

¹⁶⁹ Don Garrett, 2011, p. 347.

¹⁷⁰ Chauí, 2011, p. 203.

inteiro (Deus), viver o sumo bem, se possível com o outro. E, viver o sumo bem não é senão ser livre e autônomo em Deus – em sua vida ser a expressão mais plena possível pelas leis naturais que o ordenam. Viver o sumo bem nada mais é senão ser o autômato espiritual – o escravo (servo) das leis naturais que o ordenam as quais segue ativa e espontaneamente. Ser escravo das leis naturais que o ordenam nada mais é senão viver o sumo bem – se possível, com o outro (TdIE§12-13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No apêndice Livro IV da *Ética*, capítulo quatro, Espinosa escreve que “aperfeiçoar o intelecto não é senão compreender a Deus, os seus atributos e as ações que se seguem da necessidade de sua natureza. Por isso, o fim último do homem que se conduz pela razão e pela intuição, isto é, o seu desejo supremo, por meio do qual procura regular todos os outros [desejos], é aquele que o leva a conceber, adequadamente, a si mesmo e a todas as coisas que podem ser abrangidas sob seu intelecto.” Ele também aponta que, “assim, na vida, é útil, sobretudo, aperfeiçoar, tanto quanto pudermos o intelecto ou razão, e nisso, exclusivamente, consiste a suprema felicidade ou beatitude do homem. Pois, a beatitude não é senão a própria satisfação do ânimo que provém do conhecimento intuitivo de Deus.” Conhecer a Deus é a beatitude. Conhecida a beatitude – vivê-la em sua vida comum ordinária.

O *Tractatus Emendatione Intellectus* apresenta um método para o conhecimento da mente humana. Faz referência a uma correção ou reforma do intelecto. Poder-se-ia pensar em um desejo de mudar o pensamento – mudar o modo pelo qual uma dada ideia é formada. Porém, o método visa conhecer o modo real ou natural (ou os modos) pelo qual o intelecto é constituído segundo as leis naturais que o constitui. Apresenta a necessidade do conhecimento do movimento real pelo qual ideias, séries de ideias, mudanças na potência ou energia de agir e existir – os afetos, a partir das alterações ou mudanças ou afecções que o corpo humano conhece por si mesmo ou pela interdependência aos outros corpos na extensão. Entendo que o método visa o conhecimento do movimento do pensar.

No início, há o movimento. O início não gera o movimento – o movimento é o início. A substância única que em si mesmo estava – por si mesma – se move. O movimento que em si estava – a natureza – se move. A essência e a existência da natureza é uma verdade eterna (necessária) – a substância única pertence o existir – como natureza infinita e como natureza

finita (EIP8). Sua essência e potência substancial – sua existência natural – é o movimento livre por existir exclusivamente pela necessidade de sua natureza que por si só determinada a agir, ou seja, é o movimento pelo qual a substância única livre e necessariamente é coagida a existir e operar somente em si mesma por si mesma (EID7). A substância única é livre por ser escrava de sua natureza. A substância única – o ente absolutamente infinito – o movimento absolutamente eterno e infinito – ao se mover o faz por seus infinitos atributos eternos e infinitos segundo como as suas infinitas e eternas leis necessariamente determinam o modo pelo qual a substância única se expressa (EID7).

O tratado é movimento – o movimento de ser (existir). Identifico a filosofia de Bento Espinosa como a filosofia do movimento (do esforço). É a filosofia do esforço (*conatus*) e do encontro (*occursus*). O primeiro princípio é móvel – a substância é móvel. A substância ao se expressar expressa em si mesma por todos os seus infinitos modos infinitos (imediatos e mediatos) em seus infinitos modos finitos. Há, portanto, desde a sua concepção, a soberana ideia de movimento na filosofia espinosista. Deus para causar-se causando o universo inteiro precisa se mover. Deus ao causar-se causa o universo inteiro – o universo inteiro insculpido em Deus por Deus. Deus ao causar-se insculpe o universo inteiro em si mesmo por si mesmo. Há inicialmente o movimento de Deus. Segue-se o movimento de Deus para o universo inteiro dos modos finitos e o movimento do universo inteiro dos modos finitos para Deus – esses dois momentos de um mesmo movimento acontecendo em Deus por Deus.

Espinosa convida ao homem conhecer o que de divino existe em sua própria natureza humana – aperfeiçoar o intelecto para conhecer a si mesmo e as coisas o mais próximo de sua real perfeição natural. E, quanto mais o homem conhecer as coisas singulares e particulares mais esse mesmo homem conhece a Deus e ao amor de Deus pela natureza do universo inteiro nele insculpido – quanto mais o homem se conhece mais em Deus se descobre – se move, vive e existe o mais próximo de Deus agindo ativa e livremente obedecendo ao que Deus lhe ordena. Espinosa convida o homem a conhecer a Deus porque Deus convida ao homem para que o conheça em si mesmo e em todas as suas manifestações no universo inteiro. O movimento da substância única ao homem – do homem à substância única.

Espinosa apresenta a ideia de uma única natureza – uma única indivisível substância absolutamente infinita e eterna – que é a causa de si mesma por seus próprios atributos (modos infinitos imediatos) e por suas próprias leis (modos infinitos mediatos). Essa natureza

ao causar-se, causa a natureza de todas as coisas existentes (modos finitos) no universo inteiro (modo finito) insculpidas em sua própria natureza que lhes é a causa próxima eficiente imanente: uma só substância em si mesma de absoluta perfeição e realidade – essência eterna e infinita que por seus atributos e leis insculpe em si mesma o universo inteiro como ela o ordena. Essa natureza é Deus ou a substância única.

Uma única substância absolutamente infinita – a natureza – uma verdade eterna que se expressa em toda sua infinita e imutável realidade e perfeição. Essa substância é Deus (EIP14), “um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (EID5). Deus ao causar-se provoca e desperta uma relação imanente consigo mesmo por seus infinitos atributos infinitos e por suas infinitas e eternas leis infinitas, necessárias e imanentes. Inicia uma única e somente uma mesma relação consigo mesmo – conforme sua essência-potência-existência divina – a qual causa um universo de infinitas relações finitas interdependentes que se seguem do movimento divino de causando-se causar tudo o que existe no universo inteiro dos modos infinitos e finitos.

Deus ao causar-se, causa o universo inteiro em si mesmo e por si mesmo e neste universo Deus permanece expresso. Bento Espinosa em EIP16 afirma que da necessidade da natureza divina devem seguir infinitas coisas em infinitos modos, isto é, tudo o que pode existir no intelecto divino. Em EIP25 escreve que Deus é a causa eficiente imanente da essência e da existência de todas as coisas e permanece nas coisas que causa. Em um dado momento na duração – pelas leis naturais ordenam a interdependência das coisas no mundo – se um modo finito deixar de ser uma unidade na totalidade de Deus dissolve-se, se fundido e reintegrando-se à natureza de Deus – de onde nunca se afastou. Há – deste modo – o movimento de Deus ao modo finito e do modo finito a Deus: movimento que acontece sempre em Deus por Deus. Tudo é movimento – desde o início, o movimento – o movimento é o início. O movimento de Deus causa o universo inteiro.

O universo manifesto (na extensão e no pensamento) é expressão da substância única por seus atributos afetados por suas leis eternas, infinitas e necessárias segundo as quais a substância única ordena o universo inteiro. O universo – em cada um dos seus modos finitos – exprime de modo certo, preciso, determinado e definido a natureza da substância absolutamente infinita – Deus. O mundo – extenso e pensado – portanto, não poderia ter sido

produzido pela natureza ou substância única de nenhuma outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em que foram produzidas (EIP33).

A essência e a existência de uma determinada coisa se seguem da essência da substância única. O modo singular como essa determinada coisa expressa a natureza da substância – a essência atual dessa coisa singular na substância pela substância – se segue dos infinitos modos infinitos imediatos da substância (atributos) e de seus infinitos modos infinitos mediatos (leis), ou seja, a vida de algo se segue de Deus, o modo como este algo se expressa de forma singular se segue de Deus por seus atributos e leis.

Cada modo finito existe imanente à substância – substância que é sua causa eficiente imanente. Quando um modo finito deixa de ser a expressão singular, particular, definida e determinada da natureza da substância na natureza dessa substância, esse dado modo finito deixa de existir enquanto modo definido e determinado. E, então, a sua essência atual – decomposta totalmente por algum fator externo – reintegra-se, regressando ou retornando, à essência da própria substância da qual foi expressão temporária e na qual se individualizou em um modo diferenciado, definido, preciso, particular e determinado insculpido na natureza da substância. Retorna à natureza de onde nunca se afastou.

Todos os modos finitos – a pedra, o martelo, a árvore, o cavalo, o homem, o homem chamado Pedro – se seguem necessariamente do movimento existente na substância única. Os modos finitos, pela exclusiva necessidade da natureza de Deus, se expressam e operam de uma maneira definida e determinada (EIP33d). E, conhecer a ordem e a conexão com que as coisas se seguem na natureza da substância é a via de acesso para conhecer a Deus ou natureza. Conhecido Deus viver conforme Ele ordena: o sumo bem humano.

Conhecer algo por sua causa adequada é conhecer o que de divino há neste algo – o que há de real ou natural neste algo – conhecer esse algo por seu movimento formador determinado por leis naturais – pela verdade intrínseca ao algo. O tratado, portanto, ao propor o correto entendimento do movimento formador do intelecto humano, estabelece como objetivo método conhecer o que há de divino – natural – nas ideias, nas séries de ideias e nos afetos. Conhecer o real movimento formador por suas leis naturais as ideias, as séries de ideias e os afetos. Todos os modos de constituição da mente humana existem em Deus por seu atributo do pensamento seguindo as leis divinas que regem o intelecto humano.

Enquanto o atributo pensamento – enquanto o modo finito do intelecto humano no intelecto infinito da natureza (Deus) – o tratado apresenta a absoluta necessidade de conhecer em sua perfeita realidade a essência particular do movimento formador do modo finito do intelecto humano que determina o modo pelo qual esse intelecto é constituído. Identifico, assim, se toda e qualquer ideia seja determinada pelo atributo do pensamento de Deus por suas leis naturais não poderiam ter sido produzido pela natureza ou substância única de nenhuma outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em que foram produzidas – todas existem em Deus.

Em outras palavras, o tratado visa, portanto, enquanto o atributo do pensamento, enquanto o intelecto finito do homem no intelecto infinito de Deus, conhecer a ordem e a conexão – a devida ordem – segundo a qual se constituem as ideias e as séries de ideias (e os afetos correspondentes). Essa é a via de para a correção no entendimento do movimento de formação da mente ou alma humana usando para isso o próprio movimento do pensar.

Portanto, todas as ideias por qualquer modo de percepção entendidas pela essência singular deste modo, entendida pela essência singular do movimento formador de ideias (modo de percepção), são ideias verdadeiras segundo esta essência singular. Com este entendimento, mesmo ideias constituídas pelos dois primeiros modos de perceber (por ouvir dizer e por experiência empírica vaga) são conhecidas por suas causas adequadas. Assim, a ideia constituída pelo conhecimento da causa adequada de uma ideia inadequada, necessariamente é adequada e verdadeira. É um bem verdadeiro – um verdadeiro bem para possibilitar aquele que assim entende viver o sumo bem humano.

O conhecimento, por causa adequada (por uma causa intrinsecamente verdadeira), do movimento do pensar – de pensar o pensamento (a ideia da ideia ou conhecimento reflexivo) o que realmente trará a correção no entendimento do intelecto humano. O método espinosista visa conhecer adequadamente o movimento de formação de uma primeira ideia a partir de uma modificação do corpo que entendo como uma ideia não consciente (inconsciente); o movimento de formação da segunda ideia a partir de uma primeira ideia que entendo ser a consciência da primeira ideia (a consciência da afecção no corpo pelo conhecimento da primeira ideia); a ideia da ideia de uma ideia movimento de formar ideias que tende ao infinito que entendo como o conhecimento reflexivo e do movimento em seus afetos

correspondentes (aumento ou diminuição em sua potência da agir ou energia para existir) à medida que ideias que constituem o intelecto.

Há o movimento da substância única para os modos – dos modos para a substância. O foco é o conhecimento do movimento. No método apresentado há o movimento de ideias e o movimento de aumento e diminuição do *conatus* (potência para agir e energia para existir) no pensamento – tudo relacionada a alterações no corpo na extensão daquele que pensa.

A essência particular íntima do pensar é o movimento. Se a substância única se expressa em um corpo humano na extensão – ela se expressa necessariamente como a ideia deste corpo no intelecto finito do algo sobre a forma da ideia do corpo. Movimento no corpo que conhece com a afecção de si mesmo ou por outro corpo e em paralelo o movimento da ideia da afecção (uma ideia inconsciente ou automática do movimento no corpo) que abre a possibilidade da formação do movimento de constituição da série de ideais: a ideia da ideia (a consciência) e a sequência de ideia da ideia de uma primeira ideia – movimento que tende ao infinito pelos quatro modos de perceber.

A substância única – Deus – precisa se mover para ao se expressar como o corpo de algo na extensão do mundo haja a ideia do corpo deste algo no intelecto deste algo. No início, e sempre o que existe é o movimento. Deus se move e se movendo cria tudo do que existe por seus infinitos atributos, cada um destes atributos expressando uma essência e infinita. O homem por sua potência conhece apenas dois – a extensão e o pensamento (EIP11).

A substância única é a causa pela qual a natureza extensa e a natureza pensante existam e persistam no seu existir. A substância única é a causa do ser das coisas, das ideias, dos afetos e dos atos (paixões e ações). Não é a essência da coisa, da ideia, do afeto ou do ato que é a causa de sua existência nem de sua duração, mas apenas a substância única cuja natureza é a única à qual pertence o existir (EIP24).

A substância única é a causa da essência e existência do intelecto finito do homem no intelecto infinito de Deus pelo atributo do pensamento – mas, a existência atual e essência atual do intelecto (*conatus*) de um determinado e definido homem é causado pela substância única pelo seu atributo do pensamento por todas as suas infinitas leis naturais especialmente às leis que regem ou ordenam o movimento de interdependência de todos os modos finitos

que compartilham um dado espaço em um dado momento presente. Há novamente a ideia de movimento para que uma dada ideia – uma clara, precisa e distante ideia seja constituída e sua constituição será conhecida pelo conhecimento das leis do intelecto que determinam sua existência por sua essência atual – por seu conatus.

A substância única ao se mover – expressa a sua essência e a sua potência infinita. A natureza ao se mover – expressa a sua essência e a sua potência infinita: imediatamente em seus infinitos modos infinitos (imediatos e mediatos) e, a partir do momento que se expressa no mundo manifesto, a natureza expressa sua essência e sua potência infinita respeitando a interdependência que ordena este mundo manifesto de infinitos modos finitos. Tudo que se segue de sua natureza absoluta é eterno e infinito: seus infinitos modos infinitos (atributos e leis substanciais); tudo que se segue de sua natureza absoluta por seus atributos e leis modificados enquanto as leis de expressão da substância no mundo manifesto – são eternos e infinitos enquanto pensados em Deus, mas não enquanto suas específicas existências e essências: os seus infinitos modos finitos (as coisas, as ideias, os afetos e os atos). O mesmo vale para o pensamento: tudo o que se segue diretamente da substância única deve ser eterno e infinito: o intelecto infinito da substância única – o intelecto infinito de Deus; tudo que se segue da substância única por seu atributo do pensamento pelas leis que determinam o movimento de formação do intelecto de algo no mundo manifesto não é eterno nem infinito enquanto modo finito: o intelecto finito do homem. Mas há algo de divino na mente do homem, há algo de divino no corpo do homem – quanto mais o homem conhecer seu corpo e sua mente mais conhece a Deus.

Se tudo existe na natureza – todos os quatro modos de perceber não são apenas naturalmente determinados pelas leis da natureza senão perfeitos em suas realidades. Os quatro modos de perceber possuem graus diferentes de verdade – possuem algum grau de verdade: menor nos dois primeiros modos (por ouvir dizer e por experiência empírica vaga), maior pelo terceiro modo de perceber, a razão, e adequado (por uma verdade intrínseca) pelo quarto modo de perceber, a intuição, quando conhece a ideia – as séries de ideias – os afetos correspondentes pela essência íntima do preciso movimento (pelos quatro modos de perceber) de constituição de cada um destes que é a mente humana.

Se todos os seres existem no ser que a totalidade do ser (TdIE§99) – todos devem obedecer necessária e absolutamente o que este ordena – obedecer ao(s) modo(s)

qual(is) rege e organiza a expressão do ser que é a totalidade do ser por si mesmo em si mesmo como o mundo manifesto. Todo ser (corpo ou ideia) tem algum grau de verdade – visto que há uma e somente uma mesma ordem e conexão – a devida ordem – pela qual o ser que é a totalidade do ser se expressa por seus atributos e leis. Todo ser expressão do ser que é a totalidade do ser existe em sua perfeita realidade (EIID6).

Para Deus a ordem e a conexão das coisas é a mesma que a ordem e a conexão das ideias das coisas, ou seja, “a ordem e conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” (EIIP7): “com efeito, a ideia de qualquer coisa causada depende do conhecimento da causa da qual ela é o efeito” (EIIP7d). Espinosa, ainda, afirma que “segue-se disso que a potência de pensar de Deus é igual à sua potência atual de agir. Isto é, tudo o que se segue, formalmente, da natureza infinita de Deus segue-se, objetivamente, em Deus, na mesma ordem e segundo a mesma conexão, da ideia de Deus” (EIIP7c).

Se um dia o homem ou a pedra (ou o martelo ou a árvore ou animal) conhecer a natureza das coisas como Deus as conhece, o homem ou a pedra (ou o martelo ou a árvore ou o animal) as conhecerá por suas causas adequadas na única ordem e conexão na qual elas existem e agem por e em Deus por seus atributos e suas leis eternos. E, a mente perceberá adequadamente não apenas as afecções do corpo, mas também a ideia da afecção desse corpo (EIIP22) e a ideia da ideia da afecção do corpo (EIIP22d), sendo essa a maneira pela qual a mente conhece a si mesma (EIIP23). A alma ou mente não conhece qualquer corpo externo ao seu corpo senão pela ideia da afecção em seu próprio corpo decorrente do encontro com o corpo externo ao seu corpo (EIIP26). Como o intelecto humano está no do intelecto de Deus. Por EIIP22, toda ideia que existe na mente humana existe em Deus.

Deste modo, todos os quatro modos de perceber existem pela necessidade absoluta da natureza divina – não podem ser expressos de nenhuma maneira nem em qualquer ordem e conexão que não naquelas em que foram produzidos (EIP33) – os quatro modos de perceber as coisas não podem ser ou existir ou operar a não ser como realmente são, existem e operam. Todos, portanto, são bem verdadeiros na natureza que precisam ser conhecidos por suas causas adequadas – pela causa adequada do movimento que os constitui ordenado pelas leis naturais que os regem e organizam. Esse é o objetivo do tratado: conhece cada modo de percepção por sua causa adequada e, assim, integrá-los adequadamente à vida ordinária. Entendo o conhecimento do movimento formador dos modos de percepção por suas causas

adequadas é conhecer-se e apreender-se uma unidade na totalidade da natureza inteira. É conhecer e apreender a união da mente humana à natureza inteira das coisas – é o conhecimento do estado ou natureza humana superior. Tendo este grau de verdade ou adequação de conhecimento de si e do mundo, pode viver este novo estado ou natureza – o sumo bem humano. Se possível, com o outro – o outro homem.

Como vimos – “não há, na natureza das coisas, nenhuma coisa singular que seja mais útil ao homem que o homem que vive sob a condução da razão [intuição]”. [...] “o homem age inteiramente pelas leis da natureza quando vive sob a condução da razão [intuição] e, apenas à medida que assim vive, concorda, sempre e necessariamente, com a natureza de outro homem” (EIVP35c). E, para isso, para viver o sumo bem com o outro homem precisa reformar o seu intelecto – precisa conhecer corretamente o movimento que constitui o pensamento humano: “o supremo bem dos que buscam a verdade é comum a todos e todos podem desfrutá-lo igualmente” (EIVP36).

O sumo bem humano é viver o conhecimento adequado da natureza: o conhecimento adequado da natureza humana. Conhecer a natureza e o amor que ela tem pelo homem. Conhecida a natureza e o amor que a natureza tem pelo homem, amar a natureza. O sumo bem é fruir deste conhecimento racional ou intuitivo amoroso: “é pelo direito supremo da natureza que cada um existe e, conseqüentemente, é pelo direito supremo da natureza que cada um faz o que se segue da necessidade de sua própria natureza” (EIVP37s). Todas as coisas ou ideias existem em um universo rigorosamente determinado onde há lugar para tudo e para todos onde cada coisa e cada ideia expressa o seu ser em sua perfeição (sua realidade) segundo sua própria essência particular.

À medida que vive segundo a razão ou a intuição, o homem que deseja a verdade ou a virtude (a expressão de seu *conatus* singular na natureza) para si – irá desejar para o outro o mesmo estado ou natureza afetiva – por que sabe que sua felicidade está vinculada ao outro como quem convive no mundo. Viver afetivamente a beatitude: a verdade.

O homem pode ter a ideia adequada da causa das coisas. A ideia adequada da causa de uma coisa singular existente em ato se forma ativamente na mente humana ou intelecto humano pela natureza da alma humana simultaneamente à afecção que essa coisa singular provoca no corpo humano. A mente humana, por ser parte do intelecto de Deus, por estar

contida no intelecto de Deus, então, pode-se inferir que essa ideia adequada da causa de uma coisa singular existente em ato existente na mente humana, existe em Deus. Assim, deste modo, com o conhecimento adequado de seus afetos, suas ideias e seus atos, o homem pode vir a tornar-se a causa adequada de si mesmo, o que o levará a, necessária e espontaneamente, obedecer às leis do que de divino nele existe, leis com as quais Deus ordena (decreta e organiza) o universo inteiro (neste universo inteiro, o homem, a pedra, o martelo, a árvore, o animal e Pedro), tornando-se livre e autônomo, como o autômato espiritual, deixando de ser o autômato desprovido de alma (mente).

Espinosa usa duas metáforas para a descrição do ser do homem: o autômato espiritual, o homem que segue ou obedece às necessárias leis divinas de sua natureza (TdIE§85) e, o autômato totalmente desprovido do pensamento, aquele homem cego por prévios conceitos a que se apega, aquele que nem de si mesmo tem consciência clara (TdIE§47), portanto, com quem não se pode argumentar e chegar a qualquer verdade ou adequação das coisas (TdIE§48). Entre esses dois autômatos flutuaria o modo do homem agir. No primeiro caso, o autômato espiritual, por obedecer necessariamente às leis de sua natureza, o homem é livre e autônomo, expressando o que de divino nele existe que ele conhece adequadamente. No segundo, o autômato desprovido de entendimento, por estar completamente perdido em seus fantasmas ou em suas imagens das coisas que, por pura ignorância da essência ou causa das coisas, sem verificação, acredita ser a verdade existente, sem saber que o que pensa ser a verdade não é senão a sua verdade, tem uma vida incompleta deixando de expressar a sua real e divina natureza em e por Deus.

A diferença está no fato que o autômato espiritual, por ter se “curado” pela emenda de seu intelecto, conhece como o entendimento, por seus três diferentes gêneros, realmente acontece: a imaginação (por noções vagas das coisas), a razão (por noções comuns das coisas) e a intuição (por noções essenciais ou eternas das coisas). Por conhecê-los, sabe que nenhum desses modos é errado ou falso, ao contrário, existem como expressão real da natureza humana em diferentes graus de entendimento, realidade, perfeição e, portanto, de verdade.

O autômato espiritual, por ter reformado sua inteligência sabe que se quiser conhecer adequadamente uma coisa singular em ato, por sua essência atual, necessariamente precisa continuar investigando a procura da causa próxima (adequada) que explique de modo claro e preciso a sua atual existência como a coisa é em sua perfeita realidade. Espinosa não afirma

que uma ideia imaginária ou uma imagem de uma coisa é uma ideia errada, se refere às ideias imaginárias como confusas imagens das coisas por um conhecimento incompleto dessa mesma coisa. Espinosa, em EIP41, afirma: “O conhecimento de primeiro gênero é a única causa de falsidade, enquanto o conhecimento de segundo gênero e o de terceiro gênero é necessariamente verdadeiro”. Segue na demonstração: “dissemos que pertencem ao conhecimento de primeiro gênero todas aquelas ideias que são inadequadas e confusas [não usa a palavra erro]; e, como consequência (por EIP35), esse conhecimento é a única causa de falsidade. Dissemos, além disso, que pertencem ao conhecimento de segundo e terceiro gênero, aquelas ideias que são adequadas, e, portanto (por EIP34), este conhecimento é necessariamente verdadeiro.” Em EIP42 tem-se: “o conhecimento de segundo e de terceiro gênero, e não o primeiro nos ensina a distinguir o verdadeiro do falso.”

O autômato sem mente age e existe por imaginação; o autômato espiritual age e existe por uso da razão e da intuição. O autômato espiritual entende as coisas por uma razão afetiva. Razão, que por ser afetiva, o faz entender adequadamente as coisas (inclusive e principalmente, seus afetos) em Deus; para, então, agir e existir por racionalismo absoluto pela necessidade de sua própria natureza procurando no encontro com o outro uma relação de mútua composição. Isto é, uma relação equilibrada e harmônica de mútuo respeito às suas próprias naturezas em Deus. O resultado desse tipo de encontro leva ao aumento mútuo da potência de agir e da força de existir, *conatus*, da essência e da potência atual para, aumentada a energia e potência, mais necessária e adequadamente perseverar, enquanto em si, o seu próprio ser em uma relação de composição (democrática) com o outro.

O amor intelectual por Deus é a própria felicidade, a própria liberdade. A felicidade de um modo finito depende e reside na qualidade do objeto ao qual se une por amor. Assim, inicia seu *Tratado da Emenda do Intelecto* (TdIE), convidando a procura de um “um bem verdadeiro, capaz de comunicar-se, e que, rejeitados todos os outros pensados como fins em si mesmos, fosse único a afetar a alma (*animus*); algo que, uma vez descoberto e adquirido, me desse para sempre o gozo de contínua e suprema felicidade” (TdIE§1). Sendo Deus a quem o homem ama, o seu amor por Deus decorre do conhecimento de Deus e esse seu amor intelectual por Deus é a própria beatitude: a serena tranquilidade de amar a natureza como ela se apresenta e existe em Deus. E, Espinosa em EVP42 afirma: “a beatitude consiste no amor por Deus [...] esse amor referido à mente, à medida que ela age, e, portanto, [esse amor] é a

própria virtude.” Quanto mais a mente conhece a virtude da beatitude, maior seu *conatus*, sua potência para agir e sua força para existir tal como ela é em sua realidade e em sua perfeição na natureza de Deus. Essa é a maior felicidade de um modo finito: ser a expressão livre, autônoma e espontânea do que nele Deus manifesta de sua natureza divina, infinita e eterna no presente – no instante presente em ato.

O homem – um modo finito entre os infinitos modos finitos de Deus – se segue da natureza divina de Deus enquanto afetado em seus atributos pelo mundo existente em ato de Deus em Deus por Deus. O homem se faz homem no encontro – *occursus* – com o outro – com o outro modo finito (com o outro homem). O homem precisa do outro para que este ao agir sobre o seu corpo simultaneamente à afecção de seu corpo pelo outro haja a ideia dessa afecção (a mente ou alma humana), a ideia da ideia da afecção (a consciência humana) e a modificação no grau de perfeição e realidade desse homem (o afeto associado à afecção corporal e a ideia da afecção). O homem se faz homem no encontro com o outro (por exemplo, outro homem). O homem se conhece pela ideia da afecção em seu corpo causada pelo outro com que convive. Sem o outro para que este afete seu corpo, não há a ideia da afecção do seu corpo, não há a mente ou alma humana, não há consciência, não há conhecimento, não há o homem. O homem se faz na relação com o outro – em uma relação de interdependência absoluta e necessariamente determinada desde sempre exclusivamente pela natureza das leis causais divinas. Mesmo que não seja possível senão obedecer ao que Deus lhe ordena por suas leis causais divinas, o homem livre procura conhecê-las, compreendê-las e apreendê-las. E, então, desse modo, por conhecimento adequado e verdadeiro das coisas, agir ativamente obedecendo a Deus, autônomo e livremente. Obedece ao que Deus necessariamente lhe ordena como o ativo e livre autômato espiritual e não como o autômato ou homem sem espírito, sem mente ou sem alma que nada compreende e apreende do que lhe acontece em sua vida e que se contenta em apenas pensar (imaginar) conhecer. Deus se faz homem e ao homem cabe ser a expressão mais plena da expressão da natureza divina de Deus que Deus insculpe no homem como natureza humana.

Deus ao causar-se causa e revela insculpido em si mesmo um universo de relações interdependentes absoluta e necessariamente determinadas por Deus por seus atributos e por suas leis. Ao homem que pretende ser livre, pertence o esforço para reformado o seu intelecto procurar conhecer de forma adequada as coisas do universo manifesto (existente em ato) dos

modos finitos e, assim, chegar ao conhecimento de Deus e do amor de Deus. Deus ordena o movimento necessário causal do universo – ao homem é dada a possibilidade de reformada sua inteligência compreender esse movimento que a tudo ordena de forma precisa, certa, determinada, definida e definitiva.

O processo de conhecimento e de entendimento de si mesmo depende, portanto, da relação que determinado e definido homem desenvolve com o outro (uma pedra, um homem ou um homem chamado Pedro). Mas, não depende somente dessa relação. Depende de como esse determinado e definido homem se relaciona com sua própria natureza enquanto os seus quatro modos de entender e inteligir as coisas que se seguem de sua natureza humana: imaginação (por ouvir dizer e por experiência empírica vaga), razão e intuição. E, conforme, o modo de entender que estiver utilizando no processo de inteligir será o seu modo de agir, operar e ser. Portanto, o modo como um homem age e opera se relaciona diretamente com o modo com que inteligir as coisas. Como esse modo não é fixo, o homem podendo num momento imaginar, noutro intuir, para em seguida imaginar novamente, o modo de ser de um homem obedece ao movimento no modo com o qual ele inteligir as coisas – ou seja, o movimento do modo de ser de dado homem se segue, exclusiva e necessariamente, ao movimento do modo de inteligir que esse determinado homem está utilizando no instante presente onde existe em ato.

O modo de ser de um definido e determinado homem se segue exclusiva e necessariamente como esse homem compreende a si mesmo e as coisas com as quais convive. Move-se conforme o que entende do mundo. Vive e existe por aquilo que compreende e apreende do universo. O modo como um homem se expressa se relaciona direta e necessariamente com grau de entendimento que esse homem tem das coisas. Esse movimento, mesmo sendo variável, se segue das leis naturais do próprio entendimento humano por seu intelecto finito que existe no intelecto infinito de Deus por seu atributo pensamento. Esse movimento variável é necessariamente determinado pela ordem causal dos eventos envolvidos que seguem às leis naturais que regem esse processo de interdependência nas relações. A filosofia espinosista é a filosofia do *conatus* – dos movimentos infinitesimais imanente ao corpo humano que regem o movimento – o mover-se – em relação aos outros modos finitos com que partilha a existência. O *conatus* – o esforço – é a essência atual de uma definida e determinada coisa (um determinado e definido homem) singular e particular: é a

própria essência atual dessa coisa – desse homem. A filosofia espinosista é a filosofia do desejo de conhecer a si e as coisas por sua perfeita realidade. Conhecer-se por aquilo que expressa da natureza divina expressa, ou seja, por aquilo da natureza de Deus nele se encontra insculpido. Conhecer-se por aquilo que o aproxima de Deus e do amor de Deus.

O homem – todo e qualquer homem – enquanto em si mesmo, deseja preservar-se em sua existência. Para isso, se esforça o quanto sua própria potência atual lhe permitir agir para, conforme as suas capacidades naturais, tudo fazer para permanecer existindo em ato. Espinosa considera esse esforço, o *conatus* – o esforço enquanto em si mesmo, em perseverar em si – a maior virtude ou perfeição ou realidade de um homem. O homem que se conhece e as coisas tudo faz e se esforça, no que sua essência-potência atual permitir, em perseverar em ser aquilo Deus lhe ordena, perseverando em seu ser. Conhecido Deus e o amor de Deus procura ser, se mover, viver e existir em Deus por Deus conforme Deus lhe ordena.

A filosofia espinosista é a filosofia das relações imanentes interdependentes. É a ontologia do necessário. É a filosofia de relações existentes exclusivamente pela necessidade da natureza-essência-potência-existência de Deus e somente por ela determinada a agir e operar. É a filosofia das relações interdependentes absoluta e necessariamente determinadas por Deus. A filosofia e a ética espinosista é a filosofia e a ética do encontro e do esforço. É a filosofia do encontro do homem consigo mesmo com o outro, o encontro consigo mesmo no outro. O homem se conhece pelo outro. O homem se conhece na da interação com o outro, em seu encontro com o outro que ao afetar seu corpo na extensão, se segue simultânea e necessariamente da ideia dessa afecção desse encontro ou interação que é a própria mente ou alma humana. O homem principia em conhecer a si mesmo ao conhecer a ideia da afecção que o outro produz sobre o seu corpo. O homem começa a conhecer a si mesmo quando pela primeira vez encontrar o outro que é capaz de afetar ou interagir com o seu próprio corpo produzindo a primeira afecção em seu corpo a qual, simultânea e necessariamente, se segue da primeira ideia da primeira afecção de seu próprio corpo pelo corpo do outro, a ideia da ideia e a mudança no grau de perfeição e realidade (o afeto) que acompanha a ideia de qualquer coisa. A primeira afecção corporal, a primeira ideia da primeira afecção corporal, a primeira ideia da ideia da primeira afecção corporal (a primeira consciência de si mesmo), a primeira mudança no grau de perfeição ou realidade (o primeiro afeto) se seguem ao encontro com o outro. E, todas essas manifestações se seguem exclusivamente ao que Deus ordena ao

homem enquanto um de seus infinitos modos finitos por seus infinitos atributos infinitos e por suas infinitas e eternas leis divinas. Um universo de relações determinadas por leis divinas que regem o universo inteiro em movimentos interdependentes.

Ao homem, como um dos infinitos modos finitos de Deus em Deus por Deus, cabe exclusiva e necessariamente seguir o que as leis divinas naturalmente lhe ordenam, agindo e operando conforme a necessidade de sua própria natureza. E, é esse movimento necessário que torna um modo finito – um homem – realmente livre. Portanto, há a livre necessidade de cada um dos infinitos modos finitos expressarem o que de divino resta em si mesmo como *Deus sive Natura* lhes ordena. Na livre necessidade encontra-se a liberdade.

O ato livre – aquele que existe exclusivamente pela natureza do agente que ativamente age e opera – é, portanto, o ato necessário. O ato livre não é senão o ato necessário, pois não é senão no ato necessário no qual o homem se relaciona perfeita e adequadamente com o que ele expressa da natureza da única substância absolutamente infinita e onde se relaciona adequadamente com o que Deus lhe ordena por suas eternas e infinitas leis naturais divinas. Sendo causa adequada de si mesmo, o homem identifica a natureza de modo finito com a causalidade necessária de seus efeitos – o modo finito enquanto sua essência atual ser a causa e explicação de sua expressão no mundo da relação consigo mesmo e da relação com o outro homem. E, no encontro (*occursus*) com esse outro com quem se compõe, pode o homem, então, se esforçar, para que ambos, numa relação profunda de amizade, pelo diálogo, enquanto em as suas essências e potências atuais, preservem sua(s) vida(s) perseverando no que de divino neles existem (*conatus*).

Desse modo, pode o homem compreender que cada coisa – cada um dos infinitos modos finitos – realiza, enquanto em si, o seu ser, por sua própria essência atual, por seu *conatus* em Deus por Deus. A realidade de cada coisa definida e determinada particular é a realidade determinada pela lei divina que a constitui. Está determinada e definida por uma lei absolutamente necessária que não pode, de forma alguma, ser transgredida por qualquer coisa existente na natureza por ser *Deus sive Natura* quem a ordena. Esse homem compreende ou apreende em sua realidade a sua própria perfeição – a sua realidade e a sua perfeição enquanto um determinado e definido modo finito expressão em ato da natureza da substância. Compreende também, que o mesmo acontece com a natureza do outro, por que a natureza do outro segue as mesmas leis naturais da natureza.

Cada coisa, cada essência singular existente em ato é um *conatus*. Quando um modo finito se encontra com outro modo finito há o encontro de duas essências singulares existentes em ato. Há o encontro de dois esforços no existir, com cada um dos modos e ambos os modos, enquanto em si (em suas essências singulares atuais), esforçando-se no existir conforme seu ser. Quando há o conhecimento adequado das coisas, o homem procura outro homem ou outros homens cujo encontro resulte numa relação de composição com o conseqüente desenvolvimento ou incremento em seu grau de realidade e perfeição (ou que o leve a regeneração de alguma prévia diminuição nesse mesmo grau de realidade e perfeição). Assim ativamente agindo, contribui para manter seu equilíbrio tanto físico quanto mental necessário à vida, levando ao aumento de sua capacidade ou potência de agir enquanto corpo na extensão e enquanto ideia no pensamento. A unidade corpo-mente conhece um incremento em sua força para existir perseverando em si mesmo e um incremento em sua força para o seu aperfeiçoamento enquanto ser humano no encontro com o outro. Quanto mais conhecer o outro, mais o homem conhece a si mesmo e conhece a Deus – o amor de Deus pelo mundo, o amor de Deus e o amor do homem por Deus.

Espinosa afirma que quanto maior for o seu conhecimento da essência eterna e infinita de Deus, maior será o interesse e o esforço do homem, regido pela razão, em viver conforme sua natureza na substância. Afirma, também, que maior será o interesse desse homem para que o maior número possível de outros homens possa assim agindo ser causa adequada de si mesmo respeitando sua própria natureza, compondo consigo uma relação de mútua composição – num mundo de relações interdependentes absolutamente determinadas pela essência-potência-natureza-existência de Deus, procurar relações que aumentem a potência de agir e aumentem a energia para existir do próprio universo inteiro no que depender de si mesmo e do outro com quem se encontra (*occursus*) nesse esforço (*conatus*) de autopreservação da vida na natureza.

O homem que se conhece adequadamente compreende que o seu bem supremo é o conhecimento intelectual da substância ou o conhecimento do amor de Deus. Esse conhecimento é comum a todos os homens e todos os homens podem desfrutá-lo igualmente (EIVP36). Por isso, o homem livre, por conhecimento adequado da natureza das coisas, vive conforme os ditames da sua razão e intuição (EIVP67). Jamais age com dolo, por agir ativamente pela razão; por seu próprio autointeresse age de boa fé (E IVP72). Revela sua

virtude quando evita os perigos e quando os enfrenta (EIVP69). Evita o(s) homem(s) que ignoram os ditames da razão e que vivem segundo as imagens criadas por sua imaginação (EIVP70). Vive entre iguais, com outro(s) homem(s) regido(s), como ele, segundo os ditames da razão, de quem é grato (pelo encontro e pela relação de composição que realizam (EIVP71). Une-se a esse homem, no mais estreito e profundo natural laço de amizade (EIVP35c₁), se esforçando por fazer-lhes o bem (EIVP37). Assim, consegue, sem abdicar de qualquer um de seus direitos naturais consequentes de sua natureza humana na substância, com a fortaleza de seu caráter, com firmeza e generosidade, viver harmonicamente com o(s) outro(s) homem(s) (EIVP73).

A suprema perfeição humana consiste no conhecimento intelectual da natureza e do amor de *Deus sive Natura*. Assim, conhecendo a sua união com a substância única, o homem se compreende e se apreende unidade na totalidade da única substância absolutamente infinita. E, com o conhecimento do amor da natureza, age e existe por sua própria natureza humana, ativa e livremente.

O homem livre existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e por ela é determinado a agir e opera. Ele é escravo necessário de sua própria natureza expressão da natureza de Deus. E, ser escravo necessário de Deus é o maior grau de liberdade que qualquer homem pode vir a atingir, pois, conhecendo a sua essência ou sua natureza, age ativamente sem o constrangimento de nenhuma força externa a si, sendo assim a expressão da natureza – presente em si mesmo enquanto homem – da substância única nessa mesma substância na natureza. O homem livre é a expressão, enquanto homem, da natureza de Deus em Deus por Deus. Seu destino é o seu *conatus*. Sua maior virtude é preservar a sua vida e vivê-la de forma mais adequada e próxima a sua real natureza perseverando nessa mesma natureza expressão da natureza de Deus enquanto o modo finito – homem – em si mesmo.

A filosofia espinosista é a filosofia da necessária relação de interdependência de todos os modos no universo inteiro em Deus. Há uma e somente uma mesma substância no universo inteiro – *Deus sive Natura* – e, nela tudo existe necessariamente por sua própria natureza divina. Não há nada além de Deus no universo inteiro – não há o outro, não há o sujeito, não há o homem, senão como modo(s) insculpido(s) por Deus em si mesmo.

O homem é uma unidade na totalidade indivisível de Deus. O homem, ao se mover exclusivamente pelas eternas leis divinas, torna-se absolutamente livre em Deus. O homem em serena comunhão com sua natureza – com sua natureza divina – um homem escravo absoluto da natureza divina que resta em si mesmo – um homem simplesmente um homem – segue o que as leis divinas lhe ordenam e, então e enfim, conhece a liberdade no conhecimento de *Deus sive Natura*. Conhece a liberdade presente no conhecimento do amor de Deus. Conhece o que é a última e definitiva liberdade na visão de Deus. Conhece a última e definitiva liberdade na beatitude. Conhece a última e definitiva liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bíblia de Jerusalém. Trad. École Biblique de Jérusalem. São Paulo: Paulus, 1985.

ALLEN, Collin. *Manual de Lógica*. Trad. Luis Fernando Munaretti da Rosa. Porto Alegre: Clarinete, 2014.

ANÔNIMO CLANDESTINO DO SÉCULO XVIII. *A Vida e o Espírito de Baruch de Espinosa – Tratado dos Três Impostores*. Trad. Éclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Martins, 2007.

AOSTA, Santo Anselmo. *Proslogion seu Alloquium de Dei existentia*. Trad. José Rosa. Covilhã, Portugal: Editora da Universidade da Beira Inferior, 2008.

ARISTÓTELES. *The Eudemian Ethics*. Trad. Anthony Kenny. New York, USA: Oxford University Press, 2011.

BARNES, Jonathan (Org.). *Aristóteles*. Trad. Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.

BECKETT, Samuel. *O inominável*. Trad. Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2009.

BENNETT, Jonathan. *A Study of Spinoza's Ethics*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1984.

BENNETT, M. *Fundamentos Filosóficos da Neurociência*. Trad. Rui Alberto Pacheco. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

BOVE, Laurent. *Espinosa e a psicologia social: ensaios de ontologia política e antropogênese*. Trad. André Menezes Rocha e cols. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BLÉANDONU, Gérard. *Bion – A Vida e a Obra*. Trad. Laurice Levy Hoory e Marcella Mortara. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BRENNER, Charles. *Noções básicas de psicanálise*. Trad. Ana Mazur Spira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CAILLÉ, Alain e col. *História Argumentada da Filosofia Moral e Política – A Felicidade e o Útil*. Trad. Alessandro Zir. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2006.

CANTO-SPERBER, Monique. *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. Trad. Ana Maria Ribeiro-Althoff e cols. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2007.

CHALIER, Catherine. *Pensées de l'éternité*. Paris: Les éditions deu cerf, 1993.

CHÂTELET, François. *Uma História da Razão: entrevistas com Émile Noël*. Trad. Lucy Magalhães; revisão Carlos Nelson Coutinho. Rio De janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CHAUÍ, Marilene. *Convite à Filosofia*. São PAULO: Ática, 2010.

_____. *A Nervura do Real*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Política em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Desejo, Paixão e Ação na Ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Espinosa – uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.

COTTINGHAM, John (Org.). *Descartes*. Trad. André Oídes. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.

CURLEY, Edwin. *Spinoza's Metaphysics: An Essay in Interpretation*. Cambridge: Harvard University Press, 1969.

_____. *Behind the Geometrical Method – A Reading of Spinoza's Ethics*. Princeton: Princeton University Press, 1984.

DAMÁSIO, António. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O Erro de Descartes – Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Espinoza e os Signos*. Abílio Ferreira. Porto: Rés Editora, 1970. _____. *O Anti-Édipo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2011.

_____. *Cursos sobre Spinoza*. Trad. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e cols. Fortaleza: EdUECE, 2012.

_____. *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Les Éditions de Minuir, 1968.

_____. *Espinosa e o Problema da Expressão*. Trad. GT Deleuze. São Paulo: Editora 34, 2017.

DUFOUR, Dany-Robert. *Os Mistérios da Trindade*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

ESPINOSA, Bento. *Espinosa – Os Pensadores*. Trad. Marilene de Souza Chauí e cols. São Paulo: Abril Cultural. 1983.

_____. *The Letters*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1995.

_____. *Tratado da Reforma da Inteligência*. Trad. Lívio Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Tratado Teológico-Político*. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Tratado Político*. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. *Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Autêntica. Trad. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. *Spinoza, Obras Completas*. Trad. J. Guinsburg e Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.

GAINZA, Mariana. *Espinosa: uma filosofia materialista do infinito positivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

FISHER, Kuno. *Estudos sobre Spinoza*. Trad. Eliana Aguiar e cols. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

GARRET, Aaron. *Meaning of Spinoza's Method*. New York: Cambridge University Press, 2003.

GARRET, Don (Org.). *Spinoza*. Trad. Cassiano Terra Rodrigues. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2011.

GILSON, Etienne. *A Filosofia da Idade Média*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GLEIZER, Marcos A. *Verdade e certeza em Espinosa*. Porto Alegre: LPM, 1999.

_____. *Espinosa e A Afetividade Humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

- GROSSMAN, Neal. *Healing the Mind*. Cranbury: Associated University Presses, 2003.
- HEGEL, G. *Ciência da Lógica*. Trad. Christian Iber, Marloren Miranda e Federico Orsini. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
- HEGEL, G. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- HORNÄK, Sara. *Espinosa e Vermeer – imanência na filosofia e na pintura*. São Paulo: Paulus, 2010.
- JAEGER, Werner. *Paideia – A formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. 6^a. ed. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2013.
- JAQUET, Chantal. *A Força do Corpo Humano*. Trad. Márcia Patrizio. São Paulo: Annablume, 2010.
- _____. *A unidade do corpo e da mente – Afetos, ações e paixões em Espinosa*. Trad. Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte; Autêntica, 2011.
- KEHL, Maria Rita. *Sobre Ética e Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KÖCHE, José C. *Fundamentos de Metodologia Científica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. Trad. Fátima Sá Correia e cols. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LEHRER, Jonan. *Proust foi um Neurocientista – como a arte antecipa a ciência*. Trad. Fátima Santos. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.
- LEITE, Edgar. *A Cautela de Espinosa*. via www.academia.edu.
- LEITE, Wiltonn. *O homem livre em Deus*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- LEVY, Lia (e outros). *Freud e seus Filósofos*. Porto Alegre: SBP de PA, 2004.

_____. *L'automate spirituel – La naissance de la subjectivité moderne d'après l'Ethique de Spinoza*. Assen, Pays-Bas: Van Gorcum & Comp, 2000.

MACHADO-FILHO, M.F. *Narrações da Natureza – A concepção espinosista da verdade no Tractatus de Intellectus Emendatione*. 2007. 164 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MACHEREY, Pierre. *Hegel ou Spinoza*. Paris: François Maspero, 1979.

McMAHON, Darrin M. *Felicidade – Uma história*. Trad. Fernanda Ravagnani e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Globo, 2006.

MANZINI, Frédéric. *Spinoza: une lecture d'Atistote*. Paris: Press Universitaires de France, 2009.

MOREAU, Pierre-François. *Spinoza*. Trad. Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

_____. *Spinoza L'expérience et l'éternité*. Paris: Press Universitaire de France, 2009.

MORGAN, Michael L. *The Essential Spinoza – Ethics and Related Writings*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2006.

MEYER, Catherine. *O livro negro da psicanálise – viver e pensar melhor sem Freud*. Trad. Maria Beatriz de Medina e Simone Perelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2011.

ONFRAY, Michel. *Contra-história da Filosofia vol III*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

RAMOND, Charles. *Vocabulário de Espinosa*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WWF Martins Fontes, 2010.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990.

RUSS, Jaqueline. *Métodos em Filosofia*. Trad. Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

RUSSEL, Bertrand. *História do Pensamento Ocidental*. Trad. Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio De janeiro: Ediouro, 2001.

SCRUTON, Roger. *Espinosa*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SEGAL, Hanna. *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Trad. Júlio de Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SILVEIRA, Nise. *Cartas a Spinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995.

SORELL, Tom (Org.). *Hobbes*. Trad. André Oídes. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2011.

TEIXEIRA, João de Fernandes. *Filosofia do Cérebro*. São Paulo: Paulus, 2012.

TORRES, João C.B. (Org.). *Manual de Ética – Questões de ética teórica e aplicada*. Petrópolis, RJ e Caxias do Sul, RS: Vozes e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2014.

VEIGA, Itamar S. *Linguagem Científica e Analogias Formais – Metodologia*. Porto Alegre: Clarinete, 2010.

WILLIAMS, Bernard. *Ethics and the Limits of Philosophy*. London: Fontana Press, 1993.

_____. Bernard. *Moral – Uma introdução à ética*. Trad. Remo Mannarino. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZIMERMAN, David E. *Bion da Teoria à Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ZINGANO, Marco (Org). *Sobre a Ética Nicomaquéia de Aristóteles*. Trad. diferentes tradutores. São Paulo: Odysseus, 2010.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br